PENSAMENTO HUMANO

Didascálicon

Da arte de ler

EDITORA UNIVERSITÁRIA
SÃO FRANCISCO

Hugo de São Vítor

2ª Edição

HUGO DE SÃO VÍTOR

DIDASCÁLICON

DA ARTE DE LER

Introdução e tradução de Antonio Marchionni

2ª Edição

EDITORA UNIVERSITÁRIA
SÃO FRANCISCO

Bragança Paulista
2007

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa

Editora Universitária São Francisco EDUSF
Avenida São Francisco de Assis, 218
Jardim São José
12916-900 Bragança Paulista, SP
www.saofrancisco.edu.br/edusf
edusf@saofrancisco.edu.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

A impressão das primeiras edições desta obra foram feitas pela Editora Vozes, Petrópolis, RJ, desde o ano de 1994, sob o ISBN 85.326.2537-1

189 Hugo, de Saint Victor, [1096?]-1141.
H889d Didascálicon: da arte de ler / Hugo de São Vítor ; introdução e tradução de Antonio Marchionni. - 2. ed. - Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2007.
294 p. - (Coleção pensamento humano)

Textos paralelos em latim e português.
ISBN 85.86965.76-6
Inclui bibliografia.

1. Filosofia medieval. 2. Leitura. I. Marchionni, Antonio. II. Título. III. Série.

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

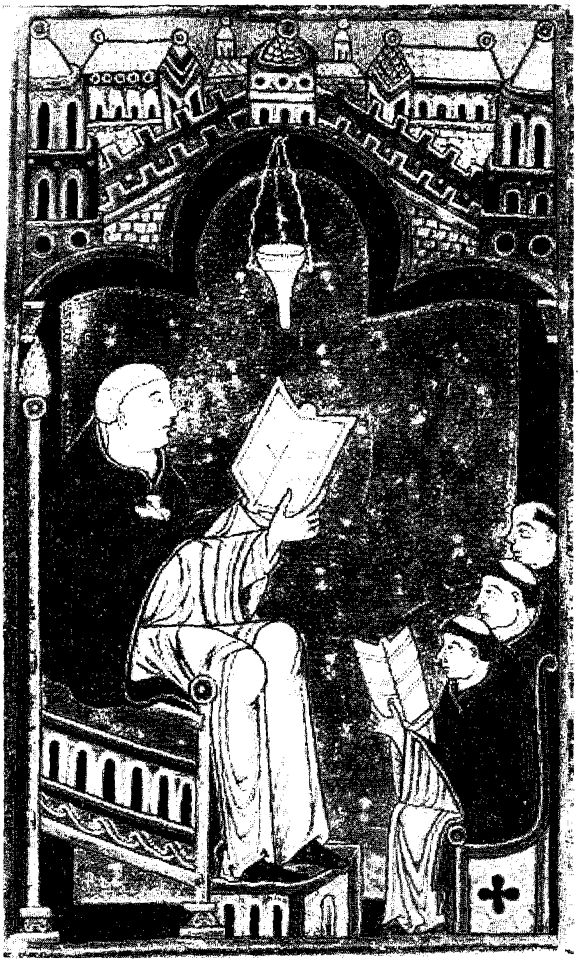
SUMÁRIO

Apresentação, 7

Introdução, 9

Didascálicon da arte de ler, 41
- Prefácio, 43
- Livro I, 47
- Livro II, 83
- Livro III, 131
- Livro IV, 169
- Livro V, 205
- Livro VI, 235
- Apêndices, 267

Bibliografia, 279



Hugo de São Vítor (1096-1141).

APRESENTAÇÃO

Recém-saídos de uma civilização que, em termos de comunicação, pode dizer-se do livro, não nos ocorre espontaneamente ter este fenômeno também uma data de ingresso no espectro de usos e costumes da humanidade. Em verdade, mesmo entre os gregos, cuja literatura fez-se parâmetro das demais, até Platão, como o atesta o *Fédon*, foi o livro destinado a objetivos precisos e só após significativo estágio probatório angariou prestígio como lugar da tradição e veículo da sabedoria no processo civilizatório. Todavia, há de ser este filósofo, por força do excelente acabamento de seus diálogos, que, para além do registro dos mitos, das leis e dos gestos e feitos humanos, crônica e história, há de dar o impulso decisivo para que a escrita se torne coextensiva à oralidade, e o livro venha a ser, mais e mais, constante necessária, na instituição do saber.

Entretanto, na tradição cristã, o livro já se encontra de tal modo integrado na disciplina e na *eruditio*, que passa a ser inclusive sacramental desta mesma tradição: é como Agostinho o conhece desde os diálogos em Cassicíaco. Dos livros sagrados à teologia acadêmica ou algo similar nos quadros da Antigüidade tardia, passando pela liturgia e pelas várias formas de catequese, o pensamento cristão crescente há de transmitir à Idade Média o que codificou e editou, bem como o que herdou dos antigos e há de fazê-lo sob a forma do livro, o que faz da leitura um momento decisivo do seu ser, como o atesta a *Regula Benedicti*. Não estranha, pois, que o *De Doctrina Christiana*, de Agostinho, nascido livro e como tal transmitido, fosse semente de outros livros e paradigma de todo um gênero.

A Idade Média, sem o livro, seria simplesmente outra. Donde o *Disdascálicon* de Hugo de São Vítor, ele próprio uma arte de ler, fazer pleno sentido qual lugar e veículo da doutrina cristã, segundo o referido exemplo agostiniano. Inspirado nesta dou-

trina, o livro do Vitorino não é apenas um marco da tradição, mas um ato desta e, como tal, não apenas acolhe e transmite, mas nela integra o que colhe em seu meio e em seus tempos, bem como, no que lhe cabe, a constitui, preservando-a qual movimento ativo, o exato contrário de um depósito. Isto o Vitorino logra à saciedade. O fruto que produz, destinado a fazer-se árvore, é agora tornado acessível ao público de língua portuguesa, como fruto, ele próprio, do labor acadêmico do Dr. Antonio Marchionni. Chega o momento de dar-lhe a palavra, precisamente quando se prevê para o livro um outro *status* ou um outro destino, para que ele a dê, por sua vez, ao mestre medieval da arte de ler.

Francisco Benjamin de Souza Neto
Professor Livre-Docente do Depto. de Filosofia - UNICAMP

INTRODUÇÃO

"São três as regras mais necessárias à leitura:
saber o que se deve ler, em que ordem se deve ler,
como se deve ler.
Neste livro se trabalha sobre estas três regras, uma
por uma".

(Da arte de ler, Prefácio)

O leitor de língua portuguesa tem em mãos, finalmente, um dos livros medievais atualmente mais lidos nos círculos culturais do mundo. Percorrendo a obra *Da arte de ler*, o leitor jovem e adulto mergulha no mundo cultural do começo do segundo milênio, quando os jovens de toda a Europa acorriam para as escolas das cidades européias, que naquele momento iam adquirindo uma nova vitalidade após os séculos da anarquia feudal.

Sobretudo depois que o famoso pedagogo Ivan Illich escreveu *Du lisible au visible*[1], que é um ensaio sobre a revolução intelectual do século XII a partir do *Da arte de ler*, este livro de Hugo de São Vítor é considerado um divisor de águas no saber mundial, de maneira a poder-se falar, diz Illich, de um "antes e após Hugo". Com efeito, incitando seus jovens a "ler tudo", Hugo estava inaugurando aquela era do livro, que daria vida à Universidade e duraria até o começo deste terceiro milênio, quando o livro está sendo substituído pela página eletrônica, prancheta onde leremos *on line* via rádio jornais, revistas e livros.

Esta obra de Hugo é mais conhecida como *Didascálicon*. O título completo é *Didascálicon da arte de ler (Didascalicon de Studio Legendi)*. Os autores da época costumavam dar às

1. Illich, I., *Du lisible au visible, sur l'Art de lire de Hugues de Saint-Victor* (Do lisível ao visível, sobre a arte de ler de Hugo de São Vítor), Paris, Éd. du Cerf, 1991. Em inglês: *In the Vineyard of the Text: A Commentary to Hugh's Didascalicon* (Na seara do texto: comentário ao Didascálicon de Hugo de São Vítor), University of Chicago Press, 1993.

suas obras um título grego e o termo *Didascálicon* queria significar "coisas concernentes à escola". Nós preferimos apresentar esta tradução com o título *Da arte de ler* e o subtítulo menor *Didascálicon*.

A primeira é a *Sapiência*

Nesta Introdução e em toda a Tradução do livro, manteremos o termo *Sapiência* significando a Mente de Deus. O termo *sabedoria*, mais usual na língua portuguesa falada, não traduziria bem a pregnância do latim *Sapientia*, como é usado por Hugo de São Vítor na esteira da tradição patrística e posterior. Em Agostinho e em Francisco de Assis, por exemplo, Jesus, o Verbo e Filho de Deus, é invocado como "a *Sapiência* do Pai" (*Sapientia Patris*), expressão que encontramos também no *Didascálicon da arte de ler* (IV, 8).

Imagine você, leitor, o primeiro dia de aula no começo de setembro de 1127 na Escola de São Vítor em Paris. A grande sala com abóbadas ogivais ressoa o burburinho dos jovens alunos, que vieram dos quatro cantos da Europa pacificada. Curiosos, eles fixam os olhos na entrada da sala, onde finalmente aparece a figura do renomado Mestre Hugo, que segura na mão seu último livro apenas escrito: *Didascálicon da arte de ler*. Faz-se silêncio. Os alunos se levantam. O Mestre sobe à cátedra e entoa uma reza de iluminação. Senta, e todos sentam. No silêncio total, sentindo sobre si os olhos sagazes da classe, o Mestre declama pausadamente a primeira frase do livro...: *"De todas as coisas a serem procuradas, a primeira é a Sapiência, na qual reside a forma do bem perfeito"*.

Ao jovem aluno é logo ensinado que a *Sapiência* é, entre todas as coisas, a primeira. Mas esta *Sapiência* não é alguma coisa, um estágio do conhecimento ou uma sabedoria qualquer. A *Sapiência* é Alguém. É a Segunda Pessoa da Trindade, o Verbo, o Logos, o Pensamento divino, a Mente de Deus.

Por que esta *Sapiência* deve ser a primeira a ser procurada? Porque ela - explica Hugo - é a nossa origem. Conhecendo-a, conhecemos a nós mesmos. Com efeito - continua o Mestre - es-

tava escrito na trípode do templo de Apolo em Delfos o famoso ditado: "Conhece-te a ti mesmo". Mas, o que significa para o homem conhecer-se a si mesmo, senão conhecer a sua própria origem, o lugar divino de onde veio?

A *Sapiência* é *forma do bem perfeito*. Ela é, antes de tudo, a *forma do próprio Deus*, que é bom e perfeito. Em segundo lugar, é a *forma do mundo*. O mundo e o homem estiveram dentro daquela forma e foram moldados por ela antes de serem criados, como a massa de areia e cimento é posta numa fôrma ou molde antes de virar tijolo, ou como o arquiteto engendra a casa na sua mente antes de transpô-la para a prancheta. Como *forma causal* que cria o mundo, esta *forma* transfere a sua *bondade perfeita* para todo o universo. O mundo é bom. O homem é, originariamente, bom.

Em suma, tudo aquilo que o homem quer saber sobre si mesmo está lá, na sua origem, no seu arquétipo, na sua forma boa, na *Sapiência*. Em vão - diz Hugo - o homem procura conhecer fora de si aquilo que ele é. Basta olhar para dentro de si, descobrindo em si os traços da *Sapiência*, da mesma forma que o filho se autoconhece descobrindo em si a fôrma genética do seu genitor.

E como é que o homem chega a conhecer esta *Sapiência*? Hugo responde que tudo começa com o *ato de ler*, seguido pelo *ato de refletir* e enfim pelo *ato de contemplar*.

A *leitura*, portanto, é o começo do saber. O bom aluno, diz Hugo, "ouve com prazer todos, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma... pois *nenhum texto há, que não tenha algo a ser aproveitado, quando é lido no tempo e no modo apropriado*" (III, 13). Hugo injetava nos jovens uma grande fome de ler e saber. Estudar, lendo, significa conhecer a *Sapiência*. Por isso, a filosofia, que começa com a leitura, nada mais é que um exercício de *amizade* com Deus: "A procura da *Sapiência* é uma amizade com a divindade e com a sua pura mente" (*Sapientiae studium est divinitatis et purae mentis illius amicitia*, I, 2).

Com esta saudação programática - *procurem primeiro a Sapiência!* - começava o ano escolástico na Escola da Abadia de São Vítor, na margem esquerda do rio Sena. O homem medieval vivia com as antenas viradas para o alto, sondando os sinais do eterno. Era normal inaugurar um ano escolar com uma exortação de cunho espiritual-metafísico, contrariamente a quanto acontece

hoje entre nós, que questionaríamos como ingerência indevida da religião uma exortação deste tipo diante de uma classe.

Não longe da Escola de São Vítor, havia, na Ilha do Rio Sena, uma outra escola, a de Notre-Dame, onde os jovens se encantavam com as argumentações do Mestre Abelardo. Em seguida, Abelardo transferirá o seu ensino na colina de Sainte-Geneviève, de onde desciam os vinhedos até o vale, onde ficava a Abadia de São Vítor. Destas escolas nascerá, ao redor de 1200, a Universidade de Paris. Os mestres Hugo e Abelardo brilham, na primeira metade do século XII, entre os maiores luminares da cena cultural de Paris e da Europa. Abelardo é mais exegético e lógico, Hugo é mais místico, filosófico e teológico.

Uma filosofia cristã

Da arte de ler é, antes de tudo, um texto de filosofia. Nele não se faz recurso à autoridade dos livros sagrados, como faria a teologia. Nele, tudo é explicado com a luz da razão, como faz a filosofia. Mesmo quando, nos 3 últimos livros, Hugo ensina como ler os livros sagrados, o faz numa compostura racional.

Trata-se, claramente, de uma filosofia cristã, cujo ponto de partida é a existência do Ser Transcendente, Deus, que dá ao mundo a existência (causa agente), a forma (causa formal), a matéria (causa material), a finalidade (causa final).

Deus, em *Da arte de ler*, é definido por Hugo sobretudo com a palavra *Razão* (*Ratio*). Deus é, em si, uma ordem, uma harmonia, uma inteligência racional. Este conceito de *Ratio* é um dos mais importantes na filosofia do *Da arte de ler*. Criando o mundo, Deus dota-o de sua própria racionalidade, de sua própria ordem. A *Sapiência* criadora é "A Razão única e primeira de todas as coisas" (*sola rerum primaeva ratio*, I, 2)

Não se trata de uma *razão lógica* ou *instrumental*, como nas filosofias modernas. A razão dos modernos é apenas a capacidade cognitiva e discursiva do homem. Chama-se *lógico* tudo aquilo que está na mente humana. A razão lógica é um fato humano, é a regra do pensar mental na condução do saber científico. Ela é uma função neurológica do cérebro humano, sem nenhum parentesco com a divindade.

A *Ratio* do *Da arte de ler* é a *Ratio onto-lógica* de Alguém *que é* (*ontos*) independentemente da mente humana, antes desta, causa e ordem desta. Esta *Ratio*, criando o mundo, torna-o semelhante a si mesma, divinamente ordenado e harmônico. Ela é o arquétipo do mundo. A Razão Divina, portanto, encontra-se estendida, depositada no universo e sobretudo no homem.

Desta *Ratio* o mundo e o homem são constitutivamente, não apenas metaforicamente, semelhança, simulacro, espelho (*similitudo, simulacrum, speculum). Forma* perfeita do mundo, a Ratio divina *in-forma* o mundo. E a mente humana, parecida com as estruturas racionais do universo (*rerum omnium similitudine insignita, I, 1*), é um pouco tudo (*omnia esse dicitur, I, 1*), nela cabendo tudo (*universorum capax est, I, 1*), e possui as condições para compreender tudo, inclusive o próprio Deus, a *Sapiência.*

Esta *ordem racional do homem no universo* é continuamente ferida no corpo e no espírito pelas formas sensíveis e materiais que distraem o homem. Como restaurar esta ordem? A semelhança do homem com a *Sapiência* é restaurada pelo próprio homem, mediante a atividade manual do trabalho e, sobretudo, pela atividade intelectual: "somos reparados pelo conhecimento" (*doctrina reparamur, I, 1*). Nisto insere-se o ato de ler, cuja finalidade é introduzir aquele que lê e estuda naquele conhecimento que restaura em nós a semelhança com a divindade. Concepção grandiosa do saber humano!

É evidente, nesta filosofia de Hugo, o seu parentesco com conceitos neoplatônicos, orientais e cristãos a um só tempo. O *Pseudo-Dionísio,* o *Comentário de Macróbio* ao ciceroniano *Somnium Scipionis* e os escritos de *Boécio* inspiram conceitual e verbalmente as páginas do *Da arte de ler.* Particularmente vivos são, decorrentes do *Timeu* de Platão e dos neoplatônicos Fílon e Plotino, conceitos como a correspondência entre a alma do mundo e a alma do homem, a definição do homem essencialmente como alma, a divindade do intelecto humano, a reciprocidade da *Ratio* em seus três níveis: na mente divina, na natureza, no homem.

Uma filosofia da educação

Enquanto destinado a ensinar *o que* ler, *como* ler, *por que* ler, o *Da arte de ler* é também um texto de filosofia da educação.

Vendo aquelas ondas de jovens que chegavam nas escolas de Paris, o Mestre Hugo concebeu a idéia de apresentar-lhes um quadro geral dos estudos e das disciplinas, para que eles se situassem e pudessem escolher. É, na história, o primeiro livro pedagógico direcionado diretamente aos alunos, que nele encontravam um roteiro sobre o que ler e como ler. Além disso, nele os jovens encontravam conselhos sobre as qualidades que fazem do jovem um bom *discípulo*, cuja virtude suprema é a *disciplina*.

Vejamos, por um momento, o currículo escolar da época, variável antes da criação das universidades em 1200, mais fixo com a multiplicação delas.

Primeiro, estudava-se na faculdade das artes o *trívio* (três vias, artes da linguagem: gramática, dialética e retórica) e o *quadrívio* (quatro vias, artes das coisas: aritmética, música, geometria, astronomia). Era uma espécie de colegial, que acontecia entre os 14 e os 20 anos. Em *artes*, estudavam-se os livros de lógica, matemática, física e metafísica dos filósofos gregos, árabes e dos próprios mestres que davam os cursos.

Depois, acedia-se às faculdades de teologia, direito ou medicina, que duravam 6 anos para adquirir a licença e o doutorado. Mas o estudo da teologia durava de 8 a 15 anos, e o doutorado em teologia podia ser obtido com a idade mínima de 35 anos.

Em *medicina*, estudavam-se Hipócrates, Galeno e as sumas árabes de Avicena e Averroes. Em *direito*, estudavam-se principalmente os decretos canônicos da Igreja e a legislação imperial. Em *teologia*, discutiam-se as sentenças de algum pensador exímio (*auctoritas*). As aulas costumavam começar com a leitura de um texto de um grande autor (*lectio*, lição), e em seguida procedia-se a questões (*quaestio*) e discussões (*disputatio*).

Para que serve a educação? Para onde você, jovem, quer ir mediante o estudo e a leitura? Para onde um professor de então e de hoje quer levar o aluno pelo ato de ensinar? A resposta é clara em Hugo. Fazer artes, teologia, direito e medicina tem a finalidade de, conhecendo as maravilhas da natureza, conhecer o Artífice dela. Em suma, o ler e o ensinar são um entretenimento com a Mente divina.

Mas o ato de ler é também um ato moral e político, pois aquele que se alimentou da leitura deve alimentar a cidade, vigiando sobre ela como uma sentinela.

Uma introdução ao saber

O *Da arte de ler* é também uma Introdução aos estudos, a primeira introdução escrita no segundo milênio.

Hugo tinha diante dos olhos outras introduções ao saber, de outros grandes pedagogos, as quais lhe servem de fontes: o *Da Doutrina Cristã* de Agostinho (século V), o *Das núpcias da filologia e de Mercúrio* de Marciano Capella (s. V), as *Instituições das lições divinas e seculares* de Cassiodoro (s. VI), as *Etimologias* de Isidoro (s. VII), o *Da formação dos clérigos* de Rabano Mauro (s. IX).

Este gênero de Introduções ao saber nasce em ambientes alexandrinos na metade do século II, estende-se pelos ambientes sírio-árabes e penetra nos ambientes latinos a partir de Boécio, no século V. O termo *filosofia* era utilizado para indicar o saber em geral, ou melhor, a reflexão mais profunda sobre o significado das várias ciências.

Os alexandrinos e os árabes foram os primeiros a iniciar o costume de enquadrar estas introduções em seis perguntas: 1) *o que é a filosofia?* 2) *por que é chamada assim?* 3) *qual é a sua intenção?* 4) *qual a sua finalidade?* 5) *quais as suas divisões e subdivisões?* 6) o *que deve-se dizer sobre cada uma delas?* O *Da arte de ler*, em seus primeiros três livros, responde a todas estas perguntas: 1) elenca quatro definições de filosofia, 2) explica a origem grega do termo atribuída a Pitágoras, 3) declara a intenção da filosofia, 4) mostra a sua finalidade, 5) propõe as divisões da filosofia, acrescentando a novidade das *ciências mecânicas*, isto é, o trabalho manual, 6) dá explicações sobre cada uma das partes nas quais a filosofia se subdivide.

Acerca da primeira pergunta, o que é a filosofia, a primeira definição é a etimológica, atribuída a Pitágoras, na qual a filoso-

fia é o amor (*filía*) da *Sapiência* (*sofía*). O filósofo não é aquele que possui a *Sapiência*, mas aquele que humildemente procura, amando-a, a *Sapiência*. Esta *Sapiência* em Hugo é, como dissemos, a Mente de Deus: *A filosofia é o amor e o zelo e em um certo sentido uma amizade para com a Sapiência, a qual, não carecendo de nada, é mente viva e única causa primordial das coisas* (I, 2; II, 1).

A segunda definição, de sabor estóico, é conhecida em ambientes romanos, bizantinos, agostinianos e latinos: *A filosofia é a disciplina que investiga exaustivamente as razões de todas as coisas humanas e divinas* (I, 4; II, 1).

A terceira definição evoca a mentalidade grega: *A filosofia é a arte das artes e a disciplina das disciplinas* (II, I).

A quarta definição chama em causa a idéia da morte. Trata-se da morte desejada ou física, que para o estóico representa o grau máximo de liberdade. A preocupação com a morte (*cura mortis*) é, em Cícero, nos Padres e na Escolástica, uma "fonte de sabedoria": *A filosofia é a meditação sobre a morte, que convém sobretudo aos cristãos, os quais, subjugada a ambição deste século, por meio da convivência especulativa já vivem à semelhança da pátria futura* (II, 1).

Uma novidade na cultura mundial: o trabalho como parte do saber filosófico

Em termos de divisão geral do saber e de classificação das ciências, chegam até Hugo duas tradições: a) a tradição platônico-estóico-agostiniano-isidorense, que divide a filosofia em *física*, *ética* e *lógica*, b) a tradição aristotélico-alexandrino-boeciana, que divide a filosofia em *teórica*, *prática* e *poiética*. De 900 a 1100 corre um período de silêncio nas Introduções à Filosofia. Repentinamente, sob o impacto dos textos greco-árabes e dos primeiros textos científicos de Aristóteles, o século XII explode. É o momento do *Da arte de ler*.

Hugo introduz uma grande novidade, acrescentando à filosofia as ciências mecânicas e dividindo-a em quatro partes: *teórica, prática, mecânica, lógica*. A *teórica* se divide em teologia, matemática e física; a matemática compreende aritmética, geometria, astronomia e música. A *prática* se divide em solitária (ética, moral), privada (econômica, dispensativa), pública (política, civil). A *mecânica* engloba 7 ciências: manufatura da lã, armadura, navegação, agricultura, caça, medicina, lazer. A *lógica* se divide em gramática (arte de escrever) e *ratio disserendi* (arte de argumentar); a arte de argumentar se divide em demonstrativa, provável e sofística; a provável se divide em dialética e retórica.

Como pode-se observar, as sete artes liberais do trívio e do quadrívio situam-se nas subdivisões da matemática e da lógica. As 7 ciências mecânicas, pela primeira vez na história, adquirem o *status* de saber à parte. Eis o esquema:

- filosofia
  - teórica
    - teologia
    - matemática
      - aritmética
      - música
      - geometria
      - astronomia
    - física
  - prática
    - individual (moral)
    - privada (econômica)
    - pública (política)
  - mecânica
    - fabricação da lã
    - armamento
    - navegação
    - agricultura
    - caça
    - medicina
    - teatro
  - lógica
    - gramática
    - raciocínio
      - demonstração
      - prova
        - dialética
        - retórica
      - sofística

Esta divisão quaternária da filosofia em Hugo evidencia uma novidade enorme em comparação com o número 3 recorrente nas divisões anteriores. Hugo introduz na divisão do saber as ciências mecânicas, isto é, o trabalho humano. A seguir diremos algo específico sobre este ponto. Isto revela que Hugo adota o princípio aristotélico pelo qual *é necessário haver tantas partes da filosofia quantas são as diversidades dos seres*, mas observa que o trabalho do homem tinha ficado, até então, fora da reflexão filosófica.

Hugo lê a história e percebe que o tempo estava grávido da necessidade de inserir o agir manual do homem no saber filosófico. E o tempo era o do século XII, que representa a aurora de novos dias na Europa e na história da humanidade

A "revolução intelectual" do século XII. Da natureza resolvida em teologia à natureza resolvida em ciência e filosofia

Hugo de São Vítor, juntamente com Abelardo, Adelardo de Bath, Thierry de Chartres, Gilberto de Poitiers, Guilherme de Conches, John de Salisbury, Pedro Lombardo e São Bernardo, integra o grupo de pensadores que, na primeira metade do século XII, interpretam um novo papel da razão no estudo do mundo natural e supranatural. Anteriores de cem anos ao espírito empírico do franciscano Roger Bacon, eles aparecem nas cidades em desenvolvimento da França e da Inglaterra. Discutem literatura, medicina, lógica, gramática, dialética, retórica, geografia, preocupados em descerrar a *Razão*, a constituição profunda das coisas, e as regras da linguagem na interpretação da ciência. "Ninguém pode discutir sobre as coisas - afirma Hugo - se antes não conhecer o modo de falar correta e verdadeiramente". Trata-se, evidentemente, de uma nova maneira de debruçar-se sobre as coisas da natureza[2]. Eles não conseguiram avanços maiores nas

2. As mudanças intelectuais implicadas na revalorização do mundo terreno nos séculos XII-XIV estão ilustradas no volume de um congresso internacional em La Mendola, Alpes italianos, em 1964: *La Filosofia della Natura nel Medioevo*, Società Editrice Vita e Pensiero, Milano, 1966.

ciências da natureza, porque faltava-lhes o cálculo infinitesimal (descoberto em 1700 por Newton e Leibniz) e faltava-lhes sobretudo a luneta (descoberta em 1600 pelos holandeses e utilizada por Galileu).

Antes do ano mil em vão procuraríamos na patrística cristã um conceito físico e científico da ordem cósmica. Para os Padres gregos e latinos o mundo é o conjunto das coisas que Deus criou nos seis dias do Gênese. Prevalece o conceito teológico-místico: mais que a estrutura do mundo físico e o estudo das leis que regulam a mecânica do universo, procurava-se neste o *vestigium* (vestígio) de Deus[3].

Passados os séculos obscuros das invasões bárbaras (V-VII) e da anarquia feudal (IX-X), séculos de primitivismo, brutalidade, destruição, medos e incerteza, ao redor do ano mil desponta a aurora de tempos diversos. Tinha terminado o período das migrações internas de povos inteiros pela Europa, e, com ele, terminava o período das guerras ininterruptas. A segurança européia do início do segundo milênio fixa os homens ao trabalho nas campanhas ao redor do castelo senhorial e nos núcleos urbanos, produzindo uma retomada demográfica, que é efeito e causa de uma revitalização agrária. A isso concorrem novidades técnicas, como o arado pesado, a ferradura e o peitoral nos cavalos, a rotação bienal e trienal na semeadura, o acesso aos legumes com a diminuição de doenças, e o moinho de vento, que se junta ao moinho d'água para moer os grãos e mover aparelhos destinados a curtumes, fabricação de tecidos, trabalho em lenho e empastamento do papel. Generaliza-se o costume de vestir-se com tecidos.

O aumento da produção agrícola com o fim das guerras provoca o aumento da população e da expectativa de vida. O vigor agrícola e demográfico leva ao comércio, ao mercado, às feiras e às viagens, enquanto o excedente populacional faz aparecer novos povoados ao redor da capela do senhor transformada em *paróquia* e ao redor da igreja-catedral e da residência do bispo, onde se aglomeram refugiados provenientes das glebas. É a ci-

---

3. Nardi, B., *Sguardo panoramico alla filosofia della natura nel Medioevo*, em *La Filosofia della Natura nel Medioevo*, *op. cit.*, p. 11.

dade comunal (*il Comune*), fortificada e autônoma como o castelo, povoada por camadas intermédias entre a casta feudal e a camada rural, com palácios e templos góticos, mercados e praças, onde se cruzam estudantes, engenheiros, artesãos, letrados, notários, advogados, vagabundos, cruzados, mercadores, cavaleiros, clérigos, médicos, juízes e professores. Já não basta mais o esquema trifuncional, atribuído a Adalberão de Laon, que dividia a sociedade medieval em orantes, guerreadores e trabalhadores (*oratores, bellatores, laboratores*)[4]. A cidade ferve de idéias, obras, organizações e instituições. Isto impulsiona o homem medieval a uma nova estima de suas capacidades, substituindo o medo da natureza misteriosa e hostil com o domínio sobre aquela natureza.

No horizonte profissional despontam novas figuras de juristas, notários, médicos, artistas, professores e mestres, que ascendem a cargos educacionais, econômicos e políticos, superando o rígido verticalismo feudal e dando vida a uma nova ordem de convivência cívico-comunitária.

Em filosofia, à fuga e ao desprezo do mundo substitui-se a estima do mundo, estimulada pelas obras do Pseudo-Dionísio (s. V), cuja *Hierarquia*, comentada por Scoto Eriúgena e pelo próprio Hugo, lança nova luz sobre o operar construtivo e terreno do homem em sinergia criativa com o Sumo Bem. A razão se pretende uma instância cognitiva com estatuto próprio, intensificando seus serviços ao mundo e à natureza, que se tornam temas das escolas de Chartres e de São Vítor. Isto acontece sobretudo na França capetíngia, revigorada econômica e culturalmente pelo rei Luís VI, enquanto a reforma gregoriana promovida pelo monge cluniacense Hildebrando, futuro papa Gregório VII, injeta nos ambientes eclesiásticos novos ardores espirituais com novos desafios jurídicos, exegéticos, apologéticos, teológicos, organizativos e curriculares. Aumenta o nível cultural do clero e, conseqüentemente, dos funcionários públicos, enquanto as escolas, que até então eram administradas pelas abadias beneditinas sob o signo do espiritual, transferem-se para as catedrais e

---

4. Le Goff, J., *Le travail dans les systèmes de valeur*, em *Le Travail au Moyen Âge*, Actes du Colloque international de Louvain-la-Neuve, 1987, Louvain-la-Neuve, 1990.

outras instituições canônicas, com enfoques naturalísticos sobre a ciência, o indivíduo e a sociedade[5]. Nestas escolas começa a modernidade, quando a tradição e o princípio de autoridade (*traditio* e *auctoritas*) são acrescidas pela indagação e disputa (*quaestio* e *disputatio*), ou seja, pelo debate criativo, que será o cerne do método escolástico de ensino.

Em física registra-se a inventividade de um renovado espírito empírico, de modo que hoje se fala de uma "revolução intelectual do século XII", um gênero de iluminismo medieval a meio caminho entre o iluminismo de Mileto de 600 aC e o iluminismo francês de 1750[6]. Na verdade, trata-se de mais um renascimento acrescido à renascença carolíngia do século IX e à renascença de 1500. Alguns, reservando o termo *renascença* ao século XV, preferem falar, com relação às outras renascenças, de *pré-modernidade* ou proto-renascença[7].

Propensa a ver a Idade Média dos séculos XII e XIII como o ápice da metafísica e como ascensão para a síntese clássico-cristã de Santo Tomás e Dante Alighieri, a historiografia moderna apenas ultimamente começou a dar atenção ao aparecer de uma mentalidade empírica entre 1075 e 1150. A novidade do século XII é sintetizada por Bruno Nardi nestes termos: a uma física lida em chave teológica se junta uma física lida em chave filosófico-científica. E, para confortar esta afirmação, costuma-se recorrer a duas expressões de Hugo de S. Vítor, a primeira indicando a interpretação religioso-alegórica do mundo, a segunda realçando a interpretação científica do mundo:

> 1) *Este universo sensível é como um livro escrito pelo dedo de Deus, isto é, criado pela força divina, e todas as criaturas são como figuras não inventadas pela vontade humana, mas organizadas pela vontade divina para manifestar a Sapiência de Deus* (*De tribus diebus*)[8].

---

5. Morris, C., *The Discovery of the Individual. 1050-1200*, London 1972.

6. Haskins, C., *The Renaissance of the Twelfth Century*, Cambridge, 1927.

7. Giard, L., *Hugues de Saint-Victor cartographe su savoir*, em *L'Abbaye parisienne de Saint-Victor au Moyen Âge* (Biblioteca Victorina I), Paris-Turnhout, Brépols, 1991, 253-269, p. 255.

8. Hugonis de Sancto Victore, *De Tribus Diebus* (Liber VII do *Didascálicon*), PL 176, 814.

2) A natureza é um fogo criador que nasce de alguma força para gerar as coisas sensíveis. De fato, os físicos dizem que todas as coisas são geradas pelo calor e pela umidade (I, 11).

Caráter típico desta revolução intelectual no século XII é, segundo Ivan Illich no livro acima citado, a revolução do livro ou *cultura livresca*. O papel vindo da China via Toledo, o velino em pergaminhos finos, a tinta, a minúscula carolíngia, a adoção da escrita em itálico e a caneta com ponta de feltro facilitam nas oficinas dos copistas (*scriptoria*) a compilação de livros, que são encomendados por bibliotecas, juristas, mercadores e senhores. O *Livro da revelação*, do doutor, do filósofo, da autoridade, é agora ladeado por *livros* de professores e pesquisadores, com índices, parágrafos, resumos, palavras-chave e, em geral, uma nova organização técnica e estética da página. Ao copista se acrescenta o autor (*auctor*, do latim *augere*, aumentar, aquele que *aumenta* o saber), à leitura monacal acrescenta-se a invenção escolástica, à narração a reflexão, à leitura a compilação, à escuta a disputa. O homem aprende a manusear os conhecimentos ao invés de apenas lê-los e a novidade do ato de escrever cria a novidade do ato de ler e ensinar.

De acordo com Illich, do mesmo modo que a substituição dos ideogramas pelo alfabeto fenício no século VIII aC significou a primeira revolução cultural da humanidade, que deu o nascimento à filosofia grega, a cultura livresca do século XII representa a segunda revolução cultural da humanidade, que dá origem à Universidade. Gutenberg, três séculos depois, apenas acelerará com a tipografia esta nova onda cultural desencadeada no século XII. Hoje, segundo Illich, com a aparição do vídeo-livro, estamos assistindo à terceira revolução cultural da humanidade, que dará origem a não sabemos quais novos campos do saber pelo ciberespaço.

É esta a época que o *Da arte de ler* de Hugo interpreta. Alguns dizem que data destes anos o início da era moderna, quando desaparecem da cena bizantinos, árabes e povos invasores e entram em ação as cidades do centro e do norte da Europa, juntamente com o aparecer das escolas de direito de Pavia, Mi-

lão, Mântova, Verona e Bolonha, da escola médica de Salerno e, no norte, das escolas filosófico-teológico-literárias de Chartres, Laon, Notre-Dame, Saint-Victor.

A Escola de São Vítor: lugar e tempo de transição

A complexa e inexorável passagem do simbolismo da natureza para a pesquisa sobre a natureza, da teologia simbólica para o debate dialético, é encarnada pela Escola de São Vítor. A cavalo entre o antigo e o moderno, São Vítor é uma escola interna e externa, contemplativa e ativa, herdeira da tradição e partidária das reformas, espiritual e intelectual, *Sapiência* e ciência (*sapientia et scientia*). E dentro da Abadia de São Vítor é o Mestre Hugo, cônego e professor, que encarna o espírito da Escola, derivando daí a expressão *Hugo e sua Escola*[9].

Hugo nasce ao redor de 1095, provavelmente na Saxônia[10], e chega a Paris ao redor de 1115, morrendo em 1141.

Eram os dias de grandes acontecimentos, quando as primeiras cruzadas conquistavam Jerusalém, os mosteiros cistercienses eram erguidos sobre a disciplina do trabalho manual e intelectual, a Chanson de Roland celebrava o Sacro Romano Império e dava início às literaturas autóctones, o tratado de Worms punha fim à contenda das investiduras, o cristianismo se renovava nas leis e no espírito, os primeiros vidros sustentados com chumbo davam início à arte gótica nas janelas da Igreja de Saint-Denis em Paris.

O nascimento da Escola de São Vítor é datado de 1108, ano em que o arquidiácono Guilherme de Champeaux deixa a Ilha da Cidade (Île de la Cité), onde ensinava, e se instala em uma capela em honra de São Vítor, com alguns anexos, na margem es-

---

9. Sicard, P., *Hugues de Saint-Victor et son École*, Brepols, 1991.

10. É a tese de Taylor, J., *The Origin of Early Life of Hugues of St. Victor: an Evaluation of the Tradition*, Notre Dame, 1957, p. 60. Segundo Baron, Hugo nasceu em Ypres, nos Flandres; cf. Baron, R., *Notes biographiques sur Hugues de Saint-Victor*, "Revue d'histoire ecclésiastiques", 1956, p. 920-934.

querda do Sena, iniciando logo uma escola. Em sua *História das minhas desgraças*, Abelardo, que foi discípulo e crítico de Guilherme na questão dos universais, conta que este "no próprio monastério para onde se retirou por razões religiosas, abriu uma escola pública". Em 1113 o rei Luís VI promove o local a abadia e a entrega aos cônegos de Santo Agostinho. Em 1114 a abadia é reconhecida pelo papa Pascal II, que nomeia Gilduíno como primeiro prior, enquanto o fundador Guilherme, feito bispo de Châlons, lá morre em 1121.

À volta de 1115 chega o jovem Hugo, trazido por um rico tio arquidiácono de Halberstadt, que, parece, doou o dinheiro para construir uma nova igreja e as moradas monásticas. Hugo é certamente espectador atento a estes trabalhos, a julgar pela cura com a qual descreve os utensílios e as ações da construção civil em *Da arte de ler*. Ao redor de 1125 a abadia possui prebendas e terrenos espremidos entre a montanha de Sainte-Geneviève e a Île, mas os meios financeiros e fundiários da abadia são relativamente escassos. Ao redor de 1135 o capítulo da abadia é assim formado: o abade Gilduíno, que era também confessor do rei, o prior Eudes, um vice-prior, um mestre ou *magister* (Hugo), um ecônomo, quatro diáconos, três subdiáconos, três clérigos, três vicários. A partir desta data, a abadia recebe uma onda de simpatia e um afluxo de doações, que fazem de São Vítor um rico complexo da capital, ao qual, em 1148, é anexada também a abadia de Sainte-Geneviève.

Os cônegos de São Vítor organizam-se em uma *Ordem* com uma *Regra* e um cerimonial, enquanto as casas da Ordem se ramificam na França e fora dela até o final do século XII, quando este ardor diminui. Na metade do século XV se procede a trabalhos de restauração e ampliação. Em 1504 um raio destrói a igreja e sobre ela é construída uma nova, terminada em 1530. Ao redor da igreja ficam a casa reservada ao bispo de Paris, o noviciado, a biblioteca, a enfermaria de 60 metros com uma capela, estátuas e decorações, um pátio quadrado de 30 metros ao redor do qual situam-se o refeitório e os dormitórios dos clérigos, um local reservado aos estudantes externos de São Vítor, um edifício de 25 metros de comprimento reservado à escola, as salas do

capítulo. Após ter recebido, no século XVIII, ornamentações em estátuas e pinturas, o complexo de São Vítor é destruído quase totalmente pela Revolução Francesa. O que resta depois dela permanece sob a autoridade do Império, mas um relatório de 1803 assinala o estado de precariedade total do conjunto. Os moradores do povoado próximo à abadia se adentram nos terrenos da mesma, e em 1813 a abadia de São Vítor desaparece dos mapas urbanos. Hoje, perto da atual Rue de Saint-Victor, restam da antiga abadia alguns poucos locais restaurados, sobre os quais foram erguidas construções, ocupadas pelo Corpo dos Bombeiros da cidade de Paris.

O desenvolvimento intelectual da Escola de São Vítor registra algumas décadas de ouro, que vão de 1125 a 1185. Estimulada pelo ensino de Hugo, a escola vê florescer teólogos, filósofos, sábios, poetas, pregadores, confessores. Em lógica e teologia brilha *Guilherme* de Champeaux. *Hugo* distingue-se como cartógrafo do saber, leitor da Escritura e hermenêutico, filósofo, teólogo da história, contemplativo e místico, pedagogo, gramático e geômetra. *Achard* (m. 1171) é teólogo e místico. *Ricardo* (m. 1173) é autor fecundo em pedagogia e mística. *André* (m. 1175) destaca-se na prática da exegese bíblica e da crítica textual. Brilharam também os nomes dos Mestres *Gauthier, Godofredo, Adam, Garnier, Tomás Gálico.*

A Abadia, força intelectual e força política, é protegida pelos reis e pelos papas. De lá são escolhidos cardeais e confessores de reis e papas, para lá bispos e arcebispos dirigem-se para fazer retiros espirituais, lá encontramos em 1134 o jovem Pedro Lombardo, acolhido por recomendação de São Bernardo e, provavelmente, discípulo de Hugo. O *scriptorium* da Abadia fervilha de miniaturistas e escreventes de tratados, cartas e sermões, cuja produção manuscrita se espalha pelos departamentos da administração real, pelas bibliotecas, pelas casas privadas e pelas escolas.

A obra de Hugo

O Mestre Hugo impressiona pela fertilidade em obras escritas, e o número delas parecia notável já em 1154 ao cronista Ro-

bert de Torigny, quando este registrava que o mestre Hugo "escreveu tantos livros que não haveria modo de enumerá-los, tão espalhados eles estão"[11]. A *Patrologia Latina* de Migne reúne em três volumes[12] o acervo de obras, opúsculos e cartas de autoria certa e duvidosa do nosso autor, em um total de 52 títulos, divididos em obras exegéticas, dogmáticas, místicas e epístolas. O manuscrito mais antigo de que dispomos (*Vaticano Regina* 167), datado da metade do século XII, enumera 15 tratados de Hugo. Os manuscritos posteriores à primeira organização das obras, ordenada pelo abade Gilduíno em 1152, dez anos depois da morte do mestre, já listam 54 títulos, número aproximado que se mantém até os nossos dias, quando os estudiosos fazem consistir as obras de Hugo em 48 títulos autênticos e oito duvidosos[13].

Com centenas de manuscritos espalhados por 45 bibliotecas européias, as obras de Hugo foram objeto de várias edições, que são as de Paris em 1518 e 1526, de Veneza em 1588, de Magonza e Colônia em 1617, de Rouen em 1648, de Migne em 1854 e 1879, além de edições parciais de escritos específicos. Está em preparação uma nova edição de todas as obras de Hugo por iniciativa do Hugo-von-Sankt-Viktor Institut, em Frankfurt, na Alemanha.

Vários livros do vitorino foram traduzidos em língua francesa, flamenga, italiana, alemã, catalã, inglesa e, agora, também portuguesa. Entre as obras de Hugo mais recordadas e comentadas encontram-se: *Didascálicon da arte de ler, Dos sacramentos da fé cristã, Sobre a hierarquia celeste do Santo Dionísio, Sobre o Eclesiastes, Da união do espírito e do corpo, Dos três dias, Da essência do amor, Solilóquio sobre o penhor da alma, Em louvor do Amor, Da arca mística de Noé, Da arca moral de Noé.* Hugo escreveu também um livro de geografia, recentemente aceito como autêntico, o *Descrição do mapa do mundo.*

---

11. Robert de Torigny, *De immutatione ordinis monachorum*, PL 202, 1313.

12. Tomus 175, 176, 177.

13. Baseamos esta afirmação na bibliografia oferecida por Sicard, P., *op. cit.*

Da arte de ler

O *Da arte de ler*, escrito em 1127, precede quase todos os outros escritos de Hugo. É um livro de grande fortuna, sobretudo nos últimos decênios. Símbolo da efervescência de uma época, o *Da arte de ler* é a obra mais famosa do vitorino em termos de racionalidade filosófica, ao lado do *Dos sacramentos*, que evidencia a face teológica do vitorino. As edições e traduções baseiam-se em bem 126 manuscritos, número que atesta o interesse pela obra durante sete séculos. A última tradução do *Da arte de ler* é a presente, para o português. A tradução para o alemão data de 1997[14]. É de 1991 a tradução francesa[15], que segue de perto a tradução italiana de 1987[16]. Primeira entre todas, é a tradução para o inglês de 1961, reeditada em 1991[17]. Todas estas traduções baseiam-se no texto crítico latino elaborado pelo americano Buttimer em 1939[18].

Se, em geral, a figura de Hugo está sendo vistosamente revisitada nos últimos decênios enquanto propulsora de novos tempos, o *Da arte de ler* em particular é objeto de estudos literários e filosóficos em várias universidades, como se deduz de um rápido passeio pelos currículos universitários alocados na Internet. Esta obra, que já exercitou notável influência nos séculos sucessivos à sua aparição, está voltando a atrair as mentes.

O *Da arte de ler* é, entre outras coisas, um currículo medieval dos estudos. Dependendo do ângulo de análise, é visto como um livro ora filosófico, ora místico, ora ético, ora antropológico, ora pedagógico. Com certeza, o *Da arte de ler* incorpora o espí-

---

14. Hugo von Sankt Viktor, *Didascalicon de studio legendi*, übersetzt und eingeleitet von Thilo Offergeld, Freiburg, Herder, 1997.
15. Hugues de Saint-Victor, *L'art de lire Didascalicon*. Introduction, traduction et notes par Michel Lemoine. Paris, Éditions du Cerf, 1991.
16. *Ugo di San Vittore, Didascalicon, I doni della promessa divina, L'essenza dell'amore, Discorso in lode del divino amore*. Introduzione, traduzione e note di Vincenzo Liccaro, Milano, Rusconi, 1987.
17. *The didascalicon of Hugh of St. Victor: a medieval guide to the arts*, translated from the Latin with an introduction and notes by Jerome Taylor. New York, Columbia University Press, 1991.
18. Hugonis de Sancto Victore, *Didascalicon De Studio Legendi*, a criticai text by Brother Charles Henry Buttimer, M.A., Washington, The Catholic University Press, 1939.

rito das novas organizações religiosas da época, tendentes a recapturar o ascetismo da Igreja primitiva, combinado com o serviço ao próximo e com as novas exigências da cidade medieval. O pensar e o agir em realimentação recíproca, ou melhor, o agir pensando, no rasto do *ora et labora* (trabalha rezando), constituem o método da obra.

O *Da arte de ler* é composto de seis livros, três dedicados ao conhecimento das coisas do homem pela leitura dos escritos literários e três dedicados ao conhecimento das coisas de Deus pela leitura da Sagrada Escritura. Também esta divisão equalitária entre a esfera da razão e a da revelação sinaliza a centralidade da união corpo-espírito, prática-teoria, temporal-eterno, manual-intelectual no pensamento de Hugo.

O *Livro I* resume as bases ontológico-gnoseológicas da filosofia de Hugo: a alma do mundo e a alma individual, a abrangência e a divisão da filosofia, a razão, a essência das coisas, mundo sublunar e supralunar, semelhança do homem com Deus, o agir do homem e de Deus, a natureza.

O *Livro II* apresenta as artes: a teologia, a matemática com as artes do *quadrívio*, a quadratura da alma e do corpo, a física, as ciências mecânicas em número de 7, a lógica com as artes do *trívio*.

O *Livro III* dá aos jovens conselhos sobre como ler e o que ler: quais foram os autores das artes, artes prioritárias na leitura, discernimento no estudo, meditação, memória, disciplina, humildade, silêncio, despojamento, exílio.

O *Livro IV* abre a série dedicada à leitura dos livros sagrados: número e ordem dos livros, seus autores e tradutores, seu cânon, autores do *Novo Testamento*, significado dos nomes dos livros sagrados, concílios, escritos autênticos e apócrifos, etimologia de certos nomes como código, volume, carta, pergaminho e outros.

No *Livro V* Hugo dá as regras exegéticas de interpretação na leitura dos livros sagrados: modo de ler, o tríplice método histórico-alegórico-tropológico no estudo das *Escrituras*, significado das palavras e das coisas, as sete regras com as quais a *Escritura* se exprime, os obstáculos ao estudo, o fruto da leitura divi-

na, como fazer da *Escritura* um meio para corrigir os costumes, os estágios do estudo e do entendimento para chegar à perfeição, os três tipos de leitores da *Escritura*, entre os quais alguns procuram somente a ciência, outros, a maravilha, outros, enfim, a salvação.

O *Livro VI* dedica-se mais amplamente ao estudo dos três métodos de interpretação da *Escritura* e oferece outros conselhos de leitura: interpretação histórica em sua ordem temporal (*ordo temporis*), interpretação alegórica segundo a ordem de conhecimento (*ordo cognitionis*), interpretação tropológica (moral) com atenção às coisas mais que às palavras, reflexões sobre os termos letra, significado, sentença e meditação.

O *Apêndice* dá um resumo aforístico sobre as três maneiras de existirem das coisas na mente divina, na natureza, na mente do homem.

Uma filosofia do trabalho em *Da arte de ler*. Um fio condutor entre a Idade Média e a Modernidade?

Grandes discussões foram travadas sobre a introdução das ciências mecânicas na filosofia por obra de Hugo. Qual o significado de tal ato? Alguns acham que trata-se de algo apenas aleatório. Outros afirmam que Hugo possuía um esboço de filosofia do trabalho humano. Demonstrei na minha tese de Doutorado em Filosofia na Unicamp *Trabalho e Razão no Didascálicon de Hugo de São Vítor* os elementos de uma filosofia do trabalho em Hugo.

Hugo é notável por ter sido o primeiro, na história das idéias, a situar dentro da filosofia as *ciências mecânicas*[19], ou seja, a ação eficaz do trabalho humano sobre a natureza. A esta revalorização do trabalho manual e do trabalho em geral corresponde uma filosofia do mesmo. Qual? Pode a Idade Média contribuir para um dos temas mais decisivos do novo milênio, o do traba-

---

19. *Did.* II, XX-XXVII. O *Didascálicon* não usa a expressão *artes mecânicas*, corrente nos comentaristas.

lho humano? A nível filosófico, certamente sim. Nos colóquios dos últimos quarenta anos, freqüentemente os medievalistas centraram suas pesquisas sobre o trabalho na Idade Média, tratando-o sob o aspecto histórico, social, jurídico e técnico[20]. Mas Hugo oferece a possibilidade de termos também um significado filosófico do trabalho humano.

O interesse pelo significado humano-subjetivo do trabalho, para além do seu significado tecnológico-mercadológico, veio novamente à cena nos últimos anos, nos quais a anarquia financeira mundial, que ameaça o equilíbrio entre os povos, evidencia-se como criatura de um erro fundamental, que é a separação entre o trabalho e a propriedade do mesmo. No liberalismo, o trabalho é do trabalhador, mas a propriedade do mesmo pertence ao capitalista. A partir desta dissociação (alienação, perda) no trabalho, os produtos fabricados pelo trabalhador adquirem vida própria no mercado pelas mãos do capitalista e se tornam mercadorias fetichizadas com poder anti-humano, fato que se desdobra em mistificações econômicas, políticas, sociais e culturais. Esta fetichização dos produtos do trabalho humano é ainda mais virulenta quando as mercadorias, transformando-se em seu equivalente universal, que é o dinheiro, dão vida ao sistema financeiro, cujo processo de centralização a nível mundial é apontado, hoje, como uma das maiores ameaças à convivência humana[21].

A solução deste descolamento entre trabalho e propriedade do mesmo se dá pela devolução ao trabalhador da propriedade do seu trabalho. A esta necessidade responde o recente reavivamento dos estudos sobre o trabalho humano seja em ambientes marxistas, a partir dos *Manuscritos econômico-filosóficos*[22] de Marx, como em ambientes católicos, a partir da encíclica papal

---

20. O trabalho na Idade Média foi tema de um Congresso da Universidade de Perugia em 1980, de um Colóquio Internacional em Lovaina em 1987, de outro Congresso Internacional em Montreal em 1967.

21. R. Kurz, *O colapso da modernização*, São Paulo, Paz e Terra, 1992. O autor conclui pela urgência de restabelecer no mundo o primado do "trabalho vivo" (produção) sobre o "trabalho morto" (dinheiro).

22. K. Marx, *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844*, em E. Fromm, *Conceito marxista de homem*, Rio de Janeiro, Zahar, 1970, p. 83-170.

Laborem Exercens[23]. Na verdade, foi Hegel o primeiro dos pensadores modernos a refletir sobre o trabalho como autoformação do homem e sobre a necessidade de o trabalho liberar-se da negatividade do sistema de trabalho dependente.

O conceito de *reflexividade* do trabalho sobre a pessoa do trabalhador é assumido hoje como o fulcro de todas as filosofias do trabalho: *construindo objetos, o trabalho constrói a essência, o cérebro, do próprio trabalhador*: diz-me como trabalhas e te direi quem és! Numa leitura atenta do *Da arte de ler*, parece-nos que o moderno conceito de *reflexividade* no trabalho está presente também no pensamento de Hugo.

Em Hugo o trabalho humano é uma imitação da natureza (*imitatio naturae*), que, por sua vez, é um simulacro do arquétipo divino. Numa lógica descendente-ascendente, consubstanciada na fórmula neoplatônica e agostiniana de saída-retorno (*exitus-reditus*), dizemos que as formas presentes na "forma do bem perfeito", que é a Mente divina (*Sapientia*), materializam-se nas formas da natureza, são apropriadas pela mente do homem e finalmente são transferidas para o objeto do trabalho humano. O *trans-formar* pelo trabalho é um processo de *transferir-formas*. No final do processo, o objeto do trabalho é *in-formado* por uma forma originada na mente humana, na natureza e, finalmente, na Mente divina. A mente do trabalhador, que imita as formas divinas presentes na natureza e as contempla no objeto produzido, resta in-formada (*in-formatur*) por uma estética divina. Temos aqui a *reflexividade* de que falam os modernos. Isto constitui um fio condutor, que ligaria organicamente o pensamento medieval ao pensamento moderno, interessado a impulsionar o atual trabalho dependente para uma nova forma de trabalho livre e associado. É fascinante.

Certo, há uma distinção entre o esquema hugoniano-cristão e o esquema dos materialistas. O esquema de Hugo contém a dimensão transcendente, onde o ponto de partida é a Mente divina, que se exterioriza na natureza, depois no homem, depois nas obras do homem, para retornar a si mesma na atividade mental-ma-

---

23. Carta encíclica de João Paulo II, *Sobre o trabalho humano*, São Paulo, Vozes, 1984.

nual do homem (filosofia), que é uma amizade com a *Sapiência*. Há um movimento circular entre quatro elementos: Mente divina-natureza-homem-trabalho-Mente divina.

Ao passo que o esquema materialista de Marx e epígonos se mantém nos limites imanentes da natureza material. O ponto de partida é a mente do homem, que, em sociabilidade com os outros, se exterioriza na natureza transformada pelo trabalho, realimentando, numa reciprocidade dialética teoria-práxis, uma nova representação de si, da natureza e dos outros. Em Marx há um movimento triangular de relação recíproca entre três pólos: homem-natureza-trabalho-homem[24].

Seja em Hugo seja em Marx o trabalho medeia a relação do homem com a natureza, constituindo-se em auto-realização do homem. Em Hugo, todavia, a essência do homem é dada antes do trabalho, por obra da Mente divina, que é forma do homem. Pelo trabalho manual, condição corpórea do trabalho intelectual, esta essência é *restaurada* em continuação. No esquema materialista, ao contrário, não há subjetividade anterior ao trabalho: o homem realiza a sua essência unicamente no trabalho, que é condição única da gênese histórica, *atividade* essencial, vir-a-ser e, como se expressava também Hegel, autodesenvolvimento do homem. O homem, neste monismo materialista, é o único mediador do próprio homem. Expressão acabada desta atitude prometéica, que assume o concreto vivido como única fonte da teoria, é Hannah Arendt, para quem o pensamento não jorra de alguma filosofia ou metafísica da história, mas nasce do acontecimento da experiência vivida e a partir desta inicia o seu exercício teórico[25].

O *otium* (ócio) como atividade

O ato de ler é, em Hugo, um ócio (*otium*). Vale a pena refletir um instante sobre este termo, mostrando a sua conexão com o trabalho.

---

24. Cf. I. Mészáros, *Marx: A teoria da alienação*, Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 96.

25. Arendt, H., *Condição humana*, São Paulo, Edusp, 1981.

O termo *otium* em latim significa: a) inação, repouso, tempo livre (em oposição a negócio - negação do otium - trabalho, pressa), b) dedicação aos estudos e à expansão da consciência humana (*scribendi otium*, disponibilidade para escrever, diz Cícero em *Ofícios* 2, 4).

Em *Da arte de ler*, o termo *otium* existe no sentido de dedicação ao saber, que vai da leitura à meditação e à contemplação. Hugo diz que o *otium* é a quietude exterior da vida para dedicar-se a estudos dignos e úteis: *A quietude da vida é ou interior, para que a mente não se perca em desejos ilícitos, ou exterior, para que o tempo livre* (otium) *e a comodidade permitam estudos honestos e úteis. Uma e outra pertencem à disciplina moral* (III, 16). O vitorino destaca que o tempo livre (*otium*) dedicado aos estudos torna-se motivo de vergonha se não é conduzido com ordem e método: *O método é tão importante, que sem ele qualquer tempo dedicado aos estudos* (otium) *é torpe e todo trabalho inútil* (V, 5).

O *otium* é, em grego, *skholé*, que carrega o significado de pausa, parada, repouso, inocupação, indolência, tempo disponível, tempo livre e também colóquio científico, leitura, recitação. Deste último significado deriva a *skholé* como o lugar onde o mestre lê, dá lição, onde se discute, se pensa. O grego *skholé* flui para o latim *schola*, que significa pesquisa douta, disquisição, explanação de um objeto científico ou literário, lição e explicação de obras eruditas. Metonimicamente, o termo *schola* vem designar também o lugar onde isto tudo acontece, como também a galeria onde os homens cultos se reúnem e onde as obras-de-arte são expostas, a sala de espera dos banhos públicos com suas longas conversas, as sedes das corporações, os lugares de reunião. Por fim, *schola* vem indicar o pensamento de um mestre seguido por discípulos em seitas e correntes.

Em breve, o *otium*, *skholé* em grego, *schola* em latim, em italiano *scuola* e em português *escola*, carrega consigo o significado de atividade pensativa e artística do homem. A *escola* é um *otium*, ou seja, um clima espiritual e um estado do espírito, muito diverso do suor e calor do dia representado pelo trabalho.

Oportunamente, algumas filosofias do trabalho afirmam que o trabalho perde o seu sentido se não é vivificado pelo *otium*, isto é, por uma reflexão filosófica sobre o próprio trabalho. O *otium* é uma dimensão da vida, que podemos chamar de *vertical*, heterogênea à dimensão *horizontal* do trabalho, mas complementar a ela. O *otium* é expansão da consciência humana pelos campos artísticos, religiosos, culturais, comunitários. O *otium* é a reflexão, a festa, o exercício da unidade moral que, ultrapassando a particularidade dos interesses cotidianos por meio de uma visão unitária da existência, dá significado a todas as ações do homem. Enquanto heterogêneo com respeito ao trabalho, o *otium* não se opõe a ele. O *otium* pertence a outro tipo de atividade, em um nível superior com relação ao trabalho e à técnica. Há, complementariamente, uma atividade-trabalho e uma atividade-*otium*. O trabalho subordina-se ao *otium* como meio para o fim, e o *otium* é a instância que reveste o trabalho de justificação e valor[26].

A filosofia do *Da arte de ler* sobre o trabalho humano é um *otium*, que confere à atividade manual um sentido, uma finalidade, uma plenitude. A finalidade do *otium* é a de lançar uma luz intelectual sobre a concretude do agir humano.

O ler é o início do saber. A perfeição do saber está na ação e na contemplação

Ler, para Hugo, é um modo de viver, um afeto de amizade, um ato moral e social, um *ócio* reparador, restaurador e inspirador. A leitura como sabor da *Sapiência* dá consolo a quem a procura, felicidade a quem a encontra, beatitude a quem a possui: *a procura da Sapiência é o máximo conforto na vida. Quem a encontra é feliz, e quem a possui é beato* (I, 1).

Mas a leitura é o começo da aprendizagem (*principium doctrinae*), cujo ato final, já sem regras e amarras físicas, é o vôo li-

---

26. Cf. Bagolini, L., *A filosofia do trabalho*, São Paulo, LTr, 1996, p. 53s.

vre da contemplação. Entre a leitura e a contemplação existem outros degraus pelos quais o estudante deve passar, a fim de alcançar a perfeição. São estes os cinco degraus: 1) a leitura, 2) a meditação, 3) a oração, 4) a prática, 5) a contemplação. *Entre estes cinco degraus, o primeiro degrau, a leitura, é dos principiantes, e o supremo, a contemplação, é dos perfeitos* (V, 9).

A leitura informativa, portanto, deve ser seguida pela reflexão meditativa, na qual alcança-se o discernimento crítico. Depois vem a oração, na qual adquire-se a força e a clarividência para o agir (o agnóstico moderno mudaria o termo *oração* por *consciência*). Segue a prática, na qual a vontade firme exercita-se na execução de boas obras e na pesquisa dos melhores caminhos a seguir na vida. Por último, vem a contemplação, na qual o agir é aprovado em sua validade cristalina. A meditação contemplativa, por sua vez, realimenta todos os degraus anteriores, dando-lhes sentido.

A contemplação orienta os passos da leitura, mas logo se libera das regras da leitura, deleitando-se a correr pela campina aberta, fixando a agudeza do ato contemplativo sobre a verdade, em uma liberdade que Hugo assim descreve:

> *A contemplação... se deleita em vagar por campos abertos, onde possa fixar seu livre olhar na contemplação da verdade, e cortejar ora estas ora aquelas causas das coisas, e ora penetrar em coisas profundas, e deixar nada ambíguo, nada obscuro. O princípio do saber está na leitura, a perfeição do saber, na contemplação* (III, 10).

A meditação contemplativa oferece, a quem a escolhe, uma vida jucunda e o máximo de consolo na tribulação, segregando a alma do barulho do dia e fazendo-a degustar nesta vida a doçura da paz que será total na vida além da morte. A contemplação ensina a procurar e a *entender*, através das coisas que foram criadas, aquele que as criou, instruindo o ânimo com a ciência e preenchendo-o de letícia. A contemplação faz compreender melhor a ética, os mandamentos e as obras de Deus, pois é obra de Deus tudo aquilo que a sua potência cria, sua *Sapiência* ordena, sua graça restaura.

Leitura e moral

Leitura e moral são duas faces do ato de ler. A leitura tende para a ação: *a leitura é própria do principiante, o agir é dos perfeitos* (V, 8). Mas o bom costume é também condição para uma boa leitura. E a mente que queira alcançar a tranqüilidade moral necessária ao conhecimento deve livrar-se dos desejos ilícitos, da tirania do supérfluo e até do apego ao lugar. É famoso, neste último sentido, um passo poético do *Da arte de ler* (III, 19):

> *É delicado aquele para o qual a pátria é doce;*
> *e é já forte aquele para o qual qualquer terra é a pátria;*
> *mas na verdade é perfeito aquele para o qual o mundo inteiro é um exílio.*
> *O primeiro fixou o seu amor ao mundo,*
> *o segundo o espalhou,*
> *o terceiro o extinguiu.*

A ética é o pressuposto para o conhecimento do bem. É o que Hugo afirma ao descrever as três coisas necessárias ao estudante: a) o talento natural para compreender e memorizar rapidamente os ensinamentos, b) o exercício para educar o talento, c) a disciplina moral, para harmonizar a conduta com o saber, pois conhecimento e ética iluminam-se reciprocamente.

Quem procura o conhecimento não pode negligenciar a disciplina moral, resumida nas atitudes de humildade, zelo em querer, vida quieta, reflexão silenciosa, austeridade de vida, pois *não é louvável a ciência maculada por uma vida impudica* (III, 12). O preceito é o de compor o saber com a vida, *para que, vivendo de modo louvável, o estudante harmonize a conduta com o saber* (III, 6). E ainda: *o olho do coração deve ser purificado pela prática da virtude, para que depois possa ser perspicaz na investigação teórica da verdade* (VI, 14).

Amor, iluminação, doçura, ruminação

A procura do saber, como procura da *Sapiência,* é amor e devotamento zeloso (*amor et studium*). O ato de ler, como ins-

trumento desta procura, é um momento de amor, iluminação e doçura. Em *Da arte de ler*, o verbo *iluminar*, os substantivos *iluminação*, *doçura* e *mel*, com os adjetivos *iluminado* e *doce*, ornamentam e aquecem a ação intelectual do homem.

A leitura dos divinos elóquios, ainda que aparentemente árida em sua simplicidade lexical, proporciona uma doçura tal, que apropriadamente aqueles elóquios são comparados ao favo de mel, enquanto as leituras profanas muitas vezes não passam de parede de barro caiado (*luteus paries dealbatus*), pois sob uma mão de cor escondem a falsidade e a precariedade das coisas passageiras. A Escritura Sagrada é como uma selva, e a leitura permite colher seus frutos dulcíssimos. Os estudos da juventude proporcionam na velhice "frutos dulcíssimos". Os velhos sábios cantaram, aproximando-se da morte, cantos de cisne mais doces que os habituais. Dizia Homero que da boca do velho Nestor fluíam palavras mais doces que o mel. E, citando os versos de Virgílio, Hugo nos leva aos exilados e emigrantes, em relação aos quais diz que não sabe por qual doçura todos são conduzidos a pensar na sua terra natal.

Os bens eternos são doces. Os escritos de Gregório ressoam docemente aos ouvidos e na alma. Citando os seus esforços no estudo, Hugo conta em pormenores aquilo que fazia desde menino para aprender. Entre outras coisas, conta como aprendia a proporção dos sons ouvindo as cordas musicais presas numa madeira, e, enquanto os ouvidos se instruíam sobre os intervalos dos sons, a sua alma enchia-se de doçura semelhante à do mel. E, entre tantas doçuras, não podiam faltar em seu livro menções aos doces de sobremesa preparados na cozinha.

Matéria e alma, corpo e espírito vivem em simbiose de gáudio na atividade intelectual do homem. Os mistérios divinos revestem-se, nas Escrituras, de letras humanas, da mesma forma que as cordas do violão fixam-se na madeira e o lenho torna o som das cordas mais doce, assim como o mel é mais doce no favo, tudo isso provocando a doçura do entendimento espiritual (*spiritalis intelligentiae suavitatem*).

Como se vê, o corpo humano é celebrado em Hugo de São Vítor seja em seu esforço material no trabalho como em sua ten-

são intelectual, pois o corpo é como o lenho do violino e o favo do mel, capaz de dar volume e esplendor à Forma divina, à *Sapiência*, presente no mundo.

O ato de ler, como todo trabalho intelectual, é seguido por um ato de ruminação, à semelhança das ruminações dos versículos da *Bíblia* pela boca dos monges durante os trabalhos manuais, e à semelhança dos *mantras* ruminados pelos monges no alto do Tibet. Aquilo que os olhos, os ouvidos e a mente captam na leitura é ruminado pacientemente na meditação, da mesma forma que o boi, para alimentar-se, traz para o paladar aquilo que acumulara no ventre: *colhemos na leitura frutos dulcíssimos e na reflexão os ruminamos* (V, 5). E a contemplação, ato final do estudo, faz pregustar a doçura da paz eterna.

"A *Sapiência* ilumina o homem" (*Sapientia illuminat hominem*, I, 1). Iluminado, o homem realiza o *gnóthi teautón*, o "conhece-te a ti mesmo". Assim clareado, o homem adquire o discernimento para traduzir em boas obras aquilo que conheceu: *a graça de Deus, que, indo à tua frente, te iluminou, seguindo-te dirija os teus pés no caminho da paz* (V, 9). A *Sapiência*, em suma, é o sol que ilumina o caminho do homem para a ceia celeste.

Esta claridade da iluminação reina também no quarto céu da *Divina comédia*, céu do sol, habitado pelos espíritos sábios. Chegando a este céu, Dante Alighieri recebe como guia São Boaventura, que, a certa altura, apontando ao poeta um grupinho de sábios, lhe diz:

"Hugo de São Vítor está aqui com eles"[27].

Sobre o texto e a tradução

O texto latino apresentado é o da edição crítica de Ch. H. Buttimer, citado na Bibliografia e editado nos Estados Unidos em 1939 a partir da *Patrologia Latina* de Migne (1879), que

---

27. Dante, *Paraíso* XII, 133.

contém as obras de Hugo de São Vítor em três volumes (175, 176, 177). A subdivisão dos seis Livros em pequenos capítulos é a mesma apresentada por Buttimer. Dos três Apêndices apostos à tradução, os primeiros dois (Apêndice A e B) aparecem no texto de Buttimer como os últimos dois capítulos do Livro VI, mas preferi seguir o esquema das traduções inglesa, francesa e alemã. Freqüentemente, por razões didáticas, quebrei um longo parágrafo do original em parágrafos menores.

A tradução podia seguir dois caminhos: ou fazer uma tradução livre, ou tentar uma tradução literária. Optei por esta última, seja porque percebi que não dificultaria sobremaneira a leitura, seja porque o estilo de Hugo de São Vítor possui uma poeticidade própria e uma flexão ingenhosa da frase, belezas que seria um pecado trair.

DIDASCÁLICON

DA ARTE DE LER*

* Nesta edição bilíngüe, optamos por colocar o texto latino espelhado com o texto da tradução brasileira, ou seja, nas páginas pares encontra-se o texto latino e nas ímpares o respectivo texto traduzido. Quanto às notas de rodapé, uma ressalva importante: existem duas seqüências de notas, uma para o texto latino e outra para o texto traduzido.

PRAEFATIO

Multi sunt quos ipsa adeo natura ingenio destitutos reliquit ut ea etiam quae facilia sunt intellectu vix capere possint, et horum duo genera mihi esse videntur.

Nam sunt quidam, qui, licet suam hebetudinem non ignorent, eo tamen quo valent conamine ad scientiam anhelant, et indesinenter studio insistentes, quod minus habent effectu operis, obtinere merentur effectu voluntatis.

Ast alii, quoniam summa se comprehendere nequaquam posse sentiunt, minima etiam negligunt, et quasi in suo torpore securi quiescentes eo amplius in maximis lumen veritatis perdunt, quo minima quae intelligere possent discere fugiunt. Unde psalmista: "noluerunt, inquit, intelligere ut bene agerent"[1]. Longe enim aliud est nescire atque aliud nolle scire. Nescire siquidem infirmitatis est, scientiam vero detestare, pravae voluntatis.

Est aliud hominum genus quos admodum natura ingenio ditavit et facilem ad veritatem veniendi aditum praestitit, quibus, etsi impar sit valitudo ingenii, non eadem tamen omnibus virtus aut voluntas est per exercitia et doctrinam naturalem sensum excolendi. Nam sunt plerique qui negotiis huius saeculi et curis super quam necesse sit impliciti aut vitiis et voluptatibus corporis dediti, talentum Dei terra obruunt, et ex eo nec fructum sapientiae, nec usuram boni operis quaerunt, qui profecto valde detestabiles sunt.

Rursus aliis rei familiares inopia et tenuis census discendi facultatem minuit. Quos tamen plene per hoc excusari minime posse credimus, cum plerosque fame siti nuditate laborantes ad scientiae fructum pertingere videamus. Et tamen aliud est

1. Sl 35,4.

PREFÁCIO

Há muitas pessoas que a própria natureza deixou tão desprovidas de capacidades, que têm dificuldade para entender até as coisas fáceis, e destas pessoas parece-me haver dois tipos.

Há alguns que, mesmo não ignorando os seus próprios limites, buscam o saber com tal afinco e insistem tão obstinadamente no estudo, que merecem obter, por obra da vontade, aquilo que não obteriam pela eficácia do estudo em si.

Mas há outros os quais, sentindo que nunca poderiam compreender as coisas altíssimas, desprezam também as coisas mínimas e, como que repousando em seu próprio torpor, tanto mais perdem a luz da verdade nas coisas sumas, quanto mais fogem das coisas mínimas que poderiam aprender. Por isso, o salmista diz: "Não quiseram entender, para não ter que agir retamente". Não saber e não querer saber são de longe duas coisas bem diversas. Não saber é questão de incapacidade, mas detestar o saber é perversidade da vontade.

Há um outro tipo de indivíduos, todavia, que a natureza dotou de engenho, oferecendo-lhes um acesso fácil para chegar à verdade. Nestes, todavia, mesmo havendo uma alta capacidade de engenho, nem em todos há a mesma virtude e a mesma vontade de educar a capacidade natural por meio de exercícios e de instrução. Com efeito, muitos destes, mergulhados mais do que o necessário nos afazeres e nas preocupações desta vida ou dados aos vícios e aos prazeres do corpo, sepultam na terra o talento recebido por Deus e não almejam obter dele nem o fruto da sabedoria nem os juros das boas obras. Estes são realmente muito detestáveis.

Em outras pessoas, ainda, a pobreza do patrimônio familiar e os recursos escassos dificultam a possibilidade de aprender. Achamos, todavia, que estes não podem ser minimamente desculpados, uma vez que vemos muitos os quais, mesmo sofrendo de fome, sede e nudez, alcançam o fruto do saber. Uma coisa é

cum non possis, aut ut verius dicam, facile non possis discere, atque aliud posse et nolle scire. Sicut enim gloriosius est, cum nullae suppetant facultates, sola virtute sapientiam apprehendere, sic profecto turpius est vigere ingenio, divitiis affluere, et torpere otio.

Duae praecipue res sunt quibus quisque ad scientiam instruitur, videlicet lectio et meditatio, e quibus lectio priorem in doctrina obtinet locum, et de hac tractat liber iste dando praecepta legendi.

Tria autem sunt praecepta magis lectioni necessaria: primum, ut sciat quisque quid legere debeat, secundum, quo ordine legere debeat, id est, quid prius, quid postea, tertium, quomodo legere debeat. De his tribus per singula agitur in hoc libro. Instruit autem tam saecularium quam divinarum scripturarum lectorem. Unde et in duas partes dividitur, quarum unaquaeque tres habet distinctiones. In prima parte docet lectorem artium, in secunda parte divinum lectorem. Docet autem hoc modo ostendendo primum quid legendum sit, deinde quo ordine et quomodo legendum sit.

Ut autem sciri possit quid legendum sit aut quid praecipue legendum sit, in prima parte primum numerat originem omnium artium deinde descriptionem et partitionem earum, id est, quomodo unaquaeque contineat aliam, vel contineatur ab alia, secans philosophiam a summo usque ad ultima membra. Deinde enumerat auctores artium et postea ostendit quae ex his videlicet artibus praecipue legendae sint. Deinde etiam quo ordine et quomodo legendae sint, aperit. Postremo legentibus vitae suae disciplinam praescribit, et sic finitur prima pars.

In secunda parte determinat quae scripturae divinae appellandae sint, deinde numerum et ordinem divinorum librorum et auctores eorum et interpretationes nominum. Postea agit de quibusdam proprietatibus divinae scripturae quae magis sunt necessariae. Deinde docet qualiter legere debeat sacram scripturam is qui in ea correctionem morum suorum et formam vivendi quaerit. Ad ultimum docet illum qui propter amorem scientiae eam legit, et sic secunda quoque pars finem accipit.

você não poder aprender, ou melhor, não poder com facilidade, outra coisa é poder e não querer aprender. Se é mais glorioso aprender a sabedoria somente por meio da virtude, sem dispor de possibilidade alguma, é certamente mais torpe possuir o engenho, abundar em riquezas, e entorpecer no ócio.

Existem principalmente duas coisas por meio das quais uma pessoa adquire conhecimentos, ou seja, a leitura e a meditação. Destas, a leitura detém o primeiro lugar na instrução, e dela se ocupa este livro, dando as regras do ler.

São três as regras mais necessárias para a leitura: *primeiro*, saber o que se deve ler; *segundo*, em que ordem se deve ler, ou seja, o que ler antes, o que depois; *terceiro*, como se deve ler. Neste livro se discorre sobre estas três regras, uma por uma. O livro dá instruções seja sobre as leituras profanas seja sobre a leitura dos textos sagrados. Por isso, ele se divide em duas partes, cada qual tendo três capítulos. Na primeira parte dá instruções ao leitor das artes, na segunda ao leitor dos livros divinos. O livro procede de modo a mostrar primeiro o que deve ser lido, depois em qual ordem e como se deve ler.

Para que se possa saber o que ler ou o que ler prioritariamente, na primeira parte o livro primeiro enumera a origem de todas as artes e depois apresenta a descrição e a divisão delas, ou seja, como cada uma contenha a outra ou é contida por outra, dividindo a filosofia do vértice até os últimos elementos. Em seguida, o livro enumera os inventores das artes e em seguida mostra quais destas artes merecem ser lidas com prioridade. E explica também em qual ordem e como devem ser lidas. Por fim, o livro prescreve aos leitores uma disciplina de vida, e assim termina a primeira parte.

Na segunda parte, o livro determina quais Escrituras devem ser chamadas divinas, e apresenta o número e a ordem dos livros sagrados, assim como os seus autores e as explicações dos nomes. Depois, trata de algumas peculiaridades mais importantes da Sagrada Escritura. Em seguida, ensina como deve ler a Sagrada Escritura aquele que procura nela a correção dos seus costumes e uma forma de vida. Por último, o livro instrui a pessoa que lê tais Escrituras por amor do saber, e assim termina também a segunda parte.

LIBER PRIMUS

Caput I: De Origine artium

Omnium expetendorum prima est sapientia, in qua perfecti boni forma consistit.

Sapientia illuminat hominem ut seipsum agnoscat, qui ceteris similis fuit cum se prae ceteris factum esse non intellexit.

Immortalis quippe animus sapientia illustratus respicit principium suum et quam sit indecorum agnoscit, ut extra se quidquam quaerat, cui quod ipse est, satis esse poterat. Scriptum legitur in tripode Apollinis: "gnoti seauton"[2], id est, "cognosce te ipsum", quia nimirum homo si non originis suae immemor esset, omne quod mutabilitati obnoxium est, quam sit nihil, agnosceret.

Probata apud philosophos sententia animam ex cunctis naturae partibus asserit esse compactam. Et *Timaeus* Platonis ex dividua et individua mixtaque substantia, itemque eadem et diversa, et ex utroque commixta natura, quo universitas designatur, entelechiam formavit.

2. Xenofonte, *Memorabilia* 4,2,24.

LIVRO I

CAPÍTULO 1: Da origem das artes

De todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a *Sapiência*, na qual reside a forma do bem perfeito[1].

A *Sapiência* ilumina o homem para que conheça a si mesmo, ele que, quando não sabe que foi feito acima das outras coisas, acaba achando-se semelhante a qualquer outra coisa[2].

A mente imortal do homem, iluminada pela *Sapiência*, se volta para o seu princípio, e percebe quanto é inconveniente ao homem procurar coisas fora de si, uma vez que poderia ser-lhe suficiente aquilo que ele próprio é. Lê-se, escrito na trípode de Apolo: *gnoti seauton*, ou seja, "conhece-te a ti mesmo". De fato, o homem que não esqueceu a sua origem sabe que é nada tudo aquilo que é sujeito à mutabilidade[3].

Uma convicção aceita entre os filósofos afirma que a alma é formada de todas as partes da natureza. E o *Timeu* de Platão diz que a *enteléquia* é formada de uma substância divisível, indivisível e uma mistura das duas, e de uma natureza idêntica e diversa e uma mistura das duas. E a tudo isso ele deu o nome de universo[4].

---

1. Esta *Sapiência*, da qual Hugo fala, é a Mente Divina, na qual o mundo e o homem foram pensados como numa forma, num molde, num arquétipo. A *Sapiência* não é algo, é Alguém. É a Segunda Pessoa da Trindade, o Logos e Pensamento de Deus. E é a forma perfeita de Deus bom como, pela criação, a forma boa do mundo e do homem. Nesta tradução, o termo latino *Sapientia* será traduzido por *Sapiência*, em itálico, toda vez que Hugo de São Vítor se refere à Mente de Deus, o Verbo, ao Pensamento Divino. O termo *sabedoria* não traduziria tal significado de *Sapientia* (cf. IV, 8).
2. Esta "iluminação", por parte da *Sapiência*, é um conceito fundamental na filosofia cristã para explicar o conhecimento e o autoconhecimento.
3. O autoconhecimento do homem se dá olhando dentro de si os traços da *Sapiência*, que é origem e princípio do homem. Não é fora de si, mas dentro de si que o homem se autoconhece. É mutável no homem a sua materialidade. É imutável, nele, a sua substância divina.
4. Em Platão o universo (enteléquia) é formado pela alma do mundo, elemento inteligível (o mesmo, indivisível) e pela matéria (o diverso, divisível). O Demiurgo, que é o Deus organizador do universo, não criador, empasta a matéria valendo-se das formas inteligíveis.

Ipsa namque "et initia et quae initia consequuntur"[3] capit, quia et invisibiles per intelligentiam rerum causas comprehendit, et visibiles actualium formas per sensuum passiones colligit, "sectaque in orbes geminos motum glomerat"[4], quia sive per sensus ad sensibilia exeat sive per intelligentiam ad invisibilia ascendat, ad seipsam rerum similitudines trahens regyrat, et hoc est quod cadem mens, quae universorum capax est, ex omni substantia atque natura, quo similitudinis repraesentet figuram, coaptatur.

Pythagoricum namque dogma erat similia similibus comprehendi, ut scilicet anima rationalis nisi ex omnibus composita foret, nullatenus omnia comprehendere posset, secundum quod dicit quidam:

> *"Terram terreno comprehendimus, aethera flammis,*
> *Humorem liquido, nostro spirabile flatu"*[5].

Nec tamen existimare debemus viros in omni rerum natura peritissimos hoc de simplici essentia sensisse, quod ulla se partium quantitate distenderet, sed, ut apertius mirabilem eius demonstrarent potentiam, dicebant ex omnibus naturis constare, "non secundum compositionem sed secundum compositionis rationem"[6].

Neque enim haec rerum omnium similitudo aliunde aut extrinsecus animae advenire credenda est, sed ipsa potius eam in se et ex se nativa quadam potentia et propria virtute capit. Nam sicut Varro in *Periphysion* dicit: "Non omnis varietas extrinsecus rebus accidit,

---

3. Calcidius, *Timaeus a Calcidio translatus commentarioque instructus* 52.
4. Boethius, *Anicii Manlii Boethii Philosophiae Consolatio* 3, m9.
5. Calcidius, *op. cit.*, 51.
6. Calcidius, *op. cit.*, 228.

A alma, com efeito, conhece os elementos e as coisas que derivam dos elementos, pois pela inteligência compreende as causas invisíveis das coisas, e pelas impressões dos sentidos recolhe as formas visíveis das coisas corpóreas. "Dividida, ela reúne o seu movimento em dois círculos", pois, seja que pelos sentidos ela se volte para as coisas sensíveis, seja que pela inteligência ascenda às coisas invisíveis, ela circula trazendo para si as semelhanças das coisas. Isto quer dizer que esta mente, que é capaz de captar todas as coisas, é formada de cada substância e natureza, para que possa representar em si a imagem das coisas semelhantes a ela[5].

Era uma afirmação pitagórica a de que os semelhantes são compreendidos pelos semelhantes, de maneira que, se a alma racional não fosse composta de todas as coisas, de modo algum ela poderia compreender todas as coisas. Neste sentido, alguém disse:

> *"Compreendemos a terra através das coisas terrenas,*
> *o fogo através daquilo que queima,*
> *o molhado através do líquido,*
> *aquilo que sopra através do nosso respiro".*

De modo algum, todavia, devemos pensar que os homens versados na natureza de cada coisa achassem que uma essência simples possa consistir de uma quantidade de partes. Para melhor evidenciar a potência da alma, eles esclareciam que ela era formada de todas as coisas "não segundo uma composição real, mas segundo uma composição virtual"[6].

Nem devemos crer que esta semelhança com todas as coisas venha à alma de outro lugar ou de fora, pois ela mesma possui esta semelhança por si e de dentro de si em força de uma certa qual potência nativa e de sua própria capacidade. De fato, como diz Varro no *Perifíseos*: "nem todas as mudanças ocorrem às coi-

---

5. Aqui Hugo estabelece um paralelo entre a alma do mundo platônica e a alma do homem na filosofia cristã. Esta alma conhece através do conhecimento sensível dos sentidos e do conhecimento inteligível da mente, em dois movimentos indicados como círculos circunscritos, cujo ponto de partida e chegada é a alma. Esta alma é um microcosmo, possuindo dentro de si "todas as coisas". De fato, as coisas e a alma têm, ambas, semelhanças com a *Sapiência*. Se B e C são semelhantes a A, B e C são semelhantes entre si. Por isso a alma é capaz de reconhecer e trazer para dentro de si, mediante o conhecimento, as semelhanças ou imagens de todas as coisas. Ela pode conhecer tudo.

6. A alma, sendo espiritual, é simples, não composta, não divisível como a matéria. A totalidade das coisas está dentro da alma virtualmente, não realmente.

ut necesse sit quidquid variatur, aut amittere aliquid quod habuit, aut aliquid aliud et diversum extrinsecus quod non habuit assumere". Videmus cum paries extrinsecus adveniente forma imaginis cuiuslibet similitudinem accipit. Cum vero impressor metallo figuram imprimit, ipsum quidem non extrinsecus, sed ex propria virtute et naturali habilitate aliud iam aliquid repraesentare incipit. Sic nimirum mens, rerum omnium similitudine insignita, omnia esse dicitur, atque ex omnibus compositionem suscipere, non integraliter, sed virtualiter atque potentialiter continere, et haec est illa naturae nostrae dignitas quam omnes aeque naturaliter habent, sed non omnes aeque noverunt. Animus enim, corporeis passionibus consopitus et per sensibiles formas extra semetipsum abductus, oblitus est quid fuerit, et, quia nil aliud fuisse se meminit, nil praeter quod videtur esse credit.

Reparamur autem per doctrinam, ut nostram agnoscamus naturam, et ut discamus extra non quaerere quod in nobis possumus invenire. "Summum igitur in vita solamen"[7] est studium sapientiae, quam qui invenit felix est, et qui possidet beatus.

Caput II: Quod studium sapientiae philosophia sit

"Primus omnium Pythagoras studium sapientiae philosophiam nuncupavit"[8], maluitque philosophos dici, nam antea sophos, id est, sapientes dicebantur.

---

7. Boethius, *op. cit.*, 3,1,2.

8. Boethius, *De institutione musica* 2,2.

sas a partir do exterior, como se fosse necessário que uma coisa só mude quando perdeu algo que possuía ou receba de fora alguma outra coisa que não tinha", como acontece, por exemplo, quando uma parede recebe a cópia de alguma imagem mediante uma forma que vem de fora. Mas, quando um impressor imprime uma figura no metal quente, este começa a representar uma outra coisa, não em virtude de algo que vem de fora, mas por sua própria força e capacidade natural. E assim se diz que a mente, cunhada com a semelhança de todas as coisas, é num certo sentido todas as coisas e é composta de todas as coisas, não em sentido efetivo, mas virtual e potencial[7]. E esta é a dignidade da nossa natureza, que todos têm igualmente, mas nem todos conhecem na mesma medida. O espírito, de fato, quando é adormecido sob o efeito das paixões corporais e arrastado para fora de si por obra das formas sensíveis, esquece o que ele foi, e, não lembrando de ter sido outra coisa, se acha como sendo apenas aquilo que ele parece ser[8].

Somos reerguidos pelo estudo, para que conheçamos a nossa natureza e aprendamos a não procurar fora de nós aquilo que podemos encontrar dentro de nós. A procura da *Sapiência* é, com efeito, "um grande conforto na vida". Quem a encontra é feliz, e quem a possui é beato.

CAPÍTULO 2: A filosofia é a procura da *Sapiência*

"Primeiro, entre todos, Pitágoras deu à procura da sabedoria o nome de filosofia", e ele preferiu ser chamado "filósofo", enquanto antes se falava simplesmente de *sóphoi*, ou seja, sábios.

---

7. Hugo acaba de dizer que a alma humana e a sua faculdade intelectiva ou mente possui dentro de si, por sua própria natureza e substância, não vinda ou acrescida de fora, a semelhança com todas as coisas e com a *Sapiência*, fato que permite o conhecimento. No capítulo 7 Hugo dirá que o homem é "cognatus" da natureza divina, isto é, cum-natus, com-nascido, cunhado. O conhecimento humano, no fundo, como é explicado no capítulo 2, é um movimento cognitivo inserido dentro do conhecimento maior que Deus tem de si mesmo!

8. A dignidade da natureza humana, constituída pela semelhança com a *Sapiência*, é corrompida pela ação das paixões, que arrastam o espírito em direção às coisas, afastando-o da *Sapiência*. A seguir, Hugo afirma a finalidade da leitura e do estudo: pela leitura e pelo estudo, que levam ao conhecimento ou "doutrina", o homem reconstitui dentro de si a semelhança com a *Sapiência*, como dirá também no capítulo 8. Este tema da corrupção e restauração da natureza humana é um tema fundamental do livro.

Pulchre quidem inquisitores veritatis non sapientes sed amatores sapientiae vocat, quia nimirum adeo latet omne verum, ut eius amore quantumlibet mens ardeat, quantumlibet ad eius inquisitionem assurgat, difficile tamen ipsam ut est veritatem comprehendere queat. Philosophiam autem "earum rerum, quae vere essent suique immutabilem substantiam sortirentur"[9], disciplinam constituit.

"Est autem philosophia amor et studium et amicitia quodammodo sapientiae, sapientiae vero non huius, quae in ferramentis quibusdam, et in aliqua fabrili scientia notitiaque versatur, sed illius sapientiae, quae nullius indigens, vivax mens et sola rerum primaeva ratio est. Est autem hic amor sapientiae, intelligentis animi ab illa pura sapientia illuminatio, et quodammodo ad seipsam retractio atque advocatio, ut videatur sapientiae studium divinitatis et purae mentis illius amicitia. Haec igitur sapientia cuncto animarum generi meritum suae divinitatis imponit, et ad propriam naturae vim puritatemque reducit. Hinc nascitur speculationum cogitationumque veritas, et sancta puraque actuum castimonia"[10].

"Quoniam vero humanis animis hoc excellentissimum bonum philosophiae comparatum est, ut viae filo quodam procedat oratio, ab ipsis animae efficientiis ordiendum est"[11].

Caput III: De triplici vi animae et solum hominem ratione praeditum

"Triplex omnino animae vis in vegetandis corporibus deprehenditur, quarum una quidem vitam solum corpori subministrat, ut nascendo crescat, alendoque subsistat. Alia

---

9. Boethius, *De institutione aritmetica* 1,1.
10. Boethius, *In Isagogen Commenta pr.* 1,3.
11. Boethius, *In Isagogen Commenta sec.* 1,1.

Com efeito, é bonito que ele chame os pesquisadores da verdade não sábios, mas amantes da sabedoria, pois a verdade total está tão escondida, que, por mais que a mente arda do seu amor, por mais que se empenhe na sua inquirição, é difícil chegar a entender a verdade como ela realmente é. E assim ele definiu a filosofia como a doutrina daquelas coisas que fossem verdadeiras e possuíssem uma substância imutável.

"A filosofia é, portanto, o amor, a procura, e uma certa amizade para com a *Sapiência*, mas não aquela sabedoria que se ocupa de tecnologias e de ciências produtivas, e sim aquela *Sapiência* que, não carecendo de nada, é mente viva e "única razão primordial das coisas". Este amor da *Sapiência* é uma iluminação do espírito inteligente por aquela pura *Sapiência*, e num certo sentido um retorno e um chamamento para si por parte daquela *Sapiência*, de modo a poder-se concluir que a procura da *Sapiência* é uma amizade com a divindade e com a sua mente pura[9]. E esta *Sapiência* transfere para todo tipo de almas o primor de sua divindade e as traz de volta para a sua própria força e pureza natural. Daqui nasce a verdade das especulações e dos pensamentos, assim como a compostura santa e pura dos atos"[10].

"Sendo que foi concedido aos espíritos humanos este bom excelentíssimo da filosofia, esta nossa exposição, que segue um certo fio condutor, deve começar pelas próprias capacidades da alma".

CAPÍTULO 3: Da tríplice potência da alma e como somente o homem é dotado de razão

Em geral, pode ser detectada uma potência tríplice da alma em sustentar os corpos. Uma confere ao corpo somente a vida, para que, nascendo, cresça e, alimentando-se, continue a viver. A segun-

---

9. No ato de filosofar, a Mente divina ilumina a mente do homem, para que este se recoloque na sua dimensão divina originária. Num certo sentido, o ato humano de filosofar é um ato do homem, mas é também um ato de Deus. O homem olha para a *Sapiência* e recupera a sua semelhança com Ela, a *Sapiência* ilumina o homem e recupera a integridade divina que tinha infundido nele, chamando-o para si. Deus ganha e o homem ganha. Por isso, a filosofia é um exercício de amizade entre a mente humana e a *Sapiência*.

10. Pela filosofia, a alma do homem recupera a sua pureza e força originária, pelas quais ficam garantidos os dois objetivos do filosofar: a verdade nos pensamentos e a ética nos atos.

vero sentiendi iudicium praebet. Tertia vi mentis et ratione subnixa est.

Quarum quidem primae id officium est, ut creandis, nutriendis alendisque corporibus praesto sit, nullum vero praestet rationis sensusve iudicium. Haec autem est herbarum atque arborum, et quidquid terrae radicitus affixum tenetur.

Secunda vero composita atque coniuncta est, ac primam sibi sumens, et in partem constituens varium de quibus potest capere, ac multiforme iudicium capit. Omne enim animal, quod sensu viget, idem et nascitur, et nutritur, et alitur. Sensus vero diversi sunt, et usque ad quinarium numerum crescunt ita quidquid tantum alitur, non etiam sentit, quidquid vero sentire potest, etiam alitur, ei prima quoque vis animae, nascendi scilicet atque nutriendi, probatur esse subiecta. Quibus vero sensus adest, non tantum eas rerum capiunt formas quibus sensibili corpore feriuntur praesente, sed abscedente quoque sensu sensibilibusque sepositis, cognitarum sensu formarum imagines tenent, memoriamque conficiunt, et prout quodque animal valet, longius breviusque custodit. Sed eas imaginationes confusas atque inevidentes sumunt, ut nihil ex earum coniunctione ac compositione efficere possint, atque idcirco meminisse quidem nec aeque omnia, amissam vero oblivionem recolligere ac revocare non possunt. Futuri vero his nulla cognitio est.

Sed vis animae tertia, quae secum priores alendi ac sentiendi trahit, hisque velut famulis atque obedientibus utitur, eadem tota in ratione est constituta, eaque vel in rerum praesentium firmissima conclusione, vel in absentium intelligentia, vel in ignotarum inquisitione versatur. Haec tantum humano generi praesto est, quae non solum sensus imaginationesque perfectas et non inconditas capit, sed etiam pleno actu intelligentiae, quod imaginatio suggessit, explicat atque confirmat. Itaque, ut dictum est, huic divinae naturae

da oferece a capacidade de discernimento mediante a percepção sensível. A terceira é dotada da força da mente e da razão[11].

A função da primeira potência é a de servir à criação, nutrição e crescimento dos corpos, sem nenhum discernimento da razão e dos sentidos. Esta força é a das ervas, das árvores, e de tudo aquilo que está afixado na terra pela raiz.

A segunda potência da alma, porém, é composta e agrupada, e, assumindo a primeira potência como parte de si, alcança um discernimento vário e multiforme sobre aquilo que consegue captar. Todo animal dotado de sentidos também nasce, é alimentado e cresce. Os sentidos são vários e chegam ao número de cinco, de modo que, se de um lado um ser que somente se alimenta não tem sensações, do outro lado um ser dotado de sensações também se alimenta, e isso demonstra que a primeira potência da alma, a de fazer nascer e nutrir, está sujeita à segunda. Os seres dotados de sentidos não captam somente aquelas formas que são percebidas na presença de um corpo sensível, mas, depois que termina a sensação e os objetos desaparecem, conservam as imagens das formas conhecidas na sensação, desenvolvem a memória delas e, segundo as capacidades de cada animal, mantêm-na por um tempo mais longo ou mais breve. Todavia, eles percebem estas imaginações de modo confuso e não evidente, e conseqüentemente não conseguem fazer nada através da conjunção e composição de tais imaginações, nem lembram de tudo, nem conseguem retomar e chamar de volta aquilo que foi esquecido. Do futuro eles não têm conhecimento algum.

Mas a terceira potência da alma, que traz consigo as duas anteriores, a da nutrição e a da sensação, e destas se serve como de servos obedientes, consiste toda na razão, e se ocupa ou da dedução a partir das coisas presentes ou do conhecimento das coisas ausentes ou da pesquisa das coisas desconhecidas. Esta terceira potência está dada somente ao gênero humano, e ela capta não somente sensações e imaginações perfeitas e fundamentadas, mas também explica e confirma com pleno ato da inteligência aquilo que a imaginação sugeriu. Para esta natureza divina,

---

11. A alma humana se mostra em três modos: o vegetativo, o sensitivo, o racional.

non ea tantum in cognitione sufficiunt, quae subiecta sensibus comprehendit, verum etiam ex sensibilibus imaginatione concepta, et absentibus rebus nomina indere potest, et quod intelligentiae ratione comprehendit, vocabulorum quoque positionibus aperit. Illud quoque ei naturae proprium est, ut per ea quae sibi nota sunt, ignota vestiget, et non solum unumquodque an sit, sed quid sit etiam, et quale sit, nec non et cur sit, oportet agnoscere.

Quam triplicem animae vim sola, ut dictum est, hominum natura sortita est, cuius animae vis intelligentiae motibus non caret, qua in his quattuor proprie vim rationis exercet. Aut enim aliquid an sit inquirit, aut si esse constiterit, quid sit addubitat. Quod, si etiam utriusque scientiam ratione possidet, quale sit unumquodque vestigat, atque in eo cetera accidentium momenta perquirit. Quibus cognitis, cur ita sit quaerit, et ratione nihilominus vestigat.

Cum igitur hic actus sit humani animi, ut semper in praesentium comprehensione, aut in absentium intelligentia, aut in ignotarum inquisitione atque inventione versetur, duo sunt in quibus omnem operam vis animae ratiocinantis impendit, unum quidem ut rerum naturas inquisitionis ratione cognoscat, alterum vero, ut ad scientiam prius veniat, quod post gravitas moralis exerceat"[12].

Caput IV: Quae res ad philosophiam pertineant

Sed ut video, "inextricabilem" iam ipso loquendi ordine "labyrinthum incidimus"[13], ubi nobis non perplexus sermo, sed res obscura difficultatem pariat. Quia enim de studio sapientiae loqui suscepimus, idque solis hominibus quodam naturae privilegio competere attestati sumus, consequenter nunc omnium humanorum actuum moderatricem quandam sapientiam posuisse videmur. Si enim brutorum animalium natura, quae nullo regitur rationis iudicio, motus suos

---

12. *Ibid.*, 1,1-2.

13. De Boethius, *Philosophiae Cons.* 3,12,30.

não é suficiente apenas conhecer as coisas sujeitas aos sentidos, mas também, concebida uma representação mental a partir das coisas sensíveis, ela pode dar o nome às coisas ausentes e explicar com aposições de vocábulos aquilo que ela compreende com a razão da inteligência. É próprio da natureza dela investigar as coisas desconhecidas a partir das coisas conhecidas, e isto exige conhecer de qualquer coisa não somente se é, mas também o que é, como é, e porque é.

Somente a natureza humana, como dissemos, recebeu esta tríplice potência da alma. E esta força da alma não carece dos movimentos da inteligência, pois exerce a força da razão exatamente em quatro funções. Ou pesquisa se uma coisa existe ou, se a sua existência foi constatada, pergunta o que ela é. E, se pela razão já possui o conhecimento destas duas coisas, investiga o que cada coisa é, e nisso inquire também os vários influxos dos acidentes. Conhecido tudo isso, ela pergunta por que a coisa é assim, e imediatamente investiga isto com a razão.

Sendo que a atividade do espírito humano consiste ou na compreensão contínua das coisas presentes, ou na inteligência das ausentes ou na pesquisa e descoberta das coisas desconhecidas, duas são as coisas às quais a força da alma pensante dedica todo o esforço: uma em conhecer as naturezas das coisas mediante o método da indagação, a outra em primeiro conhecer aquilo que depois a seriedade moral deve realizar.

CAPÍTULO 4. Quais coisas pertençam à filosofia

Mas me apercebo que, falando destas coisas, caímos num "labirinto inextricável", onde a dificuldade é causada não pelo discurso obscuro, mas pela obscuridade da matéria em discussão. Uma vez que começamos a falar da procura da *Sapiência*, e dissemos que isto compete somente aos homens por um certo privilégio da natureza, conseqüentemente agora parece que temos colocado uma certa *Sapiência* como guia de todos os atos humanos. Se, com efeito, a natureza dos animais brutos, que não é regida por nenhum juízo da razão, distende seus movimentos

secundum solas sensuum passiones diffundit, et in appetendo seu fugiendo aliquid non intelligentiae utitur discretione, sed caeco quodam carnis affectu impellitur, restat ut rationalis animae actus caeca cupiditas non rapiat, sed moderatrix semper sapientia praecedat. Quod si verum esse constiterit, iam non solum ea studia in quibus vel de rerum natura vel disciplina agitur morum, verum etiam omnium humanorum actuum seu studiorum rationes, non incongrue ad philosophiam pertinere dicemus. Secundum quam acceptionem sic philosophiam definire possumus: Philosophia est disciplina omnium rerum humanarum atque divinarum rationes plene investigans.

Nec movere debet quod supra diximus philosophiam esse amorem et studium sapientiae, non huius quae instrumentis explicatur ut est architectura, agricultura, et cetera huiusmodi, sed eius sapientiae "quae sola rerum primaeva ratio est"[14]. Potest namque idem actus et ad philosophiam pertinere secundum rationem suam, et ab ea excludi secundum administrationem, verbi gratia, ut de praesenti loquamur: agriculturae ratio philosophi est, administratio rustici. Praeterea, opera artificum, etsi natura non sint, imitantur tamen naturam, et sui exemplaris formam, quae natura est, qua imitantur, ratione exprimunt.

Vides iam qua ratione cogimur philosophiam in omnes actus hominum diffundere, ut iam necesse sit

---

14. Boethius, *In Isagogen* 1,3.

apenas segundo as sensações dos sentidos e não se utiliza de nenhum discernimento da razão na hora de desejar ou fugir de algo, movida como é por uma certa qual propensão cega da carne, deduz-se que os atos da alma racional não devam ser arrastados pela voracidade cega, mas sejam sempre precedidos por uma *Sapiência* moderadora. E se isto for verdade, afirmamos que propriamente pertencem à filosofia não somente aqueles estudos nos quais se discute ou a natureza das coisas ou a disciplina dos costumes, mas também as razões de todos os atos e esforços humanos. De acordo com este conceito, podemos definir a filosofia assim: a filosofia é a disciplina que investiga exaustivamente as razões de todas as coisas humanas e divinas.

Não devemos ficar surpresos pelo fato de termos dito anteriormente que a filosofia é o amor e a procura da *Sapiência*, não daquela que é exercida na tecnologia, como é a arquitetura, a agricultura e coisas parecidas, mas daquela *Sapiência* "que é a única razão primordial das coisas". O mesmo ato, com efeito, pode pertencer à filosofia em seus princípios teóricos, mas pode ser excluído dela em sua realização prática; por exemplo, para ficar no mesmo dado, a teoria racional da agricultura é coisa do filósofo, sua execução é coisa do camponês. Além disso, os trabalhos dos artífices, mesmo não sendo a natureza, todavia imitam a natureza, e expressam pela razão a forma do seu modelo, que é a natureza, através da qual imitam[12].

Você já pode ver por qual motivo somos obrigados a alargar a filosofia para todos os atos dos homens, de modo que já é ne-

---

12. Todos os atos humanos podem ser colhidos em duas dimensões: pensados e executados. Enquanto pensados, tem a ver com a filosofia, enquanto executados, pertencem à tecnologia. O artífice ou trabalhador, por exemplo, executa obras, e isto não pertence à filosofia; mas, enquanto pensa suas obras, ele conecta-se aos modelos vindos da natureza, imitando-os. Ora, a "natureza", como é explicado no capítulo 6, é o mundo divino supralunar, lugar das essências imortais criadas por Deus, sendo que a terra sublunar é "obra da natureza", criada e mortal. Imitando a natureza, o artífice está olhando para as essências divinas supralunares. Este ato é filosófico. Por esta razão, pela primeira vez na história, Hugo considera o trabalho humano como parte da filosofia, pois o trabalho possui uma dimensão filosófica quando é executado com os olhos voltados para os modelos divinos das obras humanas. O trabalho humano tem a ver com o Artífice da natureza, com a "razão única e primordial das coisas". Hoje temos outra visão do mundo supralunar; todavia, continua válido o conceito de que todo ato humano e toda obra produtiva podem ser pensados, também hoje, como tendo seu modelo na Mente Divina ou no Espírito do universo.

tot esse philosophiae partes quot sunt rerum diversitates, ad quas ipsam pertinere constiterit.

Caput V: De ortu theoricae, practicae, mechanicae

Omnium autem humanarum actionum seu studiorum, quae sapientia moderatur, finis et intentio ad hoc spectare debet, ut vel naturae nostrae reparetur integritas vel defectuum, quibus praesens subiacet vita, temperetur necessitas. Dicam apertius quod dixi.

Duo sunt in homine, bonum et malum, natura et vitium. Bonum quia natura est, quia corruptum est, quia minus est, exercitio reparandum est. Malum quia vitium est, quia corruptio est, quia natura non est, excludendum est. Quod si funditus exterminari non potest, saltem adhibito remedio temperandum est. Hoc est omnino quod agendum est, ut natura reparetur et excludatur vitium.

Integritas vero naturae humanae duobus perficitur, scientia et virtute, quae nobis cum supernis et divinis substantiis similitudo sola est. Nam homo, cum simplex natura non sit, sed gemina compactus substantia, secundum unam partem suam quae potior est, et, ut apertius id quod oportet dicam, quae ipse est, immortalis est. Secundum alteram vero partem quae caduca est, quae sola his, qui nisi sensibus fidem praestare nesciunt, cognita est, mortalitati et mutabilitati obnoxius est, ubi toties mori necesse est, quoties amittere id quod est. Et haec est ultima pars rerum, quae principium et finem habet.

Caput VI: De tribus rerum maneriis

Sunt namque in rebus alia quae nec principium habent nec finem, et haec aeterna nominantur, alia quae principium idem habent,

cessário haver tantas partes da filosofia, quantas são as diversidades das coisas, às quais, como ficou claro, ela se refere.

CAPÍTULO 5: Da origem da teórica, da prática, da mecânica

A finalidade e a intenção de todas as ações e esforços humanos, que são guiados pela *Sapiência*, devem mirar ou a restabelecer a integridade da nossa natureza ou a mitigar a fatalidade das privações, às quais a vida presente está sujeita. Explicarei mais claramente o que acabo de dizer.

Duas coisas existem no homem, o bem e o mal, a natureza original e a sua depravação. O bem, sendo que é a natureza originária, visto que se depravou, visto que ficou diminuto, deve ser restabelecido através do empenho pessoal. O mal, dado que é depravação, dado que é corrupção, sendo que não é a natureza originária, deve ser extirpado. E se não pode ser extirpado pela raiz, pelo menos deve ser reprimido com a aplicação de um remédio. Isto é exatamente aquilo que deve ser feito para que a natureza seja recuperada e o vício eliminado.

A integridade da natureza humana, por sinal, se realiza de duas maneiras, pelo conhecimento e pela virtude, e esta é a única semelhança que temos com as substâncias superiores e divinas. De fato o homem, dado que não é uma natureza simples mas é composto de duas substâncias, é imortal no que diz respeito a uma parte dele, que é a mais importante e que, é necessário dizê-lo mais explicitamente, é ele mesmo. No que diz respeito à outra parte, que é passageira, que é a única conhecida por aqueles que não sabem acreditar senão nos sentidos, o homem é sujeito à mortalidade e à mutabilidade, razão pela qual é necessário morrer todas as vezes que se perde aquilo que ele é. E esta é a última das coisas, aquela que tem um princípio e um fim.

CAPÍTULO 6: Dos três tipos de coisas

Entre as várias coisas há aquelas que não têm nem início nem fim, e estas são chamadas eternas, outras que têm um início, mas

sed nullo fine clauduntur, et dicuntur perpetua, alia quac et initium habent et finem, et haec sunt temporalia.

In primo ordine id constituimus cui non est aliud esse, et id quod est id est, cuius causa et effectus diversa non sunt, quod non aliunde sed a semetipso subsistere habet, ut est solus naturae genitor et artifex.

Illud vero cui aliud est esse, et id quod est, id est quod aliunde ad esse venit, et ex causa praecedente in actum profluxit, ut esse inciperet, natura est, quae mundum continet omnem; idque in gemina secatur: est quiddam quod a causis suis primordialibus, ut esse incipiat, nullo movente, ad actum prodit solo divinae voluntatis arbitrio, ibique immutabile omnis finis atque vicissitudinis expers consistit (eiusmodi sunt rerum substantiae quas Graeci ousias dicunt); et cuncta superlunaris mundi corpora, quae etiam ideo quod non mutentur, divina appellata sunt.

Tertia pars rerum est quae principium et finem habent, et per se ad esse non veniunt, sed sunt opera naturae, quae oriuntur super terram sub lunari globo, movente igne artifice, qui vi quadam descendit in res sensibiles procreandas.

De illis ergo dictum est: "Nihil in mundo moritur", eo quod nulla essentia pereat. Non enim essentiae rerum transeunt, sed formae.

não são limitadas por nenhum fim, e são ditas perpétuas, e outras que têm início e fim, e estas são as temporais.

Na primeira ordem situamos aquilo no qual não há diferença entre o "ser" e "aquilo que é", no qual a causa e o efeito não são duas coisas distintas, o qual possui o existir não em virtude de algo de fora, mas em virtude de si mesmo, como é o único pai e artífice da natureza[13].

Na segunda ordem está aquilo no qual o "ser" e "aquilo que é" são distintos, ou seja, aquilo que vem a existir em virtude de algo de fora e veio à realidade por ação de uma causa anterior para que iniciasse a existir, e isto é a *natureza*, que circunda o mundo inteiro. Ela se divide em duas partes: uma parte é aquilo que começa a existir em virtude de suas causas originárias e, sem o concurso de outra coisa, passa para a existência atual unicamente por decisão da vontade divina, e a partir daí continua imutável e livre de qualquer fim ou mudança (deste tipo são as essências das coisas que os gregos chamam *ousiai*); a outra parte são todos os corpos do mundo supralunar, os quais, pelo fato que não mudam, foram também chamados divinos.

A terceira categoria das coisas são aquelas que têm um início e um fim, e não vêm à existência por si mesmas, mas são *obras da natureza*, as quais nascem sobre a terra debaixo do globo lunar, sob o impulso do fogo artífice, que desce com uma certa qual força para produzir as coisas sensíveis[14].

Sobre a segunda categoria de coisas foi dito: "nada no mundo morre", e isto pelo fato que nenhuma essência perece. De fato, não são as essências das coisas que passam, mas as suas formas.

---

13. O "ser" é o existir de uma coisa e "aquilo que é" é a essência desta coisa, aquilo que uma coisa é. Em Deus, o existir e a essência são simultaneamente eternos. Nos outros seres, a essência deles está na Mente Divina, mas a existência depende de um ato de criação, podendo vir a existir ou não. Em Deus, portanto, o existir ("ser) e a essência ("aquilo que é") são idênticos, nos outros seres são distintos.

14. Como se vê, o termo "natureza" indica somente o mundo supralunar, no qual existem os espíritos ou essências, criadas diretamente por Deus, e os corpos supralunares, chamados divinos. O mundo sublunar, composto pelos quatro elementos ar, fogo, água, terra, chama-se "obra da natureza", isto é, veio à existência por obra do fogo artífice do mundo supralunar. O mundo supralunar tem princípio, porque foi criado, mas não tem fim, porque as essências são imortais. O mundo sublunar tem princípio e fim.

Cum vero forma transire dicitur, non sic intelligendum est, ut aliqua res existens perire omnino et esse suum amittere credatur, sed variari potius, vel sic fortassis ut quae iuncta fuerant, ab invicem separentur, vel quae separata erant, coniungantur, vel quae hic erant, illuc transeant, vel quae nunc erant, tunc subsistant, in quibus omnibus esse rerum nihil detrimenti patitur.

De his dictum est: "Omnia orta occidunt, et aucta senescunt"[15], eo quod cuncta naturae opera, sicut principium habent, ita etiam finis aliena non sunt. De illis dictum est: "De nihilo nihil, in nihilum nil posse reverti"[16], eo quod omnis natura et primordialem habet causam et subsistentiam perpetuam.

De his dictum est: "Et redit ad nihilum, quod fuit ante nihil", eo quod omne opus naturae sicut temporaliter ex occulta causa in actum profluit, ita eodem actu temporaliter destructo, eo unde venerat reversurum sit.

Caput VII: De mundo superlunari et sublunari

Hinc est quod mathematici mundum in duas partes diviserunt: in eam videlicet partem quae est a circulo lunae sursum, et in eam quae deorsum est. Et superlunarem mundum, eo quod ibi omnia primordiali lege consistant, naturam appellabant, sublunarem, opus naturae, id est superioris, quia omnium genera animantium, quae in eo vitalis spiritus infusione vegetantur, a superioribus per invisibiles meatus infusum nutrimentum accipiunt, non solum ut nascendo crescant, sed etiam ut alendo subsistant. Eundem etiam superiorem mundum tempus vocabant, propter cursum et motum siderum quae in eo sunt, inferiorem, temporalem, quia secundum motus superiores agitur. Item superlunarem, propter perpetuam lucis et quietis tranquillitatem, elysium,

---

15. Sallustius, *De bello iugurtino* 2,3.

16. Persius, *Saturae* 3,84.

E quando se diz que uma forma desaparece, não se quer dizer que uma coisa desapareça simplesmente e perca o seu ser, mas antes que ela muda, ou porque elementos que estavam juntos se separam uns dos outros ou porque coisas que estavam separadas agora são juntadas, ou porque as que estavam aqui passam para lá, ou, ainda, porque coisas que eram neste momento começam a existir em outro, e em todas elas o ser das coisas não sofre perda alguma.

Sobre esta segunda categoria das coisas foi também dito: "Nenhuma coisa vem do nada, e nenhuma coisa pode tornar-se simplesmente nada", pois a inteira natureza possui seja uma causa originária como uma subsistência perpétua.

Sobre as coisas da terceira categoria, porém, foi dito: "E voltou para o nada aquilo que antes era nada". Com efeito, cada obra da natureza, assim como veio à existência temporariamente em virtude de uma causa oculta, do mesmo modo, removido temporariamente o ato de existir, deverá voltar para o lugar de onde viera.

CAPÍTULO 7: Do mundo supralunar e sublunar

Em razão dessas diferenças os matemáticos dividiram o mundo em duas partes: uma que fica acima da órbita da lua, e outra que fica debaixo dela. E chamaram de "natureza" o mundo supralunar, porque lá todas as coisas subsistem em virtude de uma lei primordial, e chamaram o mundo sublunar de "obra da natureza", isto é, obra da parte superior, porque todo o gênero dos viventes, que no mundo sublunar são fortificados pela infusão de um espírito vital, recebem das essências superiores o alimento infuso através de percursos invisíveis, para que não somente nasçam e cresçam, mas também se alimentem e evoluam. E também apelidaram aquele mundo superior de "tempo", por causa do curso e do movimento das estrelas que lá se encontram, e chamaram o mundo inferior de "temporal", porque se move segundo os movimentos do mundo superior. Igualmente, nomeavam o mundo supralunar de "elísio", em virtude da perpétua tranqüilidade de luz e paz,

hunc autem propter inconstantiam et confusionem rerum fluctuantium, infernum nuncupabant.

Haec paulo latius prosecuti sumus ut ostendamus hominem, qua in parte mutabilitatis particeps est, in ea quoque necessitati esse obnoxium, in ea vero, qua immortalis est, divinitati esse cognatum. Ex quo colligi potest id quod supra dictum est, quod videlicet omnium humanarum actionum ad hunc finem concurrit intentio, ut vel divinae imaginis similitudo in nobis restauretur, vel huius vitae necessitudini consulatur, quae quo facilius laedi potest adversis, eo magis foveri et conservari indiget.

Caput VIII: In quo homo similis sit Deo

Duo vero sunt quae divinam in homine similitudinem reparant, id est, speculatio veritatis et virtutis exercitium. Quia in hoc homo Deo similis est, quod sapiens et iustus est, sed iste mutabiliter, ille immutabiliter et sapiens et iustus est.

Illarum vero actionum quae huius vitae necessitati deserviunt, trimodum genus est, primum, quod naturae nutrimentum administrat, secundum, quod contra molesta, quae extrinsecus accidere possunt, munit, tertium, quod contra iam illata praestat remedium.

Cum igitur ad reparandam naturam nostram intendimus, divina actio est, cum vero illi quod infirmum in nobis est necessaria providemus, humana. Omnis igitur actio vel divina est vel humana. Possumus autem non incongrue illam, eo quod de superioribus habeatur, intelligentiam appellare, hanc vero,

e nomearam o mundo inferior de "inferno", devido à inconstância e à confusão das coisas que mudam[15].

Nos detivemos um pouco mais sobre estas coisas para mostrar que o homem, na parte que é partícipe da mutabilidade, nesta é também sujeito à necessidade, mas ele, em sua parte imortal, é afim à divindade. Disto pode-se deduzir o que dissemos acima, isto é, que a finalidade de todas as ações humanas é direcionada para dois fins: 1) ou para que em nós seja reparada a imagem divina, 2) ou para que se proveja às necessidades desta vida, a qual, quanto mais pode ser danificada pelas adversidades, tanto mais precisa ser nutrida e conservada.

CAPÍTULO 8: Em que o homem é semelhante a Deus

Duas são as coisas que recuperam no homem a semelhança divina, e são elas: 1) a especulação da verdade e 2) o exercício da virtude. Pois o homem é semelhante a Deus quando é sábio e justo, ainda que o homem seja sábio e justo de maneira mutável, Deus de maneira imutável.

Quanto às ações que provêm às necessidades desta vida, há três tipos: o primeiro administra o alimento à natureza, o segundo fortalece contra as moléstias que podem vir de fora, o terceiro oferece remédio contra as moléstias já sofridas.

Quando, portanto, nos dedicamos a reparar a nossa natureza (divina), esta é uma ação divina, mas quando providenciamos as coisas necessárias àquela parte de nós que é fraca, esta é uma ação humana. Toda ação, portanto, é ou divina ou humana. Podemos apropriadamente chamar aquela de "inteligência", pelo fato de que se ocupa das coisas superiores, e esta de "ciência",

---

15. Era teoria antiga e medieval que entre o mundo supralunar e o sublunar havia fluidos que alimentavam este último. O homem, como se diz a seguir, é composto de dois elementos: pelo elemento pertencente ao mundo supralunar, o homem é imortal, pelo elemento pertencente ao mundo sublunar, ele é mortal. Todo este livro de Hugo, ao falar das artes, indica quais delas estão ordenadas ao elemento mortal do homem (cuidar das necessidades da vida) e quais ao elemento imortal (reparar em nós a imagem divina).

quia de inferioribus habetur, et quasi quodam consilio indiget, scientiam vocare.

Si igitur sapientia, ut supra dictum est, cunctas quae ratione fiunt moderatur actiones, consequens est iam ut sapientiam has duas partes continere, id est, intelligentiam et scientiam, dicamus.

Rursus intelligentia, quoniam et in investigations veritatis et in morum considerations laborat, eam in duas species dividimus, in theoricam, id est, speculativam, et practicam, id est, activam, quae etiam ethica, id est, moralis appellatur.

Scientia vero, quia opera humana prosequitur, congrue mechanica, id est, adulterina vocatur.

Caput IX: De tribus operibus

"Sunt etenim tria opera, id est, opus Dei, opus naturae, opus artificis imitantis naturam"[17].

Opus Dei est, quod non erat creare. Unde illud: "In principio creavit Deus caelum et terram"[18]. Opus naturae, quod latuit ad actum producere. Unde illud: "Producat terra herbam virentem"[19] etc. Opus artificis est disgregata coniungere vel coniuncta segregare. Unde illud: "Consuerunt sibi perizomata"[20].

---

17. Calcidius, *op. cit.*, 23.

18. Gn 1,1.

19. Gn 1,11.

20. Gn 3,7.

porque se ocupa das coisas inferiores e precisa de um certo qual conselho[16].

Se, portanto, a *Sapiência*, como dissemos acima, guia todas as ações feitas pelo homem racional, é lógico dizermos que a *Sapiência* abrange duas partes, isto é, 1) a inteligência e 2) a ciência.

A inteligência, por sua vez, dado que trabalha: a) na investigação da verdade e b) na reflexão sobre os costumes, é dividida em duas partes: 1) uma teórica, ou seja, especulativa, 2) a outra prática, ou seja, ativa, e esta se chama também ética, ou seja, moral.

A ciência, por outro lado, dado que realiza as ações humanas, apropriadamente é chamada mecânica, ou seja, adulterina[17].

CAPÍTULO 9: Das três obras

"Há, com efeito, três obras, isto é, 1) a obra de Deus, 2) a obra da natureza, 3) a obra do artífice que imita a natureza"[18].

A obra de Deus consiste em criar aquilo que não existia. Por isso foi escrito: "No início criou Deus o céu e a terra". A obra da natureza consiste em trazer para a realidade aquilo que estava escondido. Por isso foi escrito: "Produza a terra a erva verde", etc. A obra do artífice consiste em unir as coisas separadas e separar as coisas unidas. Por isso foi escrito: "Costuraram para si cinturas".

---

16. Esta divisão entre inteligência e ciência, a primeira dedicada à alma e a segunda ao corpo, é um motivo fundamental da filosofia cristã, e é ilustrada por inúmeros escritos durante os tempos. Relativamente à teoria do conhecimento, a inteligência, faculdade divina no homem, é apta a conhecer as coisas divinas, a ciência, mediante a razão, conhece as ciências naturais. Em geral, nos espiritualistas de ontem e hoje, permanece a distinção fundamental entre "intelecto ou inteligência" e "razão ou ciência ou lógica". A *Sapiência*, enquanto Mente Divina a ser procurada na filosofia, abrange, como se diz a seguir, seja a atividade divina do homem como sua atividade corporal no trabalho.

17. As ciências mecânicas, destinadas ao corpo, são chamadas "adulterinas", aqui e em outras passagens do livro, não no sentido pejorativo de "impróprias", mas no sentido de "imitativas", porque o trabalho do artífice "imita" a natureza, que, como dissemos, indica o mundo divino. Alguns textos medievais confundiam as etimologias gregas "mékos", adulterino, e "mekanikós", mecânico.

18. Relembremos que Deus cria a natureza, que é o mundo divino supralunar, e da natureza deriva o mundo sublunar, no qual Hugo insere o trabalho do homem como imitativo do mundo divino da natureza supralunar. O Mestre, aqui, está justificando a inserção do trabalho na dignidade filosófica, pela primeira vez na história.

Neque enim potuit vel terra caelum creare, vel homo herbam producere, qui nec palmum ad staturam suam addere potest.

In his tribus operibus convenienter opus humanum, quod natura non est sed imitatur naturam, mechanicum, id est, adulterinum nominatur, quemadmodum et clavis subintroducta mechanica dicitur.

Qualiter autem opus artificis imitetur naturam longum est et onerosum prosequi per singula. Possumus tamen exempli causa in paucis id demonstrare. Qui statuam fudit, hominem intuitus est. Qui domum fecit, montem respexit. Quia enim, ut ait propheta, "qui emittis fontes in convallibus, intra medium montium perstransibunt aquae"[21]. Eminentia montium aquas non retinet. Ita domus in altum quoddam cacumen levanda fuit, ut irruentium tempestatum molestias tuto excipere posset. Qui usum vestimentorum primus adinvenit, consideravit quod singula quaeque nascentium propria quaedam habeant munimenta quibus naturam suam ab incommodis defendunt. Cortex ambit arborem, penna tegit velucrem, piscem squama operit, lana ovem induit, pilus iumenta et feras vestit, concha testudinem excipit, ebur elephantem iacula non timere facit. Nec tamen sine causa factum est quod, cum singula animantium naturae suae arma secum nata habeant, solus homo inermis nascitur et nudus. Oportuit enim ut illis, quae sibi providere nesciunt, natura consuleret, homini autem ex hoc etiam maior experiendi occasio praestaretur, cum illa, quae ceteris naturaliter data sunt, propria ratione sibi inveniret. Multo enim nunc magis enitet ratio hominis haec eadem inveniendo quam habendo claruisset. Nec sine causa proverbium sonat quod:

"Ingeniosa fames omnes excuderit artes".

---

21. Sl 104,10.

Pois não pôde a terra criar o céu, nem o homem produzir ervas, ele que nem pode acrescentar um palmo à sua estatura.

Entre estas três obras, a obra do homem, que não é a natureza, mas imita a natureza, é convenientemente chamada de mecânica, isto é, adulterina, da mesma maneira que uma chave furtiva é dita mecânica[19].

A respeito de como o trabalho do artífice imita a natureza, seria longo e oneroso expô-lo em detalhes. A título de exemplo, porém, podemos demonstrá-lo com poucas palavras. O artífice que fundiu a estátua, observou o homem. Aquele que fez a casa olhou a montanha, pois, como diz o profeta: "Tu fazes jorrar as fontes nos vales e as águas escorrerão entre os montes". As cristas das montanhas não seguram as águas. E assim, a casa teve que ser levantada até o alto da cumeeira, para que pudesse suportar com segurança os riscos das violentas tempestades. Quem, primeiro, inventou o uso de vestimentas, observou que todas as espécies daqueles que nascem possuem cada qual algumas proteções próprias, com as quais defendem a sua própria natureza contra os incômodos. A casca abraça a árvore, a pluma protege o pássaro, a escama cobre o peixe, a lã aquece a ovelha, o pêlo veste os jumentos e as feras, a concha acolhe a tartaruga, o marfim não deixa o elefante temer as lanças. E não foi sem razão que, enquanto cada um dos seres animados possui por nascença as armas de sua própria natureza, somente o homem nasce sem armas e nu. Foi conveniente, portanto, que a natureza provesse àqueles que não conseguem prover a si mesmos, enquanto ao homem foi reservada uma maior oportunidade de experimentar, ao ter que encontrar para si com a razão aquilo que aos outros é dado naturalmente. Muito mais brilha a razão do homem inventando estas mesmas coisas, de quanto teria resplandecido se já as tivesse. Não sem razão o provérbio reza que

"a fome engenhosa forjou todas as artes".

---

19. A chave furtiva é a cópia ou "imitação" daquela chave, com a qual o adúltero entra no aposento do pecado. O conceito sobre o qual se insiste não é o da desautorização das ciências mecânicas, mas o da "imitação".

Hac equidem ratione illa quae nunc excellentissima in studiis hominum vides, reperta sunt. Hac eadem pingendi, texendi, sculpendi, fundendi, infinita genera exorta sunt, ut iam cum natura ipsum miremur artificem.

Caput X: Quid sit natura

Quia vero iam toties naturam nominavimus, licet, ut ait Tullius, "naturam definire difficile sit"[22], non tamen huius vocabuli significatio omnino silentio praetereunda videtur. Neque, quia non omnia quae volumus dicere possumus, id quod possumus tacere debemus.

Plura veteres de natura dixisse inveniuntur, sed nihil ita ut non aliquid restare videatur. Quantum tamen ego ex eorum dictis conicere possum, tribus maxime modis huius vocabuli significatione uti solebant, singulis suam definitionem assignando.

Primo modo per hoc nomen significare voluerunt illud archetypum exemplar rerum omnium, quod in mente divina est, cuius ratione omnia formata sunt, et dicebant naturam esse uniuscuiusque rei primordialem causam suam, a qua non solum esse sed etiam talis esse habeat. Huic significationi talis definitio assignatur: "Natura est quae unicuique rei suum esse attribuit".

Secundo modo naturam esse dicebant proprium esse uniuscuiusque rei. Cui significationi talis definitio assignatur: "Natura unamquamque rem informans propria differentia dicitur"[23]. Secundum quam significationem dicere solemus: "Natura est omnia pondera

---

22. Cícero, *Rhetorici libri duo qui vocantur de inventione* 1,24,34.
23. Boethius, *Contra Eutychen* 1.

É por esta razão que foram descobertas todas aquelas coisas excelentíssimas que você vê nos esforços dos homens. Por esta mesma razão nasceram infinitas maneiras de pintar, tecer, esculpir, fundir, para que, admirando a natureza, admiremos o próprio artífice.

CAPÍTULO 10: O que é a natureza

Uma vez que já nomeamos tantas vezes a natureza, parece-nos que o significado desta palavra não deve ser preterido sob silêncio, ainda que, como diz Túlio, "seja difícil definir a natureza". Mesmo não podendo dizer tudo o que queremos, não devemos silenciar aquilo que podemos dizer.

Encontram-se muitas noções nos antigos sobre a natureza, mas não tantas que não pareça restar algo a ser ainda dito. Pelo que eu posso deduzir das palavras deles, costumavam utilizar o significado deste vocábulo, sobretudo, de três modos, dando a cada um uma definição própria[20].

Num primeiro modo, com esta palavra quiseram significar aquele modelo arquetípico de todas as coisas que reside na mente divina, por cuja essência todas as coisas foram formadas, e diziam que a natureza era a causa primordial de cada coisa, da qual esta coisa recebia não apenas o existir, mas também a essência. A tal significação é aplicada esta definição: "A natureza é aquela que atribui a cada coisa o seu ser"[21].

Num segundo modo diziam que a natureza era o próprio ser de cada coisa. E a este significado aplicavam a seguinte definição: "A Natureza é a própria diferença que enforma cada coisa". E neste sentido costumamos dizer: "A Natureza é todos os pesos pender

---

20. Como se verá, das três definições recolhidas, somente a terceira corresponde ao significado de "natureza" utilizado até aqui por Hugo: a natureza é um fogo artífice vindo do mundo supralunar, sobretudo do sol, pelo qual os 4 elementos do mundo sublunar são produzidos.

21. Segundo esta definição, a natureza é a própria Mente Divina, razão, forma e arquétipo de todas as coisas.

ad terram vergere, levia alta petere, ignem urere, aquam humectare".

Tertia definitio talis est: "Natura est ignis artifex, ex quadam vi procedens in res sensibiles procreandas"[24]. Physici namque dicunt, omnia ex calore et humore procreari. Unde Vergilius Oceanum patrem[25] appellat et Valerius Soranus in quodam versu de Iove in significatione ignis aetherei dicit:

Iuppiter omnipotens rerum regumque repertor,
Progenitor genitrixque deum verum unus et idem.

Caput XI: De ortu logicae

Postquam igitur theoricae et practicae et mechanicae ortum demonstravimus, superest logicae quoque originem investigare, quam idcirco ultimam annumero quia postremo inventa est. Ceterae prius repertae fuerant, sed necesse fuit logicam quoque inveniri, quoniam nemo de rebus convenienter disserere potest, nisi prius recte et veraciter loquendi rationem agnoverit. Nam sicut dicit Boethius: Cum primitus antiqui circa naturas rerum et morum qualitates investigandas operam impenderent, necesse fuit saepe falli eos, quia vocum et intellectuum discretionem non habebant, "ut in multis evenit Epicuro, qui atomis mundum consistere putat et honestum voluptatem mentitur. Hoc autem idcirco huic atque aliis accidisse manifestum est, quoniam per imperitiam disputandi, quidquid ratiocinatione comprehenderant, hoc in res quoque ipsas evenire arbitrabantur. Hic vero magnus est error. Neque enim sese res ut in numeris, ita etiam in ratiocinationibus habent. In numeris enim quidquid in digitis recte computantis evenerit, id sine dubio in res quoque ipsas evenire necesse est, ut si ex calculo centum contigerit, centum quoque res illi numero subiectas esse necesse est.

---

24. Cicero, *De natura deorum* 2,57.

25. Vergilius, *Georgica* 4,382.

para a terra, as coisas leves tender para o alto, o fogo queimar, a água umedecer"[22].

A terceira definição é esta: "A Natureza é o fogo artífice, propenso, por uma certa força, a produzir as coisas sensíveis". Os físicos, de fato, dizem que tudo é criado pelo calor e pela umidade. Razão pela qual Virgílio chama o oceano de "pai", e Valério Sorano diz num certo verso a propósito de Júpiter em sentido de fogo etéreo:

"Júpiter onipotente, criador das coisas e dos reis,
Progenitor e genitor dos deuses, realmente um e o mesmo".

CAPÍTULO 11: Da origem da lógica

Tendo demonstrado a origem da teórica, da prática e da mecânica, resta-nos investigar a origem da lógica que enumero em último lugar porque foi ordenada por último. As outras ciências foram organizadas antes, mas foi necessário que também a lógica fosse explicitada, porque ninguém pode discutir apropriadamente sobre as coisas se antes não conheceu a maneira de falar corretamente e verdadeiramente. Neste sentido, Boécio diz: Quando os antigos pela primeira vez se dedicaram a investigar a natureza das coisas e as qualidades dos costumes, inevitavelmente tiveram de enganar-se freqüentemente, porque não detinham a distinção das palavras e dos conceitos, "como amiúde aconteceu a Epicuro, que considera o mundo constituído de átomos e se equivoca ao considerar a volúpia como sendo algo honesto. É claro que isto aconteceu a ele e a outros exatamente porque, dada a imperícia em discutir, achavam que tudo quanto concebiam na mente acontecia também nas próprias coisas. E este é um erro realmente grande. As coisas não se comportam nos raciocínios do mesmo modo que nos números. Nos números, de fato, tudo aquilo que é computado corretamente nos dedos, isto sem dúvida deve acontecer nas coisas, como quando, se de um cálculo se chegou a cem, a este número devem necessariamente corresponder cem coisas.

---

22. Esta segunda definição coincide com o conceito moderno, pelo qual a natureza de uma coisa é o conjunto de suas qualidades específicas.

Hoc vero non aeque in disputatione servatur. Neque enim quidquid sermonum decursus invenerit, id in natura fixum tenetur. Quare necesse est falli, qui abiecta scientia disputandi, de rerum natura perquirerent. Nisi enim prius ad scientiam venerit, quae ratiocinatio veram teneat semitam disputandi, quae verisimilem, et agnoverit quae fida, quae possit esse suspecta, rerum incorrupta veritas ex ratiocinatione non potest inveniri.

Cum igitur veteres saepe multis lapsi erroribus, falsa quaedam sibi et contraria in disputatione colligerent, atque id fieri impossibile videretur, ut de eadem re contraria conclusione facta, utraque essent vera, quae sibi dissentiens ratiocinatio conclusisset, cuive ratiocinationi credi oporteret, esset ambiguum, visum est prius disputationis ipsius veram atque integram considerare naturam. Qua cognita, tum illud quoque, quod per disputationem inveniretur, an vere comprehensum esset, posset intelligi. Hinc igitur profecta logicae peritia disciplinae, quae disputandi modos atque ipsas ratiocinationes internoscendi vias parat, ut quae ratiocinatio nunc quidem vera, nunc autem falsa, quae vero semper falsa, quae numquam falsa possit agnosci"[26].

Haec tempore quidem postrema est, sed ordine prima. Haec enim incohantibus philosophiam prima legenda est, propterea quod in ea docetur vocum et intellectum natura, sine quibus nullus philosophiae tractatus rationabiliter explicari potest.

Logica dicitur a Graeco logos, quod nomen geminam habet interpretationem. Dicitur enim logos sermo sive ratio, et inde logica sermocinalis sive rationalis scientia dici potest. Logica rationalis, quae dissertiva dicitur, continet dialecticam et rhetoricam. Logica sermocinalis genus est ad grammaticam, dialecticam atque rhetoricam, et continet sub se dissertivam. Et haec est logica sermocinalis, quam quartam post theoricam, practicam, mechanicam annumeramus.

---

26. Boethius, *In Isagogen sec.* 2.

O mesmo não se observa nas disputas. De fato, aquilo que o encadeamento dos argumentos conclui, nem sempre se mantém constante na natureza. Por esta razão com certeza estão fadados ao erro aqueles que pesquisam a natureza das coisas, mas desprezam a ciência da disputa. Se antes não se conhece qual raciocínio garante o caminho verdadeiro da disputa, qual garante apenas a verossimilhança, se não se conhece qual raciocínio pode ser confiável, qual pode ser suspeito, aí a verdade incorrupta das coisas não pode ser alcançada pelo raciocínio.

Os antigos, caídos freqüentemente em muitos erros, dado que colhiam nas disputas algumas conclusões falsas e em si contraditórias, e lhes parecia impossível acontecer que, dadas duas conclusões contrárias sobre a mesma coisa, as duas fossem verdadeiras, e dado que a eles não estava claro qual raciocínio levasse a conclusões discordantes das premissas e a qual raciocínio se pudesse crer, consideraram oportuno, como primeira coisa, preocupar-se com a natureza verdadeira e íntegra do próprio raciocínio. Tendo-a conhecida, aí era possível também entender se o resultado das disputas estava sendo compreendido de maneira verdadeira. Daí deu-se a perícia avançada da disciplina lógica, que possibilita discernir os vários modos de discutir e os próprios silogismos, de modo a poder-se saber qual raciocínio é ora verdadeiro ora falso, qual é sempre falso e qual nunca é falso".

A lógica, portanto, é última no tempo, mas primeira na fila. Ela é a primeira a dever-se estudar pelos iniciantes na filosofia, pois nela é ensinada a natureza das palavras e dos conceitos, sem os quais nenhum tratado de filosofia pode ser explicado de maneira racional.

A lógica vem do grego *logos*, nome que possui duas acepções. *Logos* pode significar "discurso" ou "razão", e por isso a lógica pode ser dita ciência do discurso ou ciência da razão. A lógica racional que se diz argumentativa, abrange a dialética e a retórica. A lógica do discurso é um gênero relacionado com a gramática, a dialética e a retórica e contém sob si a argumentativa. É esta lógica do discurso que incluímos como quarta parte da filosofia, depois da teórica, prática e mecânica.

Nec putandum est ideo logicam, id est, sermocinalem dici, quod ante eius inventionem nulli fuerint sermones, et quasi homines mutuas locutiones prius non habuerint. Erant prius et sermones communes et litterae, sed nondum ratio sermonum et litterarum in artem redacta fuerat. Nulla adhuc recte loquendi vel disputandi praecepta data erant. Omnes enim scientiae prius erant in usu quam in arte. Sed considerantes deinde homines usum in artem posse converti et quod vagum fuerat et licentiosum prius certis regulis et praeceptis posse restringi, coeperunt, ut dictum est, consuetudinem quae partim casu, partim natura exorta fuerat, ad artem reducere, id quod pravum usus habebat emendantes, quod minus habebat supplentes, quod superfluum habebat resecantes, et de cetero singulis certas regulas et praecepta praescribentes.

Huiusmodi fuit origo omnium artium; hoc per singula currentes verum invenimus. Priusquam esset grammatica et scribebant et loquebantur homines. Priusquam esset dialectica, ratiocinando verum a falso discernebant. Priusquam esset rhetorica iura civilia tractabant. Priusquam esset arithmetica, scientiam numerandi habebant. Priusquam esset musica, canebant. Priusquam esset geometria, agros mensurabant. Priusquam esset astronomia, per cursus stellarum discretiones temporum capiebant. Sed venerunt artes, quae licet ab usu principium sumpserint, usu tamen meliores sunt.

Hic locus esset exponere qui fuerint singularum artium inventores, quando extiterint aut ubi, aut quomodo per eos disciplinae exordium sumpserint, sed volo quadam prius philosophiae divisione singulas a se invicem discernere. Oportet ergo breviter recapitulare quae supradicta sunt, ut facilior fiat transitus ad sequentia.

Quattuor tantum diximus esse scientias, quae reliquas omnes continent, id est, theoricam, quae in speculatione veritatis laborat, et practicam, quae morum disciplinam considerat, et mechanicam, quae huius vitae actiones dispensat, logicam quoque, quae recte loquendi et acute disputandi scientiam praestat.

Mas não se deve pensar que esta lógica é denominada ciência do discurso, como se antes da sua organização não houvesse discursos, como se antes os homens não tivessem conversas recíprocas. Anteriormente existiam, sim, discursos comuns e escritos, mas as leis dos discursos e das escritas ainda não tinham sido organizadas numa arte. Não havia regra nenhuma do falar e disputar corretamente. Todas as ciências existiam no uso antes de existir como disciplinas. Mas os homens, considerando que o uso cotidiano pode ser transformado em arte e considerando, outrossim, que podia ser amarrado em certas regras e princípios aquilo que antes fora vago e arbitrário, começaram, como dissemos, a organizar em arte o costume nascido um pouco por acaso e um pouco por necessidade, corrigindo aquilo que era usado mal, aumentando aquilo que era pouco, cortando aquilo que era supérfluo, e, quanto ao resto, dando a cada caso regras certas e preceitos.

Assim foi a origem de todas as artes; e encontramos esta verdade percorrendo caso por caso. Assim, antes que existisse a gramática, os homens escreviam e falavam. Antes que existisse a dialética, eles distinguiam o verdadeiro do falso. Antes que existisse a retórica, eles tratavam dos direitos civis. Antes que existisse a aritmética, eles sabiam contar. Antes que existisse a música, cantavam. Antes que existisse a geometria, mediam os campos. Antes que existisse a astronomia, captavam os ritmos dos tempos através dos cursos das estrelas. E aí vieram as artes, as quais, bem que derivadas do uso, são melhores que o uso.

Aqui seria o lugar de expor quais foram os inventores de cada arte, quando viveram e onde, ou como através deles as disciplinas iniciaram-se. Mas, antes, quero, através de uma certa qual divisão da filosofia, distinguir as artes uma da outra. É oportuno, portanto, recapitular tudo quanto foi dito até agora, para que se torne mais fácil a passagem para o argumento seguinte.

Dissemos que as ciências são somente quatro, que abrangem todas as outras, e são 1) a teórica, que trata da investigação da verdade, 2) a prática, que estuda a disciplina dos costumes, 3) a mecânica, que ordena as ações desta vida, e enfim 4) a lógica, que ensina a falar corretamente e a disputar agudamente.

Hic itaque non absurde ille quaternarius animae intelligi potest, quem ob reverentiam sui antiqui in ius iurandum asciverant. Unde et illud dictum est:

"Per qui nostrae animae numerum dedit ille quaternum"[27].

Hae qualiter sub philosophia contineantur, et rursum quas sub se contineant, repetita breviter definitione philosophiae ostendemus.

---

27. Macrobius, *Commentarium in Somnium Scipionis* 1,6,41.

Devido a isso, não é absurdo poder-se entender aquele número "quatro" da alma, que os antigos, com reverência ao quatro, acolheram no juramento. Dizia-se:

"Por aquele que deu à nossa alma o número quatro".

E agora, após ter repetido brevemente a definição de filosofia, mostraremos como estas ciências estão compreendidas na filosofia, e quais, por sua vez, elas contenham sob si.

LIBER SECUNDUS

Caput I: De discretione artium

"Philosophia est amor sapientiae, quae nullius indigens, vivax mens et sola rerum primaeva ratio est"[28]. Haec definitio magis ad etymologiam nominis spectat. Philos enim Graece, amor dicitur Latine, sophia, sapientia, et inde philosophia tracta est, id est amor sapientiae. Quod autem additur, "quae nullius indigens, vivax mens, et sola rerum primaeva ratio est", divina sapientia significatur, quae propterea nullius indigere dicitur, quia nihil minus continet, sed semel et simul omnia intuetur praeterita, praesentia et futura. "Vivax mens" idcirco appellatur quia quod semel in divina fuerit ratione nulla umquam oblivione aboletur. "Primaeva ratio rerum est" quia ad eius similitudinem cuncta formata sunt.

Dicunt quidam quod illud unde agunt artes semper maneat. Hoc ergo omnes artes agunt, hoc intendunt, ut divina similitudo in nobis reparetur, quae nobis forma est, Deo natura, cui quanto magis conformamur tanto magis sapimus. Tunc enim in nobis incipit relucere, quod in eius ratione semper fuit, quodque in nobis transit, apud illum incommutabile consistit.

Aliter: "Philosophia est ars artium, et disciplina disciplinarum"[29], id est, ad quam omnes artes et disciplinae spectant. Ars dici potest scientia, quae "artis praeceptis regulisque consistit"[30],

---

28. Boethius, *In Isagogen pr.* 1,3.

29. Cassiodorus, *Institutiones* 2,3,5; Isidorus, *Etymologiae* 2,24,9.

30. Isidorus, *Etymologiae* 1,1,2.

LIVRO II

CAPÍTULO 1: Da diferença das artes

"A filosofia é o amor à *Sapiência*, que, não carecendo de nada, é mente viva e única razão primordial das coisas". Esta definição se refere, sobretudo, à etimologia do termo. De fato, o grego *philos* em latim se diz *amor*, e o grego *Sophía* em latim é *Sabedoria*, e disto foi composta a palavra *filosofia*, isto é, *amor à Sabedoria*. A especificação "que, não carecendo de nada, é mente viva e única razão primordial das coisas" aplica-se à *Sapiência* divina, da qual se diz que não carece de nada, pois ela contém nada de incompleto, mas conhece de uma vez por todas e simultaneamente a totalidade das coisas passadas, presentes e futuras. Ela é chamada "mente viva" porque aquilo que esteve só uma vez na mente divina não será cancelado por nenhum esquecimento. Ela é "razão primordial das coisas" porque todas as coisas foram formadas semelhantes a ela[23].

Alguns dizem que aquilo de que as artes se ocupam fica válido para sempre. De fato, isto todas as artes fazem, a isto se ordenam, a que seja reparada em nós a semelhança divina, que para nós é uma forma e para Deus é sua própria natureza, e quanto mais a ela nos conformamos, tanto mais sabemos. E aí começa a resplandecer em nós aquilo que sempre esteve na mente de Deus, aquilo que em nós é passageiro mas nele permanece imutável.

Outra definição: "A filosofia é a arte das artes e a disciplina das disciplinas", isto é, aquela para a qual todas as artes e disciplinas olham. Pode ser denominado *arte* aquilo que "consiste

---

23. Relembremos, como foi anotado no começo do Livro I, que o termo latino *Sapientia* é traduzido aqui por *Sapiência*, por tratar-se não da *sabedoria* em sentido grego ou moderno, mas da Mente Divina, do Verbo, como se depreende expressamente do texto. Esta *Sapiência*, de fato, é "mente viva" e "razão primordial das coisas"; ela "conhece a totalidade das coisas passadas, presentes e futuras" e "todas as coisas foram formadas semelhantes a ela". Por isso, conforme a primeira frase do *Da arte de ler*, nela reside a *forma* das coisas formadas no mundo, entre estas, a mente humana. A mente humana é "cunhada" da Mente Divina, daí ser o conhecimento filosófico uma "amizade" entre as duas e uma espécie de retorno da Mente Divina, exteriorizada na mente humana e nas coisas, para si mesma.

ut est in scriptura, "disciplina, quae dicitur plena"[31], ut est in doctrina. Vel ars dici potest, "quando aliquid verisimile atque opinabile tractatur", disciplina, quando de "his, quae aliter se habere non possunt, veris disputationibus aliquid disseritur. Quam differentiam Plato et Aristoteles esse voluerunt inter artem et disciplinam"[32]. Vel ars dici potest, quod fit in subiecta materia et explicatur per operationem, ut architectura, disciplina vero, quae in speculatione consistit et per solam explicatur ratiocinationem, ut logica.

Aliter: "Philosophia est meditatio mortis, quod magis convenit Christianis, qui saeculi ambitione calcata, conversatione disciplinali, similitudine futurae patriae vivunt"[33].

Aliter: "Philosophia est disciplina omnium rerum divinarum atque humanarum rationes probabiliter investigans"[34]. Sic omnium studiorum ratio ad philosophiam spectat. Administratio non omnis philosophica est, et ideo philosophia aliquo modo ad omnes res pertinere dicitur.

Philosophia dividitur in theoricam, practicam, mechanicam et logicam. Hae quattuor omnem continent scientiam. Theorica interpretatur speculativa; practica, activa, quam alio nomine ethicam, id est, moralem dicunt, eo quod mores in bona actione consistent; mechanica, adulterina, quia circa humana opera versatur; logica, sermocinalis, quia de vocibus tractat. Theorica dividitur in theologiam, mathematicam et Physicam. Hanc divisionem Boethius facit aliis verbis, theoricen secans in intellectibilem et intelligibilem et naturalem, per intellectibilem significans theologiam, per intelligibilem, mathematicam, per naturalem, physicam. Denique intellectibile ita definit.

Caput II: De theologia

"Intellectibile est quod unum atque idem per se in propria semper divinitate consistens, nullis umquam sensibus, sed sola tantum mente intellectuque capitur. Quae

---

31. Isidorus, *Etymologiae* 1,1,1; Cassiodorus, *Institutiones* 2,2,17.

32. Isidorus, *Etymologiae* 1,1,3.

33. Isidorus, *Etymologiae* 2,24,9; Cassiodorus, *Institutiones* 2,3,5.

34. Isidorus, *Etymologiae* 1,13,5-7.

das regras e dos preceitos de uma arte", como é o escrever, e *disciplina* uma ciência "considerada completa", como na matemática. Ou pode-se falar de *arte* "quando é tratado algo verossímil ou opinável" e de *disciplina* quando "se discute algo com argumentações verdadeiras sobre coisas que não podem comportar-se diversamente. Esta diferença entre arte e disciplina foi estabelecida por Platão e Aristóteles". Ou pode ser chamado *arte* aquilo que é operado na matéria inerte e é realizado mediante operações, como é o caso da arquitetura, enquanto a *disciplina* é aquela que consiste na investigação e se realiza exclusivamente no raciocínio, como é a lógica.

Outra definição: "A filosofia é a meditação da morte, coisa que convém sobretudo, aos cristãos, os quais, desprezada a ambição terrena, vivem num estilo de vida disciplinado, à semelhança da pátria futura".

Outra definição: "A filosofia é a disciplina que investiga com provas plausíveis as razões de todas as coisas divinas e humanas". E assim, a razão teórica de todas as atividades humanas é de competência da filosofia. Mas nem toda atividade prática é filosófica, e por isso dizemos que a filosofia diz respeito a todas as coisas "sob um certo aspecto".

A filosofia se divide em teórica, prática, mecânica e lógica. Estas quatro abarcam todo o saber. A teórica é considerada especulativa. A prática é considerada ativa, e é chamada, com outro nome, ética, isto é, moral, porque a moralidade consiste na boa ação. A mecânica é chamada adulterina[24], porque trata dos trabalhos humanos. A lógica é ciência do discurso porque trata das palavras. A teórica se divide em teologia, matemática e física. Boécio faz esta divisão com outras palavras, dividindo a teórica em intelectível, inteligível e natural, significando com *intelectível* a teologia, com *inteligível* a matemática, e com *natural* a física. Logo depois ele define o intelectível da seguinte maneira:

CAPÍTULO 2: A teologia

"O intelectível é aquilo que, permanecendo sempre um e o mesmo por si em sua própria divindade, nunca é alcançado por algum dos sentidos, mas somente pela mente e pelo intelecto. Esta

---

24. Entenda-se adulterina no sentido de "imitativa" como é explicado nas notas 17 e 19.

res ad speculationem Dei atque ad animi incorporalitatem considerationemque verae philosophiae indagatione componitur, quam", inquit, "Graeci theologiam nominant"[35].

Dicta autem theologia quasi sermo habitus de divinis, theos enim Deus, logos sermo vel ratio interpretatur. Theologia igitur est, "quando aut ineffabilem naturam Dei aut spirituales creaturas ex aliqua parte profundissima qualitate disserimus"[36].

Caput III: De mathematica

Mathematica autem doctrinalis scientia dicitur. Mathesis enim quando t habet sine aspiratione, interpretatur vanitas, et significat superstitionem illorum, qui fata hominum in constellationibus ponunt. Unde et huiusmodi mathematici appellati sunt. Quando autem t habet aspiratum, doctrinam sonat.

Haec autem est, "quae abstractam considerat quantitatem. Abstracta enim quantitas dicitur, quam intellectu a materia separantes, vel ab aliis accidentibus, ut est, par, impar, et huiuscemodi, in sola ratiocinatione tractamus"[37], quod doctrina facit, non natura.

Hanc Boethius "intelligibilem" appellat, "quae primam partem, intellectibilem, cogitatione atque intelligentia comprehendit, quae sunt omnium caelestium operum supernae divinitatis, et quidquid sub lunari globo beatiore animo atque puriore substantia valet, et postremo humanarum animarum, quae omnia cum prioris illius intellectibilis substantiae fuissent, corporum tactu ab intellectibilibus ad intelligibilia degenerarunt, ut non magis ipsa intelligantur, quam intelligant, et intelligentiae puritate tunc beatiora sint, quoties sese intellectibilibus applicarint"[38].

---

35. Boethius, *In Isag. pr.* 1,3.

36. Isidorus, *Etymologiae* 2,24,13; Cassiodorus, *Institutiones* 2,3,6.

37. Cassiodorus, *Institutiones* 2,2,3,6; Isidorus, *Etymologiae* 2,24,13.

38. Boethius, *In Isag.* pr. 1,3.

atividade comporta a indagação sobre a especulação de Deus, sobre a imortalidade do espírito e sobre a consideração da verdadeira filosofia,"e os gregos - diz Boécio - denominam isso teologia".

A teologia é chamada assim porque é como um discurso sobre Deus, pois *theos* significa Deus e *logos* significa discurso ou razão. Faz-se teologia, portanto, "quando pomos em discussão, com aplicação profundíssima, algum aspecto da inefável natureza de Deus ou das criaturas espirituais".

CAPÍTULO 3: A matemática

A matemática é chamada doutrina científica. *Máthesis* significa *vaidade* quando é escrita com o "t" não aspirado, e neste caso se refere à superstição daqueles que depositam o destino dos homens nas constelações. Por isso, esse tipo de indivíduos são chamados matemáticos. Quando, porém, é escrita com "th" aspirado, significa doutrina matemática[25].

A matemática é o ensino "que se ocupa da quantidade abstrata. Chamamos abstrata aquela quantidade que tratamos só nos raciocínios, separando-a pelo intelecto da matéria ou dos outros acidentes, como é o par, o ímpar e coisas do tipo". Quem faz esta abstração é a ciência, não a natureza.

Boécio chama *inteligível* esta atividade "e ela, enquanto obra do pensamento e da inteligência, é misturada com a primeira parte, o intelectível, uma vez que pertencem ao intelectível todas as obras celestes da suprema divindade como também tudo aquilo que sob o globo lunar é dotado do espírito mais feliz e da substância mais pura, e enfim as almas humanas. Todas estas almas, tendo já feito parte daquela substância intelectível primordial, pelo contato com os corpos degeneraram de intelectíveis para inteligíveis, de modo que elas, agora, mais que serem conhecidas, conhecem, e, em virtude da pureza da inteligência, se tornam tanto mais felizes quanto mais se aplicarem às coisas intelectíveis"[26].

---

25. Na verdade as duas palavras em grego são mais diferentes uma da outra. Uma é μάθησις ("aprender", "conhecimento", "ciência") onde o "θ" é um "t" aspirado e se refere à nossa matemática. A outra é μάτη (estultícia) ou μάταιος ("vão", "sem fundamento"), de onde vem ματαιότης ("vaidade", "nulidade"), e neste caso temos o "t" simples não aspirado.

26. Aqui e a seguir Hugo reflete a doutrina pela qual a alma humana possui duas dimensões, uma intelectível, enquanto inteligência pura e simples semelhante aos corpos celestes, a outra inteligível, enquanto é ligada ao corpo e conhece os corpos sensíveis compostos. Em sua natureza simples a alma faz teologia, em sua natureza composta misturada aos corpos faz matemática.

Spirituum namque et animarum natura, quia incorporea et simplex est, intellectibilis substantiae particeps est. Sed quia per instrumenta sensuum non uniformiter ad sensibilia comprehendenda descendit, eorumque similitudinem per imaginationem ad se trahit, in eo quodammodo suam simplicitatem deserit, quo compositionis rationem amittit. Neque enim omnimodo simplex dici potest, quod composito simile est.

Eadem igitur res diversis respectibus intellectibilis simul et intelligibilis est. Intellectibilis eo quod incorporea sit natura, et nullo sensu comprehendi possit. Intelligibilis vero ideo, quod similitudo quidem est sensibilium, nec tamen sensibilis. Intellectibile est enim, quod nec sensibile est, nec similitudo sensibilis. Intelligibile autem quod ipsum quidem solo percipitur intellectu, sed non solo intellectu percipit, quia imaginationem vel sensum habet, quo ea quae sensibus subiacent comprehendit.

Tangendo ergo corpora degenerat, quia, dum in visibiles corporum formas per sensuum passiones procurrit easque attactas per imaginationem in se trahit, toties a sua simplicitate scinditur, quoties aliquibus contrariae passionis qualitatibus informatur. Cum vero ab hac distractione ad puram intelligentiam conscendens in unum se colligit, fit beatior intellectibilis substantiae participatione.

A natureza dos espíritos e das almas, com efeito, sendo incorpórea e simples, é partícipe da substância intelectível. Todavia, a alma, pelas impressões dos sentidos, desce de maneira não uniforme (*não pura*) para a compreensão dos objetos físicos e traz para si as imagens deles através da imaginação, perdendo de uma certa forma a sua simplicidade na medida em que acolhe uma certa qual composição. Não pode dizer-se totalmente simples aquilo que se assemelha ao composto.

Uma mesma coisa, de fato, pode ser ao mesmo tempo, sob aspectos diferentes, intelectível e inteligível. É intelectível enquanto natureza incorpórea, e não pode ser compreendida pelos sentidos. É inteligível pelo fato de ter semelhança com as coisas sensíveis, mesmo não sendo sensível. É intelectível aquilo que não é sensível nem tem semelhança com o sensível. É inteligível aquilo que é, sim, percebido somente com o intelecto, mas não percebe só com o intelecto, pois possui a imaginação e os sentidos, pelos quais compreende as coisas que são objeto dos sentidos[27].

Tocando os corpos, portanto, o intelectível se degenera, pois, ao tender-se para as formas visíveis dos corpos pelas sensações dos sentidos e ao trazê-las, uma vez alcançadas, para dentro de si pela imaginação, o intelectível fica cindido em sua simplicidade tantas vezes quantas fica informado por algumas qualidades de uma sensação contrária. Mas quando, remontando desta separação para a inteligência pura, ele se recolhe em um, torna-se mais feliz pela participação na substância intelectível[28].

---

27. A distinção entre intelecto e imaginação racional é fundamental nas filosofias religiosas. O primeiro alcança as coisas divinas, a segunda as coisas corpóreas objeto das ciências naturais.

28. Hugo acaba de ilustrar o processo de exitus-reditus (saída-retorno) da alma humana, que saiu de Deus como um intelectível mas misturou-se aos corpos e tornou-se inteligível. Seu destino, todavia, é o de retornar para a sua pureza e simplicidade original. Este movimento de progressão de Deus (exitus) e regressão a ele (reditus) é elucidado a seguir pela teoria dos números.

Caput IV: De quaternario animae

Huius quoque progressionis regressionisque rationem ipse etiam numerus docet. Dic: ter unum fiunt tria, dic: ter tria fiunt novem, dic: ter novem fiunt viginti septem, dic: ter viginti septem fiunt octoginta unum. Ecce tibi in quarto gradu unitas prima occurrit, idemque evenire videbis, si usque ad infinitum duxeris multiplicationem, ut semper in quarto gradu unitas emineat. Rectissime autem simplex animae essentia unitate exprimitur, quae ipsa quoque incorporea est. Ternarius quoque propter indissolubile mediae unitatis vinculum congrue ad animam refertur, sicut quaternarius, quia duo media habet ideoque dissolubilis est, proprie ad corpus pertinet.

Prima igitur progressio animae est qua de simplici essentia sua, quae monade figuratur, in virtualem ternarium se extendit, ubi iam per concupiscentiam aliud appetat, aliud per iram contemnat, per rationem inter utrumque discernat. Et recte a monade in triadem profluere dicitur, quia omnis essentia naturaliter prior est potentia sua. Rursum, quod eadem unitas in ternario multiplicante ter invenitur, hoc significat, quoniam anima non per partes, sed tota in singulis suis potentiis consistat. Neque enim vel rationem solam vel iram solam vel concupiscentiam solam tertiam partem animae dicere possumus, cum nec aliud, nec minus sit in substantia ratio quam anima, nec aliud, nec minus ira quam anima, nec aliud, nec minus concupiscentia quam anima, sed una eandemque substantia secundum diversas potentias suas diversa sortitur vocabula.

Deinde a virtuali ternario secunda progressione ad regendam humani corporis musicam descendit, quae novenario componitur, quia novem sunt foramina in humano corpore quibus secundum naturalem contemperantiam influit et effluit omne quo idem corpus vegetatur et regitur. Hic quoque ordo est,

CAPÍTULO 4: O número quatro da alma

O próprio número também ensina a essência desta progressão e regressão. Diga: três vezes um faz três; diga: três vezes três faz nove; três vezes nove faz vinte e sete; diga: três vezes vinte e sete faz oitenta e um. Eis que no quarto passo retorna a primeira unidade (o *número um*), e você verá que, levando a multiplicação ao infinito, lhe acontecerá sempre que no quarto passo sobressai o um. Muito apropriadamente a essência simples da alma é expressa pelo número um, que é, ele próprio, incorpóreo. Também o número três é atribuído oportunamente à alma em razão da impossibilidade de ser dividido no meio, da mesma forma que o número quatro, por ter duas metades e ser divisível, pertence propriamente ao corpo[29].

A primeira progressão da alma acontece quando, a partir da sua essência simples, figurada pelo um, ela se desdobra para uma atividade ternária, onde 1) pela *concupiscência* deseja uma coisa, 2) pela *ira* condena outra coisa, 3) pela *razão* discerne entre as duas. Com razão se diz que a mônada flui para a tríade, pois toda essência é naturalmente anterior à sua potência (*exercício de suas capacidades*). E ainda, dado que o próprio *um* recorre três vezes quando é multiplicado por três, isto quer dizer que a alma existe não separada em partes mas toda em cada uma das suas três potências. Não podemos dizer que a razão, sozinha, ou a ira, sozinha, ou a concupiscência, sozinha, sejam cada qual um terço da alma, pois em sua substância a razão não é coisa diversa ou menor que a alma, a ira não é coisa diversa ou menor que a alma, a concupiscência não é coisa diversa ou menor que a alma, mas trata-se de uma única e mesma substância, a alma, que adquire nomes diversos segundo suas diversas potências.

Em seguida, do ternário virtual, por uma segunda progressão, a alma desce para reger a música do corpo humano, representada pelo número nove. Pois, nove são os furos no corpo humano, pelos quais, com ritmo natural, entra e sai tudo aquilo do qual o próprio corpo se alimenta e se sustenta. Aqui também temos uma ordem,

---

29. Era comum aos antigos e medievais descrever as progressões do número Um, figura de Deus, em forma de lambda grego (Λ, o nosso L), significando o ímpar e o par, o espírito e o corpo, dos quais o universo é formado:

1
2 3
4 9
8 27

quia prius naturaliter anima potentias suas habet quam corpori commisceatur.

Postea autem in tertia progressione per sensus iam extra se profusa ad visibilia haec, quae per viginti septem, qui solidus numerus est et trina dimensione ad similitudinem corporis extenditur, figurantur dispensanda, per infinitas actiones dissipatur.

In quarta autem progressione soluta a corpore ad puritatem simplicitatis suae revertitur, ideoque in quarta multiplicatione, ubi ter viginti septem in octoginta unum excrevit, monas in summo apparet, ut evidenter clareat quod anima post huius vitae terminum, qui per octoginta designatur, ad unitatem suae simplicitatis redeat, a qua prius discesserat cum ad humanum corpus regendum descendebat. Quod autem in octoginta meta humanae vitae naturaliter consistat, propheta declarat: "Si, inquit, in valetudine octoginta anni, et amplius eorum labor et dolor"[39].

Hanc quadruplam progressionem illum quaternarium animae, de quo supra locuti sumus, quidam intelligendum putant eumque, ad differentiam quaternarii corporis, quaternarium animae appellatum.

Caput V: De quaternario corporis

Nam corpori quoque suum assignant quaternarium. Sicut monas animae, ita dias corpori congruit. Dic: bis duo fiunt quattuor, dic: bis quattuor fiunt octo, dic: bis octo fiunt sedecim, dic: bis sedecim fiunt triginta duo. Hic in quarto loco similiter idem numerus, id est binarius, a quo multiplicatio initium sumpsit, tibi occurrit, idemque si in infinitum processeris, indubitanter continget ut quarto semper gradu binarius emineat. Et hic est quaternarius corporis, in quo intelligi datur omne quod a solubilibus compositionem accipit ipsum quoque esse dissolubile.

---

39. Sl 90,10.

uma vez que a alma por natureza já possui suas próprias potências (*figuradas no número 3*) antes de misturar-se ao corpo.

Depois, numa terceira progressão, já tendo fluído pelos sentidos para fora de si, a alma protende-se em infinitas ações para as outras coisas visíveis, que são representadas, em sua exeqüibilidade pelo número vinte e sete, número sólido que se estende, à semelhança do corpo, em três dimensões.

Em sua quarta progressão, solta do corpo, a alma retorna para a pureza de sua simplicidade. Por isso, na quarta multiplicação, onde três vezes vinte e sete crescem para oitenta e um, aparece no final o número um, e assim fica evidente e claro que a alma, terminado o curso desta vida, representado pelo número oitenta, volta para a unidade da sua simplicidade, da qual antes tinha descido para reger o corpo humano. É o profeta a declarar que a meta da vida humana consiste naturalmente no número oitenta: "Se, ele diz, eu chegar em boa saúde aos oitenta anos, mais do que isso é sofrimento e dor".

Alguns acham que este número quatro da alma, do qual acabamos de falar, deve ser entendido como figura desta progressão quádrupla, e o chamam *quaternário da alma* para diferenciá-lo do quaternário do corpo.

CAPÍTULO 5: O quaternário do corpo

Também ao corpo é atribuído um seu número, o quatro. Como a mônada (*o um*) convém à alma, assim a díade (*o dois*) convém ao corpo. Diga: duas vezes dois faz quatro; diga: duas vezes quatro faz oito; diga: duas vezes oito faz dezesseis; diga: duas vezes dezesseis faz trinta e dois. Aqui, no quarto passo, retorna igualmente o mesmo número dois, do qual a multiplicação começou; igualmente, se você continuar ao infinito, sem dúvida acontecerá que no quarto passo lhe aparecerá sempre o número dois. E este é o quaternário do corpo, no qual se dá a conhecer que tudo quanto é composto de coisas divisíveis, ele próprio é divisível.

Vides nunc satis aperte, ut puto, quomodo animae de intellectibilibus ad intelligibilia degenerant, quando a puritate simplicis intelligentiae, quae nulla corporum fuscatur imagine, ad visibilium imaginationem descendunt rursumque beatiores fiunt, quando se ab hac distractione ad simplicem naturae suae fontem colligentes, quasi quodam optimae figurae signo impressae, componuntur.

Est igitur, ut apertius dicam, intellectibile in nobis id quod est intelligentia, intelligibile vero id quod est imaginatio. Intelligentia vero est de solis rerum principiis, id est, Deo, ideis, et hyle, et de incorporeis substantiis, pura certaque cognitio. Imaginatio est memoria sensuum ex corporum reliquiis inhaerentibus animo, principium cognitionis per se nihil certum habens. Sensus est passio animae in corpore ex qualitatibus extra accidentibus.

Caput VI: De quadrivio

Cum igitur, ut supradictum est, ad mathematicam proprie pertineat abstractam attendere quantitatem, in partibus quantitatis species eius quaerere oportet. Quantitas abstracta nihil est aliud nisi forma visibilis secundum lineamentarem dimensionem animo impressa, quae in imaginatione consistit, cuius geminae sunt partes: una continua, ut arbor, lapis, quae magnitudo dicitur, alia discreta, ut grex, populus, quae multitudo appellatur.

Rursus multitudinis alia sunt per se, ut tres, quattuor, vel quilibet alter numerus, alia ad aliquid ut duplum, dimidium, sesquialterum, sesquitertium, vel quodlibet tale. Magnitudinis vero alia sunt mobilia, ut sphaera mundi, alia immobilia, ut terra.

Agora você pode ver bastante claramente, creio eu, como as almas degeneram das coisas intelectíveis para as inteligíveis, quando, a partir da pureza da inteligência simples, que não é ofuscada por nenhuma imagem dos corpos, descendem para a imaginação das coisas sensíveis. Elas, porém, conseguem ficar novamente felizes quando, recolhendo-se desta dispersão para a fonte pura da sua natureza, se recompõem, como marcadas pelo signo da máxima figura (*que é Deus*).

Em nós, para dizê-lo mais precisamente, o intelectível é aquilo que é objeto da inteligência, enquanto o inteligível é aquilo que é objeto da imaginação. A *inteligência* é o conhecimento puro e certo somente dos princípios das coisas, isto é, de Deus, das idéias, da matéria primordial e das substâncias incorpóreas. A *imaginação* é a memória dos sentidos advinda das imagens dos corpos impressas na mente, e não possui nenhum princípio certo de conhecimento. A sensação é uma impressão recebida pela alma no corpo e proveniente das qualidades das coisas vindas de fora[30].

CAPÍTULO 6: O quadrívio

Dado que, como dissemos acima, cabe propriamente à matemática ocupar-se da quantidade abstrata, é necessário procurar suas subdivisões nas divisões da quantidade. A quantidade abstrata nada mais é que uma forma visível impressa na mente segundo uma dimensão linear, quantidade que existe na imaginação e se divide em duas partes: uma contínua, como a árvore ou o lápis, e é chamada grandeza, a outra descontínua, como o rebanho ou o povo, e esta se chama pluralidade.

Na pluralidade, por sua vez, 1) algumas quantidades são tais por si mesmas, como três, quatro ou qualquer outro número, 2) outras são relativas a alguma coisa, como duplo, metade, uma vez e meio, um terço a mais, e assim em diante. Quanto às grandezas, 3) algumas são móveis, como a esfera do universo, 4) outras imóveis, como a terra.

---

30. Está resumida, aqui a importante doutrina do conhecimento e a distinção, da qual falamos, entre intelecto ou inteligência, destinada às coisas espirituais, e imaginação ou razão científica, destinada às coisas materiais.

Multitudinem ergo quae per se est arithmetica speculatur, illam autem quae ad aliquid est, musica. Immobilis magnitudinis geometria pollicetur notitiam. Mobilis vero scientiam astronomicae disciplinae peritia vindicat. Mathematica igitur dividitur in arithmeticam, musicam, geometriam, astronomiam.

Caput VII: De arithmetica

Ares Graece, virtus interpretatur Latine, rithmus numerus; inde arithmetica virtus numeri dicitur. Virtus autem numeri est, quod ad eius similitudinem cuncta formata sunt.

Caput VIII: De musica

Musica ab aqua vocabulum sumpsit, eo quod nulla euphonia, id est bona sonoritas, sine humore fieri possit.

Caput IX: De geometria

Geometria mensura terrae interpretatur, eo quod haec disciplina primum ab Aegyptiis reperta sit, quorum terminos cum Nilus inundatione sua limo obduceret et confunderet limites, perticis et funibus terram mensurare coeperunt. Deinde a sapientibus etiam ad spatia maris et caeli et aeris et quorumlibet corporum mensuranda deducta sunt et extensa.

Caput X: De astronomia

Astronomia et astrologia in hoc differre videntur, quod astronomia de lege astrorum nomen sumpsit,

A grandeza que é tal por si mesma é objeto da *aritmética*, a grandeza relativa a alguma coisa é objeto da música. A *geometria* fornece o conhecimento da grandeza imóvel. Mas o conhecimento da grandeza móvel é reivindicado pela habilidade da disciplina *astronômica*. A matemática, portanto, se divide em aritmética, música, geometria, astronomia.

CAPÍTULO 7: A aritmética

A palavra grega ἀρετής em latim significa *virtude*, e o termo ἀριθμός significa *número*. Daí, aritmética quer dizer força do número. A força do número consiste no fato de que todas as coisas foram formadas a sua semelhança.

CAPÍTULO 8: A música

A música tomou o nome da água, porque nenhuma eufonia, isto é, sonoridade elegante, pode acontecer sem umidade[31].

CAPÍTULO 9: A geometria

Geometria significa medição da terra, pois esta disciplina foi descoberta inicialmente pelos egípcios, quando, devido ao fato de que o Nilo, com sua inundação, cobria de lama os territórios e assim confundia os confins, começaram a medir a terra com varas e cordas. Mais tarde estes métodos foram aplicados e estendidos pelos homens de ciência à mensuração dos espaços do mar, do céu, do ar e de qualquer corpo.

CAPÍTULO 10: A astronomia

A astronomia e a astrologia se diferenciam pelo fato de a astronomia ter derivado o seu nome da *lei dos astros*,

---

31. Diziam que o grego "moys" significa água. É uma referência ao som da água e aos órgãos hidráulicos.

astrologia autem dicta est quasi sermo de astris disserens. Nomia enim lex et logos sermo interpretatur. Ita astronomia videtur esse quae de lege astrorum et conversione caeli disserit, regiones, circulos, cursus, ortus et occasus siderum, et cur unumquodque ita vocetur, investigans. Astrologia autem quae astra considerat secundum nativitatis et mortis et quorumlibet aliorum eventuum observantiam, quae partim naturalis est, partim superstitiosa; naturalis in complexionibus corporum, quae secundum superiorum contemperantiam variantur, ut sanitas, aegritudo, tempestas, serenitas, fertilitas et sterilitas; superstitiosa, in contingentibus et his quae libero arbitrio subiacent, quam partem mathematici tractant.

Caput XI: De arithmetica

Arithmetica materiam habet parem et imparem numerum. Par numerus alius est pariter par, alius pariter impar, alius impariter par. Impar quoque numerus tres habet species. Prima est primus et incompositus, secunda secundus et compositus, tertia per se secundus et compositus, ad alios comparatus primus et incompositus.

Caput XII: De musica

Tres sunt musicae: mundana, humana, instrumentalis.

Mundana, alia in elementis, alia in planetis, alia in temporibus; in elementis, alia in pondere, alia in numero, alia in mensura; in planetis, alia in situ, alia in motu, alia in natura; in temporibus, alia in diebus, vicissitudine lucis et noctis, alia in mensibus, crementis detrimentisque lunaribus, alia in annis, mutatione veris, aestatis, autumni, et hiemis.

a astrologia do *discurso sobre os astros*. De fato, *nomía* significa lei e *logos* discurso. E assim, a astronomia é a ciência que discute a lei dos astros e a revolução do céu, investigando as regiões, as órbitas, os movimentos, o raiar e pôr-se das estrelas e as razões do nome de cada uma. A astrologia, por sua vez, considera os astros em seu influxo sobre o nascimento ou a morte ou qualquer outro evento, influxo que é em parte natural e em parte supersticioso. Tal influxo é natural sobre a complexão dos corpos, os quais variam de acordo com o ritmo dos corpos superiores, como é o caso da saúde, doença, tempestade, estiagem, fertilidade e esterilidade; mas esse influxo é supersticioso com relação às coisas contingentes ou que dependem do livre-arbítrio.

CAPÍTULO 11: A aritmética

O objeto da aritmética é o número par e ímpar. O número par pode ser par-par, par-ímpar ou ímpar-par. Também o número ímpar tem três espécies. A primeira espécie é o número primeiro e não composto, a segunda é o número segundo e composto, a terceira é o número segundo e composto em si mesmo, mas primeiro e não composto quando é relacionado com os outros.[32]

CAPÍTULO 12: A música

Há três tipos de música: do universo, do homem, dos instrumentos.

A música do universo existe nos elementos, nos planetas, nos tempos. Nos elementos ela consiste em peso, número e medida. Nos planetas consiste em lugar, movimento, natureza. Nos tempos, ela consiste nos dias, mediante a alternância da luz e da noite, nos meses, mediante a lua crescente e decrescente, nos anos, mediante a mudança da primavera, do verão, do outono e do inverno.

---

32. Par-par é o número que pode ser dividido várias vezes em duas partes iguais até chegar a 1 (ex. 32-16-8-4-2-1). Par-ímpar é o número que pode ser dividido uma só vez em duas partes iguais, tornando-se logo ímpar e indivisível (ex. 22). Ímpar-par é o número que pode ser dividido várias vezes em duas partes até tornar-se indivisível (ex. 12-6-3). Entre os números ímpares, é não-composto o número que pode ser dividido somente por 1 ou por si mesmo (ex. 3, 5, 7), é composto o ímpar que pode ser dividido por outros números além do 1 (ex. 9 : 3, 15 : 5, 21 : 7). Hugo está citando as *Etymologiae* de Isidoro, III, V.

Humana musica, alia in corpore, alia in anima, alia in connexu utriusque; in corpore, alia est in vegetatione, secundum quam crescit quae omnibus nascentibus convenit, alia est in humoribus, ex quorum complexione humanum corpus subsistit, quae sensibilibus communis est, alia in operationibus, quae specialiter rationalibus congruit, quibus mechanica praeest, quae, si modum non excesserint bonae sunt, ut inde non nutriatur cupiditas unde infirmitas foveri debet, sicut Lucanus in laudem Catonis refert:

> *"Huic epulae vicisse famem, magnique penates*
> *Submovisse hiemem tecto: pretiosaque vestis*
> *Hirtam membra super, Romani more Quiritis,*
> *Induxisse togam"*[40].

Musica in anima alia est in virtutibus, ut est iustitia, pietas et temperantia, alia in potentiis, ut est ratio, ira, et concupiscentia. Musica inter corpus et animam est illa naturalis amicitia qua anima corpori non corporeis vinculis, se affectibus quibusdam colligatur, ad movendum et sensificandum ipsum corpus, secundum quam amicitiam "nemo carnem suam odio habuit"[41]. Musica haec est, ut ametur caro, sed plus spiritus, ut foveatur corpus, non perimatur virtus.

Musica instrumentalis alia in pulsu, ut fit in tympanis et chordis, alia in flatu, ut in tibiis et organis, alia in voce, ut in carminibus et cantilenis. "Tria quoque sunt genera musicorum: unum quod carmina fingit, aliud quod instrumentis agitur, tertium quod instrumentorum opus carmenque diiudicat"[42].

Caput XIII: De geometria

Geometria tres habet partes, planimetriam, altimetriam, cosmimetriam. Planimetria planum metitur, id est, longum et latum, et extenditur ante et retro, dextrorsum et sinistrorsum. Altimetria altum metitur et extenditur sursum et deorsum. Nam et mare altum dicitur, id est,

---

40. Lucanus, *De Bello Civile* 2,384-387.

41. Ef 5,29.

42. Boethius, *De musica* 1,34.

A música humana existe ora no corpo, ora na alma, ora na conexão dos dois. A música do corpo consiste ora na atividade vegetativa, pela qual ele cresce como convém a todos os seres que nascem, ora nos líquidos, cujo fluxo faz o corpo subsistir como é comum aos seres com vida sensitiva, ora nas atividades produtivas, como convém de modo especial aos seres racionais. A estas últimas operações preside a mecânica, as quais são boas quando não excedem a moderação, para que a ganância não se nutra daquilo de que a fraqueza deveria sustentar-se, como diz Lucano em louvor de Catão:

> *"Para ele era um banquete ter vencido a fome, uma grande habitação*
> *ter afugentado o frio sob um teto, uma veste preciosa*
> *ter vestido uma toga rúvida sobre os ombros, nos moldes de um Quirite Romano".*

A música da alma, uma consiste nas virtudes, como justiça, piedade e temperança, a outra nas potências, como razão, ira e concupiscência. A música entre o corpo e a alma é aquela amizade natural com a qual a alma se liga ao corpo não com vínculos corporais mas com determinados afetos, para mover e tornar sensível o próprio corpo, amizade pela qual "ninguém odiou sua própria carne". Esta música consiste em que a carne seja amada, mas o espírito ainda mais, o corpo seja reforçado e a virtude não seja destruída.

A música instrumental consiste uma na percussão, como acontece nos tímpanos e cordas, outra no sopro, como nas flautas e órgãos, outra na voz, como nos versos e cantos. "Há três tipos de músicos: um que compõe os versos, outro que toca os instrumentos, um terceiro que julga o desempenho dos instrumentos e os versos".

CAPÍTULO 13: A geometria

A geometria se divide em três partes: planimetria, altimetria, cosmometria. A planimetria mede a superfície plana, isto é, o longo e o largo, e se estende para frente e para trás, para a direita e para a esquerda. A altimetria mede a altura e se estende para cima e para baixo. De fato, também o mar se diz alto, isto é,

profundum, et arbor alta, id est, sublimis. Cosmos mundus interpretatur, et inde dicta est cosmimetria, id est mensura mundi. Haec metitur sphaerica, id est, globosa et rotunda, sicut est pila et ovum, unde etiam a sphaera mundi propter excellentiam dicta est cosmimetria, non quia tantum de mundi mensura agat, sed quia mundi sphaera inter omnia sphaerica dignior sit.

Caput XIV: De astronomia

Nec contrarium est, quod superius immobilem magnitudinem geometriae attribuimus et mobilem astronomiae, quia hoc secundum primam inventionem dictum est, secundum quam etiam geometria mensura terrae dicitur. Vel possumus dicere quod id quod geometria in sphaera mundi considerat, id est, dimensio regionum et circulorum caelestium, immobile sit, secundum hoc quod ad geometricam considerationem pertinet. Geometria enim non considerat motum, sed spatium. Quod autem astronomia speculatur mobile sit, id est, cursus astrorum et intervalla temporum. Sicque universaliter dicemus immobilem magnitudinem geometriae esse subiectam, mobilem astronomiae, quia, licet ambae de eadem re agant, una tamen contemplatur id quod permanet, altera id quod transit speculatur.

Caput XV: Definitio quadrivii

Arithmetica est igitur numerorum scientia. Musica est divisio sonorum et vocum varietas. Aliter, musica sive harmonia est plurium dissimilium in unum redactorum concordia. Geometria est disciplina magnitudinis immobilis formarumque descriptio contemplativa, per quam uniuscuiusque termini declarari solent. Aliter, geometria est "fons sensuum et origo dictionum"[43]. Astronomia est disciplina investigans spatia, motus et reditus caelestium corporum certis temporibus.

---

43. Cassiodorus, *Institutiones* 2,3,14; Isidorus, *Etymologiae* 2,29,16.

profundo e a árvore alta, isto é, elevada. *Cosmos* significa mundo, e disto vem a cosmimetria, que é a "medição do mundo". Esta mede os corpos esféricos, ou seja, globulares e redondos, como a bola e o ovo, e foi chamada cosmimetria em virtude da excelência da esfera do mundo, não porque ela se interessa apenas da medição do mundo, mas porque a esfera do mundo é a mais digna entre os corpos esféricos.

CAPÍTULO 14: A astronomia

Isto não contraria o fato de acima termos atribuído a grandeza imóvel à geometria e a móvel à astronomia. Isto foi dito numa primeira fase da descoberta da geometria, na qual a geometria se chama também "medição da terra". Podemos também dizer que aquilo que a geometria analisa na esfera do mundo, ou seja, a dimensão das regiões e das órbitas celestes, é imóvel, e neste sentido pertence à atenção da geometria. A geometria, com efeito, não considera o movimento, mas o espaço. Aquilo que a astronomia indaga, ao contrário, é móvel, como é o caso das órbitas dos astros e os intervalos dos tempos. E assim dizemos sem exceção que a grandeza imóvel pertence à geometria e a móvel à astronomia, pois, ainda que as duas tratem da mesma entidade, uma contempla aquilo que está firme, a outra indaga aquilo que se movimenta.

CAPÍTULO 15: Definição do quadrívio

A aritmética é a ciência dos números. A música é a divisão dos sons e a variedade das vozes. Em palavras diversas, a música ou harmonia é a concórdia de muitos dissímiles reduzidos a um. A geometria é a ciência da grandeza imóvel e a descrição contemplativa das formas, pela qual costumam ser definidos os limites de cada coisa. Em outras palavras, a geometria é "a fonte dos sentidos e a origem das palavras". A astronomia é a ciência que investiga os espaços, os movimentos e as revoluções dos corpos celestes em tempos determinados.

Caput XVI: De physica

Phisica causas rerum in effectibus suis et effectus a causis suis investigando considerat.

> *"Unde tremor terris, qua vi maria alta tumescant.*
> *Vires herbarum, animos irasque ferarum,*
> *Omne genus fruticum, lapidum quoque reptiliumque"*[44].

Physis natura interpretatur, unde etiam in superiori divisione theoricae physicam naturalem Boethius nominavit. Haec etiam physiologia dicitur, id est sermo de naturis disserens, quod ad eandem causam spectat. Physica aliquando large accipitur aequipollens theoricae, secundum quam acceptionem philosophiam quidam in tres partes dividunt, id est, physicam, ethicam, logicam, in qua divisione mechanica non continetur, sed restringitur philosophia circa physicam, ethicam, logicam.

Caput XVII: Quid sit proprium uniuscuiusque artis

Cum vero omnes artes ad unum philosophiae tendant terminum, non una tamen via omnes currunt, sed singulae suas proprias quasdam considerationes habent, quibus ab invicem differunt.

Logica consideratio est in rebus, attendens intellectus rerum, sive per intelligentiam, ut neque sint haec neque horum similitudines, sive per rationem, ut non sint haec sed horum tamen similitudines. Considerat ergo logica species et genera rerum.

Mathematicae autem proprium est actus confusos inconfuse per rationem attendere. Verbi gratia, in actu rerum, non invenitur linea sine superficie et soliditate. Nullum enim corpus sic solummodo longum est, ut latitudine vel altitudine careat, sed in omni corpore haec tria simul sunt. Ratio tamen attendit sine superficie et crassitudine lineam pure per se, quod est mathematicum, non quia in re ita vel sit vel esse possit, sed

---

44. Vergilius, *Georg.* 2,479.

CAPÍTULO 16: A física

A física pesquisa e investiga as causas em seus efeitos e os efeitos a partir das causas.

De onde vêm terremotos, por qual força os mares profundos intumescem,
As forças das ervas, as índoles e as iras das feras
Todo gênero de arbustos, como também de pedras e répteis.

Físis significa natureza, e por isso, na divisão anterior da teórica, Boécio chama a física de "natural". Ela é dita também fisiologia, isto é, discurso que trata das naturezas, algo que concerne ao mesmo objetivo. A física, algumas vezes, é entendida em sentido amplo correspondente à inteira teórica, e segundo esta acepção alguns dividem a filosofia em três partes, isto é, física, ética e lógica, divisão na qual não é contida a mecânica e a filosofia é restrita à física, ética e lógica.

CAPÍTULO 17: A especificidade de cada arte

É verdade que todas as artes tendem para o único objetivo da filosofia, mas nem todas percorrem o mesmo caminho; aliás, cada uma possui determinadas ponderações próprias, pelas quais se diferencia das outras.

O objeto da lógica são as coisas, cuidando dos conceitos das coisas, ou pela inteligência, quando não estão presentes nem as coisas nem as imagens delas, ou pela razão, quando não estão presentes as coisas mas o estão as imagens delas. A lógica se interessa, assim, pelas espécies e pelos gêneros das coisas.

Próprio da matemática é tornar distintos pela razão os dados confusos. Por exemplo, na coisa real não se encontra a linha sem a superfície e a solidez. Nenhum corpo é, assim, somente longo, como se não tivesse largura e alteza, pois em cada corpo estas três qualidades são simultâneas. A razão analisa a linha de maneira pura, em si, sem a superfície e o peso. E isto é algo matemático, não porque na coisa é assim ou pode ser assim, mas

quia ratio saepe actus rerum considerat, non ut sunt, sed sicut esse possunt, non in se, sed quantum ad ipsam rationem, id est, ut ratio pateretur esse. Secundum quam considerationem dictum est continuam quantitatem in infinita decrescere, et discretam crescere in infinitum. Talis est enim vivacitas rationis, ut omne longum in longa dividat, latum in lata, et cetera, utque ipsi rationi nihil carens intervallo intervallum generet.

Physicae autem est proprium actus rerum permixtos impermixte attendere. Actus enim corporum mundi non sunt puri, sed compositi ab actibus purorum, quos physica, cum per se non inveniantur, pure tamen et per se considerat. Purum scilicet actum ignis, sive terrae, sive aeris, sive aquae, et ex natura uniuscuiusque per se considerata, de concretione et efficientia totius iudicat.

Hoc etiam praetereundum non est, quod sola physica proprie de rebus agit, ceterae omnes de intellectibus rerum. Logica tractat de ipsis intellectibus secundum praedicamentalem constitutionem; mathematica vero, secundum integralem compositionem, et ideo logica quandoque utitur pura intelligentia, mathematica autem nunquam sine imaginatione est, ideoque nihil vere simplex habet. Quia enim logica et mathematica priores sunt ordine discendi quam physica, et ad ea quodammodo instrumenti vice funguntur, quibus unumquemque primum informari oportet antequam physicae speculationi operam det, necesse fuit ut non in actibus rerum, ubi fallax experimentum est, sed in sola ratione, ubi inconcussa veritas manet, suam considerationem ponerent, deinde ipsa ratione praevia ad experientiam rerum descenderent.

Postquam igitur demonstravimus quomodo divisio theoricae, quam ponit Boethius, superiori conveniat, breviter nunc utrasque repetimus, ut singula utriusque verba divisionis invicem conferamus.

porque é próprio da razão considerar freqüentemente o ser das coisas não como estas são, mas como podem ser, não em si, mas de acordo com a razão, isto é, como a razão consente que sejam. Neste sentido foi dito que a quantidade contínua é dividida em infinitas partes e que uma quantidade divisa cresce ao infinito. É tal a vitalidade da razão, que ela divide qualquer coisa longa em outras coisas longas, algo largo em coisas largas, e assim em diante, e que nenhum objeto, indiviso, deixe de engendrar uma divisão para a própria razão.

É próprio da física tratar singularmente os movimentos mistos. De fato, os movimentos dos corpos do mundo não são puros, mas compostos de atos puros que a física, mesmo que em si não existam, considera puros e em si. A física, tendo observado o movimento puro do fogo, ou da terra, ou do ar ou do céu, conclui, a partir da natureza de cada um observada separadamente, sobre a agregação e a eficiência do todo.

E também não deve ser esquecido que unicamente a física trada das coisas, enquanto todas as outras ciências se ocupam dos conceitos das coisas. A lógica trata destes conceitos, mas em termos de organização categorial, enquanto a matemática em termos de constituição integral; por esta razão, a lógica às vezes se utiliza da inteligência pura, enquanto a matemática nunca age sem imaginação, e, por isso, não tem nenhum objeto verdadeiramente simples. Sendo que a lógica e a matemática são anteriores à física na ordem da aprendizagem e funcionam para ela num certo qual modo como instrumentos, sobre os quais qualquer pessoa deve ser informada antes de aceder à pesquisa física, foi necessário que a lógica e a matemática se dedicassem não à dinâmica das coisas, onde a experiência é enganadora, mas unicamente sobre a razão, onde fica a verdade indiscussa, para depois, sob a condução da razão, descerem para a experimentação das coisas.

Depois de ter demonstrado por que a divisão da teórica, proposta por Boécio, concorda com a anterior, agora repropomos brevemente as duas, para que possamos comparar cada palavra de uma e outra divisão.

Caput XVIII: Collatio supradictorum

Theorica dividitur in theologiam, mathematicam, et physicam. Vel aliter, theorica dividitur in intellectibilem, intelligibilem, et naturalem. Vel aliter, theorica dividitur in divinalem, in doctrinale et philologiam. Eadem est igitur theologia, intellectibilis et divinalis, eadem est mathematica, intelligibilis et doctrinalis, eademque physica, philologia, et naturalis.

Sunt qui has tres theoricae partes mystice quodam Palladis nomine, quae dea sapientiae fingitur esse, significari putant. Dicitur enim Tritona, quasi tritoona, id est, tertia cognitio, videlicet Dei, quam intellectibilem nominavimus, et animarum, quam intelligibilem diximus, et corporum, quam naturalem appellavimus. Et merito ab his tribus tantum sapientia vocabulum sumit, quia, licet tres reliquas, id est, ethicam, mechanicam, logicam, congrue ad sapientiam referre possimus, expressius tamen logicam, propter vocis eloquentiam, mechanicam et ethicam, propter circumspectionem morum et operum, prudentiam sive scientiam appellamus. Solam autem theoricam, propter speculationem veritatis rerum, sapientiam nominamus.

Caput XIX: Item

Practica dividitur in solitariam, privatam et publicam; vel aliter, in ethicam, oeconomicam et politicam; vel aliter, in moralem et dispensativam et civilem. Una est solitaria, ethica et moralis; una rursum, privata, oeconomica et dispensativa. Eademque publica, politica atque civilis. Oeconomus interpretatur dispensator. Inde oeconomica dicta est dispensativa. Polis Graece, Latine civitas dicitur; inde politica dicta est, id est, civilis. Quando ethicam partem constituimus practicae, stricte accipienda est ethica in moribus uniuscuiusque personae, et est eadem quae solitaria.

Solitaria igitur "est quae sui curam gerens cunctis sese erigit, exornat augetque virtutibus,

CAPÍTULO 18: Comparação das coisas ditas acima

A teórica se divide em teologia, matemática e física. Ou, de outra maneira (*segundo Boécio*), a teórica se divide em intelectível, inteligível e natural. Ou, de outra maneira ainda, a teórica se divide em divinal, doutrinal e fisiologia. A teologia, portanto, é igual a intelectível e divinal; a matemática é igual a inteligível e doutrinal; a física é o mesmo que fisiologia e natural.

Há quem ache que estas três partes da teórica recebam o significado de um certo nome de Palas Atena, que foi considerada a deusa da *Sapiência*. Ela é chamada Tritona, ou Tritoona, isto é, conhecimento tríplice: de Deus, que chamamos conhecimento intelectível, das almas, que chamamos conhecimento inteligível, dos corpos, que chamamos conhecimento natural. E com justa razão a *Sapiência* toma o nome a partir destas três partes, pois, não obstante possamos relacionar congruamente à *Sapiência* as três restantes, que são a ética, a mecânica e a lógica, mais apropriadamente apelidamos estas últimas de prudência e ciência: a lógica, em razão da eloqüência da palavra, a mecânica e a ética, em razão da conveniência dos costumes e dos trabalhos. Chamamos *Sapiência* somente a teórica, em razão da investigação da verdade das coisas.

CAPÍTULO 19: Continuação

A prática se divide em solitária, privada e pública; ou, de outra maneira, em ética, econômica e política; ou, de outro modo, em moral, administrativa e civil. Uma é solitária, ética e moral; a outra é privada, econômica e administrativa, a outra enfim é pública, política e civil. *Oeconomus* significa administrador. Por isso, a ciência econômica é chamada administrativa. O termo grego *pólis* em latim é *civitas*, e por isso a política é dita civil. Quando consideramos a ética uma parte da prática, a ética deve ser entendida em sentido estrito de costumes morais de cada pessoa, e é o mesmo que solitária.

A filosofia prática solitária, portanto, "é aquela que, tomando conta de si, se eleva acima de tudo, se adorna e acresce de virtudes,

nihil in vita admittens quo non gaudeat, nihil faciens paenitendum".

Privata est "quae familiaris officium mediocri componens dispositione distribuit".

Publica est "quae rei publicae curam suscipiens, cunctorum saluti suae providentiae sollertia, et iustitiae libra, et fortitudinis stabilitate, et temperantiae patientia medetur"[45].

Solitaria igitur convenit singularibus, privata patribus familias, politica rectoribus urbium. Practica "actualis dicitur, eo quod res propositas operationibus suis explicet. Moralis dicitur per quam mos vivendi honestus appetitur, et instituta ad virtutem tendentia praeparantur. Dispensativa dicitur cum domesticarum rerum sapienter ordo disponitur. Civilis dicitur per quam totius civitatis utilitas administratur"[46].

Caput XX: Divisio mechanicae in septem

Mechanica septem scientias continet: lanificium, armaturam, navigationem, agriculturam, venationem, medicinam, theatricam. Ex quibus tres ad extrinsecus vestimentum naturae pertinent, quo se ipsa natura ab incommodis protegit, quattuor ad intrinsecus, quo se alendo et fovendo nutrit, ad similitudinem quidem trivii et quadrivii, quia trivium de vocibus quae extrinsecus sunt et quadrivium de intellectibus qui intrinsecus concepti sunt pertractat.

Hae sunt septem ancillae quas Mercurius a Philologia in dotem accepit, quia nimirum eloquentiae, cui iuncta fuerit sapientia, omnis humana actio servit, sicut Tullius in libro rhetoricorum de studio eloquentiae dicit: "Hoc tuta, hoc honesta, hoc illustris, hoc eodem vita iucunda fiat. Nam hinc ad rem publicam plurima commoda veniunt, si moderatrix omnium praesto est sapientia. Hinc ad eos qui ipsam adepti sunt, laus, honos, dignitas, confluit. Hinc amicis quoque eorum certissimum et tutissimum praesidium est"[47].

---

45. Boethius, *In Isag. pr.* 1,3.

46. Isidorus, *Etymologiae* 2,24,16; Cassiodorus, *Institutiones* 2,3,7.

47. Cicero, *De invent.* 1,5.

nada admitindo em sua vida de que não possa alegrar-se, nada fazendo de que deva arrepender-se".

A filosofia prática privada é "aquela que distribui a tarefa do servo, dando ordens com comando moderado".

A filosofia prática pública é "aquela que, curando da coisa pública, provê ao bem-estar de todos com a perspicácia de sua sabedoria, com o equilíbrio da justiça, com a firmeza da coragem e com a paciência da temperança".

A solitária, portanto, é própria dos indivíduos, a privada dos chefes da casa, a política dos reitores das cidades. A prática "se diz ativa, porque realiza com suas operações as coisas propostas. Se diz moral, porque por ela se deseja um costume honesto de viver e são organizados ordenamentos que tendem para a virtude. Se diz administrativa, quando a ordem das coisas doméstica é disposta sabiamente. Se diz civil, porque por ela é provida a utilidade de toda a cidade".

CAPÍTULO 20: Divisão da mecânica em sete ciências

A mecânica contém sete ciências: ciência da lã, ciência das armas, navegação, agricultura, caça, medicina, teatro. Destas, três dedicam-se à proteção externa da natureza humana, de modo que esta natureza se protege dos incômodos, e quatro à proteção interna, pela qual a natureza se nutre, crescendo e curando-se. Trata-se de uma semelhança com o trívio e o quadrívio, porque o trívio trata das palavras exteriores, e o quadrívio dos conceitos que são concebidos no íntimo.

Estas são as sete servas que Mercúrio recebeu em dote da Filologia, porque toda ação humana serve à eloqüência, quando a esta se acrescenta a Sabedoria, como diz Túlio no livro dos retores sobre a arte da eloqüência: "Por ela a vida se torna segura, por ela honesta, por ela ilustre, e por ela alegre. Disto decorrem muitas vantagens para a república, se a Sabedoria é guia constante de tudo. Disto afluem, para aqueles que a adquiriram, louvor, honra e dignidade. Também para os amigos deles, disto advém uma defesa certíssima e seguríssima".

Hae mechanicae appellantur, id est, adulterinae, quia de opere artificis agunt, quod a natura formam mutuatur. Sicut aliae septem liberales appellatae sunt, vel quia liberos, id est, expeditos et exercitatos animos requirunt, quia subtiliter de rerum causis disputant, vel quia liberi tantum antiquitus, id est, nobiles, in eis studere consueverant, plebei vero et ignobilium filii in mechanicis propter peritiam operandi. In quo magna priscorum apparet diligentia, qui nihil intentatum linquere voluerunt, sed omnia sub certis regulis et praeceptis stringere. Mechanica est scientia ad quam fabricam omnium rerum concurrere dicunt.

Caput XXI: Prima: lanificium

Lanificium continet omnia texendi, consuendi, retorquendi genera, quae fiunt manu, acu, fuso, subula, girgillo, pectine, alibro, calamistro, chilindro, sive aliis quibuslibet instrumentis, ex quacumque lini vel lanae materia et omni genere pellium erasarum vel pilos habentium, cannabis quoque, vel suberis, iuncorum, pilorum, floccorum, aut alia qualibet re huiuscemodi, quae in usum vestimentorum, operimentorum, linteorum, sagorum, sagmatum, substratoriorum, cortinarum, matularum, filtrorum, chordarum, cassium, funium, redigi potest. Stramina quoque ex quibus galeros et sportulas texere solent homines. Haec omnia studia ad lanificium pertinent.

Caput XXII: Secunda: armatura

Secunda est armatura. Arma aliquando quaelibet instrumenta dicuntur, sicut dicimus arma belli, arma navis, id est, instrumenta belli et navis. Ceterum proprie arma sunt quibus tegimur, ut scutum, thorax, galea, vel quibus percutimus, ut gladius, bipennis, sarisa. Tela

Estas ciências se chamam mecânicas, isto é, imitativas, porque tratam do trabalho do artífice, que da natureza toma emprestada a forma. Paralelamente, as outras sete ciências foram chamadas liberais, ou porque exigem espíritos livres, isto é, prontos e treinados, pois disputam sutilmente das causas das coisas, ou porque antigamente somente os livres, isto é, os nobres, costumavam dedicar-se a elas, enquanto os plebeus e os filhos dos ignorantes costumavam dedicar-se às ciências mecânicas por sua capacidade de operar. Nisso tudo aparece a grande atenção dos antigos em não deixar nada não tratado, mas abarcar tudo com determinadas regras e ensinamentos. A mecânica é a ciência para a qual, como dizem, converge a fabricação de todas as coisas.

CAPÍTULO 21: Primeira: a ciência da lã

A ciência da lã abrange todas as formas de tecer, costurar, fiar que são executadas à mão, com agulha, fuso, sovela, lançadeira, pente, tear, calamistro, rolo ou com qualquer outro instrumento sobre qualquer material de linho ou lã, e sobre todo tipo de peles tosquiadas ou cheia de pêlos, como todo tipo de cânhamo, cortiças, juncos, pêlos, flocos e todos os outros materiais deste tipo que podem ser transformados para o uso de vestes, cobertores, lençóis, mantas, gualdrapas, tapetes, cortinas, estofos, feltros, cordas de instrumentos musicais, redes de caça, cordas. Considerem-se também as palhas, das quais os homens costumam entrelaçar chapéus e cestos. Todos estes trabalhos pertencem à ciência da lã.

CAPÍTULO 22: Segunda: a ciência das armas

A segunda é a ciência das armas. Às vezes são ditas armas todos os instrumentos, como quando dizemos armas de guerra, armas da nave, isto é, instrumentos de guerra e da nave. Todavia, são armas propriamente aquelas com as quais nos cobrimos, como o escudo, a couraça, o elmo, ou com as quais golpeamos, como a espada, o machado de lâmina dupla, a lança. As armas

autem sunt quibus iaculari possumus, ut hasta, sagitta.

Dicta autem arma ab armo, id est, bracchio, quia bracchium muniunt quod ictibus opponere solemus. Tela autem dicuntur a Graeco telon, id est, longum, eo quod longa sint huiusmodi, unde et protelare, id est, prolongare dicitur.

Armatura igitur quasi instrumentalis scientia dicitur, non tantum ideo quod instrumentis operando utatur, quantum quod de praeiacenti alicuius massae materia aliquod, ut ita dicam, instrumentum efficiat. Ad hanc omnis materia lapidum, lignorum, metallorum, harenarum argillarum pertinet.

Haec duas habet species, architectonicam et fabrilem.

Architectonica dividitur in caementariam, quae ad latomos et caementarios, et in carpentariam, quae ad carpentarios et tignarios pertinet, aliosque huiusmodi utriusque artifices, in dolabris et securibus, lima et assiculo, serra et terebro, runcinis, artavis, trulla, examussi, polientes, dolantes, sculpentes, limantes, scalpentes, compingentes, linientes in qualibet materia, luto, latere, lapide, ligno, osse, sabulo, calce, gypso, et si qua sunt similia operantium.

Fabrilis dividitur in malleatoriam, quae feriendo massam in formam extendit, et in exclusoriam, quae fundendo massam in formam redigit. Unde "exclusores dicti sunt, qui de confusione massae noverunt formam vasis exprimere"[48].

Caput XXIII: Tertia: navigatio

Navigatio continet omnem in emendis, vendendis, mutandis, domesticis sive peregrinis mercibus negotiationem. Haec rectissime quasi quaedam sui generis rhetorica est, eo quod huic professioni eloquentia maxime sit necessaria.

---

48. Augustinus, *In Psalmos* 67,39.

longas são aquelas com as quais podemos golpear à distância, como o dardo e a flecha.

As armas são chamadas assim do termo latim *armus*, que significa *braço*, porque elas munem o braço, que costumamos opor aos golpes. *Tela* vem do grego *telos*, que significa longo, porque as armas deste tipo são longas, de onde vem a palavra *protelar*, que significa prolongar.

A ciência das armas se chama ciência instrumental, não somente porque em suas operações utiliza instrumentos, mas também porque com o material disponível de alguma massa faz algum instrumento. À ciência das armas pertence qualquer material de pedras, madeiras, metais, areias e argilas.

Esta ciência compreende ainda dois gêneros: a arquitetônica e a fabril.

A arquitetônica compreende seja o corte de pedras, que cabe aos cortadores de pedras e aos pedreiros, como a carpintaria, que cabe aos carpinteiros e aos marceneiros, como também a outros trabalhadores das duas atividades. Nela se trabalha com machados e martelos, lima e caibros, serras e brocas, plainas, facas, colher de pedreiro e esquadro, polindo, afinando, esculpindo, limando, incidindo, conectando, rebocando sobre qualquer material com argila, tijolo, pedra, madeira, osso, areia, cal, gesso e outros materiais parecidos dos operários.

A ciência fabril se divide em duas: uma é executada com o martelo, que, batendo sobre uma massa, dilata-a numa fôrma, e a outra é a fundição, que, fundindo uma massa, a reduz a uma forma. Por esta razão, "foram chamados fundidores, eles que, da massa confusa, mediante moldes, souberam expressar uma forma".

CAPÍTULO 23: Terceira: a navegação

A navegação abrange todo o comércio de compra, venda e troca de mercadorias domésticas ou estrangeiras. Com justa razão a navegação é considerada uma retórica *sui generis*, uma vez que a eloqüência é absolutamente necessária a esta profissão.

Unde et hic qui facundiae praeesse dicitur, Mercurius, quasi mercatorum kirrius, id est, Dominus appellatur.

Haec secreta mundi penetrat, litora invisa adit, deserta horrida lustrat, et cum barbaris nationibus et linguis incognitis commercia humanitatis exercet. Huius studium gentes conciliat, bella sedat, pacem firmat, et privata bona ad communem usum omnium immutat.

Caput XXIV: Quarta: agricultura

Agricultura quattuor species habet: arvum agrum, qui sationi deputatur; et consitum, qui arboribus vacat, ut vineta, pomaria, nemora; pascuum, ut prata, tempe, tesqua; floridum, ut horti et rosaria.

Caput XXV: Quinta: venatio

Venatio dividitur in ferinam, aucupium et piscaturam. Ferina multis modis exercetur, retibus, pedicis, laqueis, praecipitiis, arcu, iaculis, cuspide, indagine, pennarum odore, canibus, accipitribus. Aucupium fit laqueis, pedicis, retibus, arcu, visco, hamo. Piscatura fit sagenis, retibus, gurgustiis, hamis, iaculis.

Ad hanc disciplinam pertinet omnium ciborum, saporum, et potuum apparatus. Nomen tamen accepit ab una parte sua, quia antiquitus plus venatione vesci solebant, sicut adhuc in quibusdam regionibus, ubi rarissimus usus panis est, carnem pro cibo et mulsum vel aquam pro potu habent.

Cibus in duo dividitur, in panem et obsonium.

Panis dictus est, vel quasi ponis, quia omnibus mensis apponitur, vel a Graeco pan, quod est omne, quia nullum convivium bonum sine pane ducitur. Panis multa sunt genera,

Por isto, aquele que preside à arte de falar, Mercúrio, é considerado *kirrius*, ou seja, Senhor dos mercadores.

A navegação penetra em regiões remotas, adentra litorais nunca vistos, percorre desertos horríficos, e estabelece relações humanas com povos bárbaros e com línguas desconhecidas. Este tipo de dedicação reconcilia as nações, aplaca as guerras, consolida a paz, e transfere os bens privados para o uso comum de todos.

CAPÍTULO 24: Quarta: a agricultura

A agricultura se divide segundo quatro tipos de terreno: campo arável, destinado à semeadura; campo arbóreo, destinado às plantas, como vinhedo, pomar e bosques; campo pastoril, como prados, vales e descampados; campo florido, como hortos e roseirais.

CAPÍTULO 25: Quinta: a caça

A caça se divide em caça selvagem, passarinhagem e pesca. A caça selvagem se faz de muitas maneiras, com redes, armadilhas, laços, fossas, arco, flechas, lanças, tocaias, cheiros de plumas, cachorros, falcões. A caça aos pássaros se faz com laços, armadilhas, redes, arco, visgo e gancho. A pesca se faz com nassas, redes, paliçadas, anzóis e arpões.

A esta disciplina pertence a preparação de todos os alimentos, molhos e bebidas. Esta significação mais ampla do termo "caça" tem origem de uma parte dela, pois antigamente os homens se alimentavam preferencialmente de caça, como ainda hoje em algumas regiões, onde o uso do pão é raríssimo, tendo a carne como alimento e o mosto e a água como bebida.

A comida se divide em duas partes, pão e acompanhamento.

O *panis* (pão) se chama assim ou porque, como *ponis*, é *posto* em todas as mesas, ou do grego *pan*, que significa *tudo*, considerado que nenhuma boa refeição se faz sem o pão. Há muitos tipos de pão:

azymus, fermentatus, subcinericius, rubigus, spongia, placenta, clibanicus, dulcia, siligeneus, amolum, simila, et cetera multa.

Obsonium dicitur quasi adiunctum pani, quod nos cibarium dicere possumus. Huius multa sunt genera, carnes, pulmenta, mulsa, holera, fructus. Carnes aliae sunt assae, aliae frixae, aliae elixae, aliae crudae, aliae salsae. Aliae dicuntur succidia, lardum quoque sive taxea, perna vel petasunculus, axungia, arvina, adeps. Pulmenti item multa sunt genera, Lucaniae farcimen, minutal, afrotum, mortisia Galatiae, et cetera quaecumque princeps coquorum excogitare potuit. Mulsa habent lac, colostrum, babdutam, butyram, caseum, serum. Holerum et fructuum nomina enumeret qui potest?

Sapores alii calidi sunt, alii frigidi, alii amari, alii dulces, alii sicci, alii humidi.

Potus alii tantum sunt potus, id est, qui humectant tantum, non nutriunt, ut aqua; alii potus et cibus, id est, qui humectant et nutriunt, ut vinum. Rursum, qui cibus sunt, alii naturaliter sunt cibus, ut vinum et sicera quaelibet; alii accidentaliter, ut cervisia, medones.

Venatio igitur continet omnia pistorum, carnificum, coquorum, cauponum officia.

Caput XXVI: Sexta: medicina

"Medicina dividitur in duas partes"[49], occasiones et operationes.

Occasiones sex sunt: aer, motus et quies, inanitio et repletio, cibus et potus, somnus et vigiliae, et accidentia animae. Quae ideo occasiones esse dicuntur, quia faciunt et conservant sanitatem, si temperata fuerint; si intemperata fuerint, infirmitatem. Accidentia animae ideo dicuntur occasio sanitatis vel infirmitatis, quia aliquando

---

49. *Incipit Isagoge Joannitii ad Tegni Galieni* (in *Articella* [Venetia: Baptista de Tortes, 1487] fol. 2r-a). Cf. Taylor, J., *The Didascalicon*, Columbia Univ. Press, New York, 1961, p. 206, notae 75-78.

ázimo, fermentado, cozido sob a cinza, vermelho, pão esponjoso, fogaça, cozido em telha, pão doce, pão de farinha, pão de cevada, semelhantes e muitos outros.

O acompanhamento é chamado assim porque é como se fosse acrescentado ao pão, e podemos chamá-lo alimento. Existem vários tipos de acompanhamento: carnes, misturas, líquidos melados, verduras e frutas. As carnes são algumas assadas, outras fritas, outras cozidas, outras cruas, outras salgadas. Outras se chamam carnes de porco, também toucinho ou toucinho defumado, perna ou presunto, banha, sebo, gordura. Também de misturas há muitas: lingüiça da Lucânia, petisco, posta de peixe, as galácticas e tantas outras quantas um chefe de cozinha conseguiu excogitar. Os mostos têm leite, colostro, lacticínios, manteiga, queijo e soro. E quem pode enumerar o número de verduras e frutas?

As salsas são algumas quentes, outras frias, outras amargas, outras doces, outras secas, outras úmidas.

Entre as bebidas, algumas somente tiram a sede, isto é, somente umedecem, não alimentam, como a água; outras são bebida e alimento, isto é, umedecem e alimentam, como o vinho. E ainda, entre os alimentos, alguns são alimentos naturais, como o vinho e qualquer *sycera*; outros são acidentais, como cerveja e hidromel.

A caça, portanto, contém todas as tarefas de padeiros, açougueiros, cozinheiros e bodegueiros.

CAPÍTULO 26: Sexta: a medicina

"A medicina se divide em duas partes", as ocasiões (*causas condicionantes*) e as operações.

As ocasiões são seis: ar, movimento e repouso, esvaziamento e enchimento, alimento e bebida, sono e vigília, e as ocorrências que influem na alma. Elas se chamam ocasiões, porque ocasionam e conservam a saúde, se forem temperadas; se forem imoderadas, causam a enfermidade. As ocorrências que influem na alma são ocasião de saúde ou enfermidade no sentido de que

vel commovent calorem impetuose, ut ira, vel leniter, ut delectationes, vel attrahunt et celant aut impetuose, ut terror et timor, aut leniter, ut angustia. Et sunt quae commovent naturalem virtutem intus et extra, ut est tristitia.

Omnis operatio medicinae aut intus fit aut extra: intus, ut ea quae ore, naribus, auribus sive ano intromittuntur, ut potiones, vomitationes, pulveres etc., quae bibendo, vel masticando, vel attrahendo sumuntur; foris, ut epitimata, cataplasmata, emplastra, chirurgia, quae duplex est: in carne, ut incidere, suere, urere; in osse, ut solidare et iuncturae reddere.

Nec moveat quemquam quod cibum et potum inter atributa medicinae annumero, quae superius venationi attribui, quia secundum diversos respectus hoc factum est. Vinum namque in botro agriculturae est, in peno, celararii, in gustu, medici. Similiter ciborum apparatus ad pistrinum, macellum, coquinam pertinet; virtus saporis, ad medicinam.

Caput XXVII: Septima: theatrica

Theatrica dicitur scientia ludorum a theatro ubi populus ad ludendum convenire solebat, non quia in theatro tantum ludus fieret, sed quia celebrior locus fuerat ceteris.

Fiebant autem ludi alii in theatris, alii in gabulis, alii in gymnasiis, alii in amphicircis, alii in arenis, alii in conviviis, alii in fanis. In theatro gesta recitabantur vel carminibus, vel personis, vel larvis, vel oscillis in gabulis choreas ducebant et saltabant. In gymnasiis luctabantur. In amphicircis cursu certabant vel pedum, vel equorum, vel curruum. In arenis pugiles exercebantur. In conviviis, rhythmis et musicis instrumentis et odis psallebant et alea ludebant. In fanis tempore solemni deorum laudes canebant.

ou às vezes provocam calor impetuosamente, como a ira, ou suavemente, como o deleite, ou atraem e escondem este calor impetuosamente, como o terror e o medo, ou suavemente, como a angústia. E há influências que turbam a energia natural dentro e fora, como a tristeza.

Qualquer operação da medicina pode ser externa ou interna: a operação é interna, quando se introduzem pela boca, pelo nariz, pelas orelhas ou pelo ânus, poções, vomitivos, vários tipos de pó, etc., que se tomam bebendo, mastigando ou absorvendo; uma operação é externa no caso de faixas, compressas, emplastros e em caso de cirurgia, que é dupla: na carne, como cortar, costurar, queimar; ou no osso, como saldar e juntar.

Alguém não se admire se incluo entre os atributos da medicina o alimento e a bebida, coisas que acima tenho atribuído à caça, porque isto foi feito segundo ângulos diversos. O vinho, por exemplo, é coisa de agricultor no cacho da uva, de cantineiro na cantina, e de médico no paladar. Igualmente, a preparação dos alimentos tem a ver com o moinho, o açougue e a cozinha; o poder do sabor é com o médico.

CAPÍTULO 27: Sétima: a ciência do teatro

A ciência dos jogos se diz ciência do teatro por causa do termo latim *theatro,* onde o povo costumava reunir-se para brincar, e isto não porque o lazer acontecia somente no teatro, mas porque este foi um lugar mais freqüentado que os outros.

Os jogos aconteciam alguns nos teatros, outros nas cáveas, outros nos ginásios, outros nos anfiteatros, outros nas arenas, outros nos banquetes, outros nos santuários. No teatro as gestas eram recitadas em versos, ou através de atores, ou com máscaras, ou com bonecos. Nas cáveas os homens executavam coros e dançavam. Nos ginásios lutavam. Nos anfiteatros competiam em corridas a pé, de cavalos ou de bigas. Nas arenas se exibiam os pugilistas. Nos banquetes faziam música com ritmos, instrumentos musicais e canções, e jogavam dados. Nos santuários em ocasiões solenes cantavam os louvores dos deuses.

Ludos vero idcirco inter legitimas actiones connumerabant, quia temperato motu naturalis calor nutritur in corpore, et laetitia animus reparatur; vel, quod magis videtur, quia necesse fuit populum aliquando ad ludendum convenire, voluerunt determinata esse loca ludendi, ne in diversoriis conventicula facientes probrosa aliqua aut facinorosa perpetrarent.

Caput XXVIII: De logica quae est quarta pars philosophiae

Logica dividitur in grammaticam et in rationem disserendi.

Gramma Graece, littera interpretatur Latine, inde dicta est grammatica, id est litteralis scientia. Littera proprie est figura quae scribitur; elementum, sonus qui pronuntiatur. Ceterum hic large accipienda est littera, ut et vocem et scripturam intelligamus, utrumque enim ad grammaticam pertinet.

Quidam dicunt grammaticam non esse partem philosophiae, sed quasi quoddam appendicium et instrumentum ad philosophiam. De ratione autem disserendi Boethius dicit quod et pars esse possit et instrumentum ad philosophiam, sicut pes, manus, lingua, oculi, etc., partes sunt corporis et instrumenta.

Grammatica simpliciter agit de vocibus, id est, secundum se inventionem et formationem, compositionem, inflectionem, prolationem, et cetera ad pronuntiationem tantum pertinentia pertractans. Ratio disserendi agit de vocibus secundum intellectus.

Caput XXIX: De grammatica

Grammatica dividitur in litteram, syllabam, dictionem et orationem. Vel aliter grammatica dividitur in litteras, id est, id quod scribitur, et voces, id est, id quod pronuntiatur. Vel aliter, grammatica dividitur in nomen, verbum, participium, pronomen, adverbium, praepositionem, coniunctionem, interiectionem, vocem

Os jogos foram considerados ações legitimamente humanas, porque através dos movimentos moderados o calor é nutrido no corpo, e através da alegria o espírito se recupera. Mais verossimilmente, sendo que o povo deve, de vez em quando, reunir-se para jogar, se quis que existissem lugares de lazer bem definidos, para não acontecer que as pessoas, fazendo grupelhos nos botecos, cometessem ações vergonhosas ou delituosas.

CAPÍTULO 28: A lógica como quarta parte da filosofia

A lógica se divide em gramática e teoria da argumentação.

O grego *gramma* significa em latim *letra*, e por isso esta ciência foi chamada gramática, isto é, ciência das letras. A letra é propriamente uma figura que se escreve; e o elemento é o som que se pronuncia. Todavia, o termo *letra* aqui deve ser interpretado em sentido amplo, entendendo-a como palavra e escrita, pois as duas pertencem à gramática.

A gramática, segundo alguns afirmam, não é parte da filosofia, mas antes um tipo de apêndice e um instrumento para a filosofia. Sobre a teoria da argumentação, todavia, Boécio diz que esta poderia ser seja uma parte como um instrumento da filosofia, do mesmo modo que o pé, a mão, a língua, os olhos, etc., são partes e instrumentos do corpo.

Dito simplesmente, a gramática trata das palavras, isto é, especificamente de sua invenção, formação, composição, modulação, enunciação e todo o resto relacionado somente com a pronúncia. A teoria da argumentação trata das palavras em nível de conceitos.

CAPÍTULO 29: A gramática

A gramática se divide em letra, sílaba, palavra e frase. Ou, dito diferentemente, a gramática se divide em letras, isto é, aquilo que se escreve, e palavras, isto é, aquilo que se pronuncia. Ou, de outra maneira, a gramática se divide em nome, verbo, particípio, pronome, advérbio, preposição, conjunção, interjeição, palavras

articulatam, litteram, syllabam, pedes, accentus, posituras, notas, orthographiam, analogiam, etymologiam, glossas, differentias, barbarismum, soloecismum, vitia, metaplasma, schemata, tropos, prosas, metra, fabulas, historias.

Quorum idcirco expositionem transeo, quia et prolixior esset quam huius schedulae brevitas expetat, et quia etiam in hoc opusculo, divisiones tantum rerum et nomina investigare proposui, ut tantummodo quoddam principium doctrinae lectori conderetur. Qui autem haec scire desiderat, legat Donatum, Servium, Priscianum *De accentibus* et Priscianum *De duodecim versibus Vergilii,* et *Barbarismum,* et Isidorum etymologiarum.

Caput XXX: De ratione disserendi

Ratio disserendi integrales partes habet inventionem et iudicium, divisivas vero demonstrationem, probabilem, sophisticam.

Demonstratio est in necessariis argumentis et pertinet ad philosophos. Probabilis pertinet ad dialecticos et ad rhetores; sophistica, ad sophistas et cavillatores.

Probabilis dividitur in dialecticam et rhetoricam, quarum utraque integrales partes habet inventionem et iudicium. Quia enim ipsum genus, id est, dissertivam, integraliter constituunt, necesse est ut in compositione omnium specierum eius simul inveniantur. Inventio est quae docet invenire argumenta et constituere argumentationes. Scientia iudicandi, quae de utroque iudicare docet.

Quaeri potest, si inventio et iudicium sub philosophia contineantur. Videntur enim neque sub

articuladas, letra, sílaba, pés da métrica, acentos, pontuação, notas, ortografia, analogia, etimologia, glosas, diferenças, barbarismos, solecismos, anomalias, metaplasmos, esquemas, tropos, prosas, metros, fábulas, histórias.

Vou omitir a exposição destas coisas, porque seria mais prolixo de quanto pretende a brevidade destas páginas e também porque neste opúsculo me prefixei de investigar somente as divisões e os nomes das coisas, de modo que ao estudante leitor seja oferecido somente algum princípio de cultura. Quem, todavia, deseja conhecer estas coisas, dê uma lida em Donato, Sérvio, Prisciano em *De accentibus* e Prisciano em *De duodecim versibus Vergilii* e *Barbarismus*, e nas *Etimologias* de Isidoro.

CAPÍTULO 30: A teoria da argumentação

A teoria da argumentação possui como partes integrais a invenção e o juízo, e como partes divisíveis, a demonstração, o raciocínio provável, a sofística[33].

A demonstração se dá nos argumentos probantes e pertence ao filósofo. A argumentação provável pertence aos dialéticos e aos retóricos. A sofística é coisa de sofistas e zombadores.

A argumentação provável se divide em dialética e retórica, e as duas possuem como partes integrais a invenção e o juízo. Sendo que a invenção e o juízo são partes integrais do próprio gênero, que é a argumentação, é necessário que se encontrem juntas na composição de todas as subdivisões. A invenção é aquela que ensina a encontrar os argumentos e a compor as argumentações. A ciência do juízo ensina a julgar sobre argumentos e argumentações.

Podemos perguntar-nos se a invenção e o juízo estão contidos sob a filosofia. Pareceria que não são contidos nem sob a

---

33. As "partes integrais" não são separáveis do todo, em oposição às "partes divisíveis" nas quais um gênero se subdivide, como, por exemplo, o gênero "animal" se divide nas espécies "racional" e "irracional". A invenção é a procura de argumentos para uma argumentação e o juízo é o julgamento da verdade ou falsidade da argumentação. Invenção e juízo estão presentes em todas as subdivisões da teoria da argumentação.

theorica, neque sub practica, neque sub mechanica, neque sub logica, de qua magis videretur contineri. Sub logica non continentur, quia neque per grammaticam neque per dissertivam. Per dissertivam non continentur, cum integraliter eam constituant. Nulla autem res esse possit simul integralis et divisiva pars eiusdem generis. Sicque philosophia non omnem scientiam continere videtur.

Sed sciendum quod scientia duobus modis accipi solet, id est, pro aliqua disciplinarum, sicut cum dico dialecticam esse scientiam, id est, artem vel disciplinam, et pro qualibet cognitione, sicut cum dico scientiam habere eum qui scit aliquid. Verbi gratia, si scio dialecticam, scientiam habeo, et si scio natare, scientiam habeo, et si scio Socratem esse Sophronisci filium, scientiam habeo. Et universaliter omnis qui aliquid scit, potest dici scientiam habere. Sed tamen aliud est, cum dico, "dialectica est scientia, id est, ars vel disciplina", atque aliud cum dico, "scire quod Socrates est Sophronisci filius est scientia, id est, cognitio". De omni scientia quae est ars vel disciplina, verum est dicere quod sit pars philosophiae divisiva, non autem universaliter dici potest, quod omnis scientia quae est cognitio, pars sit philosophiae divisiva. Est tamen prorsus omnis scientia sive disciplina sive quaelibet cognitio pars philosophiae, vel divisiva vel integralis.

Disciplina autem est scientia quae absolutum finem habet, in quo propositum artis perfecte explicatur, quod scientiae inveniendi vel iudicandi non convenit, quia neutra per se absoluta est, et ideo disciplina dici non possunt, sed partes disciplinae, id est dissertivae.

Rursum quaeritur si inventio et iudicium eaedem sint partes dialecticae et rhetoricae, quod inconveniens videtur, ut duo opposita genera eisdem prorsus constituantur partibus. Dici ergo potest has duas voces aequivocas esse ad partes dialecticae et rhetoricae, vel, quod fortassis melius est, dicamus inventionem et iudicium proprie partes esse

teórica, nem sob a prática, nem sob a mecânica, nem sob a lógica, que nos pareceria a mais apta a incluí-los. Não estariam incluídos sob a lógica, nem pela gramática nem pela teoria da argumentação. Não estariam incluídas pela teoria da argumentação porque a constituem integralmente. Pois nenhuma coisa poderia ser simultaneamente parte integral e subdivisão de mesmo gênero. Assim sendo, parece que a filosofia não contém todo o saber.

Mas se deve saber que a ciência pode ser interpretada de duas maneiras: ou como uma das disciplinas, quando digo, por exemplo, que a dialética é uma ciência, isto é, uma arte ou disciplina, ou como qualquer conhecimento, quando, por exemplo, digo que alguém que conhece alguma coisa, tem ciência daquilo. Por exemplo, se conheço a dialética, tenho ciência, e se sei nadar tenho ciência, e se sei que Sócrates é filho de Sofronisco tenho ciência. E em geral, de toda pessoa que sabe de alguma coisa pode ser dito que ela tem ciência daquela coisa. Todavia, uma coisa é se digo: "a dialética é uma ciência, isto é, uma arte ou disciplina", e outra coisa é se digo: "saber que Sócrates é filho de Sofronisco é uma ciência, isto é, um conhecimento". De qualquer ciência que é arte ou disciplina se pode dizer que perfaz uma parte da filosofia, mas em geral não se pode dizer que todo saber que é um conhecimento perfaz uma parte da filosofia. Todavia, toda ciência, seja ela disciplina seja um conhecimento qualquer, faz parte da filosofia, ou como parte divisível ou como parte integral.

A disciplina é uma ciência que possui uma meta final independente, na qual ela realiza perfeitamente o propósito da arte. Isto não é próprio da ciência da invenção e do juízo, porque nenhuma das duas é independente; por isso, não podem ser ditas disciplinas, mas antes partes de uma disciplina, isto é, da teoria da argumentação.

Alguém se pergunta, ainda, se a invenção e o juízo são também subdivisões da dialética e da retórica. Mas não parece possível que dois gêneros opostos sejam constituídos de idênticas subdivisões. Pode-se dizer, portanto, que estas duas palavras, invenção e juízo, teriam um significado diverso e equívoco entre si como subdivisões da dialética e da retórica. Ou, o que talvez é melhor, digamos que a invenção e o juízo são propriamente partes

dissertivae et sub his vocibus univocari, in inferioribus tamen huius generis quibusdam proprietatibus, a se invicem differre. Quae tamen differentiae per has voces non discernuntur, quia per eas non secundum hoc quod species componunt, sed secundum hoc quod partes sunt generis significantur.

Grammatica est scientia loquendi sine vitio; dialectica, disputatio acuta verum a falso distinguens. Rhetorica est disciplina ad persuadendum quaeque idonea.

da teoria da argumentação, e nesta tem um significado preciso e unívoco, mas, se colocados também nas subdivisões inferiores deste gênero, ou seja, na dialética e retórica, teriam dois significados, equívocos entre si. Não dá para imaginar estas diferenças nos dois termos, invenção e juízo, exatamente porque seu significado advém do fato de serem partes integrais de um gênero, não do fato de constituírem espécies.

A gramática é a ciência de falar sem erro. A dialética é a disputa aguda que distingue o verdadeiro do falso. A retórica é a disciplina para persuadir sobre tudo o que for conveniente.

LIBER TERTIUS

Caput I: De ordine et modo legendi et disciplina

Philosophia dividitur in theoricam, practicam, mechanicam, logicam. Theorica dividitur in theologiam, physicam, mathematicam. Mathematica dividitur in arithmeticam, musicam, geometriam, astronomiam. Practica dividitur in solitariam, privatam, publicam. Mechanica dividitur in lanificium, armaturam, navigationem, agriculturam, venationem, medicinam, theatricam. Logica dividitur in grammaticam, dissertivam. Dissertiva dividitur in demonstrationem, probabilem, sophisticam. Probabilis dividitur in dialecticam, rhetoricam.

In hac divisione solummodo divisivae partes philosophiae continentur. Sunt aliae adhuc subdivisiones istarum partium, sed istae nunc sufficere possunt. In his igitur si solum numerum respicis, invenies xxi; si gradus computare volueris, xxviii reperies.

Auctores harum scientiarum diversi leguntur. Alii incipiendo, alii augendo, alii perficiendo artes invenerunt, sicque eiusdem artis plures saepe referuntur auctores. Ex his paucorum nomina subter annumerabo.

Caput II: De auctoribus artium

Theologus apud Graecos Linus fuit, apud Latinos, Varro, et nostri tempori, Ioannes Scotus de decem categoriis in Deum.

Physicam naturalem, apud Graecos, Thales Milesius unus de septem sapientibus repperit, apud Latinos, Plinius descripsit.

LIVRO III

CAPÍTULO 1: Ordem e método na leitura e no estudo

A filosofia se divide em teórica, prática, mecânica e lógica. A teórica se divide em teologia, física, matemática. A matemática se divide em aritmética, música, geometria, astronomia. A prática se divide em solitária, privada, pública. A mecânica se divide em ciência da lã, ciência das armas, navegação, agricultura, caça, medicina, teatro. A lógica se divide em gramática e arte da argumentação. A arte da argumentação se divide em demonstrativa, provável e sofística. A provável se divide em dialética e retórica.

Nesta divisão estão contidas somente as partes principais da filosofia. Ainda há outras subdivisões destas partes, mas estas, por enquanto, podem ser suficientes. No esquema da divisão, se você olhar apenas o número das disciplinas, encontrará o vinte e um; se quiser numerar todos os degraus do esquema, encontrará o número vinte e oito.

Os autores destas ciências são vários, segundo a tradição. Eles desenvolveram as artes, uns iniciando-as, outros melhorando-as, outros aperfeiçoando-as, de modo que freqüentemente são citados vários autores da mesma arte. Destes, enumerarei a seguir os nomes de alguns poucos.

CAPÍTULO 2: Os autores das artes

Teólogo, entre os gregos, foi Lino. Entre os latinos foi Varro. E o teólogo do nosso tempo é João Escoto, em suas *Dez Categorias sobre Deus*.

A física natural foi iniciada entre os gregos por Tales de Mileto, um dos sete sábios, e entre os latinos foi Plínio a expô-la amplamente.

Arithmeticam Samius Pythagoras invenit, Nicomachus scripsit. Apud Latinos primum Apuleius, deinde Boethius transtulit. Hic etiam Pythagoras *Maten tetrados* fecit, id est, librum de doctrina quadrivii, et Y ad similitudinem vitae humanae invenit.

Musicae repertorem Moyses dicit fuisse Tubal, qui fuit de stirpe Cain, Graeci Pythagoram, alii Mercurium, qui primus tetrachordum instituit, alii Linum, vel Zetum, vel Amphionem.

Geometriam apud Aegyptum primum dicunt esse repertam, cuius auctor apud Graecos optimus Euclides fuit. Huius artem transtulit Boethius. Eratosthenes quoque sagacissimus in geometria, qui ambitum orbis repperit.

Dicunt quidam quod Cham filius Noe astronomiam primus invenerit. Chaldaei primum astrologiam docuerunt, secundum nativitatis observantiam. Iosephus autem asseverat Abraham primum instituisse Aegyptios astrologiam. Astronomiam Ptolomaeus rex Aegypti reparavit. Hic etiam canones instituit quibus cursus astrorum invenitur. Aiunt quidam Nemroth gigantem summum fuisse astrologum, sub cuius nomine etiam astronomia invenitur. Graeci dicunt hanc artem ab Atlante prius excogitatam, propter quod etiam caelum sustinuisse fertur.

Ethicae inventor Socrates fuit, de qua viginti quattuor libros secundum positivam iustitiam scripsit. Deinde Plato discipulus eius libros multos *De republica* secundum utramque iustitiam, naturalem scilicet et positivam, conscripsit. Deinde Tullius in Latino sermone libros *De republica* ordinavit. Fronto quoque philosophus scripsit librum *Strategematon*, id est, militaris suavitatis.

Mechanica diversos habuit auctores. Hesiodus Ascraeus primus apud Graecos in describendis rebus rusticis studuit, deinde Democritus. Magnus quoque Carthaginiensis in viginti octo voluminibus studium agriculturae conscripsit, apud Romanos primus Cato *De agricultura* instituit, quod deinde Marcus Terentius expolivit.

A aritmética foi iniciada por Pitágoras de Samo e foi exposta em livros por Nicômaco. "Entre os latinos foi traduzida primeiro por Apuleio e depois por Boécio". O mesmo Pitágoras escreveu também *Matentetradem*, isto é, um livro sobre a doutrina do quadrívio, e atribuiu à letra Y uma semelhança com a vida humana.

Inventor da música foi, como disse Moisés, um certo Tubal, da estirpe de Caim; para os gregos foi Pitágoras ou, segundo outros, Mercúrio, que foi o primeiro a construir o tetracórdio; outros citam Lino, Zeto ou Anfião.

A geometria, dizem, foi primeiro descoberta no Egito, e seu melhor expositor entre os gregos foi Euclides, cuja obra foi traduzida por Boécio. Agudíssimo em geometria foi também Eratóstenes, que mediu a circunferência da terra.

A astronomia, dizem alguns, foi iniciada primeiramente por Cam, filho de Noé, que primeiro iniciou a astronomia. Os primeiros a ensinar a astrologia foram os caldeus, relacionando-a com o instante do nascimento. José afirma que foi Abraão o primeiro a formar os egípcios na astrologia. "Ptolomeu, rei do Egito, reorganizou a astronomia, e ele estabeleceu regras para descobrir os movimentos dos astros". Alguns dizem que o gigante Nemrot foi um astrólogo exímio, e a ele é atribuída também a descoberta da astronomia. "Os gregos dizem que esta ciência foi ideada primeiro por Atlas, e por isso conta-se que ele sustentasse o céu".

O inventor da ética foi Sócrates, que sobre ela escreveu vinte e quatro livros acerca da justiça positiva. Em seguida Platão, discípulo dele, compilou vários livros *Sobre a república* a respeito das duas justiças, a saber, a natural e a positiva. Mais tarde Cícero organizou os livros *Sobre a república* em língua latina. Também o filósofo Fronto escreveu o livro *Strategematon*, isto é, sobre a conduta militar.

A mecânica teve diversos iniciadores. Hesíodo de Ascre, entre os gregos, foi o primeiro que se dedicou a descrever os afazeres do campo, "e depois dele Demócrito. Mago, o cartaginês, escreveu em vinte e oito livros a arte da agricultura; entre os romanos o primeiro a escrever *Sobre a agricultura* foi Catão, argumento que, em seguida, Marco Terêncio aperfeiçoou.

Vergilius quoque *Georgica* fecit, deinde Cornelius et Iulius Atticus, Aemilianus sive Columella insignis orator, qui totum corpus disciplinae huius complexus est. Vitruvius quoque *De architectura*, Palladius *De agricultura*.

Lanificii usum apud Graecos primam Minervam monstrasse ferunt. Hanc etiam primam telam ordinasse, lanas colorasse, olivae quoque et fabricae inventricem fuisse credunt. Ab ipsa Daedalus didicit, et ipse post eam fabricam fecisse creditur. Apud Aegyptum autem Isis filia Inachi usum serendi lini repperit, et qualiter inde vestimenta fierent, monstravit. Similiter lanae usum ibidem ipsa repperit. In Lybia primum usus lanae exortus est a templo Ammonis.

Ninus rex Assyriorum primus bella movit. Vulcanum primum fabrum fuisse credunt, divina autem historia, Tubal. Primus Prometheus ferreo circulo lapidem imprimens usum anuli invenit.

Navigii usum Pelasgi primi invenerunt. Ceres primum in Graecia apud Eleusim usum frumenti invenit, Isis in Aegypto. Pilumnus in Italia usum frumenti et farris et ritum molendi et pinsendi, Tagus in Hispania ritum serendi. Osiris apud Aegyptum cultum vinearum repperit, Liber apud Indos. Daedalus primus mensam et sellam fecit. Apicius quidam primus composuit apparatum coquinae, qui tandem in ea, consumptis bonis, morte voluntaria periit.

Medicinae auctor apud Graecos Apollo fuit, hanc filius eius Aesculapius laude et opere ampliavit, qui postquam fulmine periit. Diu medendi cura intermissa est latuitque per annos paene quingentos, usque ad tempus Artaxerxis regis. Tunc eam revocavit in lucem Hippocrates, Asclepio patre genitus in insula Coo.

Ludi a Iydis initium sumpsisse creduntur, qui ex Asia venientes in Etruria consederunt sub Tyrreno duce, ibique inter ceteros superstitionum suarum ritus spectacula instituerunt, quem morem Romani imitati sunt, accersitis inde artificibus, indeque ludi a Lydis vocati sunt.

Também Virgílio escreveu as *Geórgicas*, e depois dele vieram Cornélio e Júlio Ático, Emiliano e também Columela, insigne orador que tratou todos os campos desta disciplina". Vitrúvio escreveu *Sobre a arquitetura* e Paládio *Sobre a agricultura.*

A arte da fabricação de lã, conforme se conta, foi ensinada aos gregos por Minerva, que também foi a primeira a montar o tear, a colorir a lã, a inventar a oliveira e a construção. Discípulo dela foi Dédalo, e se crê que ele, depois dela, montou uma oficina. No Egito foi Ísis, filha de Ináquio, que descobriu a arte de tecer o linho e mostrou como fazer roupas com ele. Igualmente, foi ela que descobriu lá o uso da lã. Na Líbia, o primeiro uso da lã adveio do templo de Amônio.

O primeiro a mover guerras foi Nino, rei dos assírios. Crê-se que Vulcano foi o primeiro fabro, mas a Escritura Sagrada diz que foi Tubal. Prometeu foi o primeiro que inventou o uso do anel, inserindo uma pedra sobre um círculo de ferro.

O uso dos navios foi introduzido inicialmente pelos pelágios. Ceres foi a primeira na Grécia a descobrir o uso do trigo, e no Egito foi Ísis. Piluno, na Itália, introduziu o uso do trigo, da aveia e o método de moer e de pilar, enquanto Tago, na Espanha, introduziu o método de semear. Entre os egípcios foi Osíris que descobriu o cultivo da uva, e entre os indianos foi Libero. Dédalo foi o primeiro a fazer a mesa e a cadeira. Um certo Apício foi o primeiro a compor o receituário da cozinha e nela, após ter comido todas as iguarias, morreu de morte voluntária.

O iniciador da medicina entre os gregos foi Apolo, cujo filho Esculápio, que depois morreu na queda de um raio, enobreceu esta ciência com mérito e dedicação. Por longo tempo a ciência da medicina foi abandonada e ficou na sombra durante quase quinhentos anos, até o tempo do rei Artaxerxes. E aí Hipócrates, engendrado pelo pai Asclépio na ilha de Coo, trouxe-a de novo em evidência.

Acredita-se que os espetáculos públicos iniciaram com os lídios, os quais vieram da Ásia e se estabeleceram na Etrúria sob o comando de Tirreno, e lá, entre outras cerimônias das suas superstições, instituíram os espetáculos teatrais, costume que os romanos imitaram chamando os artistas de lá. Por isso os ludos foram chamados assim do nome dos lídios.

Litterae Hebraeorum a Moyse per legem initium sumpsisse creduntur, Chaldaeorum et Syrorum per Abraham. Aegyptiorum litteras Isis invenit; Graecorum, Phoenices, quas Cadmus a Phoenice in Graeciam attulit. Carmentis, mater Evandri, quae proprio nomine Nicostrata vocabatur, Latinas litteras repperit.

"Divinam historiam primus Moyses scripsit. Apud gentiles primus Dares Phrygius Troianam historiam edidit, quam in foliis palmarum ab eo scriptam esse ferunt. Post Daretem, in Graecia Herodotus historicus primus habitus est, post quem Pherecydes hisdem temporibus claruit quibus Esdras legem scripsit"[50]. Fabulas primum invenisse creditur Alcmon Crotoniensis.

Aegyptus mater est artium, inde in Graeciam, deinde in Italiam venerunt. In ea primum grammatica reperta est tempore Osiris, mariti Isidis. In ea quoque dialectica primum inventa est a Parmenide, qui civitates et coetus hominum fugiens in rupe consedit non modico tempore, sicque dialecticam excogitavit, unde et rupes Parmenidis appellata est. "Plato autem post mortem Socratis magistri sui amore sapientiae Aegyptum demigravit, ibique perceptis liberalibus studiis, Athenas rediit, et apud Academiam, villam suam, coadunatis discipulis, philosophiae studiis operam dedit"[51]. Hic primum logicam rationalem Graecis instituit, quam postea Aristoteles, discipulus eius, ampliavit, perfecit et in artem redegit. Marcus Terentius Varro primus dialecticam de Graeco in Latinum transtulit. Postea Cicero *Topica* invenit. Demosthenes, fabri filius, apud Graecos rhetoricae repertor creditur, Tisias apud Latinos, Corax apud Syracusas. Haec ab Aristotele et Gorgia et Hermagora in Graeco scripta est, translata in Latinum a Tullio, Quintiliano et Titiano.

Caput III: Quae artes praecipue legendae sint

Ex his autem omnibus scientiis supra enumeratis, septem specialiter discreverant antiqui in studiis suis ad opus erudiendorum,

---

50. Isidorus, *Etymologiae* 1,42,1s.

51. Remigius de Auxerre, *Commentum in Martianum Capellam* 4,2.

O alfabeto hebraico, conforme a tradição, iniciou com Moisés na Lei. O dos caldeus e dos sírios com Abraão. Ísis inventou o alfabeto dos egípcios; os fenícios inventaram o alfabeto grego, que Cadmo, vindo da Fenícia, trouxe para a Grécia. Carmenta, mãe de Evandro, cujo verdadeiro nome era Nicóstrata, inventou o alfabeto latino.

Moisés foi o primeiro a escrever uma história divina. Entre os pagãos, foi o frígio Darete a escrever a história de Tróia, que, como contam, foi escrita por ele em folhas de palmas. Depois de Darete, na Grécia foi Heródoto a ser considerado o primeiro historiador, e depois dele brilhou Ferécide, na mesma época em que Esdras escreveu a Lei. Crê-se que Alcmone de Crotão foi o primeiro a inventar as fábulas.

O Egito é a mãe das artes, que de lá vieram para a Grécia e depois para a Itália. No Egito, nos tempos de Osíris, marido de Ísis, foi inventada pela primeira vez a gramática. Também lá foi inventada pela primeira vez a dialética por obra de Parmênides, que, fugindo das cidades e do convívio dos homens, foi morar por longo tempo sobre um rochedo, e assim excogitou a dialética, de modo que aquele rochedo foi chamado rochedo de Parmênides. "Platão, por sua vez, após a morte do seu mestre Sócrates, movido pelo amor da sabedoria, emigrou para o Egito, e de lá, após ter aprendido as artes liberais, voltou a Atenas, onde, tendo reunido os discípulos na Academia, que era a casa dele, dedicou-se aos estudos da filosofia". Como primeira coisa ele ensinou aos gregos a lógica racional, que depois Aristóteles, discípulo dele, ampliou, aperfeiçoou e organizou como ciência. O primeiro a traduzir a dialética do grego para o latim foi Marco Terêncio Varro. Em seguida, Cícero elaborou os *Tópicos*. Diz-se que o inventor da retórica entre os gregos foi Demóstenes, filho de um fabro, entre os latinos Tísia, entre os siracusanos Corace. A retórica, escrita em grego por Aristóteles, Górgias e Hermágoras, foi traduzida para o latim por Túlio, Quintiliano e Ticiano.

CAPÍTULO 3: Quais artes devem ser lidas principalmente

De todas estas ciências acima enumeradas, os antigos destacaram de modo especial sete delas em seus programas de ensino.

in quibus tantam utilitatem esse prae ceteris omnibus perspexerunt, ut, quisquis harum disciplinam firmiter percepisset, ad aliarum notitiam postea inquirendo magis et exercendo quam audiendo perveniret. Sunt enim quasi optima quaedam instrumenta et rudimenta quibus via paratur animo ad plenam philosophicae veritatis notitiam. Hinc trivium et quadrivium nomen accepit, eo quod his, quasi quibusdamm viis, vivax animus ad secreta sophiae introeat.

Nemo tunc temporis nomine magistri dignus videbatur, qui non harum septem scientiam profiteri posset. Pythagoras quoque hanc in studiis suis consuetudinem servasse legitur, ut usque ad septenium, secundum numerum videlicet septem liberalium artium, nullus discipulorum suorum de his quae ab ipso dicebantur rationem poscere auderet, sed fidem dare verbis magistri quousque omnia audivisset, sicque iam per semetipsum rationem eorum posset invenire.

Has septem tanto studio quidam didicisse leguntur, ut plane omnes ita in memoria tenerent, ut, quascunque scripturas deinde ad manum sumpsissent, quascumque quaestiones solvendas aut comprobandas proposuissent, ex his regulas et rationes ad definiendum id de quo ambigeretur folia librorum revolvendo non quaererent, sed statim singula corde parata haberent. Hinc profecto accidit tot eo tempore fuisse sapientes ut plura ipsi scriberent quam nos legere possimus. Scholares vero nostri aut nolunt aut nesciunt modum congruum in discendo servare, et idcirco multos studentes, paucos sapientes invenimus.

Mihi videtur non minori cura providendum esse lectori, ne in studiis inutilibus operam suam expendat quam ne in bono et utili proposito tepidus remaneat. Malum est bonum negligenter agere, peius est in vanum labores multos expendere. Sed quia non omnes hanc discretionem habere possunt, ut intelligant quid sibi expediat, idcirco, quae scripturae mihi utiliores videantur, lectori breviter demonstrabo, ac deinde de modo quoque discendi pauca adnectam.

Nelas viram tanta utilidade em comparação com todas as outras, que, qualquer um que adquirisse firmemente o conhecimento delas, chegaria ao conhecimento das outras mais pesquisando e praticando do que ouvindo. Elas são como instrumentos ótimos e tirocínios pelos quais ao espírito é preparada a via para o pleno conhecimento da verdade filosófica. Por esta razão se chamaram "trívio" e "quadrívio", pois por elas, como se fosse por algumas vias, o espírito vivo penetra nos segredos da Sabedoria.

Ninguém, em tempos antigos, era considerado digno de ser chamado pelo nome de mestre, se não conseguisse mostrar o conhecimento destas sete ciências. Conta-se que Pitágoras mantivesse em seus cursos um certo costume, tal que, até terminar os sete anos, correspondentes exatamente ao número das sete artes liberais, nenhum dos seus discípulos ousasse fazer perguntas sobre as coisas que eram proferidas por ele, mas o discípulo dava crédito às palavras do mestre até ouvir tudo, e assim, depois, pudesse descobrir sozinho o fundamento daquelas palavras.

De alguns se diz que aprenderam estas sete ciências com tanta aplicação que as tinham todas claramente na memória, de modo que, qualquer texto que tomassem, qualquer questão que propusessem para ser resolvida ou provada, tinham imediatamente prontas na memória, a partir destas sete ciências, as regras e os fundamentos para definir aquilo que era controvertido, nem precisavam folhear as páginas dos livros. Por esta razão acontece que naqueles tempos o número de sábios era tal, que eles escreviam mais livros de quantos nós poderíamos ler. Mas os nossos alunos ou não querem ou não sabem manter um método adequado de aprendizagem, e por isso encontramos muitos estudantes, mas poucos sábios.

Parece-me que o estudante não deve tomar menos cuidado em não gastar tempo em estudos inúteis quanto em ficar desinteressado diante de um objetivo bom e útil. É mal fazer o bem com negligência, mas é pior gastar muitas energias inutilmente. Mas, dado que nem todos possuem este discernimento para entender o que lhes é proveitoso, por esta razão indicarei brevemente ao estudante os escritos que me parecem mais úteis, e depois acrescentarei algo também sobre o modo de aprender.

Caput IV: De duobus generibus scripturarum

Duo sunt genera scripturarum. Primum genus est earum quae propriae artes appellantur. Secundum est earum quae sunt appendicia artium.

Artes sunt quae philosophiae supponuntur, id est, quae aliquam certam et determinatam partem philosophiae materiam habent, ut est grammatica, dialectica, et ceterae huiusmodi. Appendentia artium sunt quae tantum ad philosophiam spectant, id est, quae in aliqua extra philosophiam materia versantur. Aliquando tamen quaedam ab artibus discerpta sparsim et confuse attingunt, vel si simplex narratio est, viam ad philosophiam praeparant. Huiusmodi sunt omnia poetarum carmina, ut sunt tragoediae, comoediae, satirae, heroica quoque et lyrica, et iambica, et didascalica quaedam, fabulae quoque et historiae, illorum etiam scripta quos nunc philosophos appellare solemus, qui et brevem materiam longis verborum ambagibus extendere consueverunt, et facilem sensum perplexis sermonibus obscurare. Vel etiam diversa simul compilantes, quasi de multis coloribus et formis, unam picturam facere.

Nota quae tibi distinxi. Duo sunt, artes et appendicia artium. Sed inter haec tanta mihi distanctia esse videtur, ut ille ait:

> *"Lenta salix quantum pallenti cedit olivae,*
> *Puniceis humilis quantum saliunca rosetis"*[52].

Ita ut quicumque ad scientiam pertingere cupit, si relicta veritate artium reliquis se implicare voluerit, materiam laboris, ut non dicam infinitam, plurimam inveniat et fructum exiguum. Denique artes sine appendiciis suis perfectum facere lectorem possunt, illa sine artibus nihil perfectionis conferre valent, maxime cum

---

52. Vergilius, *Eclogae* 5,16.

CAPÍTULO 4: Os dois tipos de escritos

Há duas categorias de escritos. A primeira abrange os escritos que se chamam propriamente *artes*. A segunda categoria é a dos escritos que são complementos das artes.

As artes são aquelas que estão subordinadas à filosofia, isto é, aquelas que têm como conteúdo alguma divisão certa e determinada da filosofia, como é o caso da gramática, da dialética e coisas parecidas. Complementos das artes são aqueles escritos que apenas se relacionam com a filosofia, isto é, que tratam de algum conteúdo fora da filosofia. Às vezes, todavia, estes escritos tocam esparsamente e confusamente algumas questões tiradas das artes ou, se a exposição é clara, preparam a via para a filosofia. A esta categoria pertencem todas as composições dos poetas, tais como tragédias, comédias, sátiras, escritos heróicos e líricos, versos iâmbicos e algumas obras didáticas, assim como fábulas e histórias, e também os escritos daquelas pessoas que nestes nossos tempos costumamos chamar filósofos, os quais, porém, costumam alongar uma matéria breve em longas controvérsias de palavras e obscurecer com palavras obscuras um sentido fácil. Estes tais, ainda, pondo junto coisas diversas, são como quem, de muitas cores e formas, faz uma pintura.

Tome nota da distinção que fiz para você: há duas coisas, as artes e os complementos das artes. Mas a distância entre estes dois gêneros parece-me tanta, que assim foi resumida (*por Virgílio*):

> *"Tanto quanto o salgueiro dobrável é inferior à verde oliveira*
> *Tanto quanto o humilde nardo é inferior aos roseirais púnicos".*

De modo que, quem desejasse alcançar a ciência, mas, deixada de lado a verdade das artes, quisesse envolver-se em outros estudos, encontraria uma mole de fadiga, não digo infinita, mas considerável, com fruto exíguo. Enfim, as artes, sem seus complementos, podem levar o leitor à perfeição, mas os complementos, sem as artes, não conseguem conferir nenhum grau de perfeição, sobretudo considerando-se que estes complementos

nihil in se expetendum habeant unde lectorem invitent nisi traductum ab artibus et accommodatum, neque quisquam in eis quaerat nisi quod artium est. Quapropter mihi videtur primum operam dandam esse artibus ubi fundamenta sunt omnium, et pura simplexque veritas aperitur, maxime his septem quas praedixi, quae totius philosophiae instrumenta sunt.

Deinde cetera quoque, si vacat, legantur, quia aliquando plus delectare solent seriis admixta ludicra, et raritas pretiosum facit bonum. Sic in medio fabulae cursu inventam sententiam avidius aliquando retinemus.

Verumtamen in septem liberalibus artibus fundamentum est omnis doctrinae, quae prae ceteris omnitus ad manum habendae sunt, utpote sine quibus nihil solet aut potest disciplina philosophica explicare et definire. Hae quidem ita sibi cohaerent et alternis vicissim rationibus indigent, ut si vel una defuerit, ceterae philosophum facere non possunt. Unde mihi errare videntur qui non attendentes talem in artibus cohaerentiam quasdam sibi ex ipsis eligunt, et, ceteris intactis, in his se posse fieri perfectos putant.

Caput V: Unicuique arti quod suum est tribuendum esse

Est rursum alius error non multo minor isto, quem summopere vitare oportet.

Sunt enim quidam, qui licet ex his quae legenda sunt nihil praetermittant, nulli tamen arti quod suum est tribuere norunt, sed in singulis legunt omnes. In grammatica de syllogismorum ratione disputant, in dialectica inflexiones casuales inquirunt, et quod magis irrisione dignum est, in titulo totum paene legunt librum, et "incipit" tertia vix lectione expediunt. Non alios docent huiusmodi, sed ostentant suam scientiam. Sed utinam quales mihi, tales omnibus apparerent!

nada possuem de desejável e convidativo para o leitor senão algo tirado e adaptado das artes, e neles a pessoa não procura outra coisa senão algo que tenha a ver com as artes. Por isso, parece-me que, antes de tudo, é necessário dedicar-se às artes, onde estão os fundamentos de todos os campos do saber e onde se manifesta a verdade pura e simples, sobretudo às sete acima mencionadas que são os instrumentos de toda a filosofia.

Depois disso, sobrando um tempo, leiam-se também os outros escritos, pois às vezes as coisas sérias, quando misturadas com as jocosas, agradam mais, e a raridade torna precioso o bom. Às vezes gravamos com maior interesse uma frase, quando é encontrada dentro do conto de uma fábula.

Na verdade, porém, o fundamento de todo o saber está nas sete artes liberais, as quais, mais que as outras, devem estar à mão, como aquelas sem as quais a disciplina filosófica nada costuma ou pode explicar e definir. Elas estão tão conexas entre si e necessitam tanto dos fundamentos recíprocos uma da outra, que, se apenas uma faltar, as outras não podem criar um filósofo. Por isso, parece-me que erram quantos, não levando em conta esta conexão nas artes, escolhem para si algumas delas e, deixando as outras intocadas, acham que nestas podem tornar-se perfeitos.

CAPÍTULO 5: A cada arte deve ser atribuída a sua função

Existe ainda um outro erro não menor que este, e que precisa evitar a todo custo.

Há pessoas que, embora nada deixem de quanto deve ser lido, não sabem atribuir a cada arte o que lhe é próprio, mas em cada uma delas misturam todas. Na gramática discutem da teoria dos silogismos, na dialética pesquisam as inflexões dos casos, e, o que é mais risível, para explicar o título de um tratado lêem quase todo o livro e na terceira lição mal chegaram a explicar o *incipit* ou palavras iniciais. Desta forma, não ensinam os outros, mas ostentam sua própria ciência. Oxalá a todos aparecessem como aparecem a mim!

Attende quam perversa sit haec consuetudo, cum profecto quanto magis superflua aggregaveris, tanto minus ea quae utilia sunt capere possis vel retinere.

In qualibet igitur arte duo nobis maxime discernenda sunt et distinguenda, primum, qualiter oporteat de ipsa arte agere, secundum, qualiter oporteat ipsius artis rationes quibuslibet aliis rebus accommodare. Duo sunt, agere de arte, et agere per artem. Verbi gratia, agere de arte, ut est agere de grammatica, agere per artem, ut est agere grammatice. Distingue haec duo, agere de grammatica, et agere grammatice. De grammatica agit, qui regulas de vocibus datas et praecepta ad hanc artem pertinentia tractat. Grammatice agit omnis qui regulariter loquitur vel scribit. Agere igitur de grammatica quibusdam tantummodo scripturis, ut Prisciano, Donato, Servio convenit, agere vero grammatice, omnibus.

Cum igitur de qualibet arte agimus, maxime in docendo, ubi omnia ad compendium restringenda sunt et ad facilem intelligentiam evocanda, sufficere debet id de quo agitur quantum brevius et apertius potest explanare, ne si alienas nimium rationes multiplicaverimus, magis turbemus quam aedificemus lectorem. Non omnia dicenda sunt quae dicere possumus, ne minus utiliter dicantur ea quae dicere debemos.

Id tandem in unaquaque arte quaeras quod ad eam specialiter pertinere constiterit. Deinde cum legeris artes, et quid uniuscuiusque sit proprium agnoveris disputando et conferendo, tunc demum rationes singularum invicem conferre licebit, et ex alterna consideratione vicissim quae minus prius intellexeras investigare. Noli multiplicare diverticula quoadusque semitas didiceris. Securus discurres cum errare non timueris.

Repare quão perverso é este costume, considerando-se que, quanto mais você acumula as coisas supérfluas, tanto menos poderá compreender e reter as coisas úteis.

Em qualquer ciência, portanto, devemos discernir e distinguir, sobretudo, duas coisas: primeiro, como deve ser tratada uma ciência determinada, e, segundo, como os fundamentos desta ciência podem ser adaptados a qualquer outro campo. Temos duas coisas: tratar de uma ciência e atuar através de uma ciência. Por exemplo, tratar de uma ciência é como tratar da gramática, e atuar através de uma arte é como falar gramaticalmente correto. Distinga estas duas coisas: tratar da gramática e agir gramaticalmente. Trata da gramática aquele que se ocupa das regras estabelecidas acerca das palavras e dos preceitos pertinentes a esta ciência. Atua gramaticalmente qualquer um que escreve e fala corretamente. Tratar da gramática é tarefa somente de alguns escritos, como Prisciano, Donato e Sérvio, mas agir segundo a gramática é tarefa de todos.

Quando, portanto, lidamos com qualquer ciência, mas, sobretudo, quando a ensinamos, tudo deve ser resumido sinteticamente e exposto de maneira a ser facilmente compreendido, devendo bastar uma exposição quanto mais breve e rigorosa possível sobre aquilo que está sendo tratado, para evitar que, ao multiplicarmos as explicações não pertinentes, turbemos o estudante ao invés de edificá-lo. Não deve ser dito tudo aquilo que podemos dizer, para que não seja dito de modo menos aproveitável aquilo que devemos dizer.

Procure em cada ciência somente aquilo que consta pertencer especificamente a ela. Em suma, quando você estiver lendo as ciências e tiver conhecido, mediante discussão e comparação, aquilo que é próprio de uma, aí finalmente será lícito comparar reciprocamente os fundamentos das ciências singulares e, desta consideração comparativa e recíproca, investigar aquelas coisas que anteriormente você tinha entendido menos. Não queira multiplicar os atalhos antes de ter conhecido as estradas. Você estará seguro nas discussões quando não tiver medo de errar.

Caput VI: Quid sit necessarium studio

Tria sunt studentibus necessaria: natura, exercitium, disciplina. In natura consideratur ut facile audita percipiat et percepta firmiter retineat; in exercitio, ut labore et sedulitate naturalem sensum excolat; in disciplina, ut laudabiliter vivens mores cum scientia componat.

De his tribus per singula modo introductionis pauca perstringemus.

Caput VII: Hoc ad naturam de ingenio

Qui doctrinae operam dant, ingenio simul et memoria pollere debent, quae duo in omni studio et disciplina ita sibi cohaerent, ut si desit alterum, neminem alterum ad perfectum ducere possit, sicut nulla prodesse possunt lucra ubi deest custodia, et incassum receptacula munit qui quod recondat non habuerit. Ingenium invenit et memoria custodit sapientiam.

Ingenium est vis quaedam naturaliter animo insita per se valens. Ingenium a natura proficiscitur, usu iuvatur, immoderato labore retunditur, et temperato acuitur exercitio. Unde satis eleganter a quodam dictum est: "Volo tandem tibi parcas, labor est in chartis, curre per aera".

Duo sunt quae ingenium exercent: lectio et meditatio Lectio est, cum ex his quae scripta sunt, regulis et praeceptis informamur. Trimodum est lectionis genus: docentis, discentis, vel per se inspicientis. Dicimus enim "lego librum illi", et "lego librum ab illo", et "lego librum". In lectione maxime consideranda sunt ordo et modus.

CAPÍTULO 6: O que é necessário ao estudo

Três coisas são necessárias aos estudantes: 1) as qualidades naturais, 2) o exercício e 3) a disciplina. As qualidades naturais, para que entenda facilmente aquilo que ouve e memorize firmemente aquilo que entendeu. O exercício, para que eduque as qualidades naturais mediante o trabalho e a persistência. A disciplina, para que, vivendo em modo louvável, harmonize a conduta com o saber.

Diremos brevemente poucas palavras, à maneira de introdução, sobre cada uma destas três coisas.

CAPÍTULO 7: O engenho natural

Aqueles que se dedicam ao saber teórico devem dispor de inteligência e de memória ao mesmo tempo, coisas que em qualquer estudo ou disciplina estão tão conexas que, se uma faltar, a outra não pode conduzir ninguém para a perfeição, da mesma forma que os lucros servem para nada se faltar o armazenamento e inutilmente constrói armazéns aquele que tem nada para guardar. O engenho descobre e a memória custodia a Sabedoria.

O engenho é uma certa força ínsita naturalmente na alma e com capacidade própria. O engenho nasce da natureza, melhora com o uso, se idiotiza com o trabalho desmedido, se aguça com o exercício moderado. Por isso, elegantemente foi dito por alguém: "Quero que você se poupe, nas páginas do livro há trabalho, corra pelo ar livre".

O exercício do engenho se dá mediante duas atividades: a leitura e a meditação. Na leitura, a partir de quanto foi escrito, ficamos formados nas regras e nos preceitos. E há três tipos de leitura: 1) do docente, 2) do discente e 3) do autodidata. De fato, nós dizemos "leio um livro para ele" e "leio um livro apresentado por ele" e "leio um livro". Na leitura devem ser tidos em máxima consideração a ordem e o método.

Caput VIII: De ordine legendi

Ordo consideratur alius in disciplinis, ut si dixerim grammaticam dialectica antiquiorem vel arithmeticam priorem musica, alius in libris, ut si dixero Catilinarium Iugurthino priorem, alius in narratione, quae est in continua serie, alius in expositione.

Ordo in disciplinis attenditur secundum naturam, in libris secundum personam auctoris vel subiectam materiam, in narratione secundum dispositionem, quae duplex est; naturalis, videlicet, quando res eo refertur ordine quo gesta est, et artificialis, id est, quando id quod postea gestum est prius narratur, et quod prius, postmodum dicitur, in expositione consideratur ordo secundum inquisitionem.

Expositio tria continet, litteram, sensum, sententiam. Littera est congrua ordinatio dictionum, quod etiam constructionem vocamus. Sensus est facilis quaedam et aperta significatio, quam littera prima fronte praefert. Sententia est profundior intelligentia, quae nisi expositione vel interpretatione non invenitur. In his ordo est, ut primum littera, deinde sensus, deinde sententia inquiratur. Quo facto, perfecta est expositio.

Caput IX: De modo legendi

Modus legendi in dividendo constat.

Omnis divisio incipit a finitis, et ad infinita usque progreditur. Omne autem finitummagis notum est et scientia comprehensibile. Doctrina autem ab his quae magis nota sunt incipit, et per eorum notitiam ad scientiam eorum quae latent pertingit. Praeterea ratione investigamus, ad quam proprie pertinet dividere, quando ab universalibus ad particularia descendimus dividendo et singulorum naturas investigando. Omne namque universale magis est determinatum suis particularibus.

CAPÍTULO 8: A ordem na leitura

A ordem é observada ou nas disciplinas, como se dissesse que a gramática é mais antiga que a dialética e a aritmética vem antes da música, ou nos livros, como quando digo que a Conjura de Catilina precede a Guerra Iugurtina, ou na narração, que consiste numa concatenação contínua, ou na exposição de textos.

A ordem, nas disciplinas, é observada dependendo da natureza da disciplina. Nos livros, segundo a pessoa do autor ou da matéria tratada. Na narração, de acordo com a disposição, que é dupla: natural, isto é, quando a coisa é referida segundo a ordem em que aconteceu, e artificial, isto é, quando aquilo que aconteceu depois é narrado antes e aquilo que é anterior é falado depois. Na exposição de um texto, a ordem obedece a níveis de inquisição.

Quanto à exposição de um texto, com efeito, este contém três níveis: a frase, o sentido, o pensamento. A frase é a organização apropriada das palavras que chamamos também construção da frase. O sentido é o significado fácil e acessível que a frase apresenta à primeira vista. O pensamento é um entendimento mais profundo que não se descobre senão pela exposição ou pela interpretação. Aqui a ordem consiste em inquirir primeiro a frase, depois o sentido, depois o pensamento. Isto feito, a exposição é perfeita.

CAPÍTULO 9: Do modo de ler

O modo de ler consiste em dividir.

Toda divisão começa das coisas finitas e progride até as infinitas. Tudo aquilo que é finito é mais conhecido e mais compreensível pela ciência. A aprendizagem começa das coisas que são mais notas e, pelo conhecimento delas, chega ao conhecimento das coisas ocultas. Além disso, nós investigamos com a razão, à qual é próprio dividir, quando descemos dos universais para os particulares dividindo e investigando a natureza de cada coisa. Com efeito, todo universal é mais determinado que seus particulares.

Quando ergo discimus, ab his incipere debemus quae magis sunt nota et determinata et complectentia, sicque paulatim descendendo, et per divisionem singula distinguendo, eorum quae continentur naturam investigare.

Caput X: De meditatione

Meditatio est cogitatio frequens cum consilio, quae causam et originem, modum et utilitatem uniuscuiusque rei prudenter investigat.

Meditatio principium sumit a lectione, nullis tamen stringitur regulis aut praeceptis lectionis. Delectatur enim quodam aperto decurrere spatio, ubi liberam contemplandae veritati aciem affigat, et nunc has, nunc illas rerum causas perstringere, nunc autem profunda quaeque penetrare, nihil anceps, nihil obscurum relinquere.

Principium ergo doctrinae est in lectione, consummatio in meditatione, quam si quis familiarius amare didicerit eique saepius vacare voluerit, iucundam valde reddit vitam, et maximam in tribulatione praestat consolationem. Ea enim maxime est, quae animam a terrenorum actuum strepitu segregat, et in hac vita etiam aeternae quietis dulcedinem quodammodo praegustare facit. Cumque iam per ea quae facta sunt eum qui fecit omnia quaerere didicerit et intelligere, tunc animum pariter et scientia erudit et laetitia perfundit, unde fit ut maximum in meditatione sit oblectamentum.

Tria sunt genera meditationis. Unum constat in circumspectione morum, aliud in scrutatione mandatorum, tertium in investigatione divinorum operum. Mores sunt in vitiis et virtuti bus. Mandatum divinum, aliud praecipiens, aliud promittens, aliud terrens. Opus Dei est, et quod creat potentia, et quod moderatur sapientia, et quod cooperatur gratia.

Quae omnia, quanta sint admiratione digna, tanto magis quisque novit, quanto attentius Dei mirabilia meditari consuevit.

Quando, portanto, aprendemos, devemos começar pelas coisas que são mais conhecidas, determinadas e abrangentes, e aí, descendo aos poucos e distinguindo pela divisão as coisas singulares, investigar a natureza das coisas aí contidas.

CAPÍTULO 10: A meditação

A meditação é um pensar freqüente com discernimento, e ela investiga prudentemente a causa e a origem, o gênero e a utilidade de cada coisa.

A meditação começa com a leitura, mas não se amarra a nenhuma regra ou prescrição da leitura. Ela se deleita em correr pela campina aberta, onde fixa o livre olhar para a verdade a ser contemplada, e deleita-se em examinar ora estas ora aquelas causas, em penetrar as coisas profundas, em deixar nada ambíguo, nada obscuro.

O início da aprendizagem está na leitura, o fim na meditação, e se alguém aprender a amá-la com mais intimidade e dedicar-se a ela com mais afinco, ela lhe torna a vida muito jucunda, e na tribulação oferece uma grandíssima consolação. Ela é, sobretudo, aquela que afasta a alma do estrépito dos afazeres terrenos, e, em certo qual modo, faz antegozar já nesta vida a doçura da paz eterna. E, após ter aprendido a querer e entender, pelas coisas que foram feitas, Aquele que fez tudo, ela inunda o espírito igualmente de ciência e de alegria, de maneira que na meditação aconteça o máximo de deleite.

Há três tipos de meditação. O primeiro consiste no exame da conduta, o segundo no conhecimento minucioso dos mandamentos, o terceiro na investigação das obras divinas. A conduta consiste nos vícios e nas virtudes. O mandamento divino é ora preceptivo, ora promitente, ora aterrador. É obra de Deus seja aquilo que a sua potência cria, seja aquilo que a sua *Sapiência* guia, seja aquilo que a sua graça reforça.

Todas estas coisas, de quanta admiração elas sejam dignas, tanto mais sabe-o o homem, quanto mais atentamente acostumou-se a meditar as obras admirandas de Deus.

Caput XI: De memoria

De memoria hoc maxime in praesenti praetermittendum non esse existimo, quod sicut ingenium dividendo investigat et invenit, ita memoria colligendo custodit.

Oportet ergo ut, quae discendo divisimus, commendanda memoriae colligamus. Colligere est ea de quibus prolixius vel scriptum vel disputatum est ad brevem quandam et compendiosam summam redigere, quae a maioribus epilogus, id est, brevis recapitulatio supradictorum appellata est. Habet namque omnis tractatio aliquod principium, cui tota rei veritas et vis sententiae innititur, et ad ipsum cuncta alia referuntur. Hoc quaerere et considerare colligere est.

Unus fons est et multi rivuli, quid anfractus fluminum sequeris? Tene fontem et totum habes. Hoc idcirco dico, quoniam memoria hominis hebes est et brevitate gaudet, et, si in multa dividitur, fit minor in singulis. Debemus ergo in omni doctrina breve aliquid et certum colligere, quod in arcula memoriae recondatur, unde postmodum, cum res exigit, reliqua deriventur. Hoc etiam saepe replicare et de ventre memoriae ad palatum revocare necesse est, ne longa intermissione obsoleat.

Unde rogo te, o lector, ne nimium laeteris si multa legeris, sed si multa intellexeris nec tantum intellexeris sed retinere potueris. Alioquin nec legere multum prodest, nec intelligere. Quare superius me dixisse recolo eos qui doctrinae operam dant ingenio et memoria indigere.

Caput XII: De disciplina

Sapiens quidam cum de modo et forma discendi interrogaretur:

CAPÍTULO 11: A memória

Sobre a memória, considero agora que não pode ser esquecido isto: como o engenho investiga e descobre, dividindo, assim a memória guarda, resumindo.

Forçosamente, portanto, aquilo que dividimos aprendendo, devemos sintetizá-lo para ser confiado à memória. Resumir significa reduzir aquilo do qual foi falado ou escrito prolixamente para uma compilação breve e compendiosa que os antigos chamavam epílogo, isto é, uma breve recapitulação das coisas ditas antes. De fato, qualquer tratado possui algum conceito basilar, sobre o qual toda a verdade da coisa e a força da argumentação se baseiam, e a ele todas as outras coisas se referem. Procurar e centrar isto é resumir.

Há uma fonte e muitos riachos: por que você segue as tortuosidades do rio? Fique com a fonte, e tem tudo. Afirmo que a memória do homem é fraca e gosta de brevidade, e se ela se dissipa em muitas coisas, fica menor em cada uma delas. Devemos, portanto, redigir em cada doutrina algo breve e certo, a ser depositado no arquivo da memória, do qual, em seguida, quando for necessário, as outras coisas derivem. Este resumo deve também ser revisitado freqüentemente e, do ventre da memória, ser chamado de volta para o paladar, para que não desapareça em virtude de um longo abandono.

Por isso, aconselho a você, estudante, a não alegrar-se excessivamente por ler muitas coisas, mas por entender muitas coisas, e não somente entender mas poder memorizar. Do contrário, não adianta ler muito nem entender muito. Razão pela qual repito quanto disse acima, isto é, que as pessoas que se dedicam ao estudo necessitam de engenho e de memória.

CAPÍTULO 12: A disciplina moral

Um certo sábio foi interrogado sobre o modo e a forma de aprender:

"Mens – inquit – humilis, studium quaerendi, vita quieta,
scrutinium tacitum, paupertas, terra aliena,
haec reserare solent multis obscura legendi".

Audierat, puto, quod dictum est: "Mores ornant scientiam"[53], et ideo praeceptis legendi, praecepta quoque vivendi, adiungit, ut et modum vitae suae et studii sui rationem lector agnoscat.

Illaudabilis est scientia quam vita maculat impudica. Et idcirco summopere cavendum ei qui quaerit scientiam, ut non negligat disciplinam.

Caput XIII: De humilitate

Principium autem disciplinae humilitas est, cuius cum multa sint documenta, haec tria praecipue ad lectorem pertinent: primum, ut nullam scientiam, nullam scripturam vilem teneat, secundum, ut a nemine discere erubescat, tertium, ut cum scientiam adeptus fuerit, ceteros non contemnat.

Multos hoc decipit, quod ante tempus, sapientes videri volunt. Hinc namque in quemdam elationis tumorem prorumpunt, ut iam et simulare incipient quod non sunt et quod sunt erubescere, eoque longius a sapientia recedunt quo non esse sapientes, sed putari putant.

Eiusmodi multos novi, qui, cum primis adhuc elementis indigeant, non nisi summis interesse dignantur, et ex hoc solummodo se magnos fieri putant, si magnorum et sapientium vel scripta legerint vel audierint verba. "Nos – inquiunt – vidimus illos. Nos ab illis legimus. Saepe nobis loqui illi solebant. Illi summi, illi famosi, cognoverunt nos."

Sed utinam me nemo agnoscat et ego cuncta noverim! Platonem vidisse, non intellexisse gloriamini. Puto indignum vobis est deinceps ut me audiatis.

---

53. Quintilianus, *Institutionis oratoriae*, 1, proemium 18; 12,1,1-8.

"Mente humilde – respondeu – ânsia de querer, vida quieta,
consideração silenciosa, pobreza, terra estrangeira,
Isto costuma descortinar a muitos coisas obscuras da leitura".

Ele ouvira, acho, quanto foi dito: "Os bons costumes adornam a ciência", e por isso aos preceitos do aprender acrescentou também os preceitos do viver, para que o estudante conheça seja o modo de viver seja as teorias do seu estudo.

Não é louvável o saber maculado por uma vida impudica. E, por isso, quem procura o saber deve prestar a máxima atenção a não negligenciar a disciplina moral.

CAPÍTULO 13: A humildade

O começo da disciplina moral é a humildade, da qual existem muitos ensinamentos, três dos quais interessam mais ao estudante: 1) primeiro, não reputar de pouco valor nenhuma ciência e nenhum escrito; 2) segundo, não ter vergonha de aprender de qualquer um, 3) terceiro, não desprezar os outros depois de ter alcançado o saber.

Muitos ficam decepcionados porque querem aparecer sábios antes do tempo. Por esta razão, explodem numa intumescência de arrogância, começam a fingir aquilo que não são e a envergonhar-se daquilo que são, e tanto mais se afastam da Sabedoria quanto mais se preocupam não em serem sábios, mas em serem considerados tais.

Conheci muitas pessoas assim, as quais, mesmo necessitando ainda dos conhecimentos básicos, se dignam interessar-se somente das coisas sublimes, e acham que se tornaram grandes apenas por ter lido os escritos ou ouvido as palavras dos grandes e dos sábios. "Nós – dizem – os vimos. Nós ouvimos as lições deles. Eles costumavam falar freqüentemente para nós. Aquelas sumidades, aqueles famosos, nos conheceram".

Quanto a mim, porém, oxalá ninguém me conheça e eu conheça tudo! Mas vocês se gloriam de ter visto Platão, não de tê-lo entendido. Conseqüentemente, considero indigno para vocês que me escutem.

Non ego sum Plato, nec Platonem videre merui. Sufficit vobis: ipsum philosophiae fontem potastis, sed utinam adhuc sitiretis! rex post aurea pocula de vase bibit testeo. Quid erubescitis? Platonem audistis, audiatis et Chrysippum. In proverbio dicitur: "Quod tu non nosti, fortassis novit Ofellus"[54]. Nemo est cui omnia scire datum sit, neque quisquam rursum cui aliquid speciale a natura accepisse non contigerit.

Prudens igitur lector omnes libenter audit, omnia legit, non scripturam, non personam, non doctrinam spernit. Indifferenter ab omnibus quod sibi deesse videt quaerit, nec quantum sciat, sed quantum ignoret, considerat. Hinc illud Platonicum aiunt: "Malo aliena verecunde discere, quam mea impudenter ingerere"[55].

Cur enim discere erubescis, et nescire non verecundaris? Pudor iste maior est illo. Aut quid summa affectas cum tu iaceas in imo? Considera potius quid vires tuae ferre valeant. Aptissime incedit, qui incedit ordinate. Quidam dum magnum saltum facere volunt, praecipitium incidunt. Noli ergo nimis festinare. Hoc modo citius ad sapientiam pertinges. Ab omnibus libenter disce quod tu nescis, quia humilitas commune tibi facere potest quod natura cuique proprium fecit. Sapientior omnibus eris, si ab omnibus discere volueris. Qui ab omnibus accipiunt, omnibus ditiores sunt.

Nullam denique scientiam vilem teneas, quia omnis scientia bona est. Nullam, si vacat, scripturam vel saltem legere contemnas. Si nihil lucraris, nec perdis aliquid, maxime cum nulla scriptura sit, secundum meam aestimationem, quae aliquid expetendum non proponat, si convenienti loco et ordine tractetur; quae non aliquid etiam speciale habeat, quod diligens verbi scrutator alibi non inventum, quanto rarius, tanto gratius carpat.

Nihil tamen bonum est quod melius tollit. Si omnia legere non potes, ea quae sunt utiliora lege. Etiam si omnia legere potueris,

---

54. Horatius, *Saturae* 2,2,2.

55. Hieronymus, *Epist.* 53,1,2.

Eu não sou Platão, nem mereci ver Platão. A vocês é suficiente ter bebido da própria fonte da filosofia, mas oxalá ainda tiverdes sede! O rei, depois de ter bebido em cálices dourados, bebe na caneca de barro. Por que se envergonhar? Ouviram Platão, venham ouvir também Crisipo. No provérbio se diz: "Aquilo que tu não conheces, talvez Ofelo o conheça". Não há ninguém ao qual foi dado de conhecer tudo, nem ninguém, por outro lado, ao qual não aconteceu de ter recebido da natureza algo especial.

O estudante prudente, portanto, ouve todos com prazer, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma. Pede indiferentemente de todos aquilo que vê estar-lhe faltando, nem leva em conta quanto sabe, mas quanto ignora. Daqui se origina o dito platônico: "Prefiro aprender modestamente as coisas dos outros a ostentar descaradamente as minhas".

Por que, então, você se envergonha de aprender, e não se envergonha de ser ignorante? Esta vergonha é maior que aquela. E ainda, por que você aspira a coisas altíssimas, quando ainda jaz no lugar mais baixo? Avalie, antes, aquilo que as tuas forças podem sustentar. Avança bem, quem avança ordenadamente. Alguns, querendo dar um grande salto, caem no precipício. Não queira, portanto, apressar-se demais. Deste modo você chegará mais cedo para a Sabedoria. Aprenda de todos com prazer aquilo que você não conhece, porque a humildade pode tornar comum para você aquilo que a natureza fez próprio para cada um. Será mais sábio de todos, se irá querer aprender de todos. Aqueles que recebem de todos, são mais ricos de todos.

Não considere vil conhecimento algum, portanto, porque todo conhecimento é bom. Se tiver tempo livre, não recuse de ao menos ler algum escrito. Se você não lucra, também não perde nada, sobretudo porque não há nenhum escrito, creio eu, que não proponha algo desejável, se é tratado no lugar e no modo devido, e não há nenhum escrito que não contenha algo especial não encontrado alhures, algo que o diligente escrutador da palavra não possa agarrar com tanta maior graça quanto mais é raro.

Mas não existe um bom que tire o melhor. Se você não pode ler todas as obras, lê as mais úteis. Ainda que você possa ler todas,

non tamen idem omnibus labor impendendus est. Sed quaedam ita legenda sunt ne sint incognita, quaedam vero ne sint inaudita, quia aliquando pluris esse credimus quod non audivimus, et facilius aestimatur res cuius fructus agnoscitur.

Videre nunc potes quam necessaria tibi sit haec humilitas, ut nullam scientiam vilipendas et ab omnibus libenter discas. Similiter tibi quoque expedit, ut, cum tu aliquid sapere coeperis, ceteros non contemnas. Hoc autem tumoris vitium hinc quibusdam accidit, quod suam scientiam nimis diligenter inspiciunt, et cum sibi aliquid esse visi fuerint, alios, quos non noverunt, tales nec esse nec potuisse fieri putant. Hinc etiam ebullit, quod nugigeruli nunc quidam, nescio unde, gloriantes, priores patres simplicitatis arguunt, et secum natam, secum morituram credunt sapientiam. In divinis eloquiis ita simplicem loquendi modum esse aiunt, ut in eis magistros audire non oporteat, posse satis quemque proprio ingenio veritatis arcana penetrare. Corrugant nasum et valgium torquent in lectores divinitatis, et non intelligunt quod Deo iniuriam faciunt, cuius verba pulchro quidem vocabulo simplicia, sed sensu pravo insipida praedicant. Non est mei consilii huiusmodi imitari.

Bonus enim lector humilis debet esse et mansuetus, a curis inanibus et voluptatum illecebris prorsus alienus, diligens et sedulus, ut ab omnibus libenter discat, numquam de scientia sua praesumat, perversi dogmatis auctores quasi venena fugiat, diu rem pertractare antequam iudicet discat, non videri doctus, sed esse quaerat, dicta sapientium intellecta diligat, et ea semper coram oculis quasi speculum vultus sui tenere studeat. Et si qua forte obscuriora intellectum eius non admiserint, non statim in vituperium prorumpat, ut nihil bonum esse credat, nisi quod ipse intelligere potuit. Haec est humilitas disciplinae legentium.

não deve ser dispensado o mesmo afinco a todas. Algumas devem ser lidas para não serem desconhecidas, outras para serem apenas ouvidas, pois não raro aquilo que não ouvimos é considerado maior do que realmente é, e é mais fácil ser estimada uma coisa, da qual se conhece o fruto.

Agora você pode ver quão necessária lhe seja esta humildade, para que despreze nenhum conhecimento e aprenda de todos com prazer. Igualmente, lhe convém que, quando começar a conhecer alguma coisa, não despreze os outros. Este vício da vaidade ocorre a alguns, porque olham com demasiada diligência o seu próprio conhecimento e, parecendo-lhes de ter-se tornado alguma coisa, pensam que os outros não são como eles nem poderiam nunca sê-lo, sem conhecê-los. Por isso agora ferve o fato que alguns charlatães, gloriando-se não sei de que, acusam professores mais velhos de ingenuidade, achando que a Sabedoria nasceu com eles e morrerá com eles. Dizem que nas Escrituras Sagradas o modo de falar é tão simples que sobre elas não precisaria ouvir os mestres, pois cada um poderia com seu próprio engenho penetrar os segredos da verdade. Franzem o nariz e torcem a boca contra os professores das Escrituras, e não entendem que fazem ofensa a Deus, cujas palavras eles em termos bonitos pregam serem simples, mas insinuam com maldade que as explicações dos mestres são insípidas. Não é meu conselho imitar este tipo de pessoas.

O bom estudioso deve ser humilde e manso, afastado totalmente das preocupações vãs e dos ilícitos das volúpias, diligente e constante, para que aprenda com prazer de todos, nunca presuma de sua ciência, fuja dos autores de doutrinas perversas como do veneno, aprenda a refletir longamente sobre alguma coisa antes de julgá-la, não queira aparecer douto, mas sê-lo, ame os ensinamentos aprendidos dos sábios e procure tê-los sempre diante dos olhos como espelho do seu próprio rosto. E se, por acaso, certas coisas mais obscuras não são admitidas por sua inteligência, o bom estudioso não prorrompa em impropérios, como se cresse que nada é bom a não ser aquilo que ele pode entender. Esta é a humildade da disciplina dos estudantes.

Caput XIV: De studio quaerendi

Studium quaerendi ad exercitium pertinet, in quo exhortatione magis quam doctrina lector indiget. Qui enim diligenter inspicere voluerit quid antiqui propter amorem sapientiae pertulerint, quam memoranda posteris virtutis suae monimenta reliquerint, quamlibet suam diligentiam inferiorem esse videbit. Alii calcabant honores, alii proiecerunt divitias, alii acceptis iniuriis gaudebant, alii poenas spreverunt, alii contubernia hominum deserentes, ultimos recessus et secreta eremi penetrantes, soli se philosophiae dedicabant, ut eo contemplationi vacarent liberius, quo nullis quae virtutis iter impedire solent cupiditatibus animum subiecissent. Parmenides philosophus quindecim annis in rupe Aegyptia consedisse legitur. Et Prometheus ob immodicam meditandi curam in monte Caucaso vulturi expositus memoratur. Quia enim sciebant verum bonum non in aestimatione hominum sed in pura conscientia esse absconditum, et eos iam non homines esse, qui rebus perituris inhaerentes bonum suum non agnoscerent, ideo, quantum mente et intelligentia a ceteris differrent, ipsa locorum distantia demonstrabant, ne una teneret habitatio quos non eadem sociabat intentio. Quidam philosopho referebat dicens: "Numquid non vides quia te derident homines?" Et ille: "Ipsi me, inquit, derident, et eos asini." Cogita si potes, quanti aestimaverit laudari ab his, a quibus nec vituperari timuit. De alio rursum legitur, quod post omnia disciplinarum studia et artium acumina ad opus figuli descenderit. Et alterius cuiusdam discipuli cum laudibus magistrum suum efferrent, inter cetera nec sutoriae peritia eum carere gloriati sunt.

Hanc igitur diligentiam in nostris lectoribus esse vellem, ut numquam in eis senesceret sapientia. Sola Abisag Sunamitis senem David calefecit quia amor sapientiae etiam marcescente corpore dilectorem suum non deserit.

CAPÍTULO 14: A dedicação à pesquisa

A dedicação à pesquisa pertence ao campo do exercício, e nisto o estudante precisa mais de exortação que de ensinamento. Aquele que quisesse olhar diligentemente o que os antigos suportaram pelo amor da Sabedoria e quantas memórias memoráveis de sua virtude deixaram aos pósteros, verá quanto a sua diligência é inferior à deles. Uns calcávam as honras, outros jogaram no ar as riquezas, uns se alegravam das injúrias recebidas, outros desprezaram os sofrimentos, outros, deixando o convívio dos homens e adentrando-se nos últimos recantos nas solidões do ermo, se dedicavam somente à filosofia, para entregar-se à meditação tanto mais livremente quanto menos submetessem o espírito às volúpias que costumam impedir o caminho da virtude. Conta-se que o filósofo Parmênides passou quinze anos num rochedo do Egito. E Prometeu é recordado exposto ao abutre no monte Cáucaso por causa da sua vontade desmedida de meditar. Estes eremitas, sabendo que o verdadeiro bem não reside na estima dos homens, mas está escondido na consciência pura e que não são homens quantos, aderindo às coisas que perecem, desconhecem o seu próprio bem, demonstravam com a distância geográfica quanto diferiam dos outros na mente e na inteligência, não querendo que uma mesma habitação albergasse aqueles que não eram associados na mesma intenção. Alguém se voltava para um filósofo dizendo: "Não vê como os homens zombam de você?" E ele: "Eles zombam de mim, e deles zombam os asnos". Pensa, se você consegue, quanto valia para ele ser louvado por aqueles, dos quais nem de ser insultado teve medo. De um outro se diz que, depois de todos os estudos das disciplinas e depois de ter alcançado as sumidades das artes, desceu para o trabalho de oleiro. E os discípulos de um certo estudioso, querendo promover com louvores o seu mestre, gloriavam-se de que a ele não faltava, entre outras coisas, nem a perícia de sapateiro.

Gostaria que os nossos estudantes tivessem uma tal diligência que neles a Sabedoria nunca envelhecesse. Somente Abisag, a sunamita, esquentou o velho Davi, porque o amor da Sabedoria, mesmo num corpo em definhamento, não abandonou o seu amante.

"Omnes paene virtutes corporis mutantur in senibus, et crescente sola sapientia, decrescunt cetera"[56]. "Senectus enim illorum qui adolescentiam suam honestis actibus instruxerunt, aetate fit doctior, usu tritior, processu temporis sapientior, et veterum studiorum dulcissimos fructus metit. Unde et sapiens ille vir Graeciae, Themistocles, cum expletis centum septem annis se mori cerneret, dixisse fertur se dolere quod egrederetur de vita quando sapere coepisset. Plato LXXXI anno scribens mortuus est. Socrates XCIX annos in docendi scribendique dolore laboreque complevit. Taceo ceteros philosophos, Pythagoram, Democritum, Xenocratem, Zenonem et Eleantem qui iam aetate longaeva in sapientiae studiis floruerunt.

Ad poetas venio, Homerum, Hesiodum, Simonidem, Tersicorum, qui grandes natu cycneum nescio quid et solito dulcius vicina morte cecinerunt. Sophocles cum post nimiam senectutem et rei familiaris neglegentiam, a filiis accusaretur amentiae, Oedippi fabulam, quam nuper scripserat, recitavit iudici, et tantum sapientiae in aetate iam fracta specimen dedit, ut severitatem tribunalium in favorem theatri converteret. Nec mirum cum etiam Cato censorius et Romani generis disertissimus, iam senex graecas litteras discere nec erubuerit nec desperaverit. Certe Homerus refert quod de lingua Nestoris, iam vetuli et paene decrepiti dulcior melle oratio fluxerit"[57].

Animadverte igitur quantum amaverint sapientiam quos nec decrepita aetas ab eius inquisitione potuit revocare. Iste igitur tantus amor sapientiae, tanta in senibus prudentiae abundantia, congrue etiam ex ipsius supradicti nominis interpretatione colligitur. "Interpretatur enim Abisag, pater meus superfluus", vel, "patris mei rugitus, ex quo ostenditur abundantissimum, et ultra humanam vocem in senibus divini sermonis tonitruum commorari. Verbum namque superfluum in hoc loco plenitudinem, non redundantiam, significat. Porro Sunamitis in lingua nostra coccinea dicitur"[58], quod satis convenienter fervorem sapientiae significare potest.

---

56. Hieronymus, *Epist.* 52,3,2.

57. Hieronymus, *Epist.* 52,3,3-6.

58. Hieronymus, *Epist.* 52,3,7.

"Quase todas as forças do corpo mudam nos velhos, e, enquanto cresce apenas a Sabedoria, todas as outras decrescem". "A velhice daqueles que construíram a sua adolescência em atos honestos com a idade se torna mais douta, com a prática mais calejada, com o andar do tempo mais sábia, e recolhe os frutos dulcíssimos dos estudos anteriores. Por isso, se conta que aquele homem sábio da Grécia, Temístocles, percebendo que estava morrendo após ter terminado cento e sete anos, ficava triste em ter que sair da vida quando começava a conhecer as coisas. Platão morreu aos oitenta e um anos, escrevendo. Sócrates completou noventa e nove anos na dor e no trabalho do ensino e da escrita. Não falo de outros filósofos, Pitágoras, Demócrito, Xenócrates, Zenão e Eleante, os quais se destacaram nos estudos da Sabedoria quando estavam em idade avançada.

E agora venho aos poetas, Homero, Hesíodo, Simônides, Tersícoro, os quais, já velhos, perto da morte cantaram não sei qual canto de cisne mais doce que de costume. Sófocles, sendo acusado de demência pelos filhos em razão da velhice avançada e da negligência nos negócios de família, recitou ao juiz a tragédia de Édipo, que acabara de escrever, e deu um tal exemplo de Sabedoria em idade já avançada, que transformou a severidade do tribunal em entusiasmo pelo teatro. E não é estranho, pois também Catão o Censor e o mais eloqüente dos romanos, já velho, não teve vergonha nem desesperou de aprender o grego. Apropriadamente Homero conta que da língua de Nestor, já velho e quase decrépito, fluía um discurso mais suave que o mel".

Pense, portanto, quanto devem ter amado a Sabedoria aqueles que nem a idade decrépita conseguiu afastar da procura dela. Este tanto amor da Sabedoria e tanta abundância de prudência nos velhos, se deduz também da interpretação de um nome acima reportado. "Abisag, de fato, significa *o meu pai supérfluo*" ou "*o rugido do meu pai*, de onde fica manifesto que nos velhos reside um potentíssimo trovão da voz divina, acima de qualquer voz humana. A palavra *supérfluo*, aqui, significa plenitude, não redundância. Enfim, *Sunamita* em nossa língua significa *"vermelho, escarlate"*, que pode significar muito apropriadamente o fervor da Sabedoria.

Caput XV: De quattuor reliquis praeceptis

Quattuor quae sequuntur sic alternatim disposita sunt, ut alterum semper ad disciplinam, alterum ad exercitium spectet.

Caput XVI: De quiete

Vitae quies, sive interior, ut mens per illicita desideria non discurrat, sive exterior, ut otium et opportunitas honestis et utilibus studiis suppetat, utraque ad disciplinam pertinet.

Caput XVII: De scrutinio

Scrutinium autem, id est meditatio, ad exercitium spectat.

Videtur autem scrutinium sub studio quaerendi contineri. Quod, si verum est, superfluo repetitur, cum in superiori parte annumeratum sit. Sed sciendum est hanc inter haec duo esse differentiam, quod studium quaerendi instantiam significat operis, scrutinium vero diligentiam meditationis.

Opus peragunt labor et amor, consilium pariunt cura et vigilia. In labore est, ut agas, in amore, ut perficias. In cura est, ut provideas, in vigilia, ut attendas. Isti sunt quattuor pedisequi qui portant lecticam philologiae, quia mentem exercent cui sapientia praesidet. Cathedra quippe philologiae sedes est sapientiae, quae his suppositis gestari dicitur, quoniam in his se exercendo promovetur. Unde pulchre iuvenes propter robur a fronte lecticam tenere dicuntur, videlicet, philos et kophos, id est, amor et labor, quia foris opus peragunt; a posteriori puellae, videlicet, philemia et agrimnia, quod interpretatur cura et vigilia, quia intus in secreto consilium pariunt.

Sunt quidam qui putant per cathedram philologiae humanum corpus significari, cui anima rationalis praesidet,

CAPÍTULO 15: Os quatro preceitos restantes

Os quatro conselhos que seguem foram dispostos alternativamente de modo que um se refere sempre à disciplina, o outro ao exercício.

CAPÍTULO 16: A quietação

A quietação da vida, seja interior, para que a mente não se perca em desejos ilícitos, seja exterior, para que o ócio e a comodidade permitam estudos honestos e úteis, ambas pertencem à disciplina moral.

CAPÍTULO 17: A análise minuciosa

A análise minuciosa, isto é, a meditação, pertence ao exercício.

À primeira vista parece que a análise minuciosa já é contida na dedicação à pesquisa, e se assim fosse seria supérfluo voltar a ela, uma vez que já foi listada num capítulo anterior. Mas deve-se saber que entre os dois campos existe a seguinte diferença: a dedicação à pesquisa indica mais a aplicação ao trabalho, enquanto a análise minuciosa indica a aplicação à meditação.

O *trabalho* e o *amor* perfazem a obra, a cura e a vigília engendram o bom conselho. No trabalho você faz, no amor você aperfeiçoa. Na *cura* você provê, na *vigília* você preserva. Estes são os quatro servidores que portam a liteira da filologia, porque exercitam a mente à qual preside a Sabedoria. A cadeira da filologia é a sede da Sabedoria, e se diz que ela é levada por estes quatro sustentáculos, porque ela se desenvolve no exercício deles. Por isso com imagem bonita se diz que os jovens, devido à sua força, carregam a liteira na frente, e eles são *phílos* e *kóphos*, isto é, amor e trabalho, porque atuam do lado de fora; na parte traseira da liteira estão as duas moças, isto é, *philémia* e *agrímnia*, que significam cura e vigília, porque dão conselho na parte interna em segredo.

Alguns dizem que através da cadeira da filologia é significado o corpo humano, ao qual preside a alma racional,

quod ministri quattuor portant, id est, quattuor elementa componunt, e quibus duo superiora, id est, ignis et aer, actu et nomine masculina sunt, duo vero inferiora, id est, terra et aqua, feminina.

Caput XVIII: De parcitate

Paupertatem quoque lectoribus suadere voluit, id est, superflua non sectari, quod maxime ad disciplinam spectat. "Pinguis enim venter, ut dicitur, tenuem non gignit sensum"[59]. Sed quid ad haec scholares nostri temporis respondere poterunt, qui non solum in studiis suis frugalitatem sequi contemnunt, sed etiam supra id quod sunt divites videri laborant? Nec iam quid didicerit quisque iactitat, sed quid expenderit. Sed fortassis quia magistros suos imitari nolunt, de quibus, quid satis digne dicam, non invenio.

Caput XIX: De exsilio

Postremo terra aliena posita est, quae et ipsa quoque hominem exercet. Omnis mundus philosophantibus exsilium est, quia tamen, ut ait quidam:

> *"Nescio qua natale solum dulcedine cunctos ducit,*
> *et immemores non sinit esse sui"*[60].

Magnum virtutis principium est, ut discat paulatim exercitatus animus visibilia haec et transitoria primum commutare, ut postmodum possit etiam derelinquere. Delicatus ille est adhuc cui patria dulcis est; fortis autem iam, cui omne solum patria est; perfectus vero, cui mundus totus exsilium est. Ille mundo amorem fixit, iste sparsit, hic exstinxit.

Ego a puero exsulavi, et scio quo maerore animus artum aliquando pauperis tugurii fundum deserat, qua libertate postea marmoreos lares et tecta laqueata despiciat.

---

59. Hieronymus, *Epist.* 52,11,5.

60. Ovidius, *P. Ovidi Nasonis ex Ponto libri quatuor* 1,3,35.

carregada por quatro ministros, isto é, composta de quatro elementos, dos quais dois são superiores, isto é, fogo e ar que na atividade e no nome são masculinos, e dois inferiores, isto é, terra e água que são femininos.

CAPÍTULO 18: A sobriedade

Sempre se cuidou de persuadir os estudantes a ter a pobreza, isto é, a não ir ao encalço de coisas supérfluas, e isto tem a ver de maneira decisiva com a disciplina moral. "Um ventre gordo - como se diz - não produz uma sensibilidade suave". Mas o que podem responder sobre isto os estudantes do nosso tempo, os quais não somente recusam a frugalidade durante os seus estudos, mas até se preocupam em aparecer mais ricos do que são? Cada qual já se jacta, não daquilo que aprendeu, mas daquilo que despendeu. Talvez eles queiram imitar os seus mestres, sobre os quais não encontro o que dizer de bastante digno.

CAPÍTULO 19: O exílio

Em último lugar pusemos a terra estrangeira, porque ela também exercita o homem. O mundo inteiro é um exílio para quem faz filosofia, e pela razão que levou alguém a dizer:

"Não sei por qual ternura o solo natal conduz
A todos, e não os deixa que se esqueçam dele".

É um grande início da virtude para o ânimo exercitado aprender devagar a trocar primeiramente estas coisas visíveis e transitórias, para que depois consiga também deixá-las. É ainda delicado aquele ao qual a pátria é doce; todavia é já forte aquele para o qual qualquer terra é a pátria; mas na verdade é perfeito aquele para o qual o mundo inteiro é um exílio. O primeiro fixou o seu amor ao mundo, o segundo o espalhou, o terceiro o extinguiu.

Eu mesmo desde menino tomei o caminho do exílio, e sei com quanta tristeza o espírito abandona o estreito fundo de um pobre tugúrio, mas sei também com qual liberdade, mais tarde, desdenha habitações de mármore e casas munidas de teto.

LIBER QUARTUS

Caput I: De studio divinarum scripturarum

Scripturae quae vel de Deo sive de bonis invisibilibus loquuntur, nec omnes nec solae divinae appellandae sunt. In libris gentilium multa de aeternitate Dei et animarum immortalitate, de virtutum praemiis sempiternis poenisque malorum satis probabili ratione scripta invenimus, quos tali vocabulo indignos esse nemo dubitat. Rursus Veteris et Novi Testamenti seriem percurrentes, totam paene de praesentis vitae statu et rebus in tempore gestis contextam cernimus, raro aliqua de dulcedine aeternorum bonorum et caelestis vitae gaudiis manifesto depromi. Tamen has scripturas divinas appellare fides catholica solet.

Philosophorum scripturae, quasi luteus paries dealbatus, nitore eloquii foris pollent, quae, si quando veritatis praetendunt speciem, falsa admiscendo, quasi quodam colore superducto, lutum erroris operiunt. Contra, divina eloquia aptissime favo comparantur, quae et propter simplicitatem sermonis arida apparent, et intus dulcedine plena sunt. Unde constat quia merito tale vocabulum sortita sunt, quae sola sic a falsitatis contagione aliena inveniuntur, ut nihil veritati contrarium continere probentur.

Scripturae divinae sunt quas, a catholicae fidei cultoribus editas auctoritas universalis ecclesiae ad eiusdem fidei corroborationem in numero divinorum librorum computandas recepit et legendas retinuit. Sunt praeterea alia quam plurima opuscula, a religiosis viris et sapientibus diversis temporibus conscripta, quae

LIVRO IV

CAPÍTULO 1: O estudo das Escrituras Sagradas

Os escritos que falam de Deus ou dos bens invisíveis, nem todos nem só eles devem ser chamados divinos. Nos livros dos pagãos encontramos muitos escritos redigidos com fundamentação bastante provável sobre a eternidade de Deus e a imortalidade das almas, sobre os prêmios sempiternos das virtudes e os castigos dos males, mas ninguém duvida que eles são indignos de um tal vocábulo. Ao contrário disso, percorrendo a série dos livros do Antigo e Novo Testamento, vemos que é quase toda ligada ao estado da vida presente e aos fatos acontecidos no tempo, e nela raramente são desveladas manifestamente algumas coisas sobre o encanto dos bens eternos e sobre as alegrias da vida celeste. Mesmo assim, a fé católica costuma chamar divinos estes escritos.

Os escritos dos filósofos, como parede de barro caiado, exteriormente são ricos do esplendor do elóquio, mas eles, mesmo que de vez em quando ofereçam uma aparência de verdade, misturando coisas falsas, cobrem o barro do erro como se passassem por cima uma espécie de cor. Os divinos elóquios, ao contrário, são comparados oportunissimamente ao favo, porque eles parecem áridos na simplicidade do discurso, sim, mas por dentro são plenos de doçura. Daí fica claro por que eles com razão receberam tal adjetivo *divinos*, uma vez que só eles se encontram tão estranhos ao contágio da falsidade, que dão prova de nada conter contrário à verdade.

As Escrituras Sagradas são aquelas que, produzidas pelos cultores da fé católica, a autoridade da Igreja universal as recebeu para serem computadas no número dos livros sagrados e as conservou para serem lidas em fortalecimento de sua própria fé. Há, além disso, outros numerosos opúsculos escritos em tempos diversos por pessoas religiosas e sábias, os quais,

licet auctoritate universalis ecclesiae probata non sint, tamen quia a fide catholica non discrepant et nonnulla etiam utilia docent, inter divina computantur eloquia, quae fortasse enumerando melius quam definiendo ostendimus.

Caput II: De ordine et numero librorum

Omnis divina scriptura in duobus testamentis continetur, in veteri videlicet et novo. Utrumque testamentum tribus ordinibus distinguitur. Vetus Testamentum continet legem, prophetas, hagiographos, Novum autem evangelium, apostolos, patres.

Primus ordo Veteris Testamenti, id est, lex quam Hebraei thorath nominant, Pentateuchum habet, id est, quinque libros Moysi. In hoc ordine primus est bresith, qui est Genesis, secundus hellesmoth, qui est Exodus, tertius vaiecra, qui est Leviticus, quartus vaiedaber, qui est Numeri, quintus adabarim, qui est Deuteronomius.

Secundus ordo est prophetarum. Hic continet octo volumina. Primum Iosue ben Nun, id est, filium Nun, qui et Iosue et Iesus et Iesu Nave nuncupatur, secundum sophtim, qui est liber Iudicum, tertium Samuel, qui est primus et secundus Regum, quartum malachim, qui est tertius et quartus Regum, quintum Isaiam, sextum Ieremiam, septimum Ezechielem, octavum thareasra, qui est duodecim prophetarum.

Deinde tertius ordo novem habet libros. Primus est Iob, secundus est David, tertius est masloth, quod Graece Parabolae, Latine Proverbia sonat, videlicet Salomonis, quartus coeleth, qui est Ecclesiastes, quintus, sira syrin, id est, Cantica canticorum, sextus Daniel, septimus dabrehiamin, qui est Paralipomenon, octavus Esdras, nonus Esther. Omnes ergo fiunt numero xxii.

Sunt praeterea alii quidam libri, ut Sapientia Salomonis, liber Iesu filii Sirach, et liber Iudith, et Tobias, et libri Machabaeorum, qui leguntur quidem, sed non scribuntur in canone.

embora não sejam reconhecidos pela autoridade da Igreja universal, todavia, considerado que não discrepam da fé católica e trazem até algumas coisas úteis, são computados entre os elóquios divinos. Talvez consigamos apresentá-los melhor enumerando-os que definindo-os.

CAPÍTULO 2: Ordem e número dos livros

Toda a Escritura Sagrada está contida em dois Testamentos, o Velho e o Novo. Cada um dos dois Testamentos se divide em três partes. O Velho Testamento contém a lei, os profetas e os hagiógrafos. O Novo contém o evangelho, os apóstolos e os padres.

O primeiro grupo do Antigo Testamento, isto é, a lei, que os judeus chamam Torá, contém o Pentateuco, ou seja, os cinco livros de Moisés. Primeiro na ordem é o *Bresith* ou Gênese, o segundo é o *Hellesmoth* ou Êxodo, o terceiro é o *Vaiecra* ou Levítico, o quarto o *Vaiedaber* ou Números, o quinto o *Adabarim* ou Deuteronômio.

O segundo grupo é o dos profetas. Este contém oito volumes. O primeiro é o de *Josué bem Nun*, isto é, filho de Nun, que se chama também Josué ou Jesus ou Jesus Nave; o segundo, *Sophtim*, é o livro dos Juízes, o terceiro o de Samuel, que se desdobra em Primeiro e Segundo dos Reis; o quarto é *Malachim*, que se divide em Terceiro e Quarto dos Reis, o quinto é Isaías, o sexto Jeremias, o sétimo Ezequiel, o oitavo *Tareasra*, isto é, o livro dos doze profetas.

O terceiro grupo dos hagiógrafos, por sua vez, tem nove livros. O primeiro é Jó, o segundo Davi, o terceiro *Masloth*, que em grego é Parábolas e em latim é Provérbios, por sinal de Salomão, o quarto livro é *Qohelet*, que é o Eclesiastes, o quinto *Sira Syrin*, isto é, Cântico dos cânticos, o sexto Daniel, o sétimo *Dabrehaimin*, que é o livro das Crônicas, o oitavo de Esdras, o nono Ester. Todos eles perfazem o número 22.

Há alguns outros livros, como a Sabedoria de Salomão, o livro de Jesus filho de Sirac, o livro de Judite e de Tobias, e os livros dos Macabeus, os quais são lidos mas não são computados no cânon.

Primus ordo Novi Testamenti quattuor habet volumina: Matthaei, Marci, Lucae, Ioannis; secundus, similiter quattuor: Epistulas Pauli numero quattuordecim sub uno volumine contextas, et canonicas Epistulas, Apocalypsim et Actus apostolorum.

In tertio ordine primum locum habent Decretalia, quos canones, id est, regulares appellamus, deinde sanctorum patrum et doctorum ecclesiae scripta: Hieronymi, Augustini, Gregorii, Ambrosii, Isidori, Origenis, Bedae, et aliorum multorum orthodoxorum, quae tam infinita sunt, ut numerari non possint. Ex quo profecto apparet quantum in fide Christiana fervorem habuerint, pro cuius assertione tot et tanta opera memoranda posteris reliquerunt. Unde nostra quoque pigritia arguitur, qui legere non sufficimus quae dictare illi potuerunt.

In his autem ordinibus maxime utriusque testamenti apparet convenientia, quod sicut post legem, prophetae, et post prophetas, hagiographi, ita post Evangelium, apostoli, et post apostolos, doctores ordine successerunt. Et mira quadam divinae dispensationis ratione actum est, ut cum in singulis plena et perfecta veritas consistat, nulla tamen superflua sit. Haec breviter de ordine et numero divinorum librorum perstrinximus, ut quae sibi sit praescripta materia lector agnoscat.

Caput III: De auctoribus divinorum librorum

Quinque libros legis Moyses scripsit. Libri Iosue, idem Iosue, cuius nomine inscribitur, auctor fuisse creditur. Librum Iudicum a Samuele editum dicunt. "Primam partem libri Samuel ipse Samuel scripsit, sequentia vero usque ad calcem, David. Malachim Ieremias primum in unum volumen collegit, nam antea sparsus erat per singulorum regum historias"[61]. Isaias, Ieremias, Ezechiel, singuli suos libros fecerunt qui inscripti sunt nominibus eorum. "Liber etiam duodecim prophetarum auctorum suorum nominibus praenotatur,

61. Isidorus, *Etymologiae* 6,1,10.

O primeiro grupo do Novo Testamento consiste de quatro volumes: Mateus, Marcos, Lucas, João; o segundo, igualmente de outros quatro: as quatorze Cartas de Paulo recolhidas num só volume, as Cartas canônicas, o Apocalipse e os Atos dos Apóstolos.

No terceiro grupo ocupam o primeiro lugar as Decretais, que chamamos cânones, isto é, regulares; depois vêm os escritos dos Santos Padres e Doutores da Igreja: Jerônimo, Agostinho, Gregório, Ambrósio, Isidoro, Orígenes, Beda, e muitos outros ortodoxos, escritos tão copiosos que não podem ser enumerados. Disto certamente aparece quanto fervor eles tiveram na fé cristã, para cuja afirmação deixaram aos pósteros tantas e tão grandes obras memoráveis. Donde se deduz também a nossa preguiça, nós que não conseguimos ler aquilo que eles conseguiram ditar.

Nestes agrupamentos aparece clarissimamente a concordância dos dois Testamentos, de modo que, como após a Lei vieram os profetas, e depois destes os hagiógrafos, assim depois do Evangelho sucederam na ordem os apóstolos e, depois dos apóstolos, os doutores. E, por uma certa qual lógica da providência divina, foi disposto que, não obstante em cada livro a verdade se encontre plena e perfeita, em nada ela é repetitiva. Temos resumido brevemente tudo isso a respeito da ordem e do número dos livros sagrados, para que o estudante conheça a matéria que lhe é preceituada.

CAPÍTULO 3: Os autores dos livros divinos

Os livros da Lei foram escritos por Moisés. Acredita-se que o livro de Josué foi escrito pelo mesmo Josué, cujo nome intitula o livro. Dizem que o Livro dos Juízes foi editado por Samuel. "O próprio Samuel escreveu a primeira parte do livro de Samuel, mas o resto, até o fim, foi escrito por Davi. O Livro de Malaquias foi recolhido num só volume primeiramente por Jeremias, pois anteriormente estava espalhado pelas histórias de cada um dos reis". Isaías, Jeremias e Ezequiel compuseram cada um os seus livros, que foram intitulados com os nomes deles. "Também o livro dos doze profetas são designados pelo nome dos seus autores,

quorum nomina sunt Osee, Ioel, Amos, Abdias, Ionas, Michaeas, Nahum, Habacuc, Sophonias, Aggaeus, Zacharias et Malachias. Qui propterea minores dicuntur, quia sermones eorum breves sunt, unde et uno volumine comprehenduntur"[62]. Isaias autem et Ieremias et Ezechiel et Daniel, hi quattuor maiores sunt singuli suis voluminibus distincti.

"Librum Iob, alii Moysen, alii unum ex prophetis, nonnulli ipsum Iob scripsisse credunt"[63]. Librum Psalmorum David edidit, Esdras autem postea Psalmos ita ut nunc sunt ordinavit et titulos addidit. Parabolas autem et Ecclesiastem et Cantica canticorum Salomon composuit. Daniel sui libri auctor fuit. "Liber Esdrae auctoris sui titulo praenotatur, in cuius textu eiusdem Esdrae Nehemiaeque sermones pariter continentur. Librum Esther Esdras creditur conscripsisse. Liber Sapientiae apud Hebraeos nusquam est, unde et ipse titulus Graecam magis eloquentiam redolet. Hunc quidam Iudaei Philonis esse affirmant. Librum Ecclesiasticum certissime Iesus filius Sirac Ierusolymita, nepos Iesu sacerdotis magni, cuius meminit Zacharias, composuit. Hic apud Hebraeos reperitur, sed inter apocryphos habetur. Iudith vero et Tobi et libri Machabacorum"[64], quorum, ut testatur Hieronymus, secundus magis Graecus esse probatur, "quibus auctoribus scripti sint minime constat".

Caput IV: Quid sit bibliotheca

"Bibliotheca a Graeco nomen accepit, eo quod ibi libri recondantur. Nam biblio librorum, teca repositio interpretatur. Bibliothecam Veteris Testamenti Esdras scriba post incensam legem a Chaldaeis, dum Iudaei regressi sunt in Ierusalem, divino afflatus spiritu reparavit, cunctaque legis ac prophetarum volumina quae fuerant a gentibus corrupta correxit, totumque Vetus Testamentum in xxii libros constituit, ut tot libri essent in lege quot habebantur et litterae"[65].

---

62. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,26.

63. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,13.

64. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,28-33.

65. Isidorus, *Etymologiae* 6,3,1.

cujos nomes são Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Estes são chamados 'menores' porque seus discursos são breves, de modo a serem incluídos num só volume". Isaías, ao contrário, junto com Jeremias, Ezequiel e Daniel, estes quatro são "maiores", distintos singularmente por seus volumes.

"Quanto ao livro de Jó, para uns foi Moisés que o escreveu, para outros um dos profetas, para alguns o próprio Jó". O livro dos Salmos foi editado por Daniel; posteriormente Esdras organizou os Salmos como são agora e lhes acrescentou os títulos. Foi Salomão quem compôs as Parábolas, o Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos. Daniel foi o autor de seu próprio livro. "O livro de Esdras foi intitulado com o nome do seu autor e nele estão contidos os sermões do próprio Esdras assim como os de Neemias. Diz-se que foi Esdras a escrever o livro de Ester. O livro da Sabedoria não se encontra em lugar algum entre os judeus, de modo que o próprio título trai mais a linguagem dos gregos. Alguns afirmam que é do judeu Fílon. O Livro do Eclesiastes com certeza foi escrito por Jesus filho de Sirac o Jerosolimitano, sobrinho do grande sacerdote Jesus, do qual se lembra Zacarias. Este livro se encontra entre os judeus, mas é enumerado entre os apócrifos. Não consta minimamente por quais autores foram escritos os livros de Judite, de Tobias e os Livros dos Macabeus, o segundo dos quais, como atesta Jerônimo, é considerado mais um livro grego".

CAPÍTULO 4: O que é a biblioteca

"A palavra *biblioteca* deriva do grego, pois aí são guardados os livros. Com efeito, o termo *biblio* significa *livros* e *teca* quer dizer *depósito*. Depois que os Caldeus queimaram a Lei, ao regresso dos Judeus em Jerusalém, o escriba Esdras, inspirado pelo espírito divino, refez a biblioteca do Velho Testamento, corrigindo todos os volumes da Lei e dos Profetas alterados pelos pagãos e organizando todo o Velho Testamento em 22 livros, de modo a serem tantos os livros da Lei quantas são as letras do alfabeto".

"Porro quinque litterae duplices apud Hebraeos sunt: caph, mem, nun, phe, sade. Aliter enim per has scribunt principia medietatesque verborum, aliter fines. Unde et quinque libri a plerisque duplices aestimantur: Samuel, malachim, dabrehiamin, Esdras, Ieremias cum cynoth, id est lamentationibus suis"[66].

Caput V: De interpretibus

Interpretes Veteris Testamenti primum lxx interpretes quos Ptolemaeus, cognomento Philadelphus, rex Aegypti, omnis litteraturae sagacissimus, cum Pisistratum Atheniensium tyrannum, qui primus apud Graecos bibliothecam instituit, et Seleucum Nicanorem et Alexandrum, et ceteros priores, qui sapientiae operam dederant, "in studio bibliothecarum aemularetur, non solum gentium scripturas, sed etiam divinas litteras in suam bibliothecam conferens, ita ut septuaginta milia librorum in tempore eius Alexandriae invenirentur, ab Eleazaro pontifice petens scripturas Veteris Testamenti, in Graecam vocem ex Hebraea lingua interpretari fecit. Sed singuli in singulis cellis separati, ita omnia per Spiritum Sanctum interpretati sunt, ut nihil in alicuius eorum codice inventum esset, quod in ceteris vel in verborum ordine discreparet"[67]. Propter quod una est eorum interpretatio. Sed Hieronymus dicit huic rei non esse adhibendam fidem.

Secundam et tertiam et quartam faciunt Aquila, Symmachus, Theodotion, quorum primus, id est, Aquila, Iudaeus fuit, Symmachus vero et Theodotion Ebionitae haeretici. Obtinuit tamen usus, ut post lxx interpretes ecclesiae Graecorum eorum reciperent exemplaria et legerent. Quinta est vulgaris, cuius auctor ignoratur. Unde specialiter sibi vindicavit ut quinta appelletur. Sexta et septima est Origenis, cuius codices Eusebius et Pamphilus vulgaverunt. Octava est Hieronymi, quae "merito ceteris antefertur, nam et verborum tenacior est, et perspicuitate sententiae claritor"[68].

---

66. Hieronymus, *Praef. ad libros Samuel et Malachim* (PL 28,597).

67. Isidorus, *Etymologiae* 6,3,3-5.

68. Isidorus, *Etymologiae* 6,4,5.

"Todavia, entre os judeus, há cinco letras duplas: *caph*, *mem*, *nun*, *phe*, *tsadé*. Eles escrevem estas letras de um modo no começo e no meio da palavra, de outro modo no fim da palavra. Por isso, muitos acham que cinco livros são duplos: Samuel, Malaquias, Dabrehaimin, Esdras, Jeremias junto com Cynot, ou seja, com suas Lamentações".

CAPÍTULO 5: Os tradutores

Os primeiros tradutores do Antigo Testamento foram os 70 Tradutores. Ptolomeu, apelidado Filadelfo, rei do Egito e cultíssimo em toda a literatura, quis competir no zelo pelas bibliotecas com Pisístrato, tirano de Atenas, o primeiro a organizar uma biblioteca entre os gregos, e também com Seleuco Nicanor e Alexandre, e com todos os que o precederam e se dedicaram à Sabedoria, "trazendo para a sua biblioteca não somente os escritos dos pagãos, mas também os escritos sagrados, de modo que no seu tempo se contavam em Alexandria setenta mil livros. Ele pediu ao sumo sacerdote Eleazar os escritos do Antigo Testamento, e os fez traduzir do hebraico para o grego. Separados cada um em cela individual, os 70 Tradutores interpretaram tudo pelo Espírito Santo de tal maneira que nada foi encontrado no manuscrito de algum deles que discordasse dos outros até na ordem das palavras". Por isso, a tradução deles é unânime. São Jerônimo, porém, diz que não se deve dar fé a esta história.

A segunda, terceira e quarta traduções foram feitas por Áquila, Símaco e Teodocião. O primeiro deles, isto é, Áquila, era judeu, enquanto Símaco e Teodocião eram hereges hebionitas. Mas o uso fez de modo que as comunidades gregas aceitassem e lessem as versões deles depois da dos 70 Tradutores. A quinta tradução é a vulgata, cujo autor é ignorado. Por isso, ela reivindicou excepcionalmente para si de ser chamada "quinta". A sexta e a sétima traduções são de Orígenes, cujos códigos foram divulgados por Eusébio e Pânfilo. A oitava é de Jerônimo, a qual "justamente é anteposta às outras, por ser mais aderente no significado das palavras e mais clara na interpretação da frase".

Caput VI: De auctoribus Novi Testamenti

Plures evangelia scripserunt, sed quidam sine Spiritu Sancto magis conati sunt ordinare narrationem quam historiae texere veritatem. Unde sancti patres, per Spiritum Sanctum docti, quattuor tantum in auctoritatem receperunt, ceteris reprobatis, id est, Matthaei, Marci, Lucae, Ioannis ad similitudinem quattuor fluminum paradisi, et quattuor vectium arcae, et quattuor animalium in Ezechiele.

Primum Matthaeus evangelium suum scripsit Hebraice. Secundus Marcus Graece scripsit. "Tertius Lucas inter omnes evangelistas Graeci sermonis eruditissimus, quippe ut medicus in Graecia, evangelium scripsit Theophilo episcopo"[69], ad quem etiam Actus apostolorum idem scripsit. Quartus et ultimus Ioannes evangelium scripsit.

Paulus quattuordecim scribit epistulas, decem ad ecclesias, quattuor ad personas. Ultimam autem ad Hebraeos plerique dicunt non esse Pauli, "eandemque alii Barnabam scripsisse, alii Clementem suspicantur"[70]. Canonicae epistulae septem sunt: una Iacobi, duae Petri, tres Ioannis, una Iudae. Apocalypsim scripsit Ioannes apostolus in Patmos insula, in exsilio relegatus.

Caput VII: Cetera esse apocrypha et quid sit apocryphum

"Hi sunt scriptores sacrorum librorum, qui per Spiritum Sanctum loquentes ad eruditionem nostram praecepta vivendi regulamque conscripserunt. Praeter haec alia volumina apocrypha nuncupantur. Apocrypha autem dicta, id est, secreta, quia in dubium veniunt. Est enim eorum occulta origo, nec patet patribus, a quibus usque ad nos auctoritas veracium scripturarum certissima et notissima successione pervenit. In his apocryphis etsi invenitur aliqua veritas, tamen propter multa falsa, nulla est in eis canonica auctoritas, quae recte iudicantur non esse eorum credenda quibus ascribuntur.

---

69. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,37.

70. Isidorus, *Etymologiae* 6,7,45.

CAPÍTULO 6: Os autores do Novo Testamento

Muitos escreveram evangelhos, mas alguns, desprovidos de Espírito Santo, se esforçaram mais em ordenar um conto que em urdir a verdade da história. Por isso, os Santos Padres, doutrinados pelo Espírito Santo, descartaram os restantes e reconheceram somente quatro como autoridades, isto é, Mateus, Marcos, Lucas, João, à semelhança dos quatro rios do paraíso, dos quatro sustentáculos da arca e dos quatro animais em Ezequiel.

O primeiro foi Mateus, que escreveu o seu evangelho em hebraico. O segundo foi Marcos, que escreveu em grego. "Em terceiro lugar, Lucas, eruditíssimo entre todos os evangelistas nas letras gregas, por ser médico na Grécia, escreveu o evangelho para o bispo Teófilo", ao qual dedicou também os Atos dos Apóstolos. Por último, em quarto lugar, foi João a escrever o evangelho.

Paulo escreveu catorze cartas, dez para comunidades eclesiais e quatro para pessoas. Muitos dizem que a última, endereçada aos hebreus, não é de Paulo, "alguns suspeitando que a escreveu Barnabé, outros Clemente". As cartas canônicas são sete: uma de Tiago, duas de Pedro, três de João, uma de Judas. Quem escreveu o Apocalipse foi o apóstolo João na ilha de Patmos, relegado no exílio.

CAPÍTULO 7: O resto é apócrifo. O que significa "apócrifo"?

"Estes são os escritores dos livros sagrados, os quais, falando através do Espírito Santo, redigiram para nossa instrução os preceitos e a regra do viver. Fora destes escritos, são nomeados outros volumes apócrifos. São ditos apócrifos, isto é, segredos, porque aparecem duvidosos. De fato, a origem deles é desconhecida, nem é clara aos Padres da Igreja, dos quais chegou até nós, com sucessão totalmente certa e conhecida, a autoridade das Escrituras verdadeiras. Ainda que nestes apócrifos se encontre alguma verdade, todavia, em razão das muitas coisas falsas, neles não há nenhuma autoridade canônica e justamente julga-se que eles não devem ser considerados obra daqueles aos quais são atribuídos.

Nam multa et sub nominibus prophetarum et recentiora sub nominibus apostolorum ab haereticis proferuntur, quae omnia sub nomine apocryphorum, auctoritate canonica diligenti examinatione remota sunt"[71].

Caput VIII: Ratio vocabulorum divinorum librorum

"Pentateuchus a quinque voluminibus dicitur. Penta enim Graece quinque, teucus volumen vocatur. Genesis eo dicitur quod generatio saeculi in eo contineatur; Exodus, ab exitu filiorum Israel de Aegypto; Leviticus, eo quod levitarum ministeria et diversitatem victimarum exsequitur. Numerorum liber vocatur, eo quod in eo egressae de Aegypto tribus enumerantur et XLII per eremum mansiones"[72]. Deutrus Graecum verbum est dissyllabum, et interpretatur secundus, nomia interpretatur lex. Inde dictus est Deuteronomius, quasi secunda lex, quia in eo replicantur ea quae in praecedentibus tribus diffusius dicta sunt.

In libro Iosue, quem Hebraei Iosue ben Nun dicunt, terra promissionis populo dividitur. Liber Iudicum dictus est a principibus qui iudicabant populum Israel, antequam reges essent in eodem populo. Huic quidam compingunt historiam Ruth sub uno volumine. "Liber Samuel dictus est quia nativitatem eius et sacerdotium et gesta describit, qui licet etiam historiam Saul et David contineat, utrique tamen ad Samuel referuntur, quia unxit utrumque. Malach Hebraice, Latine regum interpretatur. Inde dictus est malachim, pro eo quod reges Iudae et Israeliticae gentis gestaque eorum per ordinem digerat"[73].

"Isaias, evangelista potius quam propheta, edidit librum suum, cuius omne textum eloquentiae prosa incedit. Canticum vero hexametro et pentametro versu discurrit. Ieremias similiter edidit librum suum cum Threnis eius quos nos lamenta vocamus, eo quod in tristioribus rebus funeribusque adhibeantur, in quibus quadruplicem diverso metro composuit alphabetum,

---

71. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,50-53.

72. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,2-6.

73. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,9-11.

Com efeito, muitas coisas são publicadas pelos hereges sob os nomes dos profetas e recentemente sob os nomes dos apóstolos, mas todas elas, após exame acurado, foram privadas da autoridade canônica sob o nome de *apócrifos*.

CAPÍTULO 8: Significado dos nomes dos livros sagrados

"O Pentateuco é chamado assim devido aos seus cinco volumes. Com efeito, *penta* em grego significa cinco, e *teucus* volume. O Gênese se chama assim porque nele é contida a geração do mundo. O Êxodo toma o nome da saída dos filhos de Israel do Egito. O Levítico se chama assim porque expõe as funções dos levitas e a diversidade das vítimas. O livro dos Números é assim chamado porque nele são enumeradas as tribos egressas do Egito e as 42 etapas pelo deserto". *Deutrus* é uma palavra grega dissílaba, e significa segundo, enquanto *nomia* significa lei. Disto deriva o Deuteronômio, como se fosse uma segunda lei, pois nele são retomadas aquelas coisas que nos três livros anteriores tinham sido apresentadas mais difusamente.

No livro de Josué, que os judeus chamam Josué ben Nun, é dividida entre o povo a terra da promessa. O livro dos Juízes é assim chamado por causa dos príncipes que julgavam o povo de Israel, antes que no mesmo povo aparecessem os reis. A este livro, num único volume, alguns anexam a história de Rute. "O livro de Samuel foi assim chamado porque descreve seu nascimento, sacerdócio e gesta e, se bem que este livro contenha também a história de Saul e Davi, ambos são vinculados a Samuel, que ungiu os dois. O hebraico *Malach* em latim significa dos reis. E assim o livro foi chamado *malachim*, pelo fato que apresenta por ordem os reis de Judá e Israel, assim como suas gestas".

"Isaías, evangelista mais que profeta, publicou o seu livro, cujo texto procede todo em prosa poética. O seu Cântico flui em verso hexâmetro e pentâmetro. Também Jeremias publicou um seu livro com seus *Trenos*, que nós chamamos Lamentações, pelo fato de serem usadas nas ocasiões mais tristes e nos funerais. Nas quatro séries de Lamentações Jeremias repete quatro vezes as letras do alfabeto cada vez com metro diverso:

quorum duo prima quasi sapphico metro scripta sunt, quia tres versiculos qui sibi nexi sunt et ab una tantum littera incipiunt, heroicum comma concludit. Tertium alphabetum trimetro scriptum est, et a ternis litteris idem terni versus incipiunt. Quartum alphabetum simile primo et secundo habetur"[74]. Ezechiel principium et finem obscuriora habet. Unum est volumen duodecim prophetarum.

"Principia et fines libri Iob apud Hebraeos prosa oratione contexta sunt, media autem ipsius ab eo loco quo ait: 'Pereat dies in qua natus sum', usque ad eum locum, 'idcirco ego me reprehendo et ago paenitentiam', omnia heroico metro discurrunt.

Psalmorum liber Graece Psalterium, Hebraice nabla, Latine organum dicitur. Ideo autem vocatur Psalterium quod uno propheta canente ad psalterium, chorus consonando responderit"[75]. "Hunc librum quinque incisionibus et uno psalmorum volumine comprehendunt"[76]. Psalmos David composuit, sed Esdras postea ordinavit. "Omnes autem Psalmi et Lamentationes Ieremiae et omnia ferme scripturarum cantica apud Hebraeos metrice composita sunt, ut testatur Hieronymus, Origenes, Iosephus et Eusebius Caesariensis. Nam in morem Romani Flacci et Graeci Pindari, nunc alii iambo currunt, nunc sapphico nitent, trimetro vel tetrametro incedentes"[77].

"Tribus nominibus vocatum esse Salomonem scriptura manifestissime docet: Idida, id est, dilectum Domini, quia eum dilexit Dominus, et Coeleth, id est, Ecclesiasten. Ecclesiastes autem Graeco sermone appellatur, qui coetum, id est, ecclesiam congregat, quem nos nuncupare possumus contionatorem, qui loquitur non ad unum specialiter, sed ad totam contionem populi. Porro pacificus vocatus est, eo quod in regno eius pax fuerit. Is itaque iuxta numerum vocabulorum tria edidit volumina: primum, quod Hebraice masloth, Graece Parabolae, Latine Proverbia inscribitur, eo quod in ipso sub comparativa similitudine figuras verborum et imagines veritatis ostenderit, quae videlicet Parabolae in fine ab eo loco in quo ait: "Mulierem fortem quis inveniet", alphabeto texuntur,

---

74. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,22-24.

75. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,14.

76. Hieronymus, *Praef. ad libros Samuel et Malachim* (PL 28,599A).

77. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,17.21.

nas primeiras duas séries alfabéticas as lamentações são escritas em verso sáfico, porque os primeiros três versos, conexos entre si e iniciantes sob uma única letra, se concluem com um verso heróico. Na terceira série cada letra do alfabeto introduz um terceto: os três versos começam com a mesma letra. A quarta série alfabética é considerada semelhante à primeira e à segunda". O livro de Ezequiel apresenta um início e um fim bastante obscuros. Os doze profetas menores são recolhidos num só volume.

"O início e o fim do livro em hebraico de Jó são urdidos em prosa. Mas o meio escorre em verso heróico a partir da passagem que diz: "Pereça o dia em que nasci" até à passagem onde se diz: "Por isso me arrependo e faço penitência".

O livro dos Salmos em grego se diz *Saltério*, em hebraico *nabia*, em latim *organum*. É chamado Saltério porque, enquanto um profeta canta sozinho com a harpa, o coro responde ao uníssono". "Este livro é dividido em cinco partes que formam um só Livro dos Salmos". Foi Davi quem compôs os salmos, que Esdras sucessivamente organizou. "Todos os Salmos e as Lamentações de Jeremias e certamente todos os cânticos das Escrituras dos judeus foram compostos em verso, como atestam Jerônimo, Orígenes, José e Eusébio de Cesaréia. De fato, seguindo o costume do romano Flaco e do grego Píndaro, ora alguns destes textos fluem em verso jâmblico, ora resplandecem em verso sáfico, sempre ritmando em trímetro ou tetrâmetro".

"A Escritura nos ensina manifestamente que Salomão foi indicado com três nomes: *Idida*, isto é, amado do Senhor, pois de fato o Senhor o amou, e *Qohelet*, isto é, Eclesiastes. É chamado Eclesiastes, em terminologia grega, porque congrega a assembléia, isto é, a Igreja; nós poderíamos chamá-lo *pregador*, pois fala não a uma pessoa em particular, mas a toda uma reunião de povo. Por fim, Salomão foi chamado *pacífico*, porque no seu reinado senhoreou a paz. Ele, em correspondência ao número de seus nomes, escreveu três volumes: o primeiro, que em hebraico se chama *Masloth*, em grego *Parábolas*, em latim *Provérbios*, pois nele Salomão mostra sob semelhanças comparativas as figuras das palavras e as imagens da verdade. A partir da passagem onde se diz: "Quem encontrará a mulher forte" estas Parábolas são urdidas através de letras do alfabeto,

sicut Lamentationes Ieremiae et cetera quaedam scripturae cantica; secundum, quod Hebraice coeleth, Graece Ecclesiastes, Latine Contionator dicitur, eo quod sermo eius non specialiter ad unum, sicut in Proverbiis, sed ad universos generaliter, quasi ad totam contionem et ecclesiam dirigatur; tertium, sira syrin, id est, Cantica canticorum, quod est quasi epithalamium, id est, carmen nuptiale Christi et ecclesiae. In Proverbiis parvulum docet et, quasi de officiis, per sententias erudit, unde et ad filium ei crebro sermo repetitur. In Ecclesiaste vero maturae virum aetatis instituit, ne quicquam in mundi rebus putet esse perpetuum, sed caduca et brevia universa quae cernimus. Ad extremum iam consummatum virum et calcato saeculo praeparatum, in Cantico canticorum Sponsi iungit amplexibus. Haud procul ab hoc ordine doctrinarum, et philosophi suos sectatores erudiunt, ut primum ethicam doceant, deinde physicam interpretentur, et, quem in his profecisse perspexerint, ad theologiam usque perducant"[78].

Daniel apud Hebraeos non inter prophetas sed inter hagiographos habetur. Hunc secundum LXX interpretes catholica ecclesia non legit, eo quod multum a veritate discordet. Daniel maxime et Esdras propheta et una pars Ieremiae, Hebraicis quidem litteris, sed Chaldaico sermone conscripti sunt. Iob quoque cum Arabica lingua plurimam habet societatem. Daniel apud Hebraeos nec Susannae habet historiam, nec hymnum trium puerorum, nec Belis draconisque fabulas.

"Paralipomenon Graece dicitur, quod nos praetermissorum vel reliquorum dicere possumus, quia ea quae in lege vel regum libris, vel omissa vel non plene relata sunt, in isto summatim ac breviter explicantur"[79]. "Hic Hebraice dicitur, dabrehiamin, quod interpretatur verba dierum, quod significantius chronicon totius divinae historiae possumus appellare"[80].

Liber Esdrae unus est, in quo eiusdem Esdrae Nehemiaeque sermones sub uno volumine continentur. Secundus, tertius et quartus apocrypha sunt.

---

78. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,18-20.

79. Hieronymus, *Praef. ad libros Samuel et Malachim* (PL 28,599B).

80. Hieronymus, *Praef. ad libros Samuel et Malachim* (PL 28,599B).

à semelhança das Lamentações de Jeremias e alguns outros cânticos da Escritura. O segundo livro se chama em hebraico *Qohelet*, em grego *Eclesiastes*, em latim *pregador*, porque o seu discurso não se dirige especificamente a uma pessoa, como nos Provérbios, mas a todos em geral, como a toda a assembléia ou igreja. O terceiro livro, *Sira syrin*, isto é, *Cântico dos Cânticos*, é como um epitalâmio, isto é, um canto nupcial entre Cristo e a Igreja. Nos Provérbios Salomão ensina a um menino e o instrui em seus deveres mediante sentenças, e por isso o discurso lhe é repetido continuamente como se fosse a um filho. No Eclesiastes, porém, ele instrui o homem de idade madura para que nada considere perpétuo nas coisas do mundo, mas considere todas as coisas que vemos, breves e caducas. Por último, no Cântico dos Cânticos, Salomão entrega aos amplexos do Esposo o homem que, no desprezo do mundo, já é perfeito e pronto. Não longe desta ordem de ensinamento procedem os filósofos pagãos na instrução de seus seguidores, de modo que primeiro ensinam a ética, depois indagam a física e finalmente, depois de ter visto que o aluno fez progressos nelas, conduzem-no até a teologia.

Daniel é considerado pelos judeus não um profeta mas um hagiógrafo. A Igreja católica não lê este livro segundo a tradução dos Setenta, porque esta discorda muito da verdade. Grande parte de Daniel e do profeta Esdras e parte de Jeremias foram escritos em língua caldaica, mas com letras hebraicas. Também Jó tem muito em comum com a língua árabe. No texto hebraico o livro de Daniel não contém a história de Susana, nem o cântico dos três meninos, nem as fábulas de Bel e do dragão.

"*Paralipômenon* em grego é aquilo que nós podemos chamar livro das coisas *preteridas* ou *restantes*, porque neste livro são explicadas brevemente e sumariamente aquelas coisas que foram omitidas ou não plenamente relatadas nos livros da Lei e dos Reis". "Este livro em hebraico é chamado *dabrehaimin*, que significa *palavras dos dias*, que de uma maneira mais significativa podemos traduzir por *crônica de toda a história sagrada*".

O livro de Esdras é um só, no qual, em um único volume, são contidos os discursos do mesmo Esdras e de Neemias. O segundo, o terceiro e o quarto livro são apócrifos.

Liber qui Sapientia Salomonis inscribitur ideo Sapientia vocatur, "quia in eo Christi adventus qui est Sapientia Patris et passio eius evidenter exprimitur"[81]. Liber Iesu filii Sirach ideo Ecclesiasticus dicitur, "quod de totius ecclesiae disciplina religiosae conversationis magna cura et ratione sit editus"[82]. De his duobus Hieronymus sic dicit: "Fertur Panaeretus Iesu filii Sirach liber, et alius pseudographus qui Sapientia Salomonis inscribitur, quorum priorem Hebraicum repperi, non Ecclesiasticum ut apud Latinos, sed Parabolas praenotatum. Cui iuncti erant Ecclesiastes et Canticum canticorum, ut similitudinem Salomonis, non solum librorum numero, sed etiam materiarum genere coaequaret. Secundus apud Hebraeos nusquam est, quia et ipse stylus Graecam eloquentiam redolet. Et nonnulli scriptorum veterum hunc esse Iudaei Philonis affirmant. Sicut ergo Iudith et Tobi et Machabaeorum libros legit quidem eos ecclesia, sed inter canonicas scripturas non recipit, sic et haec duo volumina legat ad aedificationem plebis, non auctoritatem ecclesiasticorum dogmatum confirmandam"[83].

"Quomodo igitur viginti duo elementa sunt per quae Hebraice scribimus omne quod loquimur, et eorum initiis vox humana comprehenditur, ita viginti duo volumina supputantur, quibus quasi litteris et exordiis in Dei doctrina, tenera adhuc et lactens viri iusti eruditur infantia"[84].

Quidam historiam Ruth et Lamentationes Ieremiae seorsum per se inter hagiographa computantes, et hos duos praecedentibus XXII addentes, XXIV veteris legis libros numerant sub figura et numero XXIV seniorum, qui in Apocalypsi Agnum adorant.

Caput IX: De Novo Testamento

Sicut omnis scriptura Veteris Testamenti large lex appellari potest, specialiter tamen libri Moysi quinque lex dicuntur, ita generaliter totum Novum Testamentum evangelium dici potest,

---

81. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,30.
82. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,32.
83. Hieronymus, *Praef. ad libros Samuel et Malachim* (PL 28,1307B-1308A).
84. Hieronymus, *Praef. ad libros Samuel et Malachim* (PL 28,597A-B).

O livro que tem o nome de *Sabedoria de Salomão* se chama simplesmente *Sabedoria*, "porque nele em maneira clara é expresso o advento de Cristo, que é a *Sapiência* do Pai". O livro de Jesus filho de Sirac é chamado *Eclesiástico*, "porque foi escrito com grande cura e inteligência sobre a disciplina do comportamento religioso de toda a Igreja". Sobre estes dois diz Jerônimo: "Circula um livro *Panaretus* de Jesus filho de Sirac, e um outro livro apócrifo intitulado *Sabedoria de Salomão*. Do primeiro eu tenho uma versão em hebraico, intitulada *Parábolas*, não *Eclesiástico* como nos latinos. A este eram anexados um *Eclesiastes* e um *Cântico dos Cânticos*, para ter semelhança com Salomão não somente no número dos livros, mas também no tipo de argumento. O segundo não se encontra entre os judeus em lugar algum, pois o próprio estilo evoca o modo grego de falar. E alguns dos antigos escritores dizem que este livro é do judeu Fílon. Todavia, do mesmo modo que a Igreja lê os livros de Judite, de Tobias e dos Macabeus, sem considerá-los escritos canônicos, leia também estes dois volumes para a edificação da plebe e não para confirmar a autoridade dos dogmas eclesiásticos".

"Assim como há vinte e duas letras com as quais escrevemos em hebraico tudo aquilo que falamos e que constituem as bases pelas quais a voz humana é entendida, do mesmo modo se contam vinte e dois livros, pelos quais, como através de letras e exórdios na doutrina de Deus, a infância ainda tenra e lactante do homem justo é instruída".

Alguns, computando a história de Rute e as Lamentações de Jeremias como livros à parte a serem inseridos no número dos hagiógrafos, e acrescentando-os aos precedentes 22 livros, contam 24 livros do Velho Testamento, segundo a figura e o número dos 24 anciãos que no Apocalipse adoram o Cordeiro.

CAPÍTULO 9: O Novo Testamento

Como, em sentido amplo, toda a Escritura do Velho Testamento pode ser chamada Lei, mas de maneira especial são chamados Lei os cinco livros de Moisés, assim todo o Novo Testamento pode ser considerado em geral Evangelho,

sed tamen specialiter quattuor illa volumina, Matthaei scilicet et Marci et Lucae atque Ioannis, in quibus facta et dicta Salvatoris plane explicantur, evangelium nuncupari meruerunt. Evangelium interpretatur bonum nuntium, quia acterna bona promittit, non terrenam felicitatem, ut Vetus Testamentum secundum litteram intellectum.

Caput X: De canonibus evangeliorum

"Canones evangeliorum Ammonius Alexandriae primus excogitavit, quem postea Eusebius Caesariensis secutus plenius composuit. Qui ideo facti sunt, ut per eos invenire et scire possimus qui reliquorum evangelistarum similia aut propria dixerunt. Sunt autem numero decem, quorum primus continet numeros in quibus quattuor eadem dixerunt, Matthaeus, Marcus, Lucas, Ioannes; secundus, in quibus tres, Matthaeus, Marcus, Lucas; tertius, in quibus tres, Matthaeus, Lucas, Ioannes; quartus, in quibus tres, Matthaeus, Marcus, Ioannes; quintus, in quibus duo, Marcus, Lucas; sextus, in quibus duo, Matthaeus, Marcus; septimus, in quibus duo, Matthaeus, Ioannes; octavus, in quibus duo, Lucas, Marcus; nonus in quibus duo, Lucas, Ioannes; decimus, in quibus singuli eorum propria quaedam dixerunt.

Quorum expositio haec est. Per singulos enim evangelistas numerus quidam capitulis affixus adiacet, quibus numeris subdita est area quaedam minio notata, quae indicat in quoto canone positus sit numerus, cui subiecta est area. Verbi gratia, si est area prima, in primo canone, si secunda, in secundo, si tertia, in tertio, et sic per ordinem usque ad decimum pervenies. Si igitur aperto quolibet evangelio placuerit scire, qui reliquorum evangelistarum similia dixerint, assumes adiacentem numerum capituli,

mas de modo especial mereceram ser chamados "evangelho" aqueles quatro livros de Mateus, Marcos, Lucas e João, nos quais são apresentados claramente os fatos e os ditos do Salvador. *Evangelho* significa *bom anúncio*, porque promete os bens eternos, não a felicidade terrena, como faz o Velho Testamento entendido na letra.

CAPÍTULO 10: Os cânones dos evangelhos

Amônio de Alexandria foi o primeiro que pensou os cânones (*elencos, tabelas*) dos evangelhos, que posteriormente Eusébio de Cesaréia, seguindo-o, organizou melhor. Estes cânones foram elaborados de maneira tal, que através deles podemos saber quais dos outros evangelistas disseram coisas semelhantes ou originais. Estes cânones são dez, dos quais o primeiro contém as passagens nas quais os quatro evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João disseram a mesma coisa; o segundo contém as passagens nas quais disseram a mesma coisa três evangelistas, isto é, Mateus, Marcos e Lucas; o terceiro, onde disseram a mesma coisa três, ou seja, Mateus, Lucas, João; o quarto, onde foram também três, isto é, Mateus, Marcos e João; o quarto, onde dois, quer dizer, Marcos e Lucas; o quinto, onde dois: Marcos e Lucas; o sexto, onde dois: Mateus e Marcos; o sétimo, onde dois: Mateus e João; o oitavo, onde dois: Lucas e Marcos; o nono, onde dois: Lucas e João; o décimo é o cânon com as passagens nas quais cada evangelista falou algumas coisas próprias.

A apresentação destes cânones é a seguinte. Para cada evangelista, um determinado número é afixado ao lado de uma pequena seção do texto, e debaixo destes números se encontra um campo marcado em vermelho, o qual indica em qual cânon é colocado o número debaixo do qual está o campo. Por exemplo, se este campo é o primeiro, aquele número se encontra no primeiro cânon, se é o segundo, no segundo, se é terceiro no terceiro, e assim na ordem chegará até o décimo. Se, portanto, abrindo qualquer evangelho, você quiser saber qual dos outros evangelhos disse coisas semelhantes, pegue o número ao lado de cada seção do texto,

et requires ipsum numerum in suo canone quem indicat, ibique invenies qui et quid dixerint. Et ita demum in corpore, inquisita loca, quae ex ipsis numeris indicantur, per singula evangelia de eisdem dixisse invenies"[85].

Caput XI: De canonibus conciliorum

"Canon autem Graece, Latine regula nuncupatur. Regula autem dicta, quod recte ducit, nec aliquando aliorsum trahit. Alii dixerunt regulam dictam, vel quod regat, vel quod normam recte vivendi praebeat, vel quod distortum pravumque quid corrigat.

Canones autem generalium conciliorum a temporibus Constantini coeperunt. In praecedentibus namque annis, persecutione fervente, docendarum plebium minime dabatur facultas. Inde christianitas in diversa haeresi scissa est, quia non erat licentia episcopis in unum convenire, nisi tempore supradicti imperatoris. Ipse enim dedit facultatem Christianis libere congregari. Sub hoc etiam sancti patres in concilio Nicaeno de omni orbe terrarum convenientes, iuxta fidem evangelicam et apostolicam, secundum, post apostolos, symbolum tradiderunt"[86].

Caput XII: Quattuor esse principales synodos

"Inter cetera autem concilia quattuor esse venerabiles synodos quae totam principaliter fidem complectantur, quasi evangelia, vel totidem paradisi flumina. Harum prior Nicaena synodus trecentorum decem et octo episcoporum Constantino Augusto imperante peracta est, in qua Arianae perfidiae condemnata blasphemia, quam de inaequalitate sanctae Trinitatis idem Arius asserebat. Consubstantialem Deo Patri Deum Filium eadem sancta synodus per symbolum definivit.

Secunda synodus, CL patrum sub Theodosio seniore Constantinopolim congregata est, quae Macedonium Spiritum Sanctum negantem Deum esse condemnans,

---

85. Isidorus, *Etymologiae* 6,15,1.

86. Isidorus, *Etymologiae* 6,16,1-4.

e procure este número no cânon que ele indica, e lá encontrará quem e o que disseram. E assim, após ter inquirido as seções que são indicadas por estes números, você encontrará em cada evangelho quem tratou das mesmas coisas.

CAPÍTULO 11: Os cânones dos concílios

O termo grego *cânon* é chamado em latim *regra*. A regra se chama assim, porque conduz reto, sem nunca induzir para outra direção. Outros disseram que a regra foi chamada assim ou porque rege ou porque proporciona a norma do viver em retidão ou porque corrige algo que está distorcido e errado.

Os cânones dos concílios gerais começaram nos tempos de Constantino. Nos anos anteriores, com efeito, ardendo a perseguição, não se dava alguma possibilidade de doutrinar as plebes. Por esta razão, a cristandade se dividiu em diversas heresias, dado que os bispos não tinham a permissão de reunir-se, a não ser nos tempos do citado imperador. Este deu aos cristãos a possibilidade de reunir-se livremente. Também sob ele, os Santos Padres, convergindo para o Concílio de Nicéia de todos os cantos da terra, deram o segundo símbolo depois dos apóstolos, segundo a fé evangélica e apostólica.

CAPÍTULO 12: São quatro os sínodos principais

"Entre os vários concílios, são quatro os veneráveis sínodos que de maneira especial abrangem toda a fé, como se fossem quatro evangelhos e outros tantos rios do paraíso. Destes, o primeiro sínodo realizado foi o sínodo de Nicéia com trezentos e dezoito bispos sob o reinado do imperador Constantino, e nele foi condenada a blasfêmia da perfídia ariana, que o próprio Ario afirmava sobre a não igualdade da santa Trindade. O mesmo santo sínodo, através de um símbolo, definiu Deus Filho consubstancial a Deus Pai.

O segundo sínodo, de 150 Padres, se reuniu em Constantinopla sob Teodoro o Grande, e, condenando Macedônio que negava o Espírito Santo ser Deus, demonstrou que o Espírito Santo é

consubstantialem Patri et Filio Spiritum Sanctum demonstravit, dans symboli formam, quam tota Graecorum et Latinorum confessio in ecclesiis praedicat.

Tertia synodus, Ephesina prima, CC episcoporum sub Iuniore Theodosio Augusto edita est, quae Nestorium duas personas in Christo asserentem, iusto anathemate condemnavit, ostendens in duas naturas unam Domini Iesu Christi personam.

Quarta synodus Chalcedonensis DCXXX sacerdotum sub Marciano principe habita est, in qua Eutychem Constantinopolitanum abbatem, Verbi Dei et carnis unam naturam pronuntiantem, et eius defensorem Dioscorum quendam Alexandrinum episcopum, et ipsum rursum Nestorium cum reliquis haereticis, una patrum sententia praedamnavit, praedicans eadem synodus Christum Deum sic natum de Virgine, ut in eo substantiam et divinae et humanae confiteamur naturae.

Hae sunt quattuor synodi principales, fidei doctrinam plenissime praedicantes. Sed et si qua sunt concilia quae sancti patres Spiritu Dei pleni sanxerunt, post istarum quattuor auctoritatem omni manent stabilita vigore, quorum gesta in hoc opere continentur condita.

Synodum autem ex Graeco interpretari comitatum vel coetum. Concilii vero nomen tractum ex more Romano. Tempore enim quo causae agebantur, conveniebant omnes in unum, communique intentione tractabant. Unde et concilium a communi intentione dictum quasi consilium, nam cilia oculorum sunt. Unde et considium consilium, d in l littera transeunte. Coetus vero conventus est vel congregatio a coeundo, id est, conveniendo in unum. Unde et conventus est nuncupatus, sicut conventus, coetus vel concilium, a societate multorum in unum"[87].

---

87. Isidorus, *Etymologiae* 6,16,5-12.

consubstancial ao Pai e ao Filho, dando forma ao símbolo, que toda a confissão dos gregos e dos latinos anuncia nas igrejas.

O terceiro sínodo, que é o primeiro de Éfeso, se realizou com a presença de 200 bispos sob Teodósio Augusto Júnior, condenou com justo anátema Nestório, o qual afirmava haver em Cristo duas pessoas, e estabeleceu haver uma só pessoa do senhor Jesus Cristo em duas naturezas.

O quarto sínodo, o de Calcedônia, ocorreu com 630 sacerdotes sob o imperador Marciano, e condenou por unanimidade o abade constantinopolitano Êutiques, o qual afirmava que o Verbo de Deus e a sua carne formavam uma só natureza, e com ele condenou o seu defensor, um certo Dióscoro, bispo de Alexandria, como também de novo Nestório e os outros hereges. O mesmo sínodo estabeleceu que Cristo Deus tinha nascido da Virgem para que reconhecêssemos nele a substância seja da natureza divina seja da natureza humana.

Estes são os sínodos principais que anunciam plenamente a doutrina da fé. E mesmo que houver outros concílios que os Santos Padres, repletos de Espírito de Deus, ratificaram, estes outros concílios permanecem sólidos com toda a força em virtude da autoridade daqueles quatro, e os seus feitos se encontram fundados na obra daqueles.

O termo grego *sínodo* significa em latim *comitatus* (companhia) ou *coetus* (reunião). O termo *concilium* (concilio) é tirado do costume romano. No tempo em que eram travados processos, todos se reuniam juntos e tratavam de comum acordo. A partir deste consenso comum, o concílio foi chamado também *consilium* (conselho), como fossem as *cilia* (sobrancelhas, assenso expresso pelas sobrancelhas) dos olhos. Concilio pode ser variante de *considium* (congresso), mudando o d em l. *Coetus* significa convenção ou congregação do verbo *coeundo* (indo juntos), isto é, convergindo para uma coisa. Esta é a razão por que os termos congresso, reunião ou concílio receberam este nome da união de muitos para um objetivo comum".

Epistula Graece, missa interpretatur Latine. Epistulae canonicae, id est, regulares, quae etiam dicuntur catholicae, id est, universales, "quia non uni tantum populo vel civitati, sed universis gentibus generaliter scriptae sunt"[88]. "Actus apostolorum primordia fidei Christianae in gentibus, et nascentis ecclesiae historiam digerunt, et apostolorum gesta narrant unde etiam Actus apostolorum vocantur. Apocalypsis ex Graeco in Latinum revelatio interpretatur, iuxta quod ipse Ioannes dicit: "Apocalypsis Iesu Christi, quam dedit Deus palam facere servo suo Ioanni"[89].

Caput XIII: Qui bibliothecas fecerint

"Apud nos Pamphilus martyr, cuius vitam Eusebius Caesariensis conscripsit, Pisistratum in sacrae bibliothecae studio adaequare contendit. Hic enim in bibliotheca sua prope triginta milia voluminum habuit. Hieronymus quoque atque Gennadius, ecclesiasticos scriptores toto orbe quaerentes, ordine persecuti sunt, eorumque studia in uno voluminis indiculo comprehenderunt"[90].

Caput XIV: Quae scripturae sint authenticae

"De nostris apud Graecos, Origenes in scripturarum labore tam Graecos quam Latinos operum suorum numero superavit. Denique Hieronymus sex milia librorum eius legisse fatetur. Horum tamen omnium studia Augustinus ingenio vel scientia sui vicit. Nam tanta scripsit, ut diebus ac noctibus non solum scribere libros eius quisquam, sed nec legere quidem occurrat"[91]. Scripserunt et alii catholici viri multa et insignia opera: Athanasius Alexandrinus episcopus, Hilarius Pictaviensis episcopus, Basilius Cappadocenus episcopus, Gregorius Theologus, et Gregorius Nazianzenus episcopus, Ambrosius Mediolanensis episcopus, Theophilus Alexandrinus episcopus, Ioannes Constantinopolitanus episcopus, Cyrillus Alexandrinus, Leo papa, Proculus, Isidorus Hispalensis, Beda, Cyprianus martyr et Carthaginiensis episcopus, Hieronymus presbyter, Prosper, Origenes, cuius scripta nec omnino refutat nec per omnia recipit ecclesia, Orosius, Sedulius,

---

88. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,46.
89. Isidorus, *Etymologiae* 6,2,48.
90. Isidorus, *Etymologiae* 6,6,1.
91. Isidorus, *Etymologiae* 6,7,2.

A palavra grega *Epístola* em latim significa missa (carta, missiva). As Epístolas canônicas, isto é, regulares, se chamam também *católicas*, isto é, *universais*, "porque foram escritas não para um povo ou uma cidade, mas em geral para todos os povos". "Os Atos dos Apóstolos explicam os primórdios da fé cristã entre os pagãos e a história da Igreja nascente, e também narram os feitos dos apóstolos, de onde são chamados Atos dos Apóstolos. O termo grego *apocalipse* em latim significa *revelação*, segundo o que diz o próprio João: "Apocalipse (Revelação) de Jesus Cristo que Deus concedeu manifestar ao seu servo João".

CAPÍTULO 13: Os fundadores das bibliotecas

"O mártir Pânfilo, de quem Eusébio de Cesaréia compôs a biografia, fez de tudo entre nós para igualar Pisístrato no interesse pela biblioteca sagrada. Ele teve em sua biblioteca quase trinta mil volumes. Também Jerônimo e Genádio, procurando escritores eclesiásticos no mundo todo, fizeram uma pesquisa metódica e resumiram os trabalhos deles num índice de um volume".

CAPÍTULO 14: Quais Escrituras são autênticas

"Entre os nossos, Orígenes superou os gregos e os latinos no trabalho literário pelo número de suas obras: Jerônimo confessa de ter lido seis mil livros dele. Todavia, Agostinho venceu por engenho e conhecimento o zelo de todos eles. Ele escreveu tantas obras que a ninguém é possível durante dias e noites não somente copiar os livros dele, mas apenas lê-los". Também outros homens católicos escreveram muitas obras insignes: Atanásio bispo de Alexandria, Hilário bispo de Poitiers, Basílio bispo de Capadócia, Gregório o teólogo, Gregório bispo de Nazianzo, Ambrósio bispo de Milão, Teófilo bispo de Alexandria, João bispo de Constantinopla, Cirilo de Alexandria, o papa Leão, Próculo, Isidoro de Espanha, Beda, Cipriano mártir e bispo de Cartago, o presbítero Jerônimo, Próspero, Orígenes, cujos escritos não são nem aprovados nem rejeitados pela Igreja, Orósio, Sédulo,

Prudentius, Iuvencus, Arator. Et Rufinus multos libros edidit, et interpretatus est quasdam scripturas, "sed quoniam beatus Hieronymus in aliquibus eum de arbitrii libertate notavit, illa sentire debemus quae Hieronymus"[92]. "Gelasius etiam fecit libros quinque adversus Nestorium et Eutychem, et tractatus in modum Ambrosii. Item libros duos adversus Arium fecit, etiam sacramentorum praefationes et orationes et epistulas fidei"[93]. Dionysius Areopagita, episcopus ordinatus Corinthiorum, multa ingenii sui volumina reliquit. "Item Chronica Eusebii Caesariensis atque eiusdem historiae ecclesiasticae libros, quamvis in primo narrationis suae libro tepuerit, et post in laudibus atque excusatione Origenis schismatici unum conscripserit librum, propter rerum tamen singularem notitiam, quae ad instructionem pertinet, non usquequaque ecclesia catholica refutat"[94]. Cassiodorus quoque, qui in explanatione Psalmorum satis utile opus scripsit. Sunt adhuc alii quorum nomina hic taceo.

Caput XV: Quae sint apocryphae

- "Itinerarium nomine Petri apostoli, quod appellatur sancti Clementis, libri VIII apocryphum.
- Actus nomine Andreae apostoli apocryphi.
- Actus nomine Thomae apocryphi.
- Evangelia Thaddei nomine apocrypha.
- Evangelia nomine Barnabae apostoli apocrypha.
- Evangelia nomine Thomae apostoli apocrypha.
- Evangelia nomine Andreae apostoli apocrypha.
- Evangelia quae falsavit Lucianus apocrypha.
- Evangelia quae falsavit Ytius apocrypha.
- Liber De infantia Salvatoris apocryphus.
- Liber De nativitate Salvatoris et de sancta Maria, vel De obstetrice Salvatoris apocryphus.

---

92. *Decretum Gelasianum* 4,5,232-236.

93. *Liber Pontificalis, pars prior* 51.

94. *Decretum Gelasianum* 4,5,242-246.

Prudêncio, Jovenco, Arator. Também Rufino publicou muitos livros e traduziu alguns escritos, "mas, dado que o venerável Jerônimo o criticou em alguns pontos sobre a liberdade de arbítrio, nós devemos concordar com Jerônimo". "Também Gelásio escreveu cinco livros contra Nestório e Êutiques, e alguns livros no estilo de Ambrósio. Compôs também dois livros contra Ario, assim como prefácios dos sacramentos, orações e cartas sobre a fé". Dionísio o Aeropagita, ordenado bispo dos coríntios, deixou muitos livros como obra do seu engenho. "Com relação à *Crônica* de Eusébio de Cesaréia e aos seus livros de *História eclesiástica*, ainda que em seu primeiro livro de história estivesse um pouco fraco e depois tivesse composto um livro em louvor e defesa do cismático Orígenes, todavia, em razão do acurado conhecimento das coisas que servem para a nossa instrução, a Igreja católica de qualquer lugar não os rejeita". E temos ainda Cassiodoro, que escreveu uma obra muito útil na explicação dos Salmos. Há ainda outros, cujos nomes aqui silencio.

CAPÍTULO 15: Quais escritos são apócrifos

- Itinerário sob o nome do Apóstolo Pedro, dito de São Clemente, em oito livros: apócrifo.
- Atos sob o nome do apóstolo André: apócrifos.
- Atos sob o nome de Tomé: apócrifos.
- Evangelhos sob o nome de Tadeu: apócrifos.
- Evangelhos sob o nome do apóstolo Barnabé: apócrifos.
- Evangelhos sob o nome do apóstolo Tomé: apócrifos.
- Evangelhos sob o nome do apóstolo André: apócrifos.
- Evangelhos falsificados por Luciano: apócrifos.
- Evangelho falsificado por Ício: apócrifos.
- Livro sobre a infância do Salvador: apócrifo.
- Livro sobre a natividade do Salvador e de Santa Maria, ou sobre a Parteira do Salvador: apócrifo.

- Liber qui appellatur Pastoris apocryphus.
- Libri omnes quos fecit Leucius discipulus diaboli apocryphi.
- Liber qui appellatur Fundamentum apocryphus.
- Liber qui appellatur Thesaurus apocryphus.
- Liber qui est De filiabus Adae vel Genesis apocryphus.
- Centimetrum de Christo Vergilianis compaginatum versiibus apocryphum.
- Liber qui appellatur Actus Theclae et Pauli apocryphus.
- Liber qui appellatur Nepotis apocryphus.
- Liber Proverbiorum ab haereticis conscriptus, et sancti Sixti nomine signatus, apocryphus.
- Revelatio quae appellatur Pauli apocrypha.
- Revelatio quae appellatur Thomae apostoli apocrypha.
- Revelatio quae appellatur Stephani apocrypha.
- Liber qui appellatur Transitus sanctae Mariae apocryphus.
- Liber qui appellatur Poenitentia Adam apocryphus.
- Liber Diogiae nomine gigantis, qui post diluvium cum dracone ab haereticis pugnasse perhibetur apocryphus.
- Liber qui appellatur Testamentum Iob apocryphus.
- Liber qui appellatur Poenitentia Origenis apocryphus.
- Liber qui appellatur Poenitentia Cypriani apocryphus.
- Liber qui appellatur Iamne et Mambre apocryphus.
- Liber qui appellatur Sors apostolorum apocryphus.
- Liber Lusan apocryphus.
- Liber canonum apostolorum apocryphus.
- Liber Physiologus ab haereticis conscriptus, et beati Ambrosii nomine praesignatus, apocryphus.
- História Eusebii Panphili apocrypha.
- Opuscula Tertulliani sive Africani apocrypha.
- Opuscula Posthumiani et Galli apocrypha.

- Livro chamado Do Pastor: apócrifo.
- Todos os livros escritos por Lúcio, filho do diabo: apócrifos.
- Livro chamado O fundamento: apócrifo.
- Livro chamado O tesouro: apócrifo.
- Livro chamado Das filhas de Adão ou Gênese: apócrifo.
- Os Cem versos sobre Cristo, organizados em versos virgilianos: apócrifo.
- Livro chamado Atos de Tecla e de Paulo: apócrifo.
- Livro chamado Do sobrinho: apócrifo.
- Livro dos Provérbios composto por heréticos e intitulado com o nome de São Sisto: apócrifo.
- Revelação chamada Do apóstolo Tomé: apócrifa.
- Revelação chamada De Estêvão: apócrifa.
- Livro chamado Trânsito de Santa Maria: apócrifo.
- Livro chamado Penitência de Adão: apócrifo.
- Livro de Dionísio, chamado o Gigante, que os hereges representam lutando com o dragão após o dilúvio: apócrifo.
- Livro chamado Testamento de Jó: apócrifo.
- Livro chamado Penitência de Orígenes: apócrifo.
- Livro chamado Penitência de Cipriano: apócrito.
- Livro chamado Iame e Mambre: apócrifo.
- Livro chamado Sorte dos Apóstolos: apócrifo.
- Livro Lusan: apócrifo.
- Livro dos Cânones dos apóstolos: apócrifo.
- O livro Fisiólogo escrito por hereges e intitulado com o nome do venerável Ambrósio: apócrifo.
- História de Eusébio Pânfilo: apócrifa.
- Opúsculos de Tertuliano ou o Africano: apócrifos.
- Opúsculos de Postumiano e Galo: apócrifos.

- Opuscula Montani et Priscillae et Maximillae apocrypha.
- Omnia opuscula Fausti Manichaei apocrypha.
- Opuscula alterius Clementis Alexandrini apocrypha.
- Opuscula Cassiani presbyteri Galliarum apocrypha.
- Opuscula Victorini Pictaviensis apocrypha.
- Opuscula Fausti Reginensis Galliarum apocrypha.
- Opuscula Frumenti apocrypha.
- Epistula Iesu ad Abgarum apocrypha.
- Passio Cyrici et Iulittae apocrypha.
- Passio Georgii apocrypha.
- Scripta quae appellantur Salomonis contradictio apocrypha.
- Philacteria omnia quae non ab angelo, ut illi confingunt, sed magis a daemone conscripta sunt apocrypha.

Haec et his similia quae Simon Magus, Nicolaus, Cherinthus, Marcion, Basilides, Ebion, Paulus etiam Samosatenus, Photinus et Bonosus, qui simili errore defecerunt, Montanus quoque cum suis obscenissimis sequacibus, Apollinaris, Valentinus sive Manichaeus, Faustus, Sabellius, Arius, Macedonius, Eunomius, Novatus, Sabatius, Calixtus, Donatus et Eustachius, Nibianus, Pelagius, Iulianus et Laciensis, Coelestinus, Maximianus, Priscillianus ab Hispania, Lampedius, Dioscorus, Euticius, Petrus et alius Petrus, e quibus unus Alexandriam, alius Antiocham maculavit, Achatius Constantinopolitanus cum consortibus suis, necnon et omnes haereses quas ipsi eorumque discipuli sive schismatici docuerunt vel scripserunt, quorum nomina minime retinemus, non solum repudiata, verum etiam ab omni catholica et romana ecclesia eliminata, atque cum suis auctoribus auctorumque sequacibus sub anathematis, indissolubili vinculo in aeternum confitemur esse damnata"[95].

Caput XVI: Etymologiae quaedam ad lectionem pertinentium

"Codex multorum librorum est, liber unius voluminis. Et dictus codex per translationem a codicibus

95. *Decretum Gelasianum* 5,2,263-5,11,353.

- Opúsculos de Montano, Priscila e Maximila: apócrifos.
- Todos os opúsculos de Fausto Maniqueu: apócrifos.
- Opúsculos do outro Clemente de Alexandria: apócrifos.
- Opúsculos de Cassiano presbítero das Gálias: apócrifos.
- Opúsculos de Vitorino de Poitiers: apócrifos.
- Opúsculos de Fausto de Riez, nas Gálias: apócrifos.
- Opúsculos Do trigo: apócrifos.
- Epístola de Jesus para Abgar: apócrifa.
- Paixão de Quírico e Julita: apócrifa.
- Paixão de Jorge: apócrifa.
- Escritos chamados Contradição de Salomão: apócrifos.
- Todos os Filactérios, que não foram escritos por um anjo, como eles inventam, mas por um demônio: apócrifos.

Estes escritos e os semelhantes compostos por Simão Mago, Nicolau, Cerinto, Marcião, Basílides, Ebião, Paulo de Samósata, Fotino e Bonoso, os quais caíram no mesmo erro, Montano com seus obsceníssimos seguidores, Apolinário, Valentino ou Maniqueu, Fausto, Sabélio, Ario, Macedônio, Eunômio, Novato, Sabácio, Calisto, Donato e Eustáquio, Nibiano, Pelágio, Juliano e Laciêncio, Celestino, Maximiano, Prisciliano de Espanha, Lamédio, Dióscoro, Eutício, Pedro e o outro Pedro, dos quais um maculou Alexandria e o outro Antioquia, Actásio de Constantinopla com suas mulheres, como também todos os hereges e os escritos que eles e seus discípulos ou cismáticos ensinaram ou escreveram, cujos nomes apenas lembramos, todos estes escritos os consideramos não apenas repudiados, mas também eliminados de qualquer Igreja católica e romana, e condenados com anátemas para toda a eternidade em grilhão inquebrantável junto com seus autores e com os seguidores dos autores.

CAPÍTULO 16: Algumas etimologias úteis ao leitor

"Um *códice* é formado de muitos livros, o *livro* de um só volume. E o códice é assim chamado por translado a partir do tronco (*codici*)

arborum seu vitium, quasi caudex, quod ex se multitudinem librorum quasi ramorum contineat. Volumen dicitur a volvendo. Liber est interior cortex arboris, in quo antiqui ante usum chartae vel membranarum scribere solebant. Unde et scriptores librarios vocabant, inde dictus est liber volumen"[96].

Scheda, cuius diminutivum est schedula, "Graecum nomen est. Et dicitur scheda proprie quod adhuc emendatur, et necdum in libris redactum est"[97]. "Chartarum usus primum apud Memphim, civitatem Aegypti, inventus est. Dicta autem charta, quod carptim papyri tegmen decerptum glutinatur, et sic charta conficitur, cuius genera plura sunt.

Pergamenum dicitur a Pergamis, ubi inventum est. Dicitur etiam membrana, quia ex membris pecudum detrahuntur. Fiebant autem primum membrana lutei coloris, postea Romae candida membrana reperta sunt"[98].

"Homilia dicitur quasi sermo popularis, sicut ubi verbum fit ad populum. Tractatus est unius rei multiplex expositio. Dialogus est collatio duorum vel plurimorum quem Latini sermonem dicunt. Sermo autem dictus, quia seritur inter utrumque. Commentaria dicta quasi cum mente, vel a comminiscor. Sunt enim interpretationes, ut commentaria juris vel evangelii"[99]. Dicunt quidam commenta appellanda gentilium librorum, expositiones autem divinorum. Glossa Graecum est et interpretatur lingua, quia quodammodo loquitur significationem subiectae dictionis. "Hanc philosophi adverbium dicunt, quia vocem illam de cuius re quaeritur uno et singulari verbo designat, verbi gratia, ut conticescere est tacere"[100].

---

96. Isidorus, *Etymologiae* 6,13,1.

97. Isidorus, *Etymologiae* 6,14,8.

98. Isidorus, *Etymologiae* 6,10,1s.

99. Isidorus, *Etymologiae* 6,8,2-5.

100. Isidorus, *Etymologiae* 1,30,1.

das árvores ou da videira, como caule (*caudex*) que contém uma multidão de livros, como se fossem ramos. O volume se diz de volver. O *liber* (livro) é a parte interna e mole do córtex da árvore, e nele os antigos costumavam escrever antes do uso do papiro ou dos pergaminhos. Daí os escritores chamarem-se também livreiros e o volume ser dito livro".

Scheda (folha de papiro ou papel), cujo diminutivo é *schedula*, "é uma palavra grega. E se diz *scheda* propriamente aquilo que ainda é emendado e ainda não foi redigido em forma de livro". "O uso das folhas de papiro (*chartarum*) foi inventado pela primeira vez na cidade egípcia de Mênfis. É chamada *charta* (papel) porque a pele do papiro extraída em tiras é colada, e assim se confecciona o papel, do qual existem vários tipos.

O termo *pergaminho* vem da cidade de Pérgamo, onde foi inventado. Chama-se também *membrana*, porque é extraído dos membros das ovelhas. Inicialmente eram feitas membranas de cor amarela, mais tarde foram inventadas em Roma as membranas brancas.

"A palavra *homilia* significa sermão popular, quando a palavra é dirigida ao povo. Um *tratado* é a exposição sob múltiplos aspectos de uma só coisa. O *diálogo* é uma discussão entre duas pessoas ou mais, chamado sermão (*sermo*) em latim, porque é costurado (*seritur*) entre um e outro. Os *comentários* vêm das palavras *com a mente* ou do verbo *comminiscor* (inventar); com efeito, são interpretações, como nos comentários do direito ou do evangelho". Alguns dizem que o termo *comentários* deveria ser usado em relação aos livros pagãos, e o termo *exposições* com relação aos livros sagrados. O termo *glossa* (glosa) em grego significa *língua*, porque num certo sentido expressa o significado da frase em discussão. "Os filósofos a chamam advérbio (*ad-verbium*) porque ela explica com uma palavra única (*verbum*) o termo do qual se procura o significado, como, por exemplo, quando se explica *fazer silêncio* com *calar-se*".

LIBER QUINTUS

Caput I: De quibusdam sacrae scripturae proprietatibus et modo legendi

Non debet onerosum esse studioso lectori, quod tam varie multipliciterque numerum et ordinem et vocabula divinorum librorum tractamus, quia saepe accidit, ut haec minima, ignorata, magnarum rerum et utilium notitiam obscurent. Quapropter semel se expediat lector, ut, his quasi quibusdam clausuris prima fronte reseratis, libero gressu possit deinde propositum iter currere, ne in singulis libris nova rudimenta quaerere oporteat.

His ergo expeditis, deinceps cetera, quae ad propositum opus valere videbuntur, tractabimus.

Caput II: De triplici intelligentia

Primo omnium sciendum est, quod divina scriptura triplicem habet modum intelligendi, id est, historian, allegoriam, tropologiam.

Sane non omnia quae in divino reperiuntur eloquio ad hanc intorquenda sunt interpretationem, ut singula historiam, allegoriam et tropologiam simul continere credantur. Quod etsi in multis congrue assignari possit, ubique tamen observare aut difficile est aut impossibile.

"Sicut enim in citharis et huiusmodi organis musicis non quidem omnia quae tanguntur canorum aliquid resonant, sed tantum chordae, cetera tamen in toto citharae corpore ideo facta sunt,

LIVRO V

CAPÍTULO 1: Algumas particularidades da Escritura e o modo de lê-la

Não deve ser incômoda ao estudante diligente a nossa exposição tão variada e minuciosa sobre o número, a ordem e os nomes das Sagradas Escrituras, porque pode acontecer que estas coisas pequenas, quando ignoradas, escurecem o conhecimento de coisas grandes e úteis. É bom que o estudante fique livre disso de uma vez, de modo que, uma vez escancaradas estas coisas logo no começo como se fossem portas, com passo livre ele possa percorrer o caminho que se propõe e não deva, a cada novo livro da Escritura, procurar novamente os princípios elementares.

Livres, portanto, destas questões, a seguir trataremos das coisas que restam e que nos parecerão válidas para o trabalho que nos propomos.

CAPÍTULO 2: O tríplice entendimento

Antes de tudo deve-se saber que a Sagrada Escritura apresenta três modos de entendê-la, a saber, 1) o modo histórico, 2) o modo alegórico, 3) o modo tropológico (*moral*).

Certamente, nem todas as passagens que se encontram no discurso divino devem ser forçadas a ter esta interpretação, como se todo e qualquer texto possa ser imaginado contendo simultaneamente a interpretação histórica, alegórica e tropológica. Bem que muitos textos se prestem a isso, é difícil ou impossível observar o mesmo no texto inteiro.

"De fato, é como nas cítaras e nos instrumentos musicais parecidos, onde nem tudo aquilo que é tocado soa, mas somente as cordas. As outras coisas do conjunto da cítara foram feitas de

ut esset ubi connecterentur, et quo tenderentur illa quae ad cantilenae suavitatem modulaturus est artifex"[101], ita in divinis eloquiis quaedam posita sunt, quae tantum spiritualiter intelligi volunt, quaedam vero morum gravitati deserviunt, quaedam etiam secundum simplicem sensum historiae dicta sunt, nonnulla autem quae et historice, et allegorice, et tropologice convenienter exponi possunt. Unde modo mirabili omnis divina scriptura ita per Dei sapientiam convenienter suis partibus aptata est atque disposita, ut quidquid in ea continetur aut vice chordarum spiritualis intelligentiae suavitatem personet, aut per historiae seriem et litterae soliditatem mysteriorum dicta sparsim posita continens, et quasi in unum connectens, ad modum ligni concavi super extensas chordas simul copulet, earumque sonum recipiens in se, dulciorem auribus referat, quem non solum chorda edidit, sed et lignum modulo corporis sui formavit.

Sic et mel in favo gratius, et quidquid maiori exercitio quaeritur, maiori etiam desiderio invenitur. Oportet ergo sic tractare divinam scripturam, ut nec ubique historiam, nec ubique allegoriam, nec ubique quaeramus tropologiam, sed singula in suis locis, prout ratio postulat, competenter assignare. Saepe tamen in una eademque littera omnia simul reperiri possunt, sicut historiae veritas et mysticum aliquid per allegoriam insinuet, et quid agendum sit pariter per tropologiam demonstret.

Caput III: Quod res etiam significent in divina scriptura

Sciendum est etiam, quod in divino eloquio non tantum verba, sed etiam res significare habent, qui modus non adeo in aliis scripturis inveniri solet.

Philosophus solam vocum novit significationem, sed excellentior valde est rerum significatio quam vocum,

---

101. Isidorus, *Misticorum expositiones*, praef. 4 (PL 83,208B-C).

maneira a haver onde possam ser conectadas e estendidas as cordas, que o artista modulará para obter a suavidade do canto". O mesmo acontece nas palavras divinas, onde algumas foram colocadas para serem interpretadas só espiritualmente, outras servem para a seriedade moral, algumas foram ditas em sentido simplesmente histórico, outras podem ser expostas convenientemente em sentido histórico, alegórico e tropológico. E assim, de modo admirável, toda a Sagrada Escritura foi adequada e disposta em todas as suas partes pela *Sapiência* de Deus, para que tudo quanto é contido nela faça ecoar, à maneira das cordas, a suavidade do entendimento espiritual. A Escritura, tendo os ensinamentos dos mistérios colocados de maneira esparsa sob os eventos históricos e sob a espessura das letras, conecta, por assim dizer, tais ensinamentos numa coisa só e os mantêm unidos, como faz o lenho côncavo com as cordas extensas sobre si, lenho que, recebendo o som das cordas dentro de si, faz ecoar este som mais doce aos ouvidos, porque não foi somente a corda que produziu tal som, mas também a madeira o formou segundo a forma do seu corpo.

Também o mel dentro do favo é mais agradável, assim como com maior satisfação é encontrado aquilo que com maior empenho foi buscado. Por isso, é necessário tratar as Escrituras Sagradas de modo a não procurarmos em todo lugar a história, nem em todo lugar a alegoria, nem em todo lugar a tropologia, mas a situar com competência cada uma delas em seus lugares, como a razão pede. Freqüentemente, todavia, no mesmo texto podem ser encontradas as três juntas, como quando a verdade *histórica* insinua algo místico através da *alegoria*, e igualmente demonstra pela *tropologia* o que deve ser feito.

CAPÍTULO 3: Também as coisas têm significado na Sagrada Escritura

Deve-se saber que no elóquio divino não apenas as palavras, mas também as coisas têm significado, fato que não costuma ocorrer em outros escritos.

O filósofo pagão conhece apenas o significado das palavras, mas o significado das coisas é muito mais excelente do das palavras,

quia hanc usus instituit, illam natura dictavit. Haec hominum vox est, illa vox Dei ad homines. Haec prolata perit, illa creata subsistit. Vox tenuis est nota sensuum, res divinae rationis est simulacrum. Quod ergo sonus oris, qui simul subsistere incipit et desinit, ad rationem mentis est, hoc omne spatium temporis ad aeternitatem. Ratio mentis intrinsecum verbum est, quod sono vocis, id est, verbo extrinseco manifestatur. Et divina sapientia, quam de corde suo Pater eructavit, in se invisibilis, per creaturaas et in creaturis agnoscitur. Ex quo nimirum colligitur, quam profunda in sacris litteris requirenda sit intelligentia, ubi per vocem ad intellectum, per intellectum ad rem, per rem ad rationem, per rationem pervenitur ad veritatem. Quod dum quidam minus docti non considerant, nullam in eis esse subtilitatem aestimant, ubi exerceri possint ingenia, et ob hoc ad philosophorum scripturas se transferunt, quia profecto nil aliud ibi concipiunt, nisi solam litterae superficiem, virtutem veritatis ignorantes.

Quod autem rerum significatione sacra utantur eloquia, breviter quodam et aperto exemplo demonstrabimus. Dicit scriptura: "Vigilate, quia adversarius vester diabolus tamquam leo rugiens circuit"[102]. Hic, si dixerimus leonem significare diabolum, non vocem, sed rem intelligere debemus. Si enim duae hae voces, id est, diabolus et leo, unam et eandem rem significant, incompetens est similitudo eiusdem rei ad seipsam. Restat ergo, ut haec vox leo animal ipsum significet, animal vero diabolum designet. Et cetera omnia ad hunc modum accipienda sunt, ut cum dicimus vermem, vitulum, lapidem, serpentem et alia huiusmodi Christum significare.

Caput IV: De septem regulis

Illud quoque diligenter attendendum est, "quod septem esse inter ceteras regulas locutionum sanctarum scripturarum quidam sapientes dixerunt.

---

102. 1Pd 5,8.

porque o significado das palavras se impôs pelo costume, enquanto o significado das coisas foi ditado pela natureza. A palavra é a voz dos homens, a coisa é a voz de Deus aos homens. Aquela, uma vez proferida, caduca, esta, uma vez criada, permanece. A voz é uma tênue expressão dos sentidos, a coisa é simulacro da razão divina. Aquilo que é o som da boca com relação à razão da mente, som que começa a existir e simultaneamente termina, isto todo o espaço do tempo é com relação à eternidade. A razão da mente é a palavra interna, que se manifesta pelo som da voz, isto é, pela palavra externa. Mas a *Sapiência* divina, que o Pai emitiu do seu coração, invisível em si, é conhecida pelas criaturas e nas criaturas. Disto se deduz admiravelmente quão profundo entendimento deve ser exigido nas Escrituras Sagradas, onde pela palavra se chega ao conceito, pelo conceito à coisa, pela coisa à razão, pela razão à verdade. Os menos eruditos, por não levar em conta este dado, acham que nas Escrituras não existe alguma sutilidade na qual os engenhos possam exercitar-se, e por esta razão se voltam para os escritos dos filósofos pagãos, pois, de fato, nas Escrituras não enxergam outra coisa senão a superfície da palavra, ignorando a força da verdade.

Demonstraremos com um breve e claro exemplo que os santos elóquios utilizam a significação das coisas. A Escritura diz: "Estejam vigilantes, pois o vosso adversário, o diabo, circula como um leão rugindo". Aqui, se dizemos que o leão significa o diabo, devemos entender não a palavra, mas a coisa. Se estas duas palavras, isto é, *diabo* e *leão*, significassem uma mesma e única coisa, teríamos uma semelhança imprópria de uma coisa a si mesma. Conclui-se, portanto, que a palavra *leão* significa o próprio animal, e que este animal designa o diabo. E todos os outros casos devem ser entendidos da mesma forma, como quando dizemos que o verme, a pedra, a serpente e coisas parecidas significam o Cristo.

CAPÍTULO 4: As sete regras

Deve-se ter cuidadosamente em mente "que alguns sábios disseram serem sete, entre outras, as regras utilizadas pelas locuções das Escrituras Sagradas.

Prima regula est de Domino et eius corpore, quae de uno ad unum loquitur, atque in una persona modo caput, modo corpus ostendit, sicut Isaias ait: "Induit me Dominus vestimento salutari quasi sponsum decoratum corona, et quasi sponsam ornatam monilibus suis"[103]. In una enim persona duplici vocabulo nominata, et caput, id est, sponsum, et ecclesiam, id est, sponsam manifestavit. Proinde notandum est in scripturis, quando specialiter caput scribitur, quando et caput et corpus, aut quando ex utroque transeat ad utrumque, aut ab altero ad alterum, sicque quid capiti, quid corpori comveniat, prudens lector intelligat.

Secunda regula est de Domini corpore vero et permixto. Nam videntur quaedam convenire uni personae, quod tamen non est unius, ut est illud: "Puer meus es tu Israel, ecce delevi ut nubem iniquitates tuas, et sicut nebulam peccata tua. Convertere ad me, et redimam te"[104]. Hoc ad unum non congruit. Nam altera pars est cui peccata delevit et cui dicit: "Meus es tu", et altera cui dicit. "Convertere ad me, et redimam te", qui si convertantur, peccata eorum delentur. Per hanc enim regulam sic ad omnes loquitur scriptura, ut et boni redarguantur cum malis, et mali laudentur pro bonis, sed quid ad quem pertineat, qui prudenter legerit discet.

Tertia regula est de littera et spiritu, id est, de lege et gratia: lege per quam praecepta facienda admonentur, gratia per quam ut operemur iuvamur, vel quod lex non tantum historice, sed etiam spiritualiter sentienda sit. Namque et historice oportet fidem tenere, et spiritualiter legem intelligere.

Quarta regula est de specie et genere, per quam pars pro toto, et totum pro parte accipitur, veluti si uni populo vel civitati loquatur Deus, et tamen intelligatur omnem contingere mundum. Nam licet adversus unam civitatem Babyloniam per Isaiam prophetam Dominus comminetur, tamen dum contra eam loquitur, transit ad genus de specie,

---

103. Is 61,10.

104. Is 44,21-22.

A primeira regra concerne o Senhor e o seu corpo. Ela fala de um em relação ao outro e, numa só pessoa, indica ora a cabeça, ora o corpo, como quando Isaías diz: "O Senhor me vestiu com a veste da salvação, como um esposo ornado com coroa ou uma esposa ornada com suas jóias". Numa só pessoa, indicada com dois vocábulos, a expressão manifestou seja a cabeça, isto é, o esposo, seja a Igreja, isto é, a esposa. E ainda, nas Escrituras deve-se notar quando se faz referência especialmente à cabeça, quando à cabeça e ao corpo, quando se passa dos dois para os dois, ou de um para o outro, e igualmente o leitor prudente deve entender o que cabe à cabeça, o que ao corpo.

A segunda regra concerne o corpo verdadeiro e o corpo misto do Senhor. Com efeito, algumas coisas parecem referir-se a uma só pessoa, mas de fato não se trata de uma só pessoa, como quando se diz: "Tu és meu servo, Israel, e eis que apaguei como nuvem as tuas iniqüidades e como névoa os teus pecados. Converte-te a mim, e te salvarei". Isto não se refere a uma só pessoa. A primeira parte se refere àquele a quem cancelou os pecados e ao qual diz: "és meu", e a outra parte àquele ao qual diz: "converte-te a mim, e te salvarei", e os pecados destes serão cancelados, se eles se converterem. Através desta regra, a Escritura fala a todos em geral de tal modo que os bons são redargüidos junto com os maus, e os maus são louvados em lugar dos bons; mas, quem lê prudentemente, aprenderá o que cabe a quem.

A terceira regra concerne a letra e o espírito, isto é, a lei e a graça. Pela lei são propostos os preceitos a serem praticados, pela graça somos ajudados a agir. Quer dizer, a lei deve ser vista não apenas em sua dimensão histórica mas também espiritual. De fato, é necessário seja ser fiel à dimensão histórica da lei, seja entender a lei em sentido espiritual.

A quarta regra concerne a espécie e o gênero, pela qual a parte é tomada pelo todo e o todo pela parte, como quando Deus fala a um povo ou a uma cidade, e todavia sabe-se que está abrangendo o mundo inteiro. De fato, mesmo que o Senhor através do profeta Isaías faça ameaças contra a única cidade de Babilônia, todavia, enquanto fala contra ela, passa da espécie para o gênero,

et convertit contra totum mundum sermonem. Certe si non diceret adversus universum orbem, non adderet infra generaliter: "Et disperdam omnem terram et visitabo super orbis mala"[105], et cetera quae sequuntur ad internecionem mundi pertinentia. Unde et adiecit: "Hoc est consilium quod cogitavi super omnem terram, et haec manus extenta super omnes gentes"[106]. Item postquam sub persona Babyloniae arguit universum mundum, rursus ad eandem quasi de genere ad speciem revertitur, dicens quae eidem civitati specialiter contigerunt: "Ecce ego suscitabo super eos Medos"[107]. Nam regnante Balthasar, a Medis obtenta est Babylonia. Sic ex persona unius Aegypti totum vult intelligere mundum dicendo: "Et concurrere faciam Aegyptios adversus Aegyptios, regnum adversus regnum"[108], cum Aegyptus non multa regna, sed unum describitur habuisse regnum.

Quinta regula est de temporibus, per quam aut pars maxima temporis per partem minorem inducitur, aut pars minima temporis per partem maiorem intelligitur. Sic est de triduo Dominicae sepulturae, dum nec tribus plenis diebus ac noctibus iacuerit in sepulcro, sed tamen a parte totum triduum accipitur. Vel sicut illud quod quadringentis annis praedixerat Deus filios Israel in Aegypto servituros et sic inde egressuros, qui tamen dominante Ioseph Aegypto dominati sunt, nec statim post quadringentos annos egressi sunt, ut fuerat repromissum, sed quadringentis triginta peractis, ab Aegypto recesserunt.

Est et alia de temporibus figura, per quam quaedam quae futura sunt, quasi iam gesta narrantur, ut est illud: "Foderunt manus meas et pedes meos, dinumeraverunt omnia ossa mea et diviserunt sibi vestimenta mea"[109], et his similia, in quibus futura, tamquam si iam facta sint, ita dicuntur. Sed cur quae adhuc facienda erant, iam facta narrantur? Quia ea quae nobis futura sunt, apud Dei aeternitatem iam facta sunt. Quapropter quando aliquid faciendum esse pronuntiatur, secundum nos dicitur. Quando vero

---

105. Is 13,5.
106. Is 14,26.
107. Is 13,17.
108. Is 19,12.
109. Sl 21,17.

e endereça o seu discurso contra o mundo inteiro. Se não falasse contra o mundo inteiro, não teria acrescentado em seguida: "E dispersarei toda a terra e castigarei os males do mundo", e outras ameaças que seguem, atinentes à destruição do mundo. Por isso acrescentou: "Esta é a decisão que pensei sobre toda a terra, e esta é a mão estendida sobre todos os povos". Igualmente, após ter redargüido o mundo inteiro sob a figura de Babilônia, novamente retorna a esta, passando do gênero para a espécie, falando as coisas que aconteceram a esta cidade: "Eis que eu levantarei contra eles os medas". De fato, sob o reino de Baltazar, Babilônia foi conquistada pelos Medas. Do mesmo modo, a partir da figura do Egito em particular, Deus quer entender o mundo, ao dizer: "E farei guerrear egípcios contra egípcios, reino contra reino"; com efeito, o Egito é descrito como tendo não muitos reinos mas um só reino.

A quinta regra concerne os tempos, pela qual ou uma parte grandíssima de tempo é indicada por uma parte menor, ou através de uma parte mínima de tempo se entende uma parte maior. Este é o caso do tríduo do sepultamento do Senhor, porque, mesmo não tendo ele jazido no sepulcro durante três dias e noites plenos, a partir de uma parte fala-se de um tríduo completo. Dá-se o mesmo quando Deus predisse que os filhos de Israel teriam ficado escravos no Egito durante quatrocentos anos e depois disto teriam saído de lá; mas eles, sob o vice-reinado de José, dominaram o Egito, nem saíram logo depois dos quatrocentos anos, como tinha sido prometido, mas retornaram do Egito depois de quatrocentos e trinta anos.

Existe uma outra figura concernente aos tempos, pela qual são narradas coisas futuras como se já tivessem acontecido, como na passagem: "Traspassaram minhas mãos e meus pés, e contaram todos os meus ossos e dividiram entre si as minhas roupas", e passagens similares a esta, nas quais acontecimentos futuros são falados como já acontecidos. Mas, por que coisas a serem ainda feitas eram narradas como já feitas? Porque as coisas que para nós são futuras, para a eternidade de Deus já aconteceram. Portanto, quando se fala que algo deverá acontecer, isso é dito do nosso ponto de vista. Quando, ao contrário,

quae futura sunt iam facta dicuntur, secundum Dei aeternitatem accipienda sunt, apud quem iam omnia facta sunt quae futura sunt.

Sexta regula est de recapitulatione. Recapitulatio enim est dum scriptura redit ad illud cuius narratio iam transierat, sicut cum filios filiorum Noe scriptura commemorasset, dixit illos fuisse in linguis et gentibus suis, et tamen postea quasi hoc etiam in hoc ordine temporum requiritur: "Erat, inquit, omnis terra labium unum, et vox una omnibus erat"[110]. Quomodo ergo secundum suas gentes et secundum suas linguas erant, si una lingua erat omnibus, nisi quia ad illud quod iam transierat recapitulando est reversa narratio?

Septima regula est de diabolo et eius corpore, qua saepe dicuntur ipsius capitis, quae suo magis conveniunt corpori. Saepe vero videntur eius dicta membrorum, et non nisi capiti congruunt. Ex nomine quippe corporis intelligitur caput, ut est illud in evangelio de zizaniis tritico admixtis, dicente Domino: "Inimicus homo hoc fecit"[111], hominem ipsum diabolum vocans, et ex nomine corporis caput designans. Item ex nomine capitis significatur corpus sicut in evangelio dicitur: "Duodecim vos elegi, et unus ex vobis diabolus est"[112], Iudam utique indicans, quia diaboli corpus fuit. Apostata quippe angelus omnium caput est iniquorum, et huius capitis corpus sunt omnes iniqui, sicque cum membris suis unus est, ut saepe quod corpori eius dicitur, ad eum potius referatur; rursum quod illi, ad membra ipsius iterum derivetur, sicut in Isaia, ubi dum contra Babyloniam, hoc est, contra diaboli corpus multa dixisset sermo propheticus, rursus ad caput, id est, ad diabolum oraculi sententiam derivat, dicens: "Quomodo cecidisti de caelo, Lucifer, qui mane oriebaris"[113], et cetera"[114].

Caput V: Quid studium impediat

Postquam certam materiam praescripsimus lectori, et eas scripturas quae ad divinam praecipue pertinent

---

110. Gn 11,1.

111. Mt 13,28.

112. Jo 6,71.

113. Is 14,12.

114. Isidorus, *Sententiae* 1,19.

as coisas futuras são anunciadas como já passadas, devem ser entendidas do ponto de vista da eternidade de Deus, junto do qual todas as coisas futuras já aconteceram.

A sexta regra concerne a recapitulação. A recapitulação se dá quando a Escritura retorna para aquilo, cuja narração já passou, como quando a Escritura, recordando os filhos dos filhos de Noé, diz que eles existiram segundo línguas e tribos próprias, e depois, como se estivesse observando a devida ordem cronológica, diz: "Toda a terra era um só lábio e todos tinham uma só língua". Como, então, viviam em tribos e línguas próprias, se todos tinham uma só língua, a não ser que a narração, recapitulando, voltou a algo que já tinha passado?

A sétima regra concerne o diabo e o seu corpo, pela qual freqüentemente se dizem da cabeça coisas que convêm mais ao seu corpo. De freqüente, as frases parecem falar dos seus membros, quando na realidade referem-se somente ao corpo. Sob o nome do corpo, sem dúvida, deve ser entendida a cabeça, como na passagem evangélica sobre as cizânias misturadas ao trigo, quando o Senhor diz: "Um homem inimigo fez isto", chamando o diabo de homem, e indicando, sob o nome do corpo, a cabeça. Igualmente, sob o nome da cabeça se entende o corpo, quando no evangelho se diz: "Escolhi vocês doze, e um de vocês é o diabo", indicando especificamente Judas, que foi corpo do diabo. O anjo caído é cabeça de todos os iníquos, e todos os iníquos são o corpo desta cabeça, e ele é tão unido aos seus membros, que, freqüentemente, aquilo que se diz do seu corpo, refere-se a ele; vice-versa, aquilo que se diz dele, é estendido aos membros, como em Isaías, quando, depois que o discurso profético disse muitas coisas contra Babilônia, isto é, contra o corpo do diabo, de novo a palavra da profecia é voltada contra a cabeça, isto é, contra o próprio diabo, dizendo: "Como caíste do céu, Lúcifer, tu que raiavas de manhã", e outras coisas.

CAPÍTULO 5: O que impede o estudo

Após ter prescrito ao estudante uma determinada matéria, e depois que determinei aquelas Escrituras que pertencem,

lectionem suis nominibus assignando determinavi, consequens videtur ut etiam de modo et ordine legendi aliquid dicamus, quatenus ex his quae dicta sunt agnoscat, cui rei studium impendere debeat, ex his vero quae sunt dicenda eiusdem studii sui modum et rationem accipiat. Quia vero facilius quid agendum sit intelligimus, si prius quid non sit faciendum agnoverimus, instruendus est primum quid cavere debeat, ac deinde informandus qualiter ea quae sunt agenda perficiat.

Dicendumque est quid sit quod ex tanta turba discentium, quorum multi et ingenio pollent et vigent exercitio, tam pauci et numerabiles inveniantur, quibus ad scientiam pervenire contingat. Et, ut de illis taceam qui naturaliter sunt hebetes et tardi ad intelligendum, hoc maxime movet et dignum quaestione videtur, unde hoc accidat, quod duo pari ingenio et aequali studio uni lectioni intendunt, nec tamen simili effectu eius intelligentiam consequuntur. Alter cito penetrat, cito quod quaerit apprehendit. Alter diu laborat et parum proficit.

Sed sciendum est quod in quolibet negotio duo sunt necessaria: opus videlicet, et ratio operis, quae ita sibi connexa sunt, ut alterum sine altero aut inutile sit aut minus efficax. Verumtamen "melior", ut dicitur, "prudentia est fortitudine", quia et pondera aliquando, quae viribus movere non possumus, arte levamus. Sic nimirum est in omni studio. Qui sine discretione operatur, laborat quidem, sed non proficit, et quasi aerem verberans, vires in ventum fundit. Aspice duos pariter silvam transeuntes, et hunc quidem per devia laborantem, illum vero recti itineris compendia legentem, pari motu cursum tendunt, sed non aeque perveniunt. Quid autem scripturam dixerim nisi silvam, cuius sententias quasi fructus quosdam dulcissimos legendo carpimus, tractando ruminamus? Qui ergo in tanta multitudine librorum legendi modum et ordinem non custodit, quasi in condensitate saltus oberrans, tramitem recti itineris perdit, et, ut dicitur, "semper discentes, numquam ad scientiam pervenientes"[115].

---

115. 2Tm 3,7.

sobretudo, à leitura divina, indicando-as por seus nomes, parece-nos procedente dizer algo sobre o modo e a ordem da leitura, para que o estudante saiba, a partir de quanto dissemos, a que deva dedicar o estudo e aprenda, a partir de quanto diremos, o modo e o método deste seu estudo. Dado que é mais fácil entender aquilo que deve ser feito conhecendo antes aquilo que não deve ser feito, o estudante deve ser primeiro instruído sobre aquilo que deve evitar, e depois deve ser informado sobre como levar a termo aquilo que deve ser feito.

Direi logo qual é a razão pela qual numa grande massa de estudantes, muitos dos quais se destacam pelo engenho e se dedicam com afinco ao trabalho, tão poucos, que podem ser contados nos dedos, conseguem chegar ao saber. E, sem falar daqueles que são por natureza obtusos e lentos na aprendizagem, é sobremaneira provocante e merecedor de reflexão saber como acontece que duas pessoas, aplicadas com igual engenho e afinco ao mesmo problema, não conseguem entendê-lo com o mesmo efeito. Um deles logo compreende, logo aprende aquilo que procura. O outro trabalha longamente e avança pouco.

Deve-se saber que em qualquer trabalho são necessárias duas coisas: a aplicação e o método da aplicação, e estas duas coisas são tão conexas entre si, que uma sem a outra é ou inútil ou pouco eficiente. Com efeito, se diz que "a prudência é melhor que a força", porque às vezes levantamos com a habilidade os pesos que não podemos mover com as forças físicas. O mesmo se dá em qualquer estudo. Aquele que trabalha sem método, trabalha muito, sim, mas não avança e, como a chicotear o ar, espalha as forças ao vento. Repare em duas pessoas atravessando o bosque, uma suando através de desvios, a outra escolhendo os atalhos de um traçado reto: fazem o percurso com o mesmo ritmo, mas não chegam no mesmo tempo. E o que denominaria eu a Escritura senão uma floresta, cujas frases colhemos na leitura como se fossem frutos dulcíssimos e as ruminamos na reflexão? Aquele, portanto, que em tão grande multidão de livros não mantém um método e uma ordem de leitura, este, como se vagueasse na densidade da floresta, perde o caminho do percurso certo "sempre estudando - como se diz - nunca chegando ao saber".

Tantum enim valet discretio, ut sine ipsa et omne otium turpe sit, et labor inutilis. Ut autem universaliter complectamur!

Tria sunt quae praecipue studiis legentium obesse solent: negligentia, imprudentia, fortuna. Negligentia est quando ea quae discenda sunt vel prorsus praetermittimus vel minus studiose discimus. Imprudentia est quando congruum ordinem et modum in his quae discimus non servamus. Fortuna est in eventu, casu, sive naturaliter contingente, quando vel paupertate vel infirmitate vel non naturali tarditate, sive etiam doctorum raritate, quia aut non inveniuntur qui doceant, aut qui bene doceant, a proposito nostro retrahimur.

In his autem tribus de primo quidem, id est, negligentia, lector admonendus est, de secundo vero, id est, imprudentia, instruendus, de tertio autem, id est, fortuna, adiuvandus.

Caput VI: Quis sit fructus divinae lectionis

Quisquis ad divinam lectionem erudiendus accesserit, primum qualis sit fructus eius agnoscat.

Nihil enim sine causa appeti debet, nec desideria trahit quod utilitatem non promittit. Geminus est divinae lectionis fructus, quia mentem vel scientia erudit vel moribus ornat. Docet quod scire delectet et quod imitari expediat. Quorum alterum, id est, scientia, magis ad historiam et allegoriam, alterum, id est, instructio morum, ad tropologiam magis respicit. Omnis divina Scriptura refertur ad hunc finem.

Sane, quamvis expediat magis iustum esse quam sapientem, scio tamen plures in studio sacri eloquii scientiam quaerere quam virtutem. Ego autem, quoniam neutrum improbandum, sed utrumque necessarium et laudabile esse censeo,

O método é tão importante, que sem ele qualquer ócio (*dedicação ao estudo*) é torpe e todo trabalho inútil. Oxalá todos nós abracemos esta convicção!

Três são as coisas que costumam opor-se principalmente aos estudos dos estudantes: 1) a negligência, 2) a imprudência, 3) a má sorte. A *negligência* se dá quando ou deixamos totalmente de lado as coisas que devem ser aprendidas ou as estudamos com menos empenho. A *imprudência* se dá quando não mantemos a ordem e o método apropriado nas coisas que aprendemos. A *má sorte* se dá por algum evento que ocorre por acaso ou naturalmente, e aí nos retiramos do nosso objetivo por causa ou da pobreza ou da doença, ou de um retardo não natural, ou da escassez de doutores, quando, ou não se encontram aqueles que ensinam ou não se encontram aqueles que ensinam bem.

No primeiro caso, isto é, na negligência, o estudante deve ser repreendido. No segundo, isto é, na imprudência, ele deve ser instruído. No terceiro, isto é, em caso de má sorte, ele deve ser ajudado.

CAPÍTULO 6: O fruto da leitura divina

Quem se aproxima da leitura divina para ser formado, deve, antes de tudo, conhecer o seu fruto.

Nada se deve querer sem motivo, nem provoca desejos aquilo que não promete utilidade. O fruto da leitura sagrada é duplo, pois ou 1) instrui a mente com o conhecimento ou 2) a adorna com os bons costumes. Ela ensina aquilo que agrada saber e aquilo que vale a pena imitar. Dos dois, um, isto é, o conhecimento, está relacionado mais à história e à alegoria, o outro, o ensino dos costumes, mais à tropologia. Toda a Sagrada Escritura é direcionada para esta finalidade.

Sei, todavia, que, não obstante convenha mais ser justo que culto, muitos procuram, no estudo sacro, mais o saber que a virtude. Eu, ao contrário, considerando que nenhum dos dois aspectos deve ser desvalorizado e que cada um dos dois é necessário e louvável,

quid cuiusque intentioni competat paucis absolvam. Et primum quidem de eo, qui "moralitatis gratiam" amplectitur expediam.

Caput VII: Quomodo sit legenda scriptura ad correctionem morum

Qui virtutum notitiam et formam vivendi in sacro quaerit eloquio, hos libros magis legere debet qui huius mundi contemptum suadent, et animum ad amorem conditoris sui accendunt, rectumque vivendi tramitem docent, qualiterque virtutes acquiri et vitia declinari possint, ostendunt. "Primum enim, inquit, quaerite regnum Dei et iustitiam eius"[116]. Ac si aperte diceret: "Et caelestis patriae gaudia desiderate, et quibus iustitiae meritis ad ea perveniatur sollerter inquirite. Utrumque bonum, utrumque necessarium amate et quaerite. Si amor est, otiosus esse non potest. Pervenire desideratis? Discite quomodo perveniatur quo tenditis".

Haec vero scientia duobus modis comparatur, videlicet exemplo et doctrina; exemplo, quando sanctorum facta legimus; doctrina, quando eorum dicta ad disciplinam nostram pertinentia discimus. Inter quae beatissimi Gregorii singulariter scripta amplexanda aestimo, quae, quia mihi prae caeteris dulcia, et aeternae vitae amore plena visa sunt, silentio nolui praeterire.

Oportet autem ut qui hanc ingressus fuerit viam in libris quos legerit, discat non solum colore dictaminis, sed virtutum aemulatione provocari, ut eum non tam verborum pompositas aut concinnatio quam veritatis pulchritudo delectet. Sciat etiam ad propositum suum non conducere, ut, inani raptus desiderio scientiae, obscuras et profundae intelligentiae scripturas exquirat, in quibus magis occupetur quam aedificetur animus, ne sic eum sola lectio teneat, ut a bono opere vacare compellat. Christiano philosopho lectio exhortatio debet esse, non occupatio, et bona desideria pascere, non necare. Relatum mihi aliquando memini

---

116. Mt 6,33.

apresentarei brevemente aquilo que compete a cada um dos dois. E primeiro tratarei daquilo que abraça a "graça da moralidade".

CAPÍTULO 7: Como a Escritura deve ser lida para corrigir os costumes

Aquele que procura no sacro elóquio o conhecimento das virtudes e a regra de viver, deve ler sobretudo os livros que aconselham o desprezo deste mundo, acendem as almas no amor ao seu criador, ensinam o caminho reto da vida e mostram como as virtudes possam ser adquiridas e os vícios afastados. "Procurem primeiro o reino de Deus - diz - e a sua justiça". Como se dissesse mais exatamente: "Desejai as alegrias da pátria celeste e pesquisai com afinco com quais méritos de justiça se chega a elas. Amai e procurai tudo quanto é bom, tudo quanto é necessário. O amor, se existe, não pode ser ocioso. Desejais chegar? Aprendei como se chega lá onde aspirais".

Este conhecimento é oferecido de duas maneiras, ou seja, pelo exemplo e pela doutrina. Pelo exemplo, quando lemos as ações dos santos. Pela doutrina, quando aprendemos os seus ensinamentos concernentes a nossa vida disciplinada. Entre estes escritos considero que devam ser abraçados particularmente os de São Gregório, e não quero passá-los sob silêncio, pois eles me pareceram mais doces e mais cheios de amor da vida eterna que os outros.

Aquele que entrou neste caminho, deve ser provocado, nos livros que lê, não somente pela cor do estilo, mas sobretudo pela emulação das virtudes, para que o agrade não tanto a pompa e a sonoridade das palavras quanto a beleza da verdade. Saiba também que, se estiver tomado pelo desejo vão da ciência, não o conduz ao seu objetivo a procura de passagens obscuras e de difícil compreensão, nas quais o ânimo é mais ocupado que edificado, tal que a leitura, sozinha, o ocupe a tal ponto que o obrigue a ficar longe das boas obras. Para o filósofo cristão a leitura deve ser uma exortação, não uma ocupação, e deve nutrir os bons desejos, não matá-los. Lembro que uma vez foi-me relatado

de quodam satis probabilis vitae viro, qui tanto sanctarum scripturarum amore flagrabat, ut eis continuum impenderet studium. Cumque in dies crescente scientia cresceret et desiderium eius, coepit tandem sapientiam zelatus imprudenter, spretis simplicioribus scripturis, profunda quaeque et obscura rimari, atque aenigmatibus prophetarum enodandis et mysticis sacramentorum intellectibus vehementer insistere. Sed mens humana, tantum non sustinens pondus, coepit mox et rei magnitudine et intentionis iugitate deficere, tantaque huius importunae occupationis cura confundi, ut non solum iam ab utilibus, sed etiam a necessariis actibus cessaret. Verso siquidem eventu in contrarium, qui legere scripturas ad aedificationem vitae suae coeperat, quia discretionis moderamine uti non novit, easdem nunc occasionem erroris habebat. Sed miseratione divina tandem per revelationem admonitus est, ne amplius harum scripturarum studio incumberet, sed sanctorum patrum vitam et martyrum triumphos, aliasque tales simplici stylo dictatas, frequentare consuesceret, sicque in brevi ad statum pristinum reductus, tantam internae quietis gratiam accipere meruit, ut vere in illo illam Domini vocem impletam diceres, qua ipse nostrum laborem et dolorem considerans, pie nos consolari voluit, dicens: "Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos", et deinceps: "invenietis, inquit, requiem animabus vestris"[117].

Hoc exemplum ideo apposui, ut ostenderem eis, qui in disciplina non litteraturae, sed virtutum positi sunt, non oportere lectionem esse fastidio, sed oblectamento. Nam et Propheta: "Non novi, inquit, litteraturam", sive negotiationem, "introibo in potentiam Domini; Domine, memorabor iustitiae tuae solius. Deus, docuisti me a iuventute"[118]. Qui enim ad occupationem scripturas et, ut ita dicam, ad afflictionem spiritus legit, non philosophatur, sed negotiatur, vixque tam vehemens et indiscreta intentio vitio superbiae carere valet. Quid autem de lectione simplicis Pauli dicam, qui ante implere legem voluit quam discere? Quae

---

117. Mt 11,28.
118. Sl 70,15.

de um homem que provavelmente existiu, o qual ardia de tanto amor pelas Escrituras santas, que a elas dedicava um estudo contínuo. Crescendo com os dias o seu conhecimento e o seu desejo, tomado pelo amor da Sabedoria e desprezando as Escrituras mais simples, começou imprudentemente a explorar as coisas profundas e obscuras e a insistir com afinco a decifrar os enigmas dos profetas e os significados místicos dos sacramentos. Mas a mente humana, não suportando tanto peso, devido ao tamanho da empresa e à continua tensão, começou logo a falhar e a ficar tão confusa pela preocupação com esta tarefa desmedida, que deixou de funcionar não somente nas funções úteis, mas também nas necessárias. Assim, voltando-se a sorte em sentido contrário, aquele que iniciara a ler as Escrituras para a edificação de sua vida, começava a tê-las agora como ocasião de erro, por não ter sabido usar da moderação do discernimento. Mas foi finalmente advertido pela misericórdia divina mediante uma revelação, para não se dedicar mais ao estudo destas Escrituras, mas se acostumasse a dedicar-se à vida dos Santos Padres e aos triunfos dos mártires e a outras histórias semelhantes ditadas em estilo simples. Foi assim que, tendo voltado em pouco tempo ao estado antigo, ele mereceu receber tamanha graça de paz interior, que você diria ter sido realizada nele aquela palavra do Senhor, com a qual este, considerando o nosso trabalho e a nossa dor, quis consolar-nos amavelmente, dizendo: "Vinde a mim todos os que sofreis e estais cansados, e eu vos confortarei", e em seguida: "Encontrareis - disse - a paz para vossas almas".

Acrescentei este exemplo para mostrar àqueles que foram colocados no estudo não da literatura, mas das virtudes, que a leitura não deve ser motivo de aborrecimento e sim de contentamento. Com efeito, o Profeta disse: "Não conheço a literatura" nem os negócios; mas "entrarei no poder do Senhor; Senhor, lembrarei somente a tua justiça. Deus, me ensinaste desde a juventude". Quem, de fato, lê as Escrituras como ocupação e, por assim dizer, como aflição do espírito, este não faz filosofia, mas faz negócios, e esta intenção tão veemente e indiscreta mal escapa do vício da soberba. O que direi da leitura de Paulo o Simples, que quis antes praticar a lei e depois aprendê-la? Fato que

nobis profecto satis exemplo esse potest, non auditores, neque lectores legis, sed factores potius iustos esse ante Deum.

Considerandum praeterea est, quod lectio duobus modis animo fastidium ingerere solet et affligere spiritum; et qualitate videlicet, si obscurior fuerit, et quantitate, si prolixior exstiterit.

In quo utroque magno uti moderamine oportet, ne quod ad refectionem quaesitum est sumatur ad suffocationem. Sunt qui omnia legere volunt. Tu noli contendere. Sufficiat tibi. Nihil tua interest, annon omnes legeris libros. Infinitus est librorum numerus, tu noli sequi infinita. Ubi finis non est, requies esse non potest. Ubi requies non est, pax nulla est. Ubi pax non est, Deus habitare non potest. "In pace - inquit Propheta - factus est locus eius, et in Sion habitatio eius"[119]. "In Sion, sed in pace"; esse Sion oportet, sed pacem non amittere. Contemplare, et occupari noli. Noli avarus esse, ne forte semper egeas. Audi Salomonem, audi Sapientem, et disce prudentiam. "Fili mi - inquit - amplius his ne requiras; faciendi plures libros, nullus est finis, frequensque meditatio carnis afflictio est". Ubi ergo est finis? "Finem loquendi omnes pariter audiamus. Deum time, et mandata eius observa: hoc est omnis homo"[120].

Caput VIII: Lectionem esse incipientium, opus perfectorum

Nemo me pro his, quae superius commemoravi, aestimet lectorum diligentiam reprehendere, cum ego potius diligentes lectores ad propositum hortari intendam, et eos qui libenter discunt laude dignos ostendere.

Sed ibi locutus sum eruditis, nunc autem erudiendis, et doctrinam quae principium est disciplinae incohantibus. Illis studium virtutum, istis vero interim exercitium lectionis propositum est,

---

119. Sl 75,3.

120. Ecl 12,12.

certamente pode constituir para nós um exemplo eloqüente de que não os ouvintes nem os leitores da lei, mas sobretudo os seus praticantes são justos perante Deus.

Deve-se saber, além disso, que a leitura costuma criar aborrecimento e afligir o espírito de duas maneiras: ou seja, 1) pela qualidade, se for demasiado obscura, e 2) pela quantidade, se for demasiado prolixa.

Nas duas coisas é necessário usar moderação, para que o alimento desejado para a refeição não seja tomado para a indigestão. Há pessoas que querem ler tudo. Você não queira competir. Se contente. Não se preocupe, se não ler todos os livros. O número dos livros é infinito, e você não queira ir atrás dos infinitos. Onde não há um fim, não pode haver repouso. Onde não há repouso, não há nenhuma paz. Onde não há paz, Deus não pode habitar. "Na paz - diz o Profeta - é a sua morada e em Sião está a sua casa". "Em Sião, mas na paz". É necessário existir Sião, mas não perder a paz. Contemple, e não faça disso uma ocupação. Não queira ser avaro, para não estar porventura sempre necessitando. Escute Salomão, escute o Sábio, e aprenda a prudência: "Meu filho - disse - não procure mais do que isso. Não há fim em fazer muitos livros, e a meditação freqüente é uma aflição da carne". Onde está o fim? "Escutemos todos igualmente o fim do discurso. Tema a Deus, e observe os seus mandamentos: isto é todo o homem".

CAPÍTULO 8: A leitura é dos principiantes, a obra dos perfeitos

Ninguém pense que, em razão das coisas que acima relembrei, eu esteja repreendendo a diligência dos que lêem, porque o meu objetivo é antes exortar para o seu propósito os leitores diligentes e mostrar que são dignos de louvor aqueles que aprendem com prazer.

Mas lá eu falava aos eruditos, aqui aos estudantes e a quantos iniciam a instrução que é o início da disciplina. A eles lá é proposto o estudo das virtudes, a estes ainda o exercício da leitura,

sic tamen ut nec hi virtute careant, nec illi prorsus lectionem omittant. Nam saepe minus providum est opus quod non praecedit lectio, et doctrina minus utilis quam non sequitur bona operatio. Oportet autem summopere et illos cavere, ne forte ad ea quae retro sunt aspiciant, et istos consolari, si ubi illi sunt quandoque pervenire desiderant. Utrosque ergo exerceri et utrosque promoveri convenit. Nemo retro abeat. Ascendere licet sed non descendere. Si vero necdum ascendere potes, sta in loco tuo.

Liber a culpa non est qui alienum usurpat officium. Si monachus es, quid facis in turba? Si amas silentium, cur declamantibus assidue interesse delectat? Tu semper ieiuniis et fletibus insistere debes, et tu philosophari quaeris? Simplicitas monachi philosophia eius est. "Sed docere - inquis - alios volo". Non est tuum docere, sed plangere. Si tamen doctor esse desideras, audi quid facias. Vilitas habitus tui et simplicitas vultus, innocentia vitae et sanctitas conversationis tuae docere debent homines. Melius fugiendo mundum doces quam sequendo. Sed adhuc forte prosequeris, et quid inquiens: "Nonne saltem, si volo, discere mihi licet?" Supra dixi tibi: "Lege, et occupari noli". Exercitium tibi esse potest lectio, sed non propositum. Doctrina bona est, sed incipientium est. Tu vero te perfectum fore promiseras, et ideo tibi non sufficit, si incipientibus coaequaris. Plus aliquid te facere oportet. Considera ergo ubi sis, et quid agere debeas facile agnosces.

Caput IX: De quattuor gradibus

Quattuor sunt in quibus nunc exercetur vita iustorum et, quasi per quosdam gradus ad futuram perfectionem sublevatur, videlicet lectio sive doctrina, meditatio, oratio, et operatio.

mas de modo que nem a estes falte a virtude, nem eles omitam totalmente a leitura. De fato, freqüentemente é menos próvido o agir que não é precedido pela leitura, como é menos útil a instrução que não é seguida por uma boa atuação. É sumamente necessário seja alertar os eruditos a não olhar porventura às coisas que estão atrás, seja consolar os estudantes, quando desejam chegar lá onde os eruditos estão. Uns e outros devem exercitar-se e uns e outros devem progredir. Ninguém volte para trás. É lícito ascender, mas não descender. Se, porém, você ainda não consegue ascender, fique no seu lugar.

Não está livre de culpa aquele que usurpa a função do outro. Se você é monge, o que faz na multidão? Se você ama o silêncio, porque lhe agrada ficar assiduamente no meio dos declamadores? Você deve dedicar-se aos jejuns e às lágrimas, e você quer filosofar? A filosofia do monge é a sua simplicidade. "Mas - você diz - quero ensinar aos outros". Não é sua função ensinar, mas chorar. Se, todavia, você deseja ser doutor, escute o que fazer: a humildade do seu hábito e a simplicidade do rosto, a inocência da vida e a santidade do seu falar devem ensinar os homens. Você ensina mais fugindo do mundo do que seguindo o mundo. Mas você talvez ainda continua, dizendo: "Mas ao menos, se quero, não me é lícito aprender?" Lhe disse antes: "Lê, e não queira fazer disso uma ocupação". A leitura pode ser para você um exercício, mas não um propósito. A instrução é boa, mas é dos principiantes. Você, ao contrário, havia prometido de tornar-se perfeito, e por isso não lhe bastará igualar-se aos principiantes. É necessário que você faça mais. Considere, portanto, onde está, e saberá facilmente aquilo que deve fazer.

CAPÍTULO 9: Os quatro degraus

Quatro são as coisas nas quais agora a vida dos justos cimenta-se e, como que por alguns degraus, eleva-se para a perfeição futura, a saber: 1) a leitura ou instrução, 2) a meditação, 3) a oração, 4) a prática.

Quinta deinde sequitur, contemplatio, in qua, quasi quodam praecedentium fructu, in hac vita etiam quae sit boni operis merces futura praegustatur. Unde Psalmista, cum de iudiciis Dei loqueretur, commendans ea statim subiunxit: "In custodiendis illis retributio est multa"[121].

De his quinque gradibus primus gradus, id est, lectio, incipientium est, supremus, id est, contemplatio, perfectorum. Et de mediis quidem quanto plures quis ascenderit, tanto perfectior erit. Verbi gratia: prima, lectio, intelligentiam dat; secunda, meditatio, consilium praestat; tertia, oratio petit; quarta, operatio quaerit; quinta, contemplatio invenit.

Si ergo legis et intelligentiam habes et nosti iam quid faciendum sit, initium boni est, sed adhuc tibi non sufficit, nondum perfectus es.

Scande itaque in arcem consilii, et meditare qualiter implere valeas quod faciendum esse didicisti. Multi enim scientiam habent, sed pauci sunt qui noverunt qualiter scire oporteat.

Rursus, quoniam consilium hominis sine divino auxilio infirmum est et inefficax, ad orationem erigere, et eius adiutorium pete, sine quo nullum potes facere bonum, ut videlicet ipsius gratia, quae praeveniendo te illuminavit, subsequendo etiam pedes tuos dirigat in viam pacis, et quod in sola adhuc voluntate est ad effectum perducat bonae operationis.

Deinde restat tibi, ut ad bonum opus accingaris, ut quod orando petis operando accipere merearis. Tecum operari vult Deus. Non cogeris, sed iuvaris. Si solus tu, nil perficis, si solus Deus operatur, nil mereris. Operetur ergo Deus ut possis; opereris et tu, ut aliquid merearis. Via est operatio bona qua itur ad vitam.

Qui viam hanc currit, vitam quaerit. "Confortare et viriliter age"[122]. Habet haec via praemium suum. Quoties eius laboribus fatigati, superni respectus gratia illustramur, "gustantes et videntes quoniam suavis est Dominus"[123].

---

121. Sl 19,12.
122. 1Cor 16,13.
123. Sl 33,9.

Segue ainda uma quinta, a contemplação, na qual, como se fosse um certo fruto das precedentes, se antegoza também nesta vida qual é o prêmio futuro das boas obras. Por isso, o Salmista, ao falar dos mandamentos de Deus e recomendando-os, logo acrescenta: "Na observância deles é grande a retribuição".

Entre estes cinco degraus, o primeiro degrau, a leitura, é dos principiantes, e o supremo, ou seja, a contemplação, é dos perfeitos. Com relação aos degraus do meio, quanto mais a pessoa ascende, tanto mais é perfeita. Por exemplo, o primeiro degrau, a leitura, dá o entendimento; o segundo, a meditação, engendra o discernimento; o terceiro, a oração, pede; o quarto, a prática, procura; o quinto, a contemplação, encontra.

Se, portanto, você lê e tem o entendimento e já sabe o que deve ser feito, isto é o começo do bem, mas ainda não lhe basta, ainda não é perfeito.

Suba, portanto, para a fortaleza do discernimento, e medite como conseguir cumprir as obrigações que aprendeu. Muitos, com efeito, têm o conhecimento, mas poucos sabem de que maneira é oportuno praticar o conhecimento.

Ainda, dado que o discernimento do homem é fraco e ineficaz sem o auxílio divino, levante-se para a oração, e peça a ajuda de Deus, sem a qual você não pode fazer bem algum, de modo que a graça dele, a qual, indo à sua frente, o iluminou, seguindo-o, dirija os seus pés no caminho da paz e leve ao efeito da boa obra aquilo que ainda está somente na vontade.

Ainda lhe resta cimentar-se na boa obra, para que, operando, mereça receber aquilo que, rezando, pede. Deus quer operar com você. Você não é obrigado, mas ajudado. Se você opera sozinho, nada consegue, se Deus opera sozinho, você nada merece. Portanto, opere Deus para que você possa, e opere você também, para que mereça algo. A boa obra é a via pela qual vai-se à vida.

Quem percorre esta via, busca a vida. "Tenha coragem e aja virilmente". Esta vida tem o seu prêmio. Todas as vezes que estamos cansados nos trabalhos, em virtude do olhar superno, somos iluminados, "gostando e vendo que o Senhor é suave".

Sicque fit quod supradictum est, quod oratio quaerit, contemplatio invenit.

Vides igitur quomodo per hos gradus ascendentibus perfectio occurrit, ut qui infra remanserit perfectus esse non possit. Propositum ergo nobis debet esse semper ascendere, sed, quoniam tanta est mutabilitas vitae nostrae, ut in eodem stare non possimus, cogimur saepe ad transacta respicere, et, ne amittamus illud in quo sumus, repetimus quandoque quod transivimus. Verbi gratia: qui in opere strenuus est, orat ne deficiat; qui precibus insistit, ne orando offendat, meditatur quid orandum sit; et qui aliquando in proprio consilio minus confidit, lectionem consulit. Et sic evenit, ut, cum ascendere semper nobis sit voluntas, descendere tamen aliquando nos cogat necessitas, ita tamen ut in voluntate non necessitate propositum nostrum consistat. Quod ascendimus propositum est, quod descendimus propter propositum. Non hoc ergo, sed illud principale esse debet.

Caput X: De tribus generibus lectorum

Satis, ut puto, aperte demonstratum est provectis, et aliquid amplius de se promittentibus, non idem esse propositum cum incipientibus. Sed sicut illis aliquid licite conceditur quod isti sine culpa minime agere possunt, ita etiam ab istis aliquid requiri quo illi nondum obligati sunt. Nunc igitur ad promissa solvenda redeo, ut videlicet ostendam qualiter eis divina scriptura legenda sit, qui adhuc in ea solam quaerunt scientiam.

Sunt nonnulli qui divinae scripturae scientiam appetunt ut vel divitias congregent, vel honores obtineant, vel famam acquirant, quorum intentio quantum perversa, tantum est miseranda.

Sunt rursus alii, quos audire verba Dei et opera eius discere delectat, non quia salutifera, sed

E assim realiza-se quanto dissemos antes, ou seja, que a prática procura, a contemplação encontra.

Você vê, portanto, como a perfeição vai de encontro aos que ascendem por estes degraus, de modo que quem ficou embaixo não pode ser perfeito. O nosso objetivo, portanto, deve ser o de sempre subir. Todavia, sendo que é tanta a imprevisibilidade da nossa vida, de maneira a não conseguirmos ficar sempre no mesmo degrau, somos forçados freqüentemente a voltar para os degraus já passados, e, para não perdermos o degrau no qual estamos, repetimos aquilo que já passamos. Por exemplo: aquele que na prática é avançado, reza, para que não canse; aquele que persiste nas orações e não quer equivocar-se no rezar, medita sobre o que deve rezar; e aquele que vez e outra não confia no seu próprio discernimento, volta a consultar a leitura. E assim acontece que, mesmo tendo sempre a vontade de subir, às vezes a necessidade nos obriga a descer, de maneira tal, porém, que o nosso objetivo seja determinado pela vontade e não por esta necessidade. O nosso objetivo é subir, e por causa deste objetivo às vezes devemos descer. Em todo caso, o mais importante não é descermos, mas subirmos.

CAPÍTULO 10: Três tipos de leitores

Acho que foi demonstrado bastante claramente que os avançados, e aqueles que se propõem algo mais de si mesmos, não têm o mesmo propósito dos incipientes. Mas, da mesma forma que aos avançados é concedido licitamente algo que os incipientes de maneira alguma podem fazer sem culpa, assim destes é também exigido algo ao qual eles não são ainda obrigados. Agora, portanto, volto a quanto tinha prometido, ou seja, mostrar como a Escritura deve ser lida por aqueles que ainda estão buscando nela somente o conhecimento.

1. Há alguns que desejam o conhecimento da Escritura divina ou para acumular riquezas, ou para obter honras, ou para adquirir fama, cuja intenção é tão perversa quão miserável.

2. Há outros, ainda, os quais apraz ouvir as palavras de Deus e aprender as obras dele, não porque são salvíficas, mas

quia mirabilia sunt. Scrutari arcana et inaudita cognoscere volunt, multa scire et nil facere. In vanum mirantur potentiam qui non amant misericordiam. Hos ergo quid aliud agere dicam, quam praeconia divina in fabulas commutare? Sic theatralibus ludis, sic scenicis carminibus, intendere solemus, ut scilicet auditum pascamus, non animum, huiusmodi tamen non tam confundi quam adiuvari oportere censeo, quorum voluntas non utique maligna est, sed improvida.

Alii vero idcirco sacram scripturam legunt ut, secundum apostoli praeceptum, parati sint "omni poscenti reddere rationem de ea fide in qua positi sunt"[124], ut videlicet inimicos veritatis fortiter destruant, minus eruditos doceant, ipsi perfectius viam veritatis agnoscant, et altius Dei secreta intelligentes artius ament, quorum nimirum devotio laudanda est et imitations digna.

Tria igitur sunt genera hominum sacram scripturam legentium, quorum primi quidem miserandi sunt, secundi iuvandi, tertii laudandi.

Nos vero, quia omnibus consulere intendimus, quod bonum est in omnibus augeri cupimus, et quod perversum, commutari. Omnes intelligere volumus quod dicimus, omnes facere quod hortamur.

---

124. 1Pd 3,15.

porque são maravilhosas. Querem perscrutar as coisas arcanas e conhecer coisas nunca ouvidas, conhecer muito e fazer nada. Em vão admiram a potência, aqueles que não amam a misericórdia. Que outra coisa estes fazem, diria eu, senão transformar os anúncios divinos em fábulas? É assim que costumamos assistir aos jogos teatrais, assim às declamações cênicas, onde alimentamos o ouvido, não a alma. Acho, todavia, que é necessário não tanto repreender este tipo de pessoas, quanto ajudá-las, porque a vontade delas não é propriamente maligna, e sim desconsiderada.

3. Outros, porém, lêem a Sagrada Escritura com o propósito de, segundo o preceito do apóstolo, estar prontos "a dar conta, a quem o pedir, daquela fé na qual foram postos", quer dizer, para destruir com força os inimigos da verdade, ensinar aos menos instruídos, eles mesmos conhecerem mais perfeitamente a via da verdade, e amar tanto mais energicamente quanto mais altamente conhecerem os mistérios de Deus. A devoção deles, sem dúvida, é louvável e digna de imitação.

Três são, portanto, os tipos de homens que lêem a Sagrada Escritura, dos quais os primeiros merecem ser compadecidos, os segundos ajudados, os terceiros louvados.

Nós, porém, do momento que queremos prover a todos, desejamos aumentar em todos aquilo que é bom e corrigir aquilo que é perverso. Queremos que todos entendam aquilo que dizemos, todos façam aquilo ao qual exortamos.

LIBER SEXTUS

Caput I: Quomodo legenda sit scriptura sacra quaerentibus scientiam in ea

Duo tibi, lector, ordinem scilicet et modum propono, quae si diligenter inspexeris, facile tibi iter legendi patebit.

In horum vero consideratione nec omnia tuo ingenio relinquam, neque per meam diligentiam satis tibi fieri promitto, sed sic quaedam breviter praelibando transcurram, ut et posita aliqua quibus erudiaris et aliqua praetermissa quibus exercearis invenias.

Ordinem legendi supra quadrifarium esse commemoravi, alium in disciplinis, alium in libris, alium in narratione atque alium in expositione. Quae qualiter in divina scriptura assignanda sint, nondum ostendi.

Caput II: De ordine qui est in disciplinis

Primum ergo hunc ordinem qui quaeritur in disciplinis inter historiam, allegoriam, tropologiam, divinum lectorem considerare oportet, quae horum alia ordine legendi praecedant.

In quo illud ad memoriam revocare non inutile est, quod in aedificiis fieri conspicitur, ubi primum quidem fundamentum ponitur, dehinc fabrica superaedificatur, ad ultimum consummato opere domus colore superducto vestitur.

Caput III: De historia

Sic nimirum in doctrina fieri oportet, ut videlicet prius historiam discas et rerum gestarum veritatem, a principio repetens usque ad finem

LIVRO VI

CAPÍTULO 1: Como a Escritura Sagrada deve ser lida por aqueles que nela procuram o saber

Duas coisas recomendo a você, estudante, ou seja, 1) a ordem e 2) o método, coisas que, se você as encarar diligentemente, o caminho da leitura se abrirá facilmente diante de você.

Na apresentação destas coisas, todavia, não deixarei tudo à sua capacidade nem lhe prometo que, por meio da minha diligência, você ficará satisfeito, mas passarei brevemente por alguns pontos, lambiscando-os, de maneira que você encontre seja algumas coisas tratadas, com as quais se instrua, seja outras preteridas, sobre as quais se exercite.

Relembrei acima que a ordem da leitura se dá em quatro âmbitos: 1) uma nas disciplinas, 2) outra nos livros, 3) outra na narração, 4) outra na exposição. Mas ainda não mostrei a maneira como tais disposições devem ser aplicadas na Escritura divina.

CAPÍTULO 2: A ordem que está nas disciplinas

Como primeira coisa, é necessário que o leitor divino tenha presente aquela ordem exigida nas disciplinas entre história, alegoria e tropologia, e saiba qual delas preceda as outras na ordem de leitura.

Nisto, não é inútil trazer de volta à memória aquilo que se observa acontecer nos edifícios, onde primeiro se põe a fundação, depois se levanta a construção, por último, terminada a obra, a casa é revestida com uma mão de cor.

CAPÍTULO 3: A história

Sem dúvida é mister, no estudo, que você aprenda, antes de tudo, a história e a verdade dos fatos, retomando do começo ao fim

quid gestum sit, quando gestum sit, ubi gestum sit, et a quibus gestum sit, diligenter memoriae commendes. Haec enim quattuor praecipue in historia requirenda sunt, persona, negotium, tempus et locus.

Neque ego te perfecte subtilem posse fieri puto in allegoria, nisi prius fundatus fueris in historia. Noli contemnere minima haec. Paulatim defluit qui minima contemnit. Si primo alphabetum discere contempsisses, nunc inter grammaticos tantum nomen non haberes. Scio quosdam esse qui statim philosophari volunt. Fabulas pseudoapostolis relinquendas aiunt. Quorum scientia formae asini similis est. Noli huiusmodi imitari.

"Parvis imbutus tentabis grandia tutus"[125].

Ego tibi affirmare audeo nihil me umquam quod ad eruditionem pertineret contempsisse, sed multa saepe didicisse quae aliis ioco aut deliramento similia viderentur. Memini me, dum adhuc scholaris essem, elaborasse ut omnium rerum oculis subiectarum aut in usum venientium vocabula scirem, perpendens libere rerum naturam illum non posse prosequi qui earundem nomina adhuc ignoraret. Quoties sophismatum meorum, quae gratia brevitatis una vel duabus in pagina dictionibus signaveram, a memetipso cotidianum exegi debitum, ut etiam sententiarum, quaestionum et oppositionum omnium fere quas didiceram et solutiones memoriter tenerem et numerum! Causas saepe informavi, et, dispositis ad invicem controversiis, quod rhetoris, quod oratoris, quod sophistae officium esset, diligenter distinxi. Calculos in numerum posui, et nigris pavimentum carbonibus depinxi, et, ipso exemplo oculis subiecto, quae ampligonii, quae orthogonii, quae oxygonii differentia esset, patenter demonstravi. Utrumne quadratum aequilaterum duobus in se lateribus multiplicatis embadum impleret, utrobique procurrente podismo didici. Saepe nocturnus horoscopus ad hiberna pervigilia excubavi. Saepe ad numerum protensum in ligno magadam ducere solebam, ut et vocum differentiam aure perciperem,

---

125. Marbodius de Rennes, *De ornamentis verborum*, prol. (PL 171,1687).

1) o que foi feito, 2) quando foi feito, 3) onde foi feito, 4) por quais pessoas foi feito. Na história devem ser procurados, sobretudo, estes quatro dados: a pessoa, o fato, o tempo e o lugar.

Eu não posso considerar que você tornou-se perfeitamente sutil na alegoria, se antes não estiver consolidado na história. Não queira desprezar estes detalhes. Aquele que despreza as coisas mínimas aos poucos definha. Se você tivesse desdenhado de aprender como primeira coisa o alfabeto, agora não teria o nome nem entre os estudiosos da gramática. Sei que há alguns que querem logo fazer teorias filosóficas. Dizem que as fábulas devem ser deixadas com os pseudo-apóstolos. O saber deles é parecido com a figura de um burro. Não imite esse tipo de gente:

"Imbuído de pequenas coisas tentarás, firme, grandes feitos".

Eu me permito afirmar-lhe que nunca desprezei nada daquilo que se relacionasse com a instrução, mas aprendi muitas coisas que aos outros pareciam semelhantes ao divertimento ou ao devaneio. Lembro-me que, quando era ainda pequeno estudante, decidi de aprender os vocábulos de todas as coisas que caíssem sob os olhos ou viessem a ser usadas, ponderando que não pode perquirir livremente a natureza das coisas aquele que ignora até o nome delas. Quantas vezes exigi de mim mesmo o estudo cotidiano das minhas teses que, por razões de concisão, havia anotado numa página em uma ou duas frases, para também memorizar seja as soluções seja o número de quase todas as sentenças, questões e objeções que eu tinha aprendido! Freqüentemente eu montava debates e, dispostas as argumentações contrárias entre si, distinguia diligentemente qual era a função do retor, qual do orador e qual do sofista. Dispunha pedrinhas em lugar de números e pintava o chão com carvões pretos, e, posto sob os olhos este modelo, demonstrava claramente qual era a diferença entre o ângulo obtuso, o ângulo reto e o ângulo agudo. Andando com os pés sobre um lado e o outro, aprendi se, multiplicando dois lados entre si, a área preenchia o quadrado equilátero. Freqüentemente, como um astrólogo noturno, pernoitei em longas vigílias invernais. Freqüentemente costumava tocar as cordas esticadas aritmeticamente sobre um lenho, seja para perceber pelo ouvido a diferença dos sons,

et animum pariter meli dulcedine oblectarem. Haec puerilia quidem fuerant, sed tamen non inutilia, neque ea nunc scire stomachum meum onerat. Haec autem non tibi replico, ut meam scientiam, quae vel nulla vel parva est, iactitem, sed ut ostendam tibi illum incedere aptissime qui incedit ordinate, neque ut quidam, dum magnum saltum facere volunt, praecipitium incidunt.

Sicut in virtutibus, ita in scientiis quidam gradus sunt. Sed dicis: "Multa invenio in historiis, quae nullius videntur esse utilitatis, quare in huiusmodi occupabor?" Bene dicis. Multa siquidem sunt in scripturis, quae in se considerata nihil expetendum habere videntur, quae tamen si aliis quibus cohaerent comparaveris, et in toto suo trutinare coeperis, necessaria pariter et competentia esse videbis. Alia propter se scienda sunt, alia autem, quamvis propter se non videantur nostro labore digna, quia tamen sine ipsis illa enucleate sciri non possunt, nullatenus debent negligenter praeteriri. Omnia disce, videbis postea nihil esse superfluum. Coartata scientia iucunda non est.

De libris autem qui ad hanc lectionem utiles sint, si quid mihi videatur, quaeris. Hos magis frequentandos existimo: Genesim, Exodum, Iosue, librum Iudicum, et Regum, et Paralipomenon; Novi Testamenti, primum, quattuor evangelia, dehinc Actus apostolorum. Hi XI magis ad historiam mihi pertinere videntur, exceptis his quos historiographos proprie appellamus.

Si tamen huius vocabuli significatione largius utimur, nullum est inconveniens, ut scilicet historiam esse dicamus, non tantum rerum gestarum narrationem, sed illam primam significationem cuiuslibet narrationis, quae secundum proprietatem verborum exprimitur. Secundum quam acceptionem omnes utriusque testamenti libros eo ordine quo supra enumerati sunt ad hanc lectionem secundum litteralem sensum pertinere puto.

Et fortasse, nisi puerile videretur, in hoc loco aliqua de modo construendi praecepta interponerem, quia novi divinam scripturam magis ceteris omnibus in textu suo esse concisam,

seja para deleitar a alma com uma doçura parecida com a do mel. Foram coisas pueris, é verdade, todavia não inúteis, e conhecer agora aquelas coisas não me pesa no estômago. Não conto para você estas coisas para alardear minha ciência, que é nula ou pequena, mas para lhe mostrar que avança eficazmente aquele que procede ordenadamente, não como alguns que, querendo dar um grande salto, caem no precipício.

Como nas virtudes, também nas ciências existem alguns degraus. Você dirá: "Encontro nas histórias muitas coisas que parecem não ter utilidade alguma, por que deveria ocupar-me de coisas desse tipo?" Você diz bem. Todavia, há muitas coisas nas Escrituras que, tomadas separadamente, parecem não ter nada a ser buscado, mas, se você as comparar com outras às quais estão ligadas, e começar a examiná-las em conjunto, verá que são igualmente necessárias e procedentes. Algumas coisas devem ser conhecidas em si mesmas, outras, ainda que não pareçam merecer a nossa aplicação, todavia de maneira alguma devem ser preteridas negligentemente, porque sem elas não podem ser conhecidas exaustivamente aquelas outras. Aprenda tudo, e verá depois que nada é supérfluo. O saber limitado não é alegre.

Você me pergunta se eu tenho alguma sugestão sobre os livros que são úteis para este tipo de leitura. Acho que devem ser estudados mais estes: Gênesis, Josué, o livro dos Juizes, dos Reis e o livro das Crônicas. Quanto ao Novo Testamento, primeiro os quatro Evangelhos, depois os Atos dos Apóstolos. Parece-me que estes onze livros têm a ver mais com a história, se deixarmos de lado aqueles que chamamos propriamente historiográficos.

Mas, se usarmos um significado mais amplo desta palavra, isto é, se chamarmos *história* não apenas a narração dos fatos, mas aquele primeiro significado de qualquer narração que se expressa pela propriedade das palavras, nenhum livro é impróprio. Conforme esta acepção, creio que pertencem a esta leitura em sentido literal todos os livros dos dois testamentos na ordem em que foram enumerados acima.

Aqui, talvez, se não parecesse pueril, introduziria algumas observações sobre o modo de construir as regras, porque sei que a Escritura divina em seu texto é mais concisa do que todos os outros;

quibus tamen idcirco supersedere volo, ne nimia propositum interpositione extendam. Sunt quaedam loca in divina pagina quae secundum litteram legi non possunt, quae magna discretione discernere oportet, ne vel per negligentiam aliqua praetereamus, aut, per importunam diligentiam, ad id ad quod scripta non sunt violenter intorqueamus.

Hoc est ergo, o lector, quod tibi proponimus. Hic campus tui laboris vomere bene sulcatus multiplicem tibi fructum referet. Ordine cuncta gesta sunt: ordine incede. Per umbram venitur ad corpus: figuram disce et invenies veritatem. Nec hoc nunc dico ut prius Veteris Testamenti figuras labores evolvere, et mystica eius dicta scruteris, quam ad evangelii fluenta potanda accedas. Sed sicut vides quod omnis aedificatio fundamento carens stabilis esse non potest, sic est etiam in doctrina. Fundamentum autem et principium doctrinae sacrae historia est, de qua quasi mel de favo, veritas allegoriae exprimitur. Aedificaturus ergo "primum fundamentum historiae pone, deinde per significationem typicam in arcem fidei fabricam mentis erige. Ad extremum vero, per moralitatis gratiam quasi pulcherrimo superducto colore aedificium pinge"[126].

Habes in historia quo Dei facta mireris, in allegoria quo eius sacramenta credas, in moralitate quo perfectionem ipsius imiteris. Lege ergo et disce quia, "in principio fecit Deus caelum et terram"[127]. Lege quia in principio plantavit "paradisum voluptatis, in quo posuit hominem quem formaverat"[128]. Peccantem expulit et in aerumnas huius saeculi deiecit. Lege qualiter ab uno homine universa humani generis propago descenderit, qualiter deinde peccantes unda obruit, qualiter Noe iustum cum filiis suis in mediis aquis divina clementia servavit, qualiter deinde Abraham fidei signaculum suscepit, post vero Israel in Aegyptum descendit, quomodo deinde Deus filios Israel de Aegypto in manu Moysi et Aaron per mare Rubrum eduxit, in deserto pavit, legem dedit, in terra promissionis locavit, qualiter saepe peccantes in manus inimicorum suorum tradidit, et rursum paenitentes liberavit, quomodo primum per iudices, deinde per reges populum rexit.

---

126. Ezech 20,5s.

127. Gn 1,1.

128. Gn 2,8.

mas vou deixar isso, para não estender o meu projeto com demasiadas interpolações. Há algumas passagens na página divina, as quais não podem ser lidas em sentido literal e é necessário examiná-las com grande discernimento, se não queremos, por negligência, preterir algo, ou, por um zelo inoportuno, torcê-las violentamente para um sentido, para o qual não foram escritas.

É isto, estudante, aquilo que lhe propomos. Este campo do seu trabalho, bem sulcado com o arado, lhe trará muitos frutos. Todas as coisas foram realizadas com ordem: proceda com ordem. Pela sombra se chega ao corpo: aprenda as imagens, e encontrará a verdade. Não quero dizer agora que você primeiro deve empenhar-se a decifrar as imagens do Antigo Testamento e a escrutar seus ditos místicos, antes de aceder às fontes do Evangelho, das quais beber. Mas, como você observa que toda edificação sem fundamento não pode ser estável, o mesmo se dá no estudo. E o fundamento e o princípio da ciência sagrada é a história, da qual deriva a verdade da alegoria, como o mel do favo. Dispondo-se a edificar, portanto, "primeiro ponha o fundamento da história, depois, por meio da significação simbólica, erga o edifício da mente como fortaleza da fé. Por fim, por meio da beleza da moralidade, pinte o edifício com uma belíssima mão de cor".

Na história você tem do que admirar os fatos de Deus, na alegoria do que crer os seus mistérios, na moralidade do que imitar a sua perfeição. Leia, portanto, e aprenda que "no começo Deus fez o céu e a terra". Leia que no começo plantou "um paraíso de delícia, no qual pôs o homem que havia formado". O expulsou quando pecou e o fez cair nas amarguras deste mundo. Leia como toda a linhagem do gênero humano descendeu de um só homem, como a onda cobriu os homens pecadores, como a divina clemência conservou no meio das águas o justo Noé com seus filhos, como, ainda, Abraão recebeu o sinal da fé, como, em seguida, Israel desceu para o Egito, como, depois, Deus trouxe do Egito os filhos de Israel pelas mãos de Moisés e Aarão através do Mar Vermelho, nutriu-os no deserto, deu-lhes a lei, colocou-os na terra da promessa. Leia como, quando pecavam de freqüente, entregou-os nas mãos dos inimigos e novamente, tendo eles feito penitência, os libertava, como regeu o povo primeiro pelos juízes e depois pelos reis.

David servum suum de post fetantes accepit. Salomonem sapientia illustravit. Ezechiel flenti XV annos addidit. Dehinc praevaricantem populum captivum in Babylonem per manum Nabuchadonosor misit. Post LXX annos per Cyrum reduxit. Ad extremum vero, nutante iam saeculo, Filium in carnem misit, vitam acternam paenitentibus, missis in mundum universum apostolis, promisit. Venturum se in fine saeculorum ad iudicium praedixit reddere unicuique secundum opera sua, peccatoribus videlicet ignem aeternum, iustis autem vitam aeternam et "regnum cuius non erit finis"[129]. Vide quia, ex quo mundus coepit usque in finem saeculorum, non deficiunt miserationes Domini.

Caput IV: De allegoria

Post lectionem historiae, superest allegoriarum mysteria investigare, ubi mea exhortatione opus esse non puto, cum ipsa res satis per se digna appareat.

Nosse tamen te volo, o lector, hoc studium non tardos et hebetes sensus, sed matura expetere ingenia, quae sic in investigando subtilitatem teneant, ut in discernendo prudentiam non amittant. Solidus est cibus iste, et, nisi masticetur, transglutiri non potest. Tali ergo te moderamine uti oportet, ut, dum in quaerendo subtilis fueris, in praesumendo temerarius non inveniaris, recolens quod ait Psalmista: "Arcum suum tetendit, et paravit illum; et in eo paravit vasa mortis"[130].

Meministi, ut aestimo, supra me divinam scripturam aedificio similem dixisse, ubi primum, fundamento posito, structura in altum levatur; plane aedificio similem, nam et ipsa structuram habet. Non ergo pigeat si hanc similitudinem paulo diligentius prosequamur.

Respice opus caementarii. Collocato fundamento, lineam extendit in directum, perpendiculum demittit, ac deinde lapides diligenter politos in ordinem ponit.

---

129. Lc 1,33.
130. Sl 7,13.

Recebeu o seu servo Davi de trás das ovelhas fecundas. Iluminou Salomão com a Sabedoria. Deu mais quinze anos a Ezequiel que chorava. Em seguida, despachou o povo que prevaricava para Babilônia como escravo por mão de Nabucodonosor. Depois de 70 anos, por meio de Ciro, trouxe-o de volta. Como última coisa, o mundo vacilando, enviou o Filho na carne, e, tendo enviado ao mundo os Apóstolos, prometeu a vida eterna àqueles que fizessem penitência. Predisse que voltaria no fim dos tempos para o juízo, para dar em recompensa a cada um segundo as suas obras, isto é, aos pecadores o fogo eterno, ao justos a vida eterna e "o reino que não terá fim". Você vê que, desde que o mundo iniciou até o fim dos séculos, não faltam as misericórdias do Senhor.

CAPÍTULO 4: A alegoria

Depois da leitura da história, resta investigar os mistérios das alegorias, e nisto não vejo necessária uma minha exortação, uma vez que a própria coisa aparece por si mesma bastante digna.

Quero, todavia, que você saiba, estudante, que este estudo exige não sentidos lerdos e idiotas, mas mentes maduras, que devem possuir sutileza na investigação sem perder a prudência no discernimento. Esta é uma comida forte que, se não for mastigada, não pode ser engolida. É necessário, portanto, utilizar-se de um equilíbrio tal, que você, sendo sutil na pesquisa, não seja considerado temerário nas conjeturas, relembrando quanto diz o Salmista: "Estendeu o seu arco e o preparou, e nele preparou os instrumentos de morte".

Você lembra, espero, que acima comparei a Escritura divina a um edifício, onde primeiramente, posta a fundação, a estrutura é erguida para o alto; ela é realmente parecida com um edifício, porque ela também possui uma estrutura. Não se incomode se aprofundamos esta imagem um pouco mais atentamente.

Olhe o trabalho do pedreiro: posta a fundação, ele estica a linha horizontalmente, a faz descer perpendicularmente, e em seguida põe as pedras em ordem, polidas diligentemente.

Alios deinde atque alios quaerit, et si forte aliquos primae dispositioni non respondentes invenerit, accipit limam, praeeminentia praecidit, aspera planat, et informia ad formam reducit, sicque demum reliquis in ordinem dispositis adiungit. Si vero aliquos tales invenerit, qui nec comminui valeant nec congrue coaptari, eos non assumit, ne forte, dum silicem frangere laborat, limam frangat.

Intende! rem tibi proposui intuentibus contemptibilem, sed intelligentibus imitatione dignam. Fundamentum in terra est, nec semper politos habet lapides. Fabrica desuper terram, et aequalem quaerit structuram. Sic divina pagina multa secundum litteralem sensum continet, quae et sibi repugnare videntur et nonnumquam absurditatis aut impossibilitatis aliquid afferre. Spiritualis autem intelligentia nullam admittit repugnantiam, in qua diversa multa, adversa nulla esse possunt. Quod etiam primam seriem lapidum super fundamentum collocandorum ad protensam lineam disponi vides, quibus scilicet totum opus reliquum innititur et coaptatur, significatione non caret. Nam hoc quasi aliud quoddam fundamentum est, et totius fabricae basis. Hoc fundamentum et portat superposita et a priori fundamento portatur. Primo fundamento insident omnia, sed non omni modo coaptantur. Huic et insidunt et coaptantur reliqua. Primum fabricam portat et est sub fabrica. Hoc portat fabricam et non est solum sub fabrica sed in fabrica. Quod sub terra est fundamentum figurare diximus historiam, fabricam quae superaedificatur allegoriam insinuare. Unde et ipsa basis fabricae huius ad allegoriam pertinere debet.

Multis ordinibus consurgit fabrica, et quisque suam basim habet. Et multa sacramenta in divina pagina continentur, quae singula sua habent principia. Vis scire qui sint ordines isti? Primus ordo est sacramentum Trinitatis, quia et hoc scriptura continet, quod ante omnem creaturam trinus et unus fuerit Deus.

E depois procura outras e outras pedras, e, encontrando algumas pedras não conformes às da primeira fila, pega o cinzel, corta as partes excedentes, aplana as partes ásperas e reduz as coisas informes a uma forma, e assim finalmente as acrescenta às outras já dispostas em ordem. E se, por acaso, encontra algumas pedras tais que não possam ser diminuídas nem adaptadas congruentemente, não as usa, para que não lhe aconteça que, tentando quebrar a pedra, quebre o cinzel.

Procure entender! Propus-lhe uma coisa desprezível para os que olham superficialmente, mas digna de ser imitada para os que olham em profundidade. A fundação está dentro da terra e nem sempre tem pedras polidas. Mas o edifício está sobre a terra e exige uma estrutura uniforme. Do mesmo modo, a página divina contém muitas coisas em sentido literal que parecem contradizer-se entre si e algumas vezes trazer algo de absurdo ou impossível. Mas o entendimento espiritual não admite contradição. Se você vê que a primeira fila de pedras a serem assentadas sobre a fundação é disposta ao longo de uma linha esticada e sobre elas todo o trabalho restante se apóia e se adapta, tal fato não carece de significado. Com efeito, esta primeira fila é como uma nova fundação e a base de todo o edifício. Este fundamento sustenta as pedras superpostas e, por sua vez, é sustentado pela primeira fundação. Todas as coisas se assentam sobre a primeira fundação, mas não são adaptadas uma à outra a qualquer custo. Sobre a segunda fundação, porém, as outras coisas se assentam e são adaptadas. A primeira fundação sustenta o edifício e fica debaixo dele, a segunda sustenta o edifício e fica não somente debaixo do edifício, mas também no próprio edifício. A fundação sob a terra, como dissemos, afigura a história, o edifício que é construído em cima sugere a alegoria. Por esta razão, a própria base deste edifício deve relacionar-se com a alegoria.

O edifício se levanta em vários planos, e cada um tem sua base. Também na página divina são contidos muitos mistérios que possuem seus princípios. Quer saber quais são estes planos? O primeiro plano é o mistério da Trindade, pois a Escritura contém também isto, ou seja, que antes de qualquer criatura existia um Deus uno e trino.

Hic de nihilo omnem fecit creaturam, visibilem scilicet et invisibilem: ecce secundus ordo. Rationali creaturae liberum dedit arbitrium, et gratiam praeparavit, ut mereri posset aeternam beatitudinem, deinde sponte labentes punivit, et persistentes, ut amplius labi non possint, confirmavit. Quae origo peccati, quid peccatum, et quid sit poena peccati: ecce tertius ordo. Quae sacramenta primum sub naturali lege ad reparationem hominis instituerit: ecce quartus ordo. Quae scripta sub lege: ecce quintus ordo. Sacramentum incarnationis Verbi: ecce sextus ordo. Sacramenta Novi Testamenti: ecce septimus ordo; ipsius denique resurrectionis: ecce octavus ordo.

Hic est tota divinitas, haec est illa spiritualis fabrica, quae, quot continet sacramenta, tot quasi ordinibus constructa in altum extollitur. Vis etiam ipsas bases agnoscere. Bases ordinum principia sunt sacramentorum. Ecce ad lectionem venisti, spirituale fabricaturus aedificium. Iam historiae fundamenta in te locata sunt: restat nunc tibi ipsius fabricae bases fundare. Linum tendis, ponis examussim, quadros in ordinem collocas, et circumgyrans quaedam futurorum murorum vestigia figis. Linea protensa rectae fidei trames est, ipsae spiritualis operis bases quaedam fidei principia sunt, quibus initiaris. Debet siquidem prudens lector curare, ut, antequam spatiosa librorum volumina prosequatur, sic de singulis quae magis ad propositum suum et professionem verae fidei pertinent instructus sit, ut, quaecumque postmodum invenerit, tuto superaedificare possit. Vix enim in tanto librorum pelago et multiplicibus sententiarum anfractibus, quae et numero et obscuritate animum legentis saepe confundunt, aliquid unum colligere poterit, qui prius summatim in unoquoque, ut ita dicam, genere aliquod certum principium firma fide subnixum, ad quod cuncta referantur, non agnovit.

Vis ut doceam te qualiter fieri debeant bases istae? Respice ad ea quae paulo ante tibi enumeravi. Est sacramentum Trinitatis. Multi iam de illo libri facti sunt, multae datae sententiae difficiles ad intelligendum, et perplexae ad solvendum.

Este fez do nada todas as criaturas, quer dizer, as visíveis e as invisíveis: eis o segundo plano. Ele deu à criatura racional o livre-arbítrio e lhe ofereceu a graça, para que pudesse merecer a beatitude eterna, e por isso puniu os que erravam livremente e fortificou os que perseveravam no bem, para que não pudessem mais cair. Qual a origem do pecado, o que é o pecado, o que é a punição do pecado: este é o terceiro plano. Quais sacramentos instituiu ele na origem sob a lei natural para a reparação do homem: este é o quarto plano. Quais os escritos sob esta lei: este é o quinto plano. O sacramento da Encarnação do Verbo: eis o sexto plano. Os sacramentos do Novo Testamento: este é o sétimo plano. Finalmente o mistério de sua ressurreição: este é o oitavo plano.

Esta é toda a divindade, este é aquele edifício espiritual que se eleva para o alto, construído em tantos planos quantos são os mistérios que contém. Você quer conhecer as próprias bases. A base dos vários planos são os princípios dos mistérios. Você veio à leitura, para edificar o edifício espiritual. As fundações da história já estão postas em você: agora lhe resta fundar as bases do próprio edifício. Você estica a linha, pondo-a direitinho, assenta as pedras quadradas em fila, e fazendo um giro constrói alguns traçados das futuras paredes. A linha estendida é o caminho da fé certa, e as bases próprias do trabalho espiritual são alguns princípios da fé, aos quais você será iniciado. O estudante prudente deve, todavia, cuidar de que, antes de continuar em grandes volumes de livros, seja tão instruído sobre cada ponto relativo ao seu plano e à profissão da verdadeira fé, que, qualquer coisa encontrará no futuro, possa construir com segurança. Neste imenso mar de livros e nestas várias sinuosidades de doutrinas, que amiúde confundem a mente do estudante por número e obscuridade, dificilmente poderá realizar uma construção unitária aquele que não conheceu antes e sumariamente em cada gênero, por assim dizer, algum princípio certo e fundado numa fé firme, ao qual todas as coisas sejam reportadas.

Quer que lhe ensine como devem ser realizadas estas bases? Olhe para aquilo que pouco antes enumerei. Aí está o mistério da Trindade. Sobre ele já foram escritos muitos livros, foram dadas muitas opiniões difíceis de entender e complicadas a resolver-se.

Longum tibi et onerosum est adhuc omnes prosequi, cum multa fortassis invenias, in quibus magis turberis quam aedificeris. Noli instare, sic numquam ad finem venies. Disce prius breviter et dilucide, quid tenendum sit de fide Trinitatis, quid sane profiteri et veraciter credere debeas. Cum autem postea legere coeperis libros, et multa obscure, et multa aperte, multa ambigue scripta inveneris, quae aperta invenis, adiunge basi suae, si forte convenient. Quae ambigua sunt, ita interpretare ut non discordent. Quae vero sunt obscura, resera si potes. Quod si ad intellectum eorum penetrare non vales, transi, ne, dum praesumere conaris quod non sufficis, periculum erroris incurras. Noli ea contemnere, sed potius venerare, quia audisti quod scriptum est: "Posuit tenebras latibulum suum"[131]. Quod si etiam aliquid inveneris contrarium illi quod tu iam firmissima fide tenendum esse didicisti, non tamen expedit tibi cotidie mutare sententiam, nisi prius doctiores te consulueris, et maxime quid fides universalis, quae numquam falsa esse potest, inde iubeat sentiri agnoveris. Sic de sacramento altaris, sic de sacramento baptismatis, confirmationis, coniugii, et omnibus quae tibi enumerata sunt supra, facere debes. Vides multos scripturas legentes, quia fundamentum veritatis non habent, in errores varios labi, et toties fere mutare sententias, quot legerint lectiones. Rursum alios vides, qui secundum illam veritatis agnitionem, qua intus firmati sunt, quaslibet scripturas ad congruas interpretationes flectere noverunt et quid a fide sana discordet aut quid conveniat iudicare.

In Ezechiele legis quod rotae animalia sequuntur, non animalia rotas: "Cum ambularent - inquit - animalia, ambulabant pariter et rotae iuxta ea. Et cum elevarentur animalia de terra elevabantur simul et rotae"[132]. Sanctorum quippe mentes quantum virtutibus vel scientia proficiunt, tantum sanctarum scripturarum arcana profunda esse conspiciunt,

---

131. Sl 18,12.

132. Ez 1,19.

Para você seria longo e ainda gravoso percorrer tudo, encontrando provavelmente muitas coisas nas quais se turbará, ao invés de edificar-se. Não insista, porque deste modo nunca chegará ao fim. Aprenda primeiro, brevemente e distintamente, aquilo que deve reter-se sobre a fé na Trindade, aquilo que você deve professar com segurança e crer verdadeiramente. Quando, mais tarde, você começar a ler livros, encontrando muitas coisas escritas obscuramente, muitas claramente, muitas ambiguamente, acrescente à sua base aquelas que encontrará claras, se por acaso se ajustam. Aquelas que são ambíguas, interprete-as de modo que não se contradigam; mas aquelas que são obscuras, elucide-as, se consegue. E, se não consegue penetrar no entendimento delas, passe para frente, para que, presumindo esforçar-se naquilo para o qual não está preparado, não incorra no perigo do erro. Não queira desprezá-las, mas antes venerá-las, porque você ouviu aquilo que foi escrito: "Fez das trevas o seu esconderijo". E, se você encontrar algo contrário àquilo que aprendeu a ser professado com fé firmíssima, não lhe convém mudar de opinião a cada dia, sem antes consultar os que são mais cultos que você e, sobretudo, conhecer o que a fé universal, que nunca pode ser falsa, ordena de crer sobre isso. O mesmo você deve fazer com relação ao sacramento do Altar, ao sacramento do Batismo, da Confirmação, do Matrimônio e a todos os mistérios que foram enumerados acima. Repare como muitos leitores das Escrituras caem em muitos erros, por não possuir o fundamento da verdade, e mudam de opinião tantas vezes quantas lições lerem. Por outro lado, você vê outros que, conforme aquele conhecimento da verdade, pela qual foram fortalecidos interiormente, sabem levar todos os escritos para interpretações apropriadas e sabem julgar o que discorda da fé certa e o que se acorda com ela.

Em Ezequiel você lê que as rodas seguiam os animais, não que os animais seguiam as rodas: "Quando os animais andavam - ele diz - andavam também as rodas junto deles. E quando os animais se levantavam do chão, simultaneamente se levantavam também as rodas". As mentes dos santos, de fato, quanto mais se aperfeiçoam nas virtudes e no saber, tanto mais percebem que os mistérios das Sagradas Escrituras são profundos,

ut quae simplicibus et adhuc stantibus in terra iacere videbantur, erectis sublimes appareant. Nam sequitur: "Quocumque ibat spiritus, illuc eunte spiritu; et rotae pariter levabantur sequentes eum. Spiritus enim vitae erat in rotis"[133]. Vides quia rotae hae animalia sequuntur, et sequuntur spiritum.

Rursum alibi dicitur: "Littera occidit, Spiritus autem vivificat"[134], quia nimirum oportet divinum lectorem spiritualis intelligentiae veritate esse solidatum, et eum litterarum apices, quae et perversae nonnumquam intelligi possunt, ad quaelibet diverticula non inclinent. Quare antiquus ille populus, qui legem vitae acceperat, reprobatus est, nisi quia sic solam litteram occidentem secutus est, ut Spiritum vivificantem non haberet? Haec vero non ideo dico ut quibuslibet ad voluntatem suam interpretandi scripturas occasionem praebeam, sed ut ostendam eum qui solam sequitur litteram diu sine errore non posse incedere. Oportet ergo ut et sic sequamur litteram, ne nostrum sensum divinis auctoribus praeferamus, et sic non sequamur ut in ea non totum veritatis iudicium pendere credamus. Non litteratus, "sed spiritualis omnia diiudicat"[135].

Ut ergo secure possis iudicare litteram, non de tuo sensu praesumere, sed erudiri prius et informari oportet, et quasi quandam inconcussae veritatis basem cui tota fabrica innitatur, fundare. Neque a te ipso erudiri praesumas, ne forte, dum te introducere putas, magis seducas. A doctoribus et sapientibus haec introductio quaerenda est, qui et auctoritatibus sanctorum patrum et testimoniis scripturarum, eam tibi, prout opus est, et facere et aperire possint, cumque iam introductus fueris, testimoniis scripturarum legendo singula quae docuerint confirmare.

Sic mihi videtur. Cui me in hoc imitari placuerit, libens accipio, cui visum fuerit non ita oportere fieri, faciat quod placuerit, non contendam. Scio enim plures hunc morem in discendo non servare. Sed quomodo quidam proficient, rursus non ignoro.

---

133. Ez 1,20.

134. 2Cor 3,6.

135. 1Cor 2,15.

de modo que aquelas coisas que aos simples e ligados à terra parecem estar no chão, aos eretos aparecem sublimes. Com efeito, continua: "Para onde ia o espírito, para lá indo o espírito, igualmente as rodas se levantavam e o seguiam. Pois o espírito da vida estava nas rodas". Você vê que estas rodas seguem os animais e seguem o espírito.

Novamente, em outro lugar se diz: "A letra mata, o Espírito dá a vida", pois, na verdade, é necessário que o estudante das coisas divinas esteja consolidado pela verdade da inteligência espiritual, para que as formas das letras, que às vezes podem ser entendidas como perversas, não o inclinem para qualquer tortuosidade. E por que antigamente aquele povo que tinha recebido a lei da vida, foi reprovado, a não ser porque seguiu somente a letra que mata, por não ter o Espírito vivificante? Não digo estas coisas para dar a alguns o pretexto de interpretar as Escrituras segundo a vontade deles, mas para mostrar que não pode proceder por longo tempo sem erro aquele que segue unicamente a letra. É necessário, portanto, que sigamos, sim, a letra, mas de maneira a não preferir o nosso sentido ao dos escritores divinos, e não devemos segui-la sem crer que nela está depositado todo o juízo da verdade. Não o letrado, "mas o espiritual julga tudo".

Para que você possa julgar a letra com segurança, é necessário não ter presunção com o seu sentido, mas antes instruir-se e informar-se e fundar como que uma base de verdade inabalável, sobre a qual todo o edifício está baseado. Não presuma instruir-se sozinho, para evitar que, enquanto crê que está se iniciando, antes está se seduzindo. Esta introdução deve ser pedida aos doutores e aos sábios, os quais possam fazê-la e abri-la para você conforme convém, pelas autoridades dos Santos Padres e pelos testemunhos das Escrituras e possam, quando você tiver sido introduzido, confirmar tal introdução pelos testemunhos das Escrituras, lendo todas as coisas que ensinaram.

Assim me parece. Quem tiver prazer em me imitar nisto, aceito-o com prazer. Quem achar que não se deve fazer assim, faça como quiser, não discutirei. Sei que muitos não seguem este costume na aprendizagem. Mas também sei bem como alguns progridem.

Si quaeris qui libri magis ad hanc lectionem valeant, ego puto principium Genesis de operibus sex dierum, tres ultimos libros Moysi de legalibus sacramentis, Isaiam, principium et finem Ezechielis, Iob, Psalterium, Cantica canticorum, duo praecipue evangelia, scilicet Matthaei et Ioannis, Epistulas Pauli, canonicas Epistulas, et Apocalypsim, praecipue tamen Epistulas Pauli, quae etiam ipso numero designant utriusque testamenti perfectionem se continere.

Caput V: De tropologia, id est, moralitate

De tropologia nihil aliud in praesenti dicam quam quod supra dictum est, excepto quod ad eam magis rerum quam vocum significatio pertinere videtur.

In illa enim naturalis iustitia est, ex qua disciplina morum nostrorum, id est, positiva iustitia nascitur.

Contemplando quid fecerit Deus, quid nobis faciendum sit agnoscimus. Omnis natura Deum loquitur, omnis natura hominem docet, omnis natura rationem parit, et nihil in universitate infecundum est.

Caput VI: De ordine librorum

Non idem ordo librorum in historica et allegorica lectione servandus est. Historia ordinem temporis sequitur. Ad allegoriam magis pertinet ordo cognitionis, quia, sicut supra dictum est, doctrina semper non ab obscuris, sed apertis, et ab his quae magis nota sunt, exordium sumere debet.

Unde consequens est ut Novum Testamentum, in quo manifesta praedicatur veritas, in hac lectione Veteri praeponatur, ubi eadem veritas figuris adumbrata occulte praenuntiatur. Eadem utrobique veritas, sed ibi occulta, hic manifesta, ibi promissa, hic exhibita. Audisti, cum legeretur in Apocalypsi, quia signatus erat liber et nemo inveniri poterat,

Se você quer saber quais livros são mais úteis para este estudo, penso que são o princípio do Gênese sobre as obras dos seis dias, os três últimos livros de Moisés sobre os mistérios da lei, Isaías, o princípio e o final de Ezequiel, Jó, os Salmos, o Cântico dos Cânticos, sobretudo dois Evangelhos, o de Mateus e João, as Cartas de Paulo, as Cartas canônicas e o Apocalipse, mas, sobretudo, as Cartas de Paulo, as quais, também em seu número, indicam que contêm a perfeição dos dois Testamentos.

CAPÍTULO 5: A tropologia, ou seja, a moralidade

Sobre a tropologia nada mais direi, agora, de quanto foi dito anteriormente, exceto que a ela parece relacionar-se mais o significado das coisas que o significado das palavras.

Com efeito, no significado das coisas encontra-se aquela justiça natural, da qual origina-se a nossa disciplina moral, ou seja, a justiça positiva.

Contemplando aquilo que Deus fez, conhecemos aquilo que devemos fazer. A natureza inteira fala de Deus, toda a natureza ensina ao homem, toda a natureza produz a razão, e nada no universo é infecundo.

CAPÍTULO 6: A ordem dos livros

Não deve ser observada a mesma ordem dos livros na leitura histórica e na alegórica. A história segue a ordem do tempo. À alegoria é mais pertinente a ordem do conhecimento, pois, como foi dito acima, o estudo deve iniciar sempre não das coisas obscuras, mas das claras e daquelas que são mais conhecidas.

Disto deriva que a leitura do Novo Testamento, no qual é anunciada a verdade manifesta, deve ser preposto ao Antigo, onde a mesma verdade é preanunciada envolta em imagens e ocultamente. A mesma verdade está nos dois, mas lá oculta, aqui manifesta, lá prometida, aqui realizada. Você ouviu, ao ser lido o Apocalipse, que o livro estava selado e ninguém podia ser encontrado

qui solveret signacula eius, nisi "leo de tribu Iuda"[136]. Signata erat lex, signatae erant prophetiae, quia occulte tempora venturae redemptionis praenuntiabantur. Nonne tibi ille liber signatus fuisse videtur, qui dixit: "Ecce virgo concipiet, et pariet filium; et vocabis nomen eius Emmanuel"?[137] Et alius: "Tu - inquit - Bethlehem Ephrata, parvulus es in milibus Iuda: ex te mihi egredietur qui sit dominator in Israel; egressus eius ab initio a diebus aeternitatis"?[138] Et Psalmista: "Numquid Sion dicet: Homo, et homo natus est in ea, et ipse fundavit eam Altissiimus"?[139] Et rursum: "Domini, Domini - inquit - exitus mortis"?[140] Et iterum: "Dixit Dominus Domino meo, sede a dextris meis"?[141] Et post pauca de eodem: "Tecum principium in die virtutis tuae; in splendoribus sanctorum ex utero ante luciferum genui te"?[142] Et Daniel: "Aspiciebam in visione noctis, et ecce cum nubibus caeli quasi Filius hominis veniebat, et usque ad antiquum dierum pervenit, et dedit ei potestatem et honorem, et regnum; et omnes populi, tribus et linguae ipsi servient: potestas eius potestas aeterna, quae non auferetur"?[143]

Quis putas haec, antequam implerentur, intelligere poterat? Signata erant, et nemo poterat solvere signacula, nisi "leo de tribu Iuda". Venit ergo Filius Dei, et induit naturam nostram, natus est de Virgine, crucifixus, sepultus, resurrexit, ascendit ad caelos, et implendo quae promissa erant, aperuit quae latebant. Lego in evangelio, quod angelus Gabriel ad Mariam Virginem mittitur, parituram praenuntiat: recordor prophetiae quae dicit: "Ecce virgo concipiet". Lego quia, cum esset Ioseph in Bethlehem cum Maria uxore sua praegnante, venit tempus eius pariendi, et peperit filium suum primogenitum, quem angelus praedixerat regnaturum in throno David, patris sui: recordor prophetiae: "Bethlehem Ephrata, parvulus es in milibus Iuda: ex te mihi egredietur qui sit dominator in Israel". Lego rursum: "In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum"[144]: recordabor prophetiae quae dicit: "Egressus eius ab initio a diebus aeternitatis". Lego: "Verbum caro factum est, et habitavit in nobis"[145]:

---

136. Ap 5,5.
137. Is 7,14.
138. Mi 5,2.
139. Sl 87,5.
140. Sl 67,21.
141. Sl 110,1.
142. Sl 110,3.
143. Dn 7,13.
144. Jo 1,1.
145. Jo 1,14.

que rompesse os seus sigilos, a não ser "o leão da tribo de Judá". A lei estava selada, as profecias estavam seladas, porque os tempos da redenção futura estavam preanunciados ocultamente. Porventura, não lhe parece selado aquele livro que disse: "Eis uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamarás o nome dele Emanuel"? E o outro: "Tu - disse - Belém de Éfrata, és pequena entre as milhares de Judá: de ti sairá para mim quem será o dominador em Israel; a sua origem é do início, dos dias da eternidade"? E o salmista: "Não dirá Sião: um Homem e um homem nasceu nela, e o próprio Altíssimo a fundou"? E novamente: "Do Senhor, do Senhor - disse - são as saídas da morte"? E ainda: "Disse o Senhor ao meu Senhor, senta-te à minha direita"? E um pouco mais para lá, no mesmo salmo: "Contigo é o senhorio no dia da tua força; no esplendor dos santos, do seio antes da estrela da manhã te gerei"? E Daniel: "Eu estava contemplando na visão da noite, e eis que junto com as nuvens do céu vinha como que um Filho de homem, e chegou até o Ancião dos dias, e ele lhe deu potência, honra e reino; todos os povos, todas as nações e línguas servirão a ele: o seu poder é um poder eterno que não lhe será tirado"?

Quem, você acha, poderia entender estas coisas, antes que se cumprissem? Estavam seladas, e ninguém podia romper os sigilos, a não ser "o leão da tribo de Judá". Veio, assim, o Filho de Deus, e vestiu a nossa natureza, nasceu da Virgem, foi crucificado, sepultado, ressuscitou, subiu aos céus, e, cumprindo as coisas que foram prometidas, abriu quanto estava escondido. Leio no Evangelho que o anjo Gabriel é enviado a Maria Virgem, preanunciando aquela que irá parir, e lembro a profecia que diz: "Eis que uma Virgem conceberá". Leio que, estando José em Belém com Maria sua mulher grávida, veio o tempo dela dar à luz, e deu à luz o seu filho primogênito que o anjo predissera iria reinar no trono de Davi, seu pai, e me lembro da profecia: "Belém de Éfrata, és pequena entre as milhares de Judá: de ti sairá para mim quem será o dominador em Israel". Leio de novo: "No princípio era o Verbo e o Verbo era junto de Deus e Deus era o Verbo", e lembrarei a profecia que diz: "A sua origem é do início, dos dias da eternidade". Leio: "O Verbo se fez carne, e habitou entre nós",

recordor prophetiae quae dicit: "vocabis nomen eius Emmanuel", id est, nobiscum Deus.

Et ne forte singula prosequendo fastidium tibi faciam, nisi prius nativitatem Christi, praedicationem, passionem, resurrectionem atque ascensionem, et cetera quae in carne et per carnem gessit, agnoveris, veterum figurarum mysteria penetrare non valebis.

Caput VII: De ordine narrationis

De ordine narrationis illud maxime hoc loco considerandum est, quod divinae paginae textus nec naturalem semper nec continuum loquendi ordinem servat, quia et saepe posteriora prioribus anteponit, sicut, cum aliqua enumeraverit, subito ad superiora, quasi subsequentia narrans, sermo recurrat; saepe etiam ea quae longo distant intervallo, quasi mox sibi succedentia, connectit, ut videatur nullum disiunxisse spatium temporis illa quae non discernit ullum intervallum sermonis.

Caput VIII: De ordine expositionis

Expositio tria continet: litteram, sensum, sententiam. In omni narratione littera est, nam ipse voces etiam litterae sunt, sed sensus et sententia non in omni narratione simul inveniuntur.

Quaedam habet litteram et sensum tantum, quaedam litteram et sententiam tantum, quaedam omnia haec tria simul continet. Omnis autem narratio ad minus duo habere debet.

Illa narratio litteram et sensum tantum habet, ubi per ipsam prolationem sic aperte aliquid significatur, ut nihil aliud relinquatur subintelligendum.

Illa vero litteram et sententiam tantum habet, ubi ex sola pronuntiatione nihil concipere potest auditor nisi addatur expositio.

e me lembro da profecia que diz: "Chamarás o nome dele de Emanuel", isto é, Deus conosco.

E se, prosseguindo por cada passagem, eventualmente não lhe crio um mal-estar, você não conseguirá penetrar os mistérios das figuras antigas, sem antes conhecer o nascimento de Cristo, a predicação, a paixão, a ressurreição e a ascensão, e as outras coisas que fez na carne e pela carne.

CAPÍTULO 7: A ordem da narração

Quanto à ordem da narração, aqui se deve notar, sobretudo, que o texto da página divina nem sempre observa uma ordem de falar natural e contínua, pois amiúde prepõe coisas posteriores às anteriores, como quando o discurso, após ter contado alguns fatos, volta de improviso a fatos anteriores, como se narrasse os seguintes. Freqüentemente o texto conecta entre si também coisas distantes num longo intervalo de tempo, como se sucedessem imediatamente uma à outra, de modo a parecer que nenhuma distância de tempo tenha separado coisas que nenhum intervalo do discurso separa.

CAPÍTULO 8: A ordem da exposição do texto

A exposição de um texto contém três elementos: 1) a letra, 2) o significado, 3) o pensamento.

Em toda narração há a letra, pois as próprias vozes são letras, mas o significado e o pensamento não se encontram juntos em todas as narrações. Algumas contêm somente a letra e o significado, outras somente a letra e o pensamento, algumas os três elementos juntos. Toda narração deve ter ao menos dois elementos.

Possui somente letra e significado a narração na qual, pelo próprio enunciado algo é significado tão claramente, que nada mais resta a subentender.

Possui somente letra e pensamento aquela narração na qual o ouvinte não pode conceber nada a partir da sua enunciação, se não é acrescentada uma exposição.

Illa sensum et sententiam habet, ubi et aperte aliquid significatur, et aliquid aliud subintelligendum relinquitur quod expositione aperitur.

Caput IX: De littera

Littera aliquando perfecta est, quando ad significandum id quod dicitur nihil praeter ea quae posita sunt vel addere vel minuere oportet, ut, "omnis sapientia a Domino Deo est"[146]; aliquando imminuta, quando subaudiendum aliquid relinquitur, ut, "senior electae dominae"[147]; aliquando superflua, quando vel propter inculcationem vel longam interpositionem idem repetitur vel aliud non necessarium adiungitur, ut Paulus in fine Epistulae ad Romanos dicit: "Ei autem", et postea multis interpositis infert: "cui est honor et gloria"[148]. Aliud hic superfluum esse videtur. Superfluum dico, id est, non necessarium ad enuntiationem faciendam.

Aliquando talis est littera, ut, nisi in aliam resolvatur, nihil significare vel incongrua esse videatur, ut est illud: "Dominus in caelo sedes eius"[149], id est, "sedes Domini in caelo", et "filii hominum, dentes eorum arma et sagittae"[150], id est, "filiorum hominum dentes", et "Homo sicut faenum dies eius"[151], id est, "dies hominis". Nominativus scilicet nominis et genitivus pronominis, pro uno genitivo nominis positi, et multa alia similiter.

Ad litteram constructio et continuatio pertinet.

Caput X: De sensu

Sensus alius congruus, alius incongruus. Incongruus, alius incredibilis, alius impossibilis, alius absurdus, alius falsus.

Multa huiusmodi invenis in scripturis, ut illud: "Comederunt Iacob"[152]. Et illud: "Sub quo

---

146. Eclo 1,1.
147. 2Jo 1,1.
148. Rm 16,27.
149. Sl 10,5.
150. Sl 57,5
151. Sl 103,15.
152. Sl 79,7.

Possui um significado e um pensamento aquela exposição na qual algo é significado expressamente ou alguma outra coisa que é revelada por uma exposição é deixada subentendida.

CAPÍTULO 9: A letra

A letra às vezes é *perfeita*, quando, para significar aquilo que se diz, não é necessário acrescentar ou diminuir nada fora daquilo que é expresso, como, por exemplo, na frase: "Toda Sabedoria vem do Senhor Deus". Às vezes a letra é *diminuída*, quando se deixa algo subentendido, como na expressão: "O ancião à Senhora eleita". Às vezes é *supérflua*, quando ou por insistência ou por causa de uma longa interpolação se repete a mesma coisa ou se acrescenta algo não necessário, como diz Paulo no final da Carta aos Romanos: "A ele, pois", e, após muitas interpolações, introduz: "ao qual é honra e glória". Neste texto se apresenta um ulterior elemento supérfluo. Digo supérfluo, isto é, não necessário para fazer a enunciação.

De vez em quando a letra é tal que, se não é resolvida numa outra, parece não significar nada ou ser imprópria, como na expressão: "O Senhor o seu trono no céu", isto é, o trono do Senhor está no céu, e: "Os filhos dos homens, seus dentes armas e flechas", quer dizer, os dentes dos filhos dos homens, e: "O homem como feno o seu dia", isto é, o dia do homem. Nestas expressões o nominativo do nome e o genitivo do pronome são postos em lugar do genitivo só do nome, e há muitos exemplos semelhantes.

À letra pertencem a construção e a concatenação.

CAPÍTULO 10: O significado

O significado pode ser 1) coerente ou 2) incoerente. O significado incoerente pode ser a) incrível, b) impossível, c) absurdo ou d) falso.

Você encontrará nas Escrituras muitos exemplos deste tipo, como a expressão: "Devoraram Jacó", e ainda: "sob o qual se

curvantur hi qui portant orbem"[153]. Et illud: "Elegit suspendium anima mea"[154], et multa alia.

Sunt loca quaedam in divina scriptura, ubi, licet sit aperta verborum significatio, nullus tamen sensus esse videtur, vel propter inusitatum modum loquendi, sive propter aliquam circumstantiam quae legentis intelligentiam impedit, ut est, verbi gratia, illud quod dicit Isaias: "Apprehendent septem mulieres virum unum in die illa dicentes: Panem nostrum comedemus, et vestimentis nostris operiemur, tantummodo invocetur nomen tuum super nos, aufer opprobrium nostrum"[155]. Plana sunt et aperta verba. Intelligis satis: "Apprehendent septem mulieres virum unum". Intelligis: "Panem nostrum comedemus". Intelligis: "Vestimentis nostris operiemur". Intelligis: "Tantummodo invocetur nomen tuum super nos". Intelligis: "Aufer opprobrium nostrum".

Sed fortasse quid hoc totum simul significare velit, intelligere non potes. Quid dicere voluerit propheta, bonum promiserit an malum minatus fuerit, ignoras. Unde evenit ut spiritualiter tantum intelligendum credas quod, qualiter ad litteram dictum sit, non vides. Dicis igitur septem mulieres septem esse dona Spiritus Sancti, quae unum virum apprehendent, id est, Christum, in quo omnem plenitudinem gratiae placuit inhabitare, quia ipse solus sine mensura Spiritum accepit, qui solus earum opprobrium aufert, ut inveniant in quo requiescant, nullo alio vivente ut Spiritus Sancti dona poscebant. Ecce spiritualiter interpretatus es, et quid sit dicere ad litteram non intelligis.

Potuit tamen propheta per haec verba etiam ad litteram aliquid significare. Quia enim supra de internecione populi praevaricatoris locutus fuerat, subiungit nunc tantam in eodem populo cladem futuram, et usque adeo virorum genus delendum, ut vix septem mulieres unum virum inveniant, cum modo una unum habere soleat. Et cum mulieres nunc a viris rogari soleant, tunc converso

---

153. Jó 9,13.
154. Jó 7,15.
155. Is 4,1.

curvam aqueles que sustentam o mundo", e ainda: "Minha alma escolheu a forca", e muitos outros.

Há passagens na Escritura divina, nas quais, mesmo sendo claro o significado, parece não haver nenhum sentido, seja por causa do uso incomum das palavras, seja por causa de alguma circunstância que dificulta o entendimento do leitor, como é, por exemplo, a passagem de Isaías: "Sete mulheres pegaram um homem naquele dia, dizendo: comeremos o nosso pão e nos cobriremos com as nossas vestes, que possamos apenas ser chamadas com o teu nome, tira a nossa vergonha". As palavras são claras e compreensíveis. Você compreende bem: "Sete mulheres pegaram um homem". Você compreende: "Comeremos o nosso pão". Você compreende: "Nos cobriremos com as nossas vestes". Você compreende: "Possamos apenas ser chamadas com o teu nome". Você compreende: "Tira a nossa vergonha".

Mas talvez você não consiga entender o que isso tudo queira significar em seu conjunto. Você ignora o que o profeta quis dizer, se prometeu um bem ou ameaçou um mal. De onde se deduz que você somente deve crer de maneira espiritual aquilo que, a partir das palavras, você não vê. Você poderá dizer, portanto, que as sete mulheres são os sete dons do Espírito Santo, as quais desejam um só homem, isto é, Cristo, no qual quis habitar toda a plenitude da graça, porque só ele recebeu o Espírito sem limite, o único que tira o opróbrio delas, para elas encontrarem aquele no qual repousar, dado que não havia outro vivente quando pediam os dons do Espírito Santo. Eis que o texto foi interpretado de forma espiritual, e você não compreende o que quer dizer na letra.

O profeta pôde também, por essas palavras, significar algo literalmente. Com efeito, dado que anteriormente tinha falado sobre a matança do povo prevaricador, acrescenta agora que naquele povo iria haver tanta morte e até tanta desaparição do gênero masculino, que dificilmente sete mulheres encontrariam um homem, do momento que somente uma costumava ter um só homem. E, do mesmo modo que agora as mulheres costumam ser imploradas pelos homens, naquele momento, ao contrário,

more mulieres viros rogabunt. Et ne forte unus vir septem mulieres simul ducere formidaret, cum, unde eas pasceret et vestiret, non haberet, dicunt ei: "Panem nostrum comedemus, et vestimentis nostris operiemur". Non te oportet de nobis esse sollicitum, "tantummodo invocetur nomen tuum super nos", ut dicaris vir noster, et sis, ne repudiatae dicamur, et steriles, et sine semine moriamur, quod eo tempore magnum opprobrium fuit. Et hoc est quod dicunt: "Aufer opprobrium nostrum".

Multa huiusmodi invenis in scripturis, et maxime in Veteri Testamento, secundum idioma illius linguae dicta, quae, cum ibi aperta sint, nihil apud nos significare videntur.

Caput XI: De sententia

Sententia divina numquam absurda, numquam falsa esse potest, sed cum in sensu, ut dictum est, multa inveniantur contraria, sententia nullam admittit repugnantiam, semper congrua est, semper vera.

Aliquando unius enuntiationis una est sententia, aliquando unius enuntiationis plures sunt sententiae, aliquando plurium enuntiationum una est sententia, aliquando plurium enuntiationum plures sunt sententiae.

"Cum, igitur, divinos libros legimus, in tanta multitudine verorum intellectuum, qui de paucis eruuntur verbis, et sanitate catholicae fidei muniuntur, id potissimum diligamus, quod certum apparuerit eum sensisse quem legimus. Si autem hoc latet, id certe quod circumstantia scripturae non impedit, et cum sana fide concordat. Si autem et scripturae circumstantia pertractari ac discuti non potest, saltem id solum quod fides sana praescribit. Aliud est enim quid potissimum scriptor senserit non dinoscere, aliud a regula pietatis errare. Si utrumque vitetur, perfectae se habet fructus legentis. Si vero utrumque vitari non potest,

as mulheres implorarão os homens. E, para que um só homem não receasse de cuidar ao mesmo tempo de sete mulheres, não tendo de onde alimentá-las e vesti-las, elas lhe dizem: "Comeremos o nosso pão e nos cobriremos com os nossos vestidos". Não é necessário que tenhas preocupação conosco, "somente seja invocado o teu nome sobre nós", para que sejas considerado o nosso homem, e o és, e não sejamos apelidadas de repudiadas ou estéreis e morramos sem descendência, coisa que naquele tempo era um grande opróbrio. Por isso dizem: "tira o nosso opróbrio".

Você encontrará muitas passagens parecidas nas Escrituras, sobretudo no Antigo Testamento, escritas conforme o idioma daquela língua, as quais, enquanto ali são claras, nada para nós parecem significar.

CAPÍTULO 11: O pensamento

O pensamento divino nunca é absurdo, nunca pode ser falso, mas, enquanto na significação, como foi dito, encontram-se muitas contradições, o pensamento não admite alguma contradição, é sempre coerente, sempre verdadeiro.

Às vezes uma enunciação contém um só pensamento, às vezes uma enunciação possui vários pensamentos, outras vezes muitas enunciações têm um único pensamento, outras vezes muitas enunciações têm muitos pensamentos.

"Quando, portanto, lemos os livros divinos, diante de tanta variedade de conceitos verdadeiros que jorram de poucas palavras e são munidos do juízo da fé católica, procuremos, sobretudo, aquilo que o autor que lemos tenha achado que pareceu certo. Se isto não está claro, procuremos certamente aquilo que não contraria o contexto da Escritura, mas concorda com a verdadeira fé. Se também o contexto da Escritura não pode ser tratado nem discutido, procuremos pelo menos somente aquilo que a verdadeira fé prescreve. Uma coisa, com efeito, é desconhecer aquilo que preferivelmente o autor achou, outra coisa é afastar-se da regra da piedade. Se é evitada uma e outra coisa, o ganho do leitor é perfeito. Se, porém, não pode ser evitada uma e outra coisa,

etsi voluntas scriptoris incerta sit, sanae fidei congruam non inutile est eruisse sententiam"[156].

"Item in rebus obscuris atque a nostris oculis remotissimis, si qua inde scripta etiam divina legerimus, quae possint salva fide aliis atque aliis parere sententiis, in nullam earum nos praecipiti affirmatione ita proiciamus, ut, si forte diligentius discussa veritas eam labefactaverit, corruamus, non pro sententia divinarum scripturarum, sed pro nostra ita dimicantes, ut eam velimus scripturarum esse quae nostra est, cum potius eam quae scripturarum nostram esse debeamus"[157].

Caput XII: De modo legendi

Modus legendi in dividendo constat. Divisio fit et partitione et investigatione.

Partiendo dividimus quando ea quae confusa sunt distinguimus.

Investigando dividimus quando ea quae occulta sunt reseramus.

Caput XIII: De meditatione hic esse praetermittendum

Et iam ea quae ad lectionem pertinent, quanto lucidius et compendiosius potuimus, explicata sunt.

De reliqua vero parte doctrinae, id est, meditatione, aliquid in praesenti dicere omitto, quia res tanta speciali tractatu indiget, et dignum magis est omnino silere in huiusmodi quam aliquid imperfecte dicere.

Res enim valde subtilis est et simul iucunda, quae et incipientes erudit et exercet consummatos, inexperta adhuc stylo, ideoque amplius prosequenda.

Rogemus igitur nunc Sapientiam, ut radiare dignetur in cordibus nostris et illuminare nobis in semitis suis, ut introducat nos "ad puram et sine animalibus cenam"[158].

---

156. Agostinho, *De Genesi ad litteram* 1,21.

157. *Ibid.* 1,18.

158. Asclepius, *Corpus Hermeticum* 41.

ainda que a intenção do autor seja incerta, não é inútil extrair um pensamento consonante com a verdadeira fé".

"Quanto às coisas obscuras e muito distantes dos nossos olhos, se sobre elas estivermos lendo escritos, também divinos, os quais, salva a fé, possam combinar-se com outras e outras opiniões, não nos joguemos com aprovação precipitada em nenhuma dessas interpretações. Pois correríamos o perigo, caso uma verdade discutida mais profundamente faça cair aquela interpretação, de sucumbir, batalhando não em favor da opinião das Escrituras divinas, mas da nossa, pretendendo que o nosso pensamento seja também o das Escrituras, enquanto devemos querer antes que o pensamento das Escrituras seja também o nosso.

CAPÍTULO 12: O modo de ler

O modo de ler consiste em dividir. A divisão se faz seja por 1) separação seja por 2) investigação.

Dividimos, separando, quando distinguimos as coisas que são confusas.

Dividimos, investigando, quando desvelamos as coisas que são obscuras.

CAPÍTULO 13: A meditação não é tratada aqui

E assim foi explicado aquilo que concerne a leitura, da maneira mais lúcida e concisa possível.

Quanto à última parte da educação, ou seja, a meditação, aqui omito dizer algo, porque tamanho argumento merece um tratado especial, e em coisas deste tipo é mais digno calar-se totalmente do que dizer algo imperfeito.

Algo muito sutil e ao mesmo tempo jucundo é a meditação que instrui os principiantes e exercita os avançados. Não foi ainda tratada por escrito, e por isso merece ser descrita mais amplamente.

Roguemos agora à Sabedoria que se digne resplandecer em nossos corações e iluminar-nos em seus caminhos, para introduzir-nos "à ceia pura e sem carne de animais".

APPENDIX

APPENDIX A
Divisio philosophiae continentium

Tria sunt: sapientia, virtus, necessitas.

Sapientia est comprehensio rerum prout sunt.

"Virtus est habitus animi in modum naturae rationi consentaneus"[159].

Necessitas est sine qua vivere non possumus, sed felicius viveremus.

Haec tria remedia sunt contra mala tria, quibus subiecta est vita humana: sapientia contra ignorantiam, virtus contra vitium, necessitas contra infirmitatem. Propter ista tria mala exstirpanda quaesita sunt ista tria remedia, et propter haec tria remedia invenienda, inventa est omnis ars et omnis disciplina.

Propter sapientiam inventa est theorica, propter virtutem inventa est practica, propter necessitatem inventa est mechanica. Istae tres usu primae fuerunt, sed postea propter eloquentiam inventa est logica. Quae cum sit inventione ultima, prima tamen esse debet in doctrina. Quattuor ergo sunt principales scientiae a quibus omnes aliae descendunt: theorica, practica, mechanica, logica.

Theorica dividitur in theologiam, physicam, mathematicam. Theologia tractat de invisibilibus substantiis, physica de invisibilibus visibilium causis, mathematica de visibilibus visibilium formis.

---

159. Boethius, *De arithmetica* 1,1.

APÊNDICES

APÊNDICE A:
Divisão dos conteúdos da filosofia

Há três coisas: a *Sapiência*, a virtude, a necessidade.

A *Sapiência* é a compreensão das coisas como elas são.

"A virtude é um hábito do espírito conforme a razão segundo a lei da natureza".

A necessidade é aquela sem a qual não podemos viver e sem a qual viveremos mais felizmente.

Estas três coisas são três remédios contra três males, aos quais a vida humana está sujeita: a *Sapiência* contra a ignorância, a virtude contra o vício, a necessidade contra a enfermidade. Para extirpar estes três males são exigidos estes três remédios, e para encontrar estes remédios foi inventada cada arte e cada disciplina.

Para a *Sapiência* foi encontrada a teórica, para a virtude foi encontrada a moral, para a necessidade foi encontrada a mecânica. Estas três foram as primeiras em uso, mas depois para a eloqüência foi encontrada a lógica. Esta, mesmo sendo a última a ser descoberta, deve ser, todavia, a primeira no ensino. Quatro, portanto, são as ciências principais, das quais derivam todas as outras: a teórica, a prática, a mecânica, a lógica.

A teórica se divide em teologia, física e matemática. A teologia trata das substâncias invisíveis, a física das causas invisíveis das coisas visíveis, a matemática das formas invisíveis das coisas visíveis.

Et haec mathematica dividitur in quattuor scientias. Prima est arithmetica, quae tractat de numero, id est, de quantitate discreta per se. Secunda est musica, quae tractat de proportione, id est, de quantitate discreta ad aliquid. Tertia est geometria, quae tractat de spatio, id est, de quantitate continua immobili. Quarta est astronomia, quae tractat de motu, id est, de quantitate continua mobili. Elementum arithmeticae est unitas. Elementum musicae est unisonum. Elementum geometriae est punctum. Elementum astronomiae est instans.

Practica dividitur in solitariam, privatam, publicam. Solitaria docet quomodo unusquisque propriam vitam honestis moribus instituat et virtutibus exornet. Privata docet quomodo regendi sint familiares, et qui per carnis affectum sunt affines. Publica docet qualiter populus totus et gens a suis rectoribus gubernari debeat. Solitaria pertinet ad singulos, privata ad patres familias, publica ad rectores civitatum.

Mechanica tractat de operibus humanis, et haec dividitur in septem. Prima est lanificium, secunda armatura, tertia navigatio, quarta agricultura, quinta venatio, sexta medicina, septima theatrica.

Logica dividitur in grammaticam et in rationem disserendi. Ratio disserendi dividitur in probabilem, et necessariam, et sophisticam. Probabilis dividitur in dialecticam et rhetoricam. Necessaria pertinet ad philosophos, sophistica ad sophistas.

In his quattuor partibus philosophiae talis ordo in doctrina servari debet, ut prima ponatur logica, secunda ethica, tertia theorica, quarta mechanica. Primum enim comparanda est eloquentia; deinde, ut ait Socrates in *Ethica,* per studium virtutis oculus cordis mundandus est, ut deinde in theorica ad investigationem veritatis perspicax esse possit. Novissime mechanica sequitur, quae per se omni modo inefficax est, nisi ratione praecedentium fulciatur.

A matemática, por sua vez, se divide em quatro ciências. A primeira é a aritmética, que trata do número, isto é, da quantidade divisa em si mesma. A segunda é a música, que trata da proporção, isto é, da quantidade divisa em relação a outra coisa. A terceira é a geometria, que trata do espaço, isto é, da quantidade contínua imóvel. A quarta é a astronomia, que trata do movimento, isto é, da quantidade contínua móvel. O elemento da aritmética é o número. O elemento da música é o uníssono. O elemento da geometria é o ponto. O elemento da astronomia é o instante.

A moral se divide em individual, privada, pública. A individual ensina como cada um deve organizar a sua vida com costumes honestos e orná-la com as virtudes. A privada ensina como devem ser tratados os familiares e os que são afins por afeição da carne. A pública ensina como todo o povo e a nação devem ser governados por seus dirigentes. A individual pertence aos indivíduos, a privada aos pais de família, a pública aos dirigentes das nações.

A mecânica trata das obras humanas e se divide em sete ciências: a primeira é a fabricação da lã, a segunda o armamento, a terceira a navegação, a quarta a agricultura, a quinta a caça, a sexta a medicina, a sétima o teatro.

A lógica se divide em gramática e na arte de argumentar. A arte de argumentar se divide em provável, necessária e sofística. A provável se divide em dialética e retórica. A necessária pertence aos filósofos, a sofística aos sofistas.

Nestas quatro partes da filosofia deve ser observada esta ordem no ensino: primeiro seja posta a lógica, em segundo lugar a ética, em terceiro lugar a teórica, em quarto lugar a mecânica. Em primeiro lugar, com efeito, deve ser administrada a eloqüência. Em seguida, como afirma Sócrates na *Ética*, por meio do estudo da virtude o olho do coração deve ser purificado, para que depois possa ser perspicaz na investigação da verdade. Por último vem a mecânica, que por si é totalmente ineficaz, se não se apóia nas razões das precedentes.

APPENDIX B
De magica et partibus eius

Magicae repertor primus creditur Zoroastres, rex Bactrianorum, quem nonnulli asserunt ipsum esse Cham, filium Noe, sed nomine mutato. Hunc postea Ninus, rex Assyriorum, bello victum interfecit, eiusque codices artibus maleficiorum plenos igne cremari fecit. Scribit autem Aristoteles de hoc ipso, quod usque ad XXII centum milia versuum eius de arte magica ab ipso dictatos, libri eiusdem usque ad posteritatis memoriam traduxerunt. Hanc artem postea Democritus ampliavit tempore quo Hippocrates in arte medicinae insignis habebatur.

Magica in philosophiam non recipitur, sed est extrinsecus falsa professione, omnis iniquitatis et malitiae magistra, de vero mentiens, et veraciter laedens animos, seducit a religione divina, culturam daemonum suadet, morum corruptionem ingerit, et ad omne scelus ac nefas mentes sequacium impellit.

Haec generaliter accepta quinque complectitur genera maleficiorum: manticen, quod sonat divinatio, et mathematicam vanam, sortilegia, maleficia, praestigia.

Mantice autem quinque continet species sub se, primam, necromantiam, quod interpretatur divinatio in mortuis, necros enim Graece, mortuus Latine, unde necromantia, divinatio, quae fit per sacrificium sanguinis humani, quem daemones sitiunt, et in eo delectantur effuso. Secunda est geomantia, id est, divinatio in terra. Tertia est hydromantia, id est, divinatio in aqua. Quarta est aerimantia, id est, divinatio in aere. Quinta est divinatio in igne,

APÊNDICE B:
A magia e suas partes

Pensa-se que o primeiro inventor da magia fosse Zoroastro, rei dos bactrianos, que alguns afirmam ser o próprio Cam, filho de Noé, mas com outro nome. Ele, depois, vencido em guerra, foi morto por Nino, rei dos assírios, que fez queimar no fogo os seus livros cheios de malefícios. Sobre ele Aristóteles escreve que os seus livros transmitiram à memória da posteridade até dois milhões e duzentos mil versos de arte mágica, ditados por ele. Esta arte foi posteriormente ampliada por Demócrito no tempo em que Hipócrates era considerado insigne na arte da medicina.

A magia não é recebida na filosofia, mas está de fora, falsa por profissão, mestra de toda iniqüidade e malícia, mentindo sobre a verdade e prejudicando verdadeiramente os ânimos. Ela afasta da religião divina, propugna a cultura dos demônios, leva à corrupção dos costumes, e impulsiona a mente dos seguidores para todo tipo de crime e de perversidade.

Ela, em geral, compreende cinco tipos de malefícios: 1) mântica, que significa divinação, 2) numerologia vã, 3) sortilégios, 4) malefícios, 5) prestidigitação.

A mântica contém sob si cinco tipos: a primeira é a *necromancia*, que significa divinação sobre os mortos, pois *necros* em grego tem o significado de *morto* em latim, de onde vêm a necromancia, divinação, feita por meio do sacrifício de sangue humano, que os demônios bebem, deleitando-se em sua efusão. A segunda é a *geomancia*, isto é, divinação sobre a terra. A terceira é a *hidromancia*, isto é, divinação sobre a água. A quarta é a *aeromancia*, isto é, divinação sobre o ar. A quinta é a divinação no fogo,

quae dicitur pyromantia. Varro enim quattuor dixit esse, in quibus divinatio constaret, terram, aquam, ignem, aerem. Prima ergo, id est, necromantia, ad infernum videtur pertinere, secunda ad terram, tertia ad aquam, quarta ad aerem, quinta ad ignem.

Mathematica dividitur in tres species: in aruspicinam, in augurium, et in horoscopicam. Aruspices sunt dicti quasi horuspices, id est, horarum inspectores, qui observant tempora in rebus agendis, vel aruspices quasi aras inspicientes, qui in extis et fibris sacrificiorum futura considerant. Augurium vel auspicium aliquando ad oculum pertinet, et dicitur auspicium quasi avispicium, quia in motu et volatu avium attenditur; aliquando ad aures pertinet, et tunc dicitur augurium quasi garritus avium, quia aure percipitur. Horoscopica, quae etiam constellatio dicitur, est quando in stellis fata hominum quaeruntur, sicut genethliaci faciunt, qui nativitates observant, qui olim specialiter magi nuncupabantur, de quibus in evangelio legimus.

Sortilegi sunt qui sortibus divinationes quaerunt.

Malefici sunt qui per incantationes daemonicas, sive ligaturas, vel alia quaecumque exsecrabilia remediorum genera, cooperatione daemonum atque instinctu nefanda perficiunt.

Praestigia sunt, quando, per phantasticas illusiones circa rerum immutationem, sensibus humanis arte daemonia illuditur.

Sunt ergo omnes simul undecim: sub mantice, quinque, id est, necromantia, geomantia, hydromantia, aerimantia, pyromantia; sub mathematica, tres, id est, aruspicina, auspicium, horoscopica; postea tres aliae, id est, sortilegium, maleficium, praestigium.

Praestigia Mercurius dicitur primus invenisse. Auguria Phryges invenerunt. Aruspicinam Tages primus Etruscis tradidit. Hydromantia primum a Persis venit.

que se chama *piromancia*. Varro diz que são quatro as partes das quais consta a divinação, ou seja, terra, água, fogo e ar. A primeira, portanto, isto é, a necromancia, parece pertencer ao inferno, a segunda à terra, a terceira à água, a quarta ao ar, a quinta ao fogo.

A numerologia vã se divide em três espécies: *aruspicina*, *augúrio* e *horóscopo*. Os *arúspices* são chamados ou de "horúspices", isto é, inspetores das horas, porque observam os tempos propícios em fazer as coisas, ou arúspices, porque observam as aras, olhando o futuro nas vísceras e fibras dos animais sacrificados. O *augúrio* ou auspício às vezes se refere ao olhar, e se chama auspício, como que "avespício", porque se baseia no movimento e vôo das aves; às vezes se refere ao ouvido, e aí se chama augúrio, como a voz das aves, porque se percebe pelo ouvido. O *horóscopo*, que se chama também constelação, se dá quando nas estrelas se procuram os destinos dos homens, como fazem os astrólogos, que observam os nascimentos e que antigamente se chamavam magos, dos quais lemos no Evangelho.

Os sortílegos são aqueles que procuram as divinações nas sortes.

Os malefícios são aqueles que, porque por meio de encantamentos demoníacos, ou amuletos, ou qualquer outro gênero execrável de remédios, fazem coisas horrendas com a colaboração ou instigação dos demônios.

As prestidigitações consistem em iludir os sentidos humanos com a arte demoníaca, por meio de ilusões fantasiosas a respeito das mutações das coisas.

Ao todo são onze: sob a *mântica* cinco, isto é, a necromancia, a geomancia, a hidromancia, a aeromancia, a piromancia; sob a *"numerologia"* três, isto é, os arúspices, o auspício, o horóscopo; depois vêm outras três, isto é, o *sortilégio*, o *malefício*, a *prestidigitação*.

Diz-se que Mercúrio foi o primeiro a inventar as prestidigitações. Os frígios inventaram os augúrios. Tages transmitiu o aruspício aos etruscos. A hidromancia inicialmente veio dos persas.

APPENDIX C
De tribus rerum subsistentiis

Tribus modis res subsistere habent: in actu, in intellectu, in mente divina; hoc est in ratione divina, in ratione hominis, in seipsis.

In seipsis sine subsistentia transeunt, in intellectu hominis subsistunt quidem, sed tamen immutabiles non sunt, in mente divina sine omni mutabilitate subsistunt.

Item quod est in actu imago est eius quod est in mente hominis, et quod est in mente hominis imago est eius quod est in mente divina.

Ad mentem divinam facta est creatura rationalis. Ad creaturam rationalem facta est creatura visibilis. Ideo omnis motus et conversio creaturae rationalis esse debet ad mentem divinam, sicut omnis motus et conversio creaturae visibilis est ad rationalem creaturam.

Sicut homo, cum quid mente conceperit, ut aliis etiam patere possit quod sibi soli notum est, foris exemplum eius depingit, postea etiam ad maiorem evidentiam, quomodo id quod ad exemplum propositum est cum ratione eius concordet, verbis exponit; ita, Deus volens ostendere invisibilem sapientiam suam, exemplum eius in mente creaturae rationalis depinxit, ac deinde corpoream creaturam faciens, foris illi quid intus haberet ostendit.

Rationalis ergo creatura ad similitudinem divinae rationis, nullo mediante, primo loco facta est, creatura vero corporea,

APÊNDICE C:
As três substâncias das coisas

As coisas existem em três modos: no ato, na mente humana, na mente divina. Ou seja, na razão divina, na razão humana, em si mesmas.

Em si mesmas são passageiras por serem sem subsistência, na mente do homem subsistem, sim, mas não são imutáveis, na mente divina subsistem sem nenhuma mutabilidade.

Assim, aquilo que existe na realidade é imagem daquilo que está na mente do homem, e aquilo que está na mente do homem é imagem daquilo que está na mente divina.

A criatura racional foi feita segundo a mente divina. A criatura visível foi feita segundo a mente do homem. Portanto, todo movimento e retorno da criatura racional devem ser direcionados para a mente divina, como todo movimento e retorno da criatura visível devem direcionar-se para a criatura racional.

Da mesma maneira que o homem, ao conceber algo na mente, representa fora de si a imagem disso, para que seja acessível aos outros aquilo que só ele conhece, e, em seguida, para maior evidência, explica em palavras a maneira como aquilo que foi apresentado como imagem concorda com a sua razão, assim Deus, querendo mostrar a sua invisível *Sapiência*, desenhou a imagem desta na mente da criatura racional e depois, fazendo a criatura corpórea, mostrou por fora à criatura racional aquilo que ele tinha dentro.

A criatura racional, portanto, foi feita, sem nenhuma mediação e antes de tudo, à semelhança da razão divina, e a criatura corpórea,

mediante rationali creatura, facta est ad similitudinem divinae rationis.

Hinc est quod de angelis sub appellatione lucis in Genesi dicitur: "Dixit Deus: Fiat lux. Et facta est lux"[160]. De ceteris vero operibus Dei dicitur: "Dixit Deus: Fiat. Et factum est ita"[161]. Et deinde adiungitur: "Et fecit Deus", quia angelica natura primum in ratione divina fuit per dispositionem, postea in se ipsa per creationem subsistere coepit.

Aliae autem creaturae primum in ratione Dei fuerunt, postea in cognitione angelorum factae sunt, postremo in seipsis subsistere coeperunt. Quod enim dictum est, "Dixit Deus: Fiat", hoc ad mentem divinam pertinet; "Factum est ita", ad intellectum angelorum; "Et fecit Deus", ad actum rerum.

---

160. Gn 1,3.
161. Gn 1,6.

por sua vez, por meio da criatura racional, foi feita à semelhança da razão divina.

Por isso no Gênese se diz dos anjos que são chamados de *luz*: "Disse Deus: seja feita a luz. E a luz foi feita". Das outras obras de Deus se diz: "Disse Deus: seja feito. E assim foi feito". E acrescenta-se, ainda: "E Deus fez", pois a natureza angélica esteve primeiro na razão divina por disposição, posteriormente começou a existir em si mesma pela criação.

As outras criaturas primeiro estiveram na razão divina, depois foram feitas para conhecimento dos anjos, por fim começaram a existir em si mesmas. Aquilo que foi dito "Disse Deus: seja feito", diz respeito à mente divina; "Assim foi feito" se refere à inteligência dos anjos; "E Deus fez" diz respeito ao ato das coisas.

BIBLIOGRAFIA
sobre Hugo de São Vítor

Fontes em original e traduzidas

Edição do Migne, Hugonis de Sancto Victore Canonici Regularis S. Victoris Parisiensis tum pietate tum doctrina insignis Opera Omnia tribus tomis digesta, accurante J.-P. Migne, Parisiis, apud Garnier Fratres, Editores et J.P. Migne successores, 1879. Vol. 175, 176, 177.

Baron, R., *Hugonis de Sancto Victore opera propedeutica* (Practica geometriae, De grammatica, Epitome Dindimi in philosophiam), University of Notre Dame Press, Indiana, 1966.

Canals, A., *Scipio et Anibal. De providentia (Seneca). De arrha animae (Hug de Sant Victor).* A cura de Marti de Riquer, 1935.

Crapillet, P., Recteur de l'Hôpital du Saint-Esprit de Dijon. *Le "Cur Deus Homo" d'Anselme de Canterbury et le "De arrha animae" d'Hugues de Saint-Victor traduits pour Philippe le Bon.* Textes établis et présentés par R. Bultot et G. Hasenohr, 1984.

Green, W.M., *Hugo of St. Victor De tribus maximis circumstantiis gestorum*, "Speculum" XVIII (1943), 484-493.

Hardarson, G., *Littérature et Spiritualité en Scandinavie médiévale: La Traduction norroise du "De Arrha Anime" de Hugues de Saint-Victor. Étude historique et Édition critique*, Turnhout (Brepols), 1995.

Hugh of St. Victor, *Practica geometriae.* Attributed to Hugh of St. Victor, translated from the Latin with an introduction, notes, and appendices by Frederick A. Homann, Milwaukee, Wis., Marquette University Press, 1991.

Hughes de Saint-Victor, *La "Descriptio mappae mundi" de Hugues de Saint-Victor*, texte inédit avec introduction et commentaire de Patrick Gautier-Dalché (Études augustiniennes), Paris, 1988.

Hugo de Sancto Victore, *Opera omnia tribus tomis digesta*. Ex manuscriptis eiusdem operibus quae in Bibliotheca Victorina servantur, accurate castigata et emendata, cum vita ipsius ante hac nusquam edita, 1648.

Hugo de Sancto Victore, *Opera utilissima a qualunque fidele Christiano, intitulata Specchio della sancta Ecclesia, 1515*, Paris, Éditions du Cerf, 1969, 144 p.

Hugo de Sancto Victore, *Soliloquium de arrha animae und de vanitate mundi*, hrsg. von K. Mueller, 1913.

Hugonis a Sancto Victore *Expositio in Regulam beati Augustini. Regola di Sant'Agostino per le monache: cavata dalla pistola CCXI colla sposizione di Ugone da S. Vittore*, 1836.

Hugonis de Sancto Victore Didascalicon de Studio Legendi, a critical text by Brother Charles Henry Buttimer, M.A., The Catholic University Press, Washington, 1939.

Hugonis de Sancto Victore Opera tribus tomis digesta. Nunc donno Thoma Garzonio de Bagnacaballo postillis, annotatiunculis, scholjis, ac vita auctoris expolita, 1588.

Hugonis de Santo Victore *De Tribus Diebus* ou Liber Septimus do *Didascalicon*, PL 176.

Hugues & Richard de Saint-Victor, *Introduction et choix de textes* par R. Baron, Paris, Bloud & Gay, 1961.

Hugues de Saint-Victor, *La contemplation et ses espèces*. Introduction, texte et notes par Roger Baron, 1955.

Hugues de Saint-Victor, *Six opuscules spirituels: La médidation, La parole de Dieu, La réalité de l'amour, Ce qu'il faut aimer vraiment. Les cinq Septénaires, Les sept dons de l'Esprit-Saint*. Introduction, texte critique, traduction et notes par Roger Baron, 1969.

Ugo di S. Vittore. *I tre giorni dell'invisibile luce, L'unione del corpo e dello spirito*. Introduzioni, testi emendati, traduzioni e note a cura di Vincenzo Liccaro, Firenze, Sansoni, 1974.

Ugo di San Vittore, *La Regola di S. Agostino nei commenti di Ugo da S. Vittore e B. Alfonso de Orozco*. Traduzione dei testi originali, introduzione e note di Agostino Vita. 1989.

Traduções do *Didascálicon*

Hugo de São Vítor, *Didascálicon da arte de ler*, Introdução e tradução de Antonio Marchionni, Petrópolis, Vozes, 2001.

Hugo von Sankt Viktor, *Didascalicon de studio legendi*, übersetzt und eingeleitet von Thilo Offergeld, Freiburg, Herder, 1997.

Ugo di San Vittore, *Didascalicon, I doni della promessa divina, L'essenza dell'amore, Discorso in lode del divino amore*, Introduzione, traduzione e note di Vincenzo Liccaro, Milano, Rusconi, 1987.

Hugues de Saint-Victor, *L'art de lire Didascalicon*. Introduction, traduction et notes par Michel Lemoine. Paris, Éditions du Cerf, 1991.

The didascalicon of Hugh of St. Victor: a medieval guide to the arts, translated from the Latin with an introduction and notes by Jerome Taylor. New York, Columbia University Press, 1991.

Didascálicon, artes, ciências

Arts Libéraux et philosophie au Moyen Âge, in *Actes du quatrième congrès international de philosophie médiévale*, Montréal-Paris, 1969.

Alessio, F., *La riflessione sulle "artes mechanicae" (XII-XIV sec.)*, in *Lavorare nel Medioevo, Rappresentazioni ed esem-*

pi dall'Italia dei secc. X-XVI, In Todi presso l'Accademia Tudertina, 1983, p. 259-293.

Alessio, F., *Per uno studio sull'ottica del Trecento*, in *La filosofia e le "artes mechanicae" nel secolo XII*, Spoleto, Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1984.

Allard, G.-H., *Les arts mécaniques aux yeux de l'idéologie médiévale*, in *Les arts mécaniques au moyen âge* (Cahiers d'Études Médiév. 7), Paris-Montréal, Vrin-Bellarmin, 1982, p. 13-31.

Blackwell, D.F., *The artes liberales as Remedies: Their order of Study in Hugh of St. Victor's Didascalicon*, "Theologische Zeitschrift", 45 (1989), 115-124.

Baron, R., *L'insertion des arts dans la philosophie chez Hugues de Saint-Víctor*, in *Arts Libéraux et philosophie au Moyen Âge*, Actes du quatrième Congrès international de philosophie médiévale, Montréal (Canada) 1967, Montréal-Paris 1969, 551-555.

Baron, R., *Science et Sagesse chez Hugues de Saint-Victor*, Paris, 1957.

Binding, G., *Ein Beitrag zum Verständnis von usus und ars im 11./12. Jahrhundert*, in *"Scientia" und "ars" im Hoch- und Spätmittelalter 2*, Berlin-New York 1994, 967-980.

Bonaventura, *Opusculum de reductione artium ad theologiam*, in *Doctoris seraphici S. Bonaventurae opera omnia edita studiio et cura PP. Collegii a S. Bonaventura 5*, Quaracchi 1891, 317-325.

Calonghi, L., *La scienza e la classificazione delle scienze in Hugo di S. Vittore*, Torino, 1956.

Dominicus Gundissalinus, *De divisione Philosophiae*, in Baur, L., *Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters*, Band IV, Heft 2-3, Münster, 1903.

Epp, V., *"Ars" und "scientia" in der Geschichtsschreibung des 12. Jahrhunderts*, in *"Scientia" und "ars" im Hoch- und Spätmittelalter* 2, Berlin-New York 1994, 829-846.

Giard, L., *Logique et système du savoir selon Hugues de Saint-Victor,* "Revue d'Histoire de sciences et leurs applications" 36, 1983, 3-32.

–. *Hugues de Saint-Victor: cartographe du savoir,* in *L'Abbaye parisienne de Saint-Victor au Moyen Âge* (Biblioteca Victorina I), Paris-Turnhout, Brepols, 1991, p. 254-269.

Goetz, H.W., *Die "Geschichte" im Wissenschaftsystem des Mittelalters,* in *F.-J. Schmale, Funktion und Formen mittelalterlicher Geschichtsschreibung. Eine Einfürung,* Darmstadt, 1985, 164-213.

Javelet, R., *Considérations sur les arts libéraux chez Hugues et Richard de Saint-Vítor,* in *Arts libéraux et philosophie au Moyen Âge,* Actes du quatrième Congrès international de philosophie Médiévale, Montréal (Canada) 1967, Montréal-Paris 1969, 557-568.

Lafleur, C., *Quatre introductions à la philosophie au XIIIe siècle.* PIEM (Pontifical Institute of Mediaeval Studies, Montreal, 23), 1988.

Lusignan, S., *Les arts mécaniques dans le Speculum Doctrinale de Vincent de Beauvais,* in *Les arts mécaniques au moyen âge* (Cahiers d'Études Médiév. 7), Paris-Montréal, Vrin - Bellarmin, 1982, p. 35-48.

Mariétan, J., *Le problème de la classification des sciences d'Aristote à Saint-Thomas,* Paris 1901.

Nagel, Silvia, *Scienze 'de rebus' e discipline 'de vocibus' nella tradizione delle classificazioni del sapere (secoli VII-XIII)* , "Medioevo" XX, pp. 77-114.

Ovitt, G., *The status of the Mechanical Arts in Medieval Classifications of Learning,* "Viator" 14 (1983), 89-105.

Senger, N., *Der Ort der "Kunst" im Wissenschaftssystem des Hugos von St. Viktor,* in *Mittelalterliches Kunsterleben nach Quellen des 11.-13. Jahrhunderts,* Stuttgart-Bad Cannstatt 1993, 53-75.

Sternagel, P., *Die Artes Mechanicae im Mittelalter. Begriff-und-Beteutungsgeschichte bis zum Ende des 13 Jahrhunderts* (Münchener historische Studien. Abteilung Mittelalterliche Geschichte, Band II), 1966.

Travail et travailleurs en Europe au Moyen Âge et au début des temps modernes. Edited by Claire Dolan. PMS (Papers in Medieval Studies, Montreal 13), 1991.

Vallin, P., *"Mechanica" et "Philosophia" selon Hugues de Saint-Victor*, "Revue d'Histoire de la Spiritualité", Paris 1973 (49), n. 195, 257-288.

Vermeirre, A. *La navigation d'après Hugues de Saint-Victor et d'après la pratique au XIe siècle*, in *Les arts mécaniques au Moyen Âge* (Cahiers d'Études Médiév. 7), Paris-Montréal, Vrin - Bellarmin, 1982, p. 51-61.

Transmissão das obras de Hugo

Chefdebien, R. de, *Une attribution contestée, la* Summa Sententiarum *de Hugues de Saint-Victor*, "Revue Agostinienne", Paris, 12, 1908, 529-560.

Eynde, D. van den, *Essai sur la sucession et la date des écrits de Hugues de Saint-Victor* (Spicilegium Pontificii Athenaei Antoniani 13), Romae, Apud Pontificium Athenaeum Antonianum, 1960.

Fournier, P., *Une preuve de l'authenticité de le "Somme des Sentences" attribuée à Hugues de Saint-Victor* (Annales de l'Université de Grenoble), Grenoble, 1898, X, 171-181.

Ghellinck, J. de, *Un catalogue des oeuvres de Hugues de Saint-Victor*, "Revue néo-scolastique" 20 (1913) 226-239.

–. *La table des matières de la première édition des oeuvres de Hugues de Saint-Victor*, "Recherches de Science Réligieuse" I (1910) 270-289, 385-396.

Goy, R., *Die Überlieferung der Werke Hugos von St. Viktor. Eine Beitrag zur kommunikationsgeschichte des Mittelalters*, in *Monographien zur Geschichte des Mittelalters*, Stuttgart 1976.

Hauréau, B., *Les oeuvres de Hugues de Saint-Victor*. Essai critique, Paris, Nouvelle édition 1886.

Piazzoni, A.M., *Il "De Unione spiritus et corporis" di Ugo di S.* Vittore, "Studi Medievali", Spoleto 1980 (21), 861-882, 883-888.

Piazzoni, A.M., *Ugo di San Vittore "auctor" delle "Sententiae de divinitate"*, Spoleto, Centro italiano di studi sull'alto medioevo, 1982.

Piron, S., *L'origine des chapitres ultimes du Didascalicon de Hugues de Saint-Victor*, "Revue d'Histoire des Textes" 23 (1993), 203-209.

Robert de Torigny, *De immutatione ordinis monachorum*, PL 202, 1313.

Escola de São Vítor, história, pedagogia

Baron, R., *Notes biographiques sur Hugues de Saint-Victor*, "Revue d'histoire ecclésiastiques" 1956, p. 920-934.

Bosl, K., *Das Jahrhundert der Augustinerchorherren*, in *Historiographia mediaevalis. Studien zur Geschichtsschreibung und Quellenkunden des Mittelalters. FS Franz Joseph Schmale*, Darmstadt, 1988, 1-17.

Chatillon, J., *La culture de l'École de Saint-Victor au XIIe siècle*, in *Entrétiens sur la renaissance du XIIe siècle*, sob a direção de M. de Gandillac e É. Jeauneau, Paris-La Haye, 1968, 147-178.

Freundgen, J. *Hugo von St. Viktor. Das Lehrbuch* (Sammlung der beteutendsten pädagogischen Schriften aus alter und neuer Zeit), Paderborn, 1896.

Grabmann, M., *Die Geschichte der scholastischen Methode 2: Die scholastische Methode im 12 bis zum beginnenden 13 Jahrhundert*, Darmstadt, 1961 (Freiburg, 1911).

Illich, I., *Du lisible au visible, sur l'Art de lire de Hugues de Saint-Victor*, Paris, Les Éd. du Cerf, 1991; edição inglesa: *In the vineyard of the text: a commentary to Hugh's Didascalicon*, Chicago, University of Chicago Press, 1993.

L'Abbaye parisienne de Saint-Victor au Moyen Âge, Communications présentées au XIIIe Colloque d'Humanisme médiéval de Paris (1986-1988) et réunis par Jean Longère (Biblioteca Victorina I), Paris-Turnhout, Brepols, 1991.

Meier, Gabriel, *Hugo von Sankt Viktors Lehrbuch. Ausgewälte Schriften von Columban, Alkuin, Dodana, Jonas, Hrabanus Maurus, Notker Balbulus, Hugo von Sankt-Viktor, und Peraldus* (Bibliotek der katholischen Pädagogik), Freiburg, 1890, p. 150-211.

Mignon, A., *Les origines de la scolastique et Hugues de Saint-Victor*, Paris, 1896.

Moore, Rebecca, *Jews and Christians in the life and thought of Hugh of St. Victor*, Atlanta, Scholars Press, 1997.

Rosa, A.D., *Princípios fundamentais de pedagogia*, São Paulo, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1991.

Schmidt, O., *Hugo von Sankt Viktor als Pädagog*, Meissen, 1893.

Schumann, J.C., *Hugo von Sankt Viktor als Pädagog* (Kleinere Schriften über pädagogische und kulturgeschichtliche Fragen), Hannover, 1876.

Sicard, P., *Diagrammes médiévaux et Exégèse visuelle: Le "Libellus de Formatione Arche" de Hugues de Saint-Victor*, Turnhout (Brepols), 1993.

Sicard, P., *Hugues de Saint-Victor et son École*, Brepols, 1991.

Van Steenberghen, F., *L'organization des études au moyen âge et ses répercussions sur le mouvement philosophique*, "Rev. Philosophique de Louvain", 52 (1954), 572-592.

Filosofia, estética

Baron, R., *L'estétique de Hugues de Saint-Victor*, in *Les études philosophiques* 3, 1957.

Baron, R., *L'idée de Nature chez Hugues de Saint-Victor*, in *La Filosofia della Natura nel Medioevo*, Atti del III Congresso internazionale di filosofia medioevale, Passo della Mendola (Trento) 1964, Milano, 1966, 260-263.

Boehm, L., *Der wissenschaftstheoretische Ort der historia im früheren Mittelalter. Die Geschichte auf dem Weg zur "Geschichtswissenschaft"*, in *Speculum historiale. Geschichte im Spiegel von Geschichtsschreibung und Geschichtsdeutung. FS Johannes Spörl*, Freiburg-München 1965, 663-693.

Bumke, J., *Höfischer Körper-Höfische Kultur*, in *Modernes Mittelalter. Neue Bilder einer populären Epoche*, Frankfurt-Leipzig 1994, 67-102.

Busi, G., *L'umanesimo di Ugo di San Vittore*, "Giornale Italiano di Filologia", 1966, 215-236.

Chenu, M.-D., *Civilization urbaine et théologie. L'École de Saint-Víctor au XIIe siècle*, in *Annales. Economies, Sociétés, Civilizations* (1974), 1253-1263.

D'Alverny, M.T., *Le cosmos symbolique du XIIe siècle*, "Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge" 20.

Ehlers, J., *Die hohen Schulen*, in *Die Renaissance der Wissenschaften im 12. Jahrhundert*, Zürich 1981, 57-85.

Ehlers, J., *Hugo von St. Viktor. Studien zum Geschichtsdenken und zur Geschichtsschreibung des 12. Jahrhunderts* (Frankfurter Historische Abhandlungen), Wiesbaden, 1973.

Evans, G.R., *Hugue of St. Victor on History and the Meaning of Things*, in *Studia monastica* 25 (1983), 223-234.

Flasch, K., *Das philosophische Denken im Mittelalter. Von Augustin zu Macchiavelli*, Stuttgart, 1986.

Führer, M.L., *The principle of similitude in Hugh of St. Victor's theory of divine illuminations*, "The American Benedectine Rewiew" 30 (1978), 80-92.

Grabmann, M., *Hugo von St. Viktor (✝ 1141) und Peter Abaelard (✝ 1142). Ein Gedenkblatt zum achthundertjhärigen Todestag zweier Denkengestalten des Mittelalters,* "Theologie und Glaube", 34 (1942), 241-249.

Häring, N.M., *Commentary and hermeneutics,* in *Renaissance and Renewal in the Twelfth Century,* Cambridge, Mass., 1982, 173-200.

Karfíková, L., *"De Esse ad Pulchrum Esse": Theologische Relevanz der Schönheit im Werk Hugos von Sankt Viktor,* Turnhout (Brepols), 1998.

Kaulich, W., *Die Lehre des Hugo und Richard von St. Victor.* Abhandl. d. böhm. Gesell. d. Wiss., 1863-64, Prag, 1865.

Kleinz, J.P., *The Theory of Knowledge of Hugues of Saint Victor* (Catholic University of America Philosophical Studies 87), Washington, 1944.

Koch, J., *Augustinischer und Dionysischer Neoplatonismus und das Mittelalter,* in *Platonismus in der Philosophie des Mittelalters,* Darmstadt 1969, 317-342.

Lacroix, B., *Hugues de Saint-Victor et les conditions du savoir au Moyen Âge,* in *An Étienne Gilson Tribute,* Milwaukee 1959, 118-134.

Liccaro, E., *L'uomo e la natura nel pensiero di Ugo di San Vittore,* in *La Filosofia della Natura nel Medioevo,* Atti del III Congresso internazionale di filosofia medioevale, Passo della Mendola (Trento), 1964, Milano, 1966, 305-313.

Liccaro, E., *Studi sulla visione del mondo di Ugo di San Vittore,* Udine, 1969.

Liccaro, V., *Ugo di San Vittore di fronte alle novità delle traduzioni delle opere scientifiche greche e arabe,* in *Actas del V Congreso internacional de Filosofía medieval,* II, Madrid 1979, 919-926.

Merzbacher, R., *Recht und Gewaltenlehre bei Hugo von St. Viktor,* "Zeitschrift des Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte", 1958, 181-208.

Minuto, F., *Preludi di una storia del bello in Ugo di San Vittore*, "Aevum" 26, 1952.

Possekel, U., *Der Mensch in der Mitte. Aspekte der Antropologie Hugos von St. Viktor*, "Recherche de théologie ancienne et médiévale" 61 (1994), 5-21.

Santiago-Otero, H., *Esse et habere en Hugo de San Victor*, in *L'Homme et son univers*, Louvain-la-Neuve 1986, 427-431.

Santini, G., *Ugo di San Vittore*. Studio filosofico, Alatri, 1898.

Schlette, H.R., *Die Nichtigkeit der Welt. Der philosophische Horizont des Hugos von St. Viktor*, München 1961.

–. *Das Weltverständnis Hugos von St. Viktor unter Berücksichtigung des Metaphysikproblems*, in *Die Metaphysik im Mittelalter, ihr Ursprung und ihre Beteutung*, Vorträge des II Internationalen Kongresses für Mittelalterliche Philosophie, Berlin, 1963, 215-221.

Schleusener-Eichholz, G., *Das Auge im Mittelalter*, München, Fink, 1985.

Schneider, W.A., *Geschichte und Geschichtsphilosophie bei Hugo von St. Viktor. Ein Beitrag zur Geistesgeschichte des 12. Jahrhunderts*, Münster, 1933.

Southern, R., *Aspects of european tradition of historical writing: 2. Hugues of St. Victor and the idea of historical development*, "Transactions of the Royal Historical Society" 21 (1971), 159-179.

Weisweiler, H., *Die Ps.-Dionysius Kommentare "In coelestem hierarchiam" des Skotus Eriugena und des Hugos von St. Viktor*, "Recherches de Théologie ancienne et médiévale", Louvain 1952 (19), 26-47.

–. *Die Arbeitsmethode Hugo's von Sankt Viktor. Ein Beitrag zum Entstehen seines Hauptwerkes "De Sacramentis"*, "Scholastik" 20-24 (1949), 59-87 e 232-267.

–. *Sacramentum Fidei. Augustinische und ps.-dionysische Gedanken und die Glaubensauffassung Hugos von St. Viktor*, "Theologie in Geschichte und Gegenwart", 433-456.

Wolf, G., *Das 12 Jahrhundert als Geburtsstunde der Moderne und die Frage nach der Krise der Geschichtswissenschaft*, in *Antiqui und Moderni. Traditionbewusstsein und Fortschriftsbewusstsein im späten Mittelalter*, Berlin-New York, 1974, 80-84.

Yves Delègue, *Les Machines du sens: fragments d'une sémiologie médiévale. Textes de Hugues de Saint-Victor, Thomas d'Aquin et Nicolas de Lyre*, traduits et présentés par Yves Delègue. Paris, Éditions des Cendres, 1987.

Zimmermann, A., *Die Theologie und die Wissenschaften*, in *Die Renaissance der Wissenschaften im 12 Iahrhundert*, Zürich, 1981, 87-1022.

Exegese

Battles, F.L., *Hugues of St. Victor as a moral allegorist*, "Church History" 18 (1949), 220-240.

Berndt, R., *Gehören die kirchenväter zur Heilige Scrift? Zur Kanontheorie des Hugos von Sankt Viktor*, "Jahrbuch für biblische Theologie" 3 (1988), 191-199.

–. *La pratique exégétique d'André de Saint-Victor. Tradition victorine et influence rabbinique*, in *L'Abbaye parisienne de Saint-Victor au Moyen Âge* (Biblioteca Victorina I), Paris-Turnhout, Brepols, 1991, 271-290.

Chatillon, J., *La Bible dans les écoles du XIIe siècle*, in *Le Moyen Âge et la Bible*, Paris, 1984, 163-197.

Ehlers, J., *"Historia", "allegoria", "tropologia" – Exegetische Grundlagen der Geschichtskonzeption Hugos von St. Viktor*, "Mittellateinisches Jahrbuch, Köln" 7 (1972), 153-160.

Lubac, H. de, *Exégèse médiévale. Les quatre sens de l'Écriture*, 2ª parte, vol. 2, Paris, 1961, cap. IV, 287-359.

Moral

Baltus, U., *Dieu d'après Hugues de Saint-Victor*, "Revue Bénedectine" 15 (1898), 109-123, 200-214.

Carpino, F., *Il "reditus peccatorum" nelle collezioni canoniche e nei teologi fino a Ugo di San Vittore*, Roma, 1938.

Chatillon, J., *Une ecclésiologie médiévale: l'idée de l'Église chez les théologiens de l'École de Saint-Victor au XIIe siècle*, "Irenikon" 22 (1949), 115-138, 395-411.

Ernst, S., *Gewissheit des Glaubens. Der Glaubenstraktat Hugos von St. Viktor als Zugang zu seiner theologischen Systematik*, in *Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters*, Münster 1987.

Ghellinck, J., *La "species quadriformis sacramentorum" des canonistes du XIIe siècle et Hugues de Saint-Victor*, "Revue des Sciences philosophiques et théologiques" 6 (1912), 527-537.

Hettwer, J., *De fidei et scientiae discrimine et consortio juxta mentem Hugonis a S. Victore*, Vratislaviae, 1875.

Hoffmeier, J., *Die Trinitätslehre des Hugos von St. Viktor, dargestellt im Zusammenhang mit dem trinitärischen Strömungen seiner Zeit*, München, 1963.

Jaeger, C.S., *Humanism and Ethics at the School of St. Victor in the Early Twelfth Century*, "Mediaeval Studies. Pontifical Institute of Mediaeval Studies, Toronto" 55 (1993), 5-79.

Kilgenstein, J., *Die Gotteslehre des Hugos von St. Viktor*, Würzburg, 1897.

Köster, H., *Die Heilslehre des Hugos von St. Viktor*, Emstetten, 1940.

Lasic, D., *Hugonis de S. Victore theologia perfectiva. Eius fundamentum philosophicum ac theologicum*, "Studia Antoniana" 7, Roma, 1956.

Leclercq, J., *Wissenschaft und Gottesverlangen. Zur Mönchstheologie des Mittelalters*, Düsseldorf, 1963.

Liebner, A., *Hugo von St. Victor und die theologischen Richtungen seiner Zeit*. Leipzig, 1836.

Ott, L., *Sententiae magistri Hugonis Parisiensis*, "Recherches de Théologie ancienne et médievale", Louvain 1960 (27), 29-41.

Pedersen, J., *La recherche de la Sagesse d'après Hugues de Saint-Victor*, "Classica et Mediaevalia" 16 (1955), 91-133.

Picascia, M.L., *Ugo di S. Vittore e la teologia dei doni*, "Medioevo" XX, p. 31-50.

Poppenberg, E., *Die Christologie des Hugos von Sankt Viktor*, Hiltrum, 1932.

Roques, R., *Connaissance de Dieu et théologie symbolique d'après l'"In Hierarchiam coelestem Sancti Dionisii" de Hugues de Saint-Victor* (Recherches de Philosophie, III-IV), Paris-Bruges, 1959.

Schütz, C., *Deus absconditus, Deus manifestus. Die Lehre Hugos von Sankt-Viktor über die Offenbarung Gottes*, "Studia Anselmiana", Roma, 1967.

Weisweiler, H., *Sakrament als Symbol und Teilhabe: Der Einfluss des Ps.-Dionysius auf die allgemeine Sakramentlehre Hugos von St. Viktor*, "Scholastik" 27 (1952), 321-343.

Mística

Bultot, R., *Anthropologie et spiritualité. A propos du "contemptus mundi" dans l'École de Saint-Victor*, "Revue des sciences philosophiques et théologiques" 51 (1967), 2-22.

Lazzari, F., *Il "contemptus mundi" nella scuola di S. Vittore*, Napoli, 1965.

McSorley, J., *Hugo of Saint-Victor, Mystic*, Dolphin, 1902.

Mensching, G., *Kontemplation und konstruktion. Zum Verhältnis von Mystik und Wissenschaft bei Hugo von St. Viktor: "Scientia" und "ars" im Hoch- und Spätmittelalters 2*, Berlim-New York, 1994, 589-604.

Pourrat, P., *La spiritualité chrétienne*, 4 vol., Paris II 1921, 151-179.

Saudreau, A., *La vie d'union à Dieu et les moyens d'y arriver*, Paris-Angers, 1909, 232-238.

Weiss, C., *Hugonis de Sancto Victore methodus mystica*, Strasbourg, 1839.

Psicologia

Allard, H.A., *Die eheliche Lebens- und Liebesgemeinschaft nach Hugo von St. Viktor*, Roma, 1963 ("Analecta Dehoniana", 7).

Bertola, E., *Di alcuni trattati psicologici attribuiti ad Ugo di S. Vittore*, "Rivista di Filosofia Neo-Scolastica", Milano 1959 (51), 436-455.

Chenu, M.D., *La psychologie de la foi au XIIIe siècle*, in *Études d'Histoire littéraire et doctrinale du XIII siècle*, Ottawa-Paris, 1932.

Gneo, C., *La dottrina del matrimonio nel "De Beatae Mariae virginitate" di Ugo di San Vittore*, "Divinitas" 17 (1973), 374-394.

Gössmann, W.E., *Die Beteutung der Liebe in der Eheauffassung Hugos von St. Viktor und Wolframs von Eschenbach*, "Münchener theologische Zeitschrift", 1954 (5), 205-213.

Michaud-Quantin, P., *La psychologie dans l'enseignement au XIIe siècle*, in *L'homme et son destin d'après les penseurs du moyen âge*, Actes du Premier Congrès international de philosophie médiévale, Louvain-Bruxelles 1958, Louvain-Paris, 1960, 407-415.

Ostler, H., *Die Psychologie des Hugos von St. Viktor. Ein Beitrag zur Geschichte der Psychologie in der Frühscholastik*, Münster, 1906.

Rousselot, P., *Pour l'histoire du problème de l'amour au Moyen-Âge*, in Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters, VI, 6, 1908.

Warnach, V., *Agape. Die Liebe als Grundmotiv der neutestamentlichen Theologie*, Düsseldorf, 1951.

Letras, gramática, geometria, esoterismo

Luria, M.S., *Some literary implications of Hugues of St. Victor's Didascalicon*, in *Arts libéraux et philosophie au Moyen Âge*, Actes du quatrième Congrès international de philosophie Médiévale, Montréal (Canada) 1967, Montréal-Paris 1969, 541-549.

Michel, A., *Culture et Sagesse. Aspects de la tradition Classique de Cicéron à Hugues de Saint-Victor*, "Colection de l'École Française de Rome", Roma, 1974 (22), 513-528.

Zinn, G.A., *Mandala, symbolism and use in the mysticism of Hugh of St. Victor*, "History of Religions" 12 number 1 (1972), 317-341.

Zinn, G.A., *Hugh of St. Victor and the art of memory*, "Viator" 5 (1974), 211-234.

PENSAMENTO HUMANO

Um mergulho na cultura da Idade Média, este é o Didascálicon: da arte de ler, *um dos livros medievais mais lidos nos tempos atuais. Por ele, o leitor sintoniza-se com o universo de pensamentos humanos e divinos, que habilitavam as escolas e as mentes estudantis do século XII. Pequena enciclopédia do saber e da sabedoria da época, este escrito do mestre Hugo de São Vítor emana e mantém um frescor que conforta e vivifica o homem contemporâneo.*

www.saofrancisco.edu.br/edusf

EDITORA UNIVERSITÁRIA
SÃO FRANCISCO
edusf@saofrancisco.edu.br

ISBN 85-86965-76-6
9 798586 965769